

A POESIA EM TERRITÓRIOS IMPROVÁVEIS: JOVENS DE PERIFERIA EM CENA

Hélen A. Queiroz

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE- Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Patrícia Corsino.

Rio de Janeiro

Maiol de 2017

**A POESIA EM TERRITÓRIOS IMPROVÁVEIS:
JOVENS DE PERIFERIA EM CENA**

Hélen A. Queiroz

Rio de Janeiro

Maiol de 2017

**A POESIA EM TERRITÓRIOS IMPROVÁVEIS:
JOVENS DE PERIFERIA EM CENA**

Hélen A. Queiroz

Orientadora: Prof^ª Doutora Patrícia Corsino

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Educação -PPGE - FE, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada por:

Presidente: Prof^ª Doutora Patrícia Corsino-UFRJ

Prof^ª. Doutora Ludmila Thomé Andrade- UFRJ

Prof^ª. Doutora Rosana Heringer -UFRJ

Prof^ª. Doutora Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald- UERJ

Prof. Doutora Luciana Esmeralda Ostetto - UFF

Maio de 2017



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

A Tese intitulada “A poesia em territórios improváveis: jovens de periferia em cena.”

Doutorando(a): **Helen Aparecida Queiroz**

Orientador(a) pelo(a): **Profa. Dra. Patricia Corsino (UFRJ)**

E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa, como requisito parcial à obtenção do título de

DOCTOR EM EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro, 02 de maio de 2017.

Banca Examinadora:

Presidente:

Profa. Dra. Patricia Corsino (UFRJ)

Profa. Dra. Ludmila Thomé de Andrade (UFRJ)

Profa. Dra. Rosana Rodrigues Heringer (UERJ)

Profa. Dra. Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald (UERJ)

Profa. Dra. Luciana Esmeralda Ostetto (UFF)

Queiroz, Hélien A.

A poesia em territórios improváveis: jovens de periferia em cena. /
Hélien Queiroz. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGE-FE, 2017.

xv ; 245 f: il.

Orientadora: Prof^a Doutora Patrícia Corsino

Tese (doutorado) - UFRJ/ PPGE/ Programa em Pós-Graduação em
Educação, 2017.

Referências Bibliográficas: 201- 218

1. Leitura literária. 2. Letramentos vernaculares. 3. Juventudes. 4. Periferia.
5. Poesia. I. Corsino, Patrícia. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. A poesia em territórios
improváveis: jovens de periferia em cena.

RESUMO

QUEIROZ, Hélen A.. **A poesia em territórios improváveis: jovens de periferia em cena.** Tese de Doutorado em Educação. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação, UFRJ.

Esta tese de doutorado se insere no Projeto de pesquisa “Infância, linguagem e escola: a leitura literária em questão”, coordenado pela Professora Patrícia Corsino e desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em educação da UFRJ. Parte das seguintes indagações: onde pulsa a poesia e em quais territórios jovens de periferia acessam e fruem a arte literária? Que apropriações e produções a leitura literária em espaços não escolares propicia aos jovens? O que leva jovens de periferia frequentarem saraus literários? Quais seriam as repercussões dos saraus e, em especial, da poesia na vida dos jovens de periferia? O que a experiência de leitura literária fora da escola pode trazer de questões para se pensar a leitura literária na escola? A tese teve como objetivo central conhecer e analisar a relação entre jovens de periferia e a poesia por meio da participação e atuação em saraus literários realizados em espaços coletivos não escolares. Buscou compreender os desdobramentos dessa prática de leitura literária na formação desses jovens, sujeitos produtores de cultura e história, assim como o que os letramentos locais ou vernaculares apontam para o campo da educação. Sustentaram os caminhos teóricos desta pesquisa, que ultrapassou a esfera escolar na intenção de compreender os letramentos vernaculares praticados e produzidos por jovens de comunidades periféricas, as seguintes referências: a dimensão dialógica da linguagem discutida por Bakhtin (2003), os estudos sobre leitura, literatura e letramentos abordados por Candido (1995), Chartier (2009, 2011), Colomer (2007), Corsino (2010), Paz (2012), Petit (2008), Rojo (2009) e Street (1993), os estudos sociológicos de Lahire (2004) e Zumthor (2010), as abordagens sobre juventudes de Abramovay (2013), Macêdo (2013), Oswald (2013), Sales (2013) e Sarlo (2013). Trata-se de uma pesquisa etnográfica que teve como procedimentos metodológicos: i) observações participantes em saraus de poesia; ii) conversas em profundidade individuais e coletivas com os jovens integrantes dos saraus; iii) registros em vídeos das *performances* dos jovens poetas nos saraus; iv) registros das postagens feitas pelos jovens participantes da pesquisa nas suas páginas do *Facebook* relativas à poesia. A partir da análise do *corpus* da pesquisa, o campo evidenciou que os saraus de poesia se configuram como lugares de resistência para firmar identidades de jovens periféricos negros, onde arte e corpo

amalgamados tornam-se territórios de luta. Por meio de versos arquitetados e gestados no cotidiano periférico e de suas *performances* poéticas, os jovens investigados defendem sua história, sua arte, seu lugar de origem e denunciam questões sociais que os afetam: a desigualdade social, a violência urbana, o preconceito racial e de gênero. Com suas produções artísticas evidenciaram que a poesia no território da periferia é arte, sonho, necessidade, sobrevivência e militância e, por isso, é também política e história. Além de participantes dos saraus, são também produtores de eventos culturais na periferia, promovem saraus de poesia para e com os jovens de sua comunidade, o que aponta o comprometimento desses sujeitos com a coletividade e com a difusão da literatura em comunidades periféricas. Ao colocar em diálogo o campo teórico e empírico, esta pesquisa traz algumas considerações para se pensar a escola como um espaço que concilie conhecimento, fazer artístico, sociabilidade, reflexão e atuação política de modo a contribuir para que a educação literária seja direito e ação política, e que essa ação política faça valer o direito à literatura.

Palavras-chave: leitura literária, letramentos vernaculares, juventudes, periferia, poesia.

ABSTRACT

Queiroz, H len A. **Poetry in improbable territories: youth from the city periphery onto the stage.** Doctoral thesis in Education. Rio de Janeiro: Education University, UFRJ.

This thesis is part of the research project "Childhood, language and school: the literary reading into question", coordinated by Professor Patrícia Corsino and developed in the Education Graduate Program at UFRJ. It starts from the following questions: where does poetry pulse and in which places do youth from the city periphery access and enjoy literary art? What kind of appropriations and productions does literary reading in non-school spaces provide young people? What makes youth from urban periphery attend literary *saraus* (night gatherings with music and poetry)? What would the repercussions of such gatherings (and of poetry itself, in particular) be in urban periphery youth's life? What could the literary reading experience outside of the school bring about in order to foster literary reading in school thinking? The main objective of this thesis was to get to know and analyze the relation between **youth from the city periphery** and poetry through participation and performance in literary *saraus* which took place in non-school **collective** spaces. It also sought to understand the outcomes of the actual literary readings in the **formation** of these young people, subjects who produce culture and history, as well as what local or vernacular literacies point to the field of education. The theoretical foundations of this research, which surpassed the school sphere in order to understand the vernacular literacies practiced and produced by youth from urban peripheric communities, were: the dialogical dimension of language discussed by Bakhtin (2003), studies on reading, literature and literacy addressed by Candido (1995), Chartier (2009, 2011), Colomer (2007), Corsino (2010), Paz (2012), Petit (2008), Rojo (2009) and Street (1993), Lahire's (1995) and Zumthor's (2010) sociological studies, Abramovay's (2013), Macedo's (2013), Oswald's (2013), Sales's (2013) and Sarlo's (2013) approaches on youths. It is an ethnographic research which had as methodological procedures: i) live and participatory observations in poetry *saraus*; ii) individual and collective in-depth conversations with the youth who took part in the *saraus*; iii) video recordings of the young poets's *performances* in the *saraus*; iv) records of the *Facebook* posts related to poetry made by the young participants of the research. From the analysis of the research *corpus*, the field showed that the poetry *saraus* are become places of resistance to establish black peripheral youths's identities,

where art and body amalgamated become fighting territories. It is through verses which were designed and conceived in the peripheral daily life and from their poetic *performances*, the youth investigated defend their history, their art, their place of origin and they denounce social issues that affect them: social inequality, urban violence, racial and gender discrimination. With their artistic productions they demonstrate that the poetry within the city periphery **is not only art**, but also dream, necessity, survival and militancy and, therefore, it is politics and history as well. Besides taking part in the *saraus*, the youth from the city periphery produce cultural events in the urban periphery, promote poetry *saraus* for and with the youth of their communities too, which points out these subjects's commitment to the collectivity and spread of literature in peripheral communities. By putting both theoretical and empirical fields into dialogue, this research presents some considerations in order to think the school as a space that provides knowledge, artistic practice, sociability, reflection and political involvement so that it contributes to literary education being **right** and political action, and that such political action ensures the right to literature.

Keywords: literary reading, vernacular literacies, youths, periphery, poetry.

RESUMEN

Queiroz, Hélen A. La poesía en territorios improbables: jóvenes de la periferia en la escena. Tesis doctoral en Educación, UFRJ.

La presente tesis se inscribe en el Proyecto de investigación “Niñez, lenguaje y escuela: la lectura literaria en cuestión”, coordinado por la Profesora Patricia Corsino y desarrollado en el Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Rio de Janeiro (UFRJ). La tesis parte de las siguientes indagaciones: ¿Dónde pulsa la poesía y en cuáles territorios jóvenes de la periferia acceden y pueden disfrutar el arte literario? ¿Cuáles apropiaciones y producciones la lectura literaria en espacios no escolares propicia a los jóvenes? ¿Qué lleva los jóvenes de la periferia a frecuentar saraos literarios? ¿Cuáles serían las repercusiones de estos saraos y, en especial, de la poesía en la vida de los jóvenes de la periferia? ¿Qué puede traer de cuestiones la experiencia de la lectura literaria afuera de la escuela para que se piense la misma en la escuela? Esta tesis ha tenido como objetivo central el de conocer y evaluar la relación entre los jóvenes de la periferia y la poesía por medio de la participación y actuación en saraos literarios realizados en espacios colectivos que no eran escolares. Ha buscado comprender los desdoblamientos de esa práctica de lectura literaria en la formación de esos jóvenes, sujetos productores de cultura y de historia, así como qué es que las literacidades locales o del vernáculo apuntan para el campo de la educación. Las siguientes referencias han sostenido los caminos teóricos de esta investigación –que ha ultrapasado el ámbito de la escuela con la intención de comprender las literacidades vernaculares practicadas y producidas por jóvenes de la comunidad periférica-: la dimensión dialógica del lenguaje discutida por Bakhtin (2003); los estudios sobre la lectura, literatura y literacidad abordados por Candido (1995), Chartier (2009, 2011), Colomer (2007), Corsino (2010), Paz (2012), Petit (2008), Rojo (2009) y Street (1993); los estudios sociológicos de Lahire (2004) y Zumthor (2010); y los abordajes sobre la juventud de Abramovay (2013), Macêdo (2013), Oswald (2013), Sales (2013) y Sarlo (2013). Se trata de una investigación etnográfica, que tuvo como procedimientos metodológicos: i) observaciones participativas en saraos de poesía; ii) conversaciones en profundidad, individuales y colectivas, con los jóvenes integrantes de estos saraos; iii) registros en videos de las *performances* de los jóvenes poetas en los mismos saraos; iv) registros de publicaciones hechas por los jóvenes que han participado de esta investigación en sus páginas de *Facebook* relacionadas a la poesía. A partir del análisis

del *corpus* de la investigación, el campo ha evidenciado que los saraos de poesía se configuran como lugares de resistencia para firmar identidades de jóvenes periféricos negros, donde el arte y el cuerpo amalgamados se tornan territorios de lucha. Por medio de versos contruidos y gestados en el cotidiano periférico y de sus *performances*, estos jóvenes -objetos de esta investigación- defienden su historia, su arte, su lugar de origen y denuncian cuestiones sociales que los afectan: la desigualdad social, la violencia urbana, el prejuicio racial y de género. Con sus producciones artísticas, demuestran que la poesía en el territorio de la periferia es arte, sueño, necesidad, supervivencia y militancia y, por eso, es también política e historia. Además de participar de los saraos, esos jóvenes son también productores de eventos culturales en la periferia, promueven saraos de poesía para y con los jóvenes de sus comunidades -lo que apunta para el comprometimiento de esos sujetos con la colectividad y con la difusión de la literatura en comunidades periféricas-. Al poner en diálogo el campo teórico y empírico, esta investigación trae algunas consideraciones para que se piense en la escuela como un espacio que concilia conocimiento, hacer artístico, sociabilidad, reflexión y actuación política, de modo a contribuir para que la educación literaria sea un derecho y acción política, y para que ésta pueda hacer valer el derecho a la literatura.

Palabras clave: lectura literaria, literacidades vernaculares, juventudes, periferia, poesía.

Agradecimentos

Agradeço a minha orientadora Prof^a Patrícia Corsino pelo apoio permanente no percurso desta pesquisa, pelas orientações preciosas, pela parceria constante e, sobretudo, pela aposta neste trabalho que buscou trazer as vozes da juventude periférica, ainda que seu campo de discussão seja, em princípio, a infância. Agradeço também pelas oportunidades de aprendizado e trabalho nessa longa travessia que vem desde o mestrado. Nossa relação tecida com respeito, admiração e afeto ajudou-me a converter hipóteses e crenças em trabalho científico. Creio que a literatura e, em especial, a poesia, será sempre um elo entre nós. A você, “gratidão: essa palavra-tudo”, como nos ensinou Drummond.

Agradeço aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ pelas aulas, debates, reflexões e referências teóricas que possibilitaram a compreensão de tantas questões importantes para esta pesquisa. Em especial, agradeço à Prof^a Ludmila Thomé Andrade, por ter participado de todas minhas bancas de qualificação e defesa, desde o mestrado, sempre ajudando afinar meus trabalhos acadêmicos, e também à professora Rosana Heringer por acompanhar este trabalho desde sua primeira qualificação, trazendo contribuições pertinentes para que eu pudesse abordar o território da periferia .

Agradeço à Prof^a. Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald, da UERJ, por apontar questões importantes na qualificação 2 a respeito da discussão sobre juventudes, apresentando-me novas referências bibliográficas que, sem dúvida, contribuíram muito no processo de composição deste trabalho.

Agradeço às Professoras Ludmila Thomé Andrade (UFRJ), Rosana Heringer (UFRJ), Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald (UERJ) e Luciana Esmeralda Ostetto (UFF) por aceitarem avaliar minha pesquisa, o que certamente trará importantes contribuições para este trabalho. Uma alegria e uma honra tê-las nesta banca.

Agradeço a parceria do meu grupo de pesquisa “Infância, linguagem e escola: a leitura literária em questão”, coordenado pela Professora Patrícia Corsino, no LEDUC, PPGE-FE-UFRJ, que vibrou com cada passo deste trabalho e desejou que a tese fosse concluída com sucesso. Certamente, nosso companheirismo e nossa amizade perdurarão em nossas vidas.

Agradeço às Professoras Teresa Colomer, Mireia Manresa e Cristina Aliagas Marín pelo acolhimento no Gretell (*Grupo de Investigación en Literatura Infantil y Juvenil y Educación Literaria de la Universidad Autónoma de Barcelona*), na Universidade Autônoma de Barcelona, durante o doutorado-sanduíche, em 2015, e pelas contribuições teórico-metodológicas para esta pesquisa. Agradeço também aos amigos de vários lugares do mundo que fizeram com que minha estada em Barcelona fosse um tempo de alegria e aprendizado.

Agradeço a minha família querida e a meus amigos e amigas, que são muitos e também irmãos, por me fortalecerem e sonharem comigo essa conquista tão desejada. Sem o amparo e o sorriso de vocês não teria sido possível.

Agradeço a todos os alunos e alunas que passaram por minha vida nesses trinta anos de magistério, pelo conhecimento e amor compartilhados. Vocês me fizeram (e fazem!) alguém melhor e mais feliz.

Agradeço a João Luiz de Souza, idealizador e produtor do sarau “Corujão da Poesia”, por me aproximar dos jovens que se tornaram os principais interlocutores desta pesquisa, e também por me fazer compreender que a militância da poesia é uma maneira bonita de estar no mundo.

Por fim, e de maneira muito especial, aos jovens Andressa Marins, Douglas Cortinovis, Matheus Goudar, Nathália D’Lira e Thiago D’Lyra, por aceitarem participar desta pesquisa e me possibilitarem escrever a tese dos meus sonhos. Suas vozes hoje estão amalgamadas a minha voz e me ajudam a sustentar que a poesia pulsa viva na sociedade, sendo importante instrumento de luta pela justiça social.

Dedico esta tese a minha mãe, por ter me ensinado a amar o magistério e a lutar com garra por tudo que desejo.

Ao meu pai, por me mostrar que a vida é para ser cavalgada com coragem.

À minha irmã Renata e seus filhos Caio e Gaia, por serem amor e poesia em meus dias.

E aos jovens poetas Andressa Marins, Douglas Cortinovis, Matheus Goudar, Nathália D’Lira e Thiago D’Lyra, por terem dado “corpo e voz” a esta tese.

Sumário

I. Introdução

II. Capítulo I - Sobre literatura e letramentos

1.1. Literatura na cena contemporânea

1.2. Letramentos sociais: abordagens de um conceito plural

1.3. O acesso à literatura no Brasil: sobre o direito à leitura literária e os impasses sociais

III. Capítulo II - Sobre juventudes, culturas juvenis e leitura literária

2.1. Sobre juventudes, culturas juvenis e leitura literária

2.2. Os jovens e a leitura literária

IV. Capítulo III - O território da poesia

3.1. O poema e a atualidade da poesia

3.2. Onde pulsa a poesia

V. Capítulo IV - Territórios “improváveis” para a poesia: escolhas e percursos teórico-metodológicos

4.1. Em busca de territórios: percursos, desvios e encontros na travessia da pesquisa

4.2. Conversas em profundidade e outros instrumentos de pesquisa

4.3. Perfis improváveis: retratos em branco e negro

VI. Capítulo V - A poesia que impulsiona: jovens leitores e autores da periferia em cena

5.1. Vozes periféricas: a força poética do *Black Power*

5.2. A poesia como espaço de encontros

5.3. Periferia em cena: autoria, *performance*... poesia

5.4. Conexões poéticas: o ciberespaço como território para a/da poesia

5.5. Nos saraus: a poesia entre amigos e amores

VII. Considerações finais

VIII. Referências bibliográficas

IX. Anexos

X. Apêndice

A palavra poética jamais é completamente deste mundo: sempre nos leva além, a outras terras, a outros céus, a outras verdades. (...) A experiência poética – original ou derivada da leitura – não nos ensina nem nos diz nada sobre a liberdade: é a própria liberdade se expandindo para tocar em algo e assim realizar, por um instante, o homem (PAZ, 2012).

A literatura na periferia não tem descanso, a cada dia chega mais livros. A cada dia chega mais escritores e, em consequência disso, mais leitores. Só os cegos não querem enxergar este movimento que cresce a olho nu, nesse início de século. Só os surdos não querem ouvir o coração deste povo lindo e inteligente zabumbando pela poesia. Só os mudos, sempre eles, não dizem nada. Esses costumam acreditar. (...) Mas eu quero falar mesmo é da poesia que se espalhou feito um vírus no cérebro dos homens e mulheres da periferia (VAZ, 2010).

A poesia em territórios improváveis: jovens de periferia em cena

I. Introdução

(...) a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos, portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (CANDIDO, 1995, p.256).

A literatura, com suas manifestações ficcionais e poéticas, seus dramas e jogos metafóricos, suas possibilidades imagéticas e linguísticas, suas faces e máscaras, suas trilhas, veredas e sertões, revela crenças, sentimentos, normas, culturas e épocas de diferentes sociedades, ao longo da história. A produção e a troca de sentidos que se estabelecem com a leitura literária extrapola a relação entre quem escreve e quem lê, dilatando-se e expandindo-se para a atmosfera e esfera social. Para Bakhtin (1992), a literatura é parte inseparável da cultura e não pode ser entendida fora do contexto cultural de uma época. Em consonância com o filósofo russo, é pertinente sublinhar a importância da presença do texto literário no cotidiano, pois, por meio deste, é possível viver a alteridade constitutiva e compreender o universo sócio-histórico que nos abarca. Na enunciação literária estão impressos valores éticos e estéticos, visões de mundo, tempos e espaços que constituem os sujeitos, a sociedade e a história.

Por ser a linguagem literária o foco da minha prática como professora, formadora e autora, o estudo da linguagem, da literatura e a formação de leitores na infância tornou-se alvo da minha pesquisa de mestrado, resultando na dissertação intitulada “O jogo literário: espaço, função e reverberação da literatura na formação do leitor na infância” articulada à pesquisa “Infância, linguagem e escola: das políticas de livro e leitura ao letramento literário de crianças de escolas fluminenses” coordenada pela Professora Dr^a Patrícia Corsino, no Laboratório de Linguagem, Leitura, Escrita e Educação – LEDUC, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ.

Nessa pesquisa (Queiroz, 2012), ficou evidenciado que oferecer às crianças um tempo maior de prática de leitura literária é dar a elas a chance de desenvolver a capacidade de concentração, autocontrole, autonomia, fluência, subjetivação, senso crítico e, sobretudo, a possibilidade de estabelecer correlações. O efeito do jogo literário no grupo pesquisado ficou evidente em suas falas, gestos, desejos e interações e também

na percepção de que são capazes de se envolver nas experimentações literárias e assim vivenciar a ludicidade dos textos, produzir sentidos, ampliar conhecimentos e se conectar com o universo da literatura. Ficou evidenciado também que as crianças têm referências discursivas provindas de outras “esferas de atividade ou de circulação de discursos” (Bakhtin, 2003), para além dos letramentos institucionalizados e com origem na vida cotidiana e nas culturas locais, os “letramentos vernaculares ou autogerados”, como aponta Rojo (2009). A autora reforça, inclusive, a necessidade da ampliação de pesquisas sobre esses letramentos: “os novos estudos do letramento têm se voltado em especial para os letramentos locais ou vernaculares, de maneira a dar conta da heterogeneidade das práticas não valorizadas e, portanto, pouco investigadas” (ROJO, 2009, p.105). Tal evidência no mestrado apontou caminhos para uma nova pesquisa e contribuiu para delinear algumas questões sobre práticas de letramentos entre jovens leitores em formação fora do contexto escolar, que vêm a ser o foco deste trabalho.

Nessa perspectiva, a questão central desta pesquisa vem a ser o que leem e como leem os jovens de camadas populares que frequentam saraus literários em espaços e movimentos coletivos de leitura, assim como os desdobramentos dessa prática de leitura em sua formação como leitores; ou seja, partindo do que Rojo (2009) chama de “letramentos locais ou vernaculares”, esta pesquisa buscou analisar práticas de leituras de jovens em contextos sociais não escolares e a repercussão de movimentos coletivos de leitura literária na formação do jovem leitor de camadas populares, em especial a leitura de poemas.

Na tentativa de buscar um maior refinamento na construção do objeto, algumas outras questões, portanto, surgiram a partir da questão nuclear: onde pulsa a poesia e em quais territórios jovens de periferia acessam e fruem a arte literária? Que apropriações e produções a leitura literária em espaços não escolares propicia aos jovens? O que leva jovens de periferia frequentarem saraus literários? Quais seriam as repercussões dos saraus e, em especial, da poesia na vida dos jovens de periferia? O que a experiência de leitura literária fora da escola pode trazer de questões para se pensar a leitura literária na escola?

Nesse sentido, a dimensão dialógica da linguagem abordada por Bakhtin (2003), os estudos sobre leitura, literatura e letramentos abordados por Candido (1995), Chartier (2009, 2011), Colomer (2007), Corsino (2010), Paz (2012), Petit (2008), Rojo (2009) e Street (1993), os estudos sociológicos de Lahire (2004) e Zumthor (2010), as abordagens sobre juventudes de Abramovay (2013), Macêdo (2013), Oswald (2013),

Sales (2013) e Sarlo (2013), sustentam os caminhos teóricos desta pesquisa que ultrapassou a esfera escolar na tentativa de compreender a relação de jovens da periferia com a literatura em espaços de leituras compartilhadas, assim como o impacto dos movimentos de leitura literária, configurados como saraus de poesia, no cotidiano e na formação desses jovens.

Em pesquisa de banco da CAPES, usando três descritores relacionados ao tema delineado para este projeto (práticas de leitura literária de\entre jovens), foram encontrados 27 trabalhos, entre dissertações e teses, defendidos desde 2010, nos programas de Pós-graduação de educação, letras e psicologia, em instituições como UFRS, UFRSJ, USP, UERJ, UEPB, PUC-Rio, PUC-RS, PUC-SP, entre outras.

Para o descritor, “leitura literária e adolescentes” foram encontrados 4 trabalhos, sendo 3 dissertações dos programas da área de letras e uma tese do design, em que são abordadas questões a respeito da aprendizagem da leitura literária na escola (nas dissertações) e o livro- ilustrado infantil brasileiro contemporâneo (na tese). Para o descritor “leitura literária” e adolescentes foram encontrados 7 trabalhos, 3 da Educação e 4 da Letras, sendo 6 dissertações e 1 tese em que são abordadas algumas obras específicas como O Apanhador no Campo de Centeio, O Ateneu e Harry Potter, ou biografias literárias, assim como a leitura literária no Ensino Médio de escolas públicas. E por fim, com o descritor “leitura literária e jovens” foram encontrados 16 trabalhos (15 dissertações e 1 tese) na Letras (6), Teoria Literária (2), Linguística (3), Literatura Comparada (2), Ciência da Informação (1) e Educação (2), em que a obra de diversos autores como Ariano Suassuna, Clarice Lispector, Mario de Andrade, Rachel de Queiroz e Saramago são abordadas e também a leitura literária em contextos escolares do Ensino Médio e EJA.

Nessa revisão bibliográfica, as produções encontradas sobre leitura literária na juventude, em sua maioria, restringem-se ao contexto escolar e trazem algumas problematizações. Em sua maioria, os trabalhos enfocam sujeitos do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas e refletem sobre o impacto das práticas escolares de leitura e de ensino de linguagem sobre a formação desses jovens leitores. Barbosa (2010), revela em sua pesquisa “Formação de leitores adolescentes e jovens: uma reflexão sobre a leitura na escola” que o livro não é o suporte preferido dos adolescentes, mas sim a internet, os jornais e as revistas. Com relação à literatura impera, entre os adolescentes, a preferência por aquela mais comercial, ou seja, a que lidera a lista dos mais vendidos nos jornais e revistas, como, por exemplo, Crepúsculo e

O Senhor dos Anéis. Camasmie (2011), em sua pesquisa com jovens e adultos em processo de alfabetização da EJA conclui que “suas histórias de leitura literária são poucas no âmbito escolar e familiar e são, predominantemente, orais e mediadas pelo outro”, e que o acesso aos livros em espaços fora do projeto que acontece na escola, do qual participavam seus sujeitos da pesquisa, é inexistente. Entretanto, conclui também que “está em processo a construção do valor estético das práticas de leitura literária” e “que não há relação direta entre o letramento literário, o nível de escolaridade e as experiências literárias ao longo da vida”, havendo então, diferentes “níveis de apropriação das práticas de leitura literária”.

Apoiada em Abramo(1997) e Sposito (2009), Macêdo (2013, p. 310) argumenta que, na academia,

após um período de ausência em relação à temática da juventude, os jovens novamente são objetos de investigação (dissertações de mestrado e teses de doutorado), porém, na maioria desses trabalhos, ainda prevalece o interesse em refletir e investigar as instituições presentes na vida dos jovens. O maior número de trabalhos se concentra na temática juventude e escola, e adolescentes em processo de exclusão social, sendo poucos os que têm como foco o modo de vida dos jovens e maneira como eles mesmos elaboram as situações em que vivem, sendo raros os estudos que se voltam para buscar compreender os jovens a partir de suas próprias experiências, percepções, sociabilidade e atuação.

Ao considerar os argumentos de Macêdo e ao fazer o levantamento de produções acadêmicas que contemplam o tema práticas de leitura literária de jovens em camadas populares, noto que os trabalhos encontrados abordam, especialmente, a relação entre os jovens e a literatura no contexto escolar e/ou com a obra de autores de relevância na literatura considerada erudita, Com isso, conclui-se que ainda há uma discreta produção acadêmica que discuta a leitura literária em espaços não escolares, o que na sugestão de Rojo (2009) torna-se importante, pois, atualmente, estão presentes nas diferentes esferas discursivas:

letramentos múltiplos e muito diferenciados, cotidianos e institucionais, valorizados e não valorizados, locais, globais e universais, vernaculares e autônomos, sempre em contato e em conflito, sendo alguns rejeitados e ignorados e apagados e outros constantemente enfatizados (p.106-107).

Nesse sentido, compreendo que esta pesquisa pode contribuir para se pensar o acesso à literatura pelos jovens de camadas populares e também o efeito e/ou desdobramentos de movimentos e espaços coletivos de leitura literária que surgem e mobilizam jovens em lugares marginalizados, como a periferia, por meio de uma análise da presença de letramentos vernaculares que emergem das culturas locais.

Ao tomar a abordagem de Rojo como ponto de partida para a construção do objeto, trago algumas reflexões de Chartier (1990), Dauster (2003) e Sarlo (2013) para compreender, para além das oposições, as relações possíveis entre cultura erudita e popular. Chartier (1990), ao discutir cultura popular e cultura erudita, defende que estas não são radicalmente diferentes nem mesmo estão dissociadas, já que há apropriações por parte das camadas populares das práticas de camadas socialmente privilegiadas, podendo estas sofrer transformações dentro dos espaços de enfrentamentos e lutas sociais. Dauster (2003), apoiada em Chartier (1990), propõe que “o letrado e o popular não devem ser entendidos como conjuntos a *priori*, estabelecidos em relações de exterioridade, mas como “ligas” culturais, cujos elementos, tal como nas ligas metálicas, encontram-se solidamente incorporados uns aos outros” (p.97). Sarlo (2013, p.147) argumenta que “as culturas populares urbanas não repudiaram essa contaminação pela cultura letrada, pelo contrário, adotaram dela elementos cruciais para um processo de modernização, formando uma base para dimensões culturais comuns”. A autora argentina argumenta também sobre a impossibilidade de delimitarmos uma hegemonia cultural das classes dominantes, pois, “hoje, qualquer possibilidade de iniciativa cultural independente passa pelo modo como diferentes grupos sociais estejam em condições de misturar seus próprios instrumentos culturais, os da cultura letrada e dos meios de comunicação” (SARLO,2013,p.138). Sarlo afirma, ainda, que, nesse processo, a cultura juvenil é a mais dinâmica das culturas populares e não populares, pois, mesmo quando distinguem matizes, os jovens mostram-se universais, atravessando barreiras de classes, etnias, línguas, continentes, culturas, promovendo, dessa forma, uma “hibridização”, uma “mestiçagem cultural”. A concepção desses autores acerca de cultura erudita e popular ampliaram as lentes para a análise do campo nesta pesquisa a respeito dos jovens de periferia e suas práticas de leituras literárias, frequentadores de movimentos e espaços coletivos de leitura, mais especificamente os saraus literários – prática cultural que parece ter uma relação mais íntima com a tradição erudita e que vem sendo apropriada e transformada em contextos sociais periféricos.

Ao retomar a afirmativa de Sarlo (2013) sobre cultura juvenil, em que sublinha suas características, ao mesmo tempo, tribal e também universal, devido ao fato de algumas fronteiras estarem diluídas pelas novas mídias, como, por exemplo, pelo uso da internet e das redes sociais digitais, é possível afirmar que os jovens estão o tempo todo produzindo cultura e potencializando a hibridização ou mestiçagem cultural, já que “a juventude não é uma idade e sim uma estética da vida cotidiana” (SARLO, 2013, p.49);

nesta perspectiva, concordo com a autora quando afirma que “sem jovens, não há transmissão cultural” (SARLO, 2013, p.136). Atreladas às ideias de Sarlo sobre as juventudes, trago também a voz da pesquisadora francesa Michèle Petit (2008, p.16) que convoca a uma reflexão sobre a questão dos jovens: “a juventude é motivo de preocupação porque os caminhos não estão mais todos traçados, porque o futuro é intangível. (...) A juventude simboliza este novo mundo que não controlamos e cujos contornos não conhecemos bem.”

Ao tomar como objetivo central deste trabalho analisar e compreender a relação dos jovens com a leitura literária em espaços coletivos não escolares, em que os saraus de poesia são o eixo central, somo às demais referências três autoras que se dedicam aos estudos sobre literatura infanto-juvenil e leitura literária no cenário acadêmico internacional: Teresa Colomer (2007,2008), Mireia Manresa (2009) e Cristina Aliagas Marín (2011) pesquisadoras do GRETELL (Grupo de Investigación en Literatura Infantil y Juvenil y Educación Literaria de la Universidad Autónoma de Barcelona), autoras que ajudaram a desenhar caminhos metodológicos para este trabalho, quando estive por quatro meses como pesquisadora no GRETELL, durante o doutorandado-sanduíche na Universidade Autônoma de Barcelona. As autoras abordam a importância da ponte entre o individual e o coletivo nos processos de formação de jovens leitores, enfatizam a dimensão coletiva da leitura e os desdobramentos do compartilhar leituras na juventude. As pesquisadoras ainda destacam as redes de socialização horizontais e verticais que podem (e merecem) ser estabelecidas pelos jovens ao compartilhar leituras, sendo as horizontais dentro de uma mesma geração e as verticais uma conexão com a tradição cultural literária. Manresa (2009) argumenta que:

Durante a adolescência, os jovens necessitam construir sua identidade e para isso, ou procuram produtos que lhes sirvam de referentes ou buscam fazer parte de um coletivo que lhes ofereça modelos de atuação. Um dos produtos que podem ser úteis tanto para a busca de referentes, como para se sentir parte de uma coletividade, são os livros. Assim, a leitura, como atividade individual, lhes oferece a possibilidade de se identificar com histórias e personagens dos livros ou ampliar sua vida cotidiana (...). Por outro lado, como atividade coletiva, a leitura pode contribuir na construção da identidade ao fazer parte de um grupo de leitores que lhes permita encontrar modelos de comportamento e sentir-se seguros refletindo nas ações e nas opiniões dos demais. A dimensão coletiva da leitura é especialmente produtiva e importante na adolescência porque, como dito, a identidade individual também se obtém através da coletividade e porque há a necessidade de socialização. (...) Neste sentido, a leitura pode atuar, e de fato atua cada vez com mais força, um papel importante na busca do eu e na necessidade de socialização dos adolescentes. (p 52.)¹

Goulart (2007, p.64) alerta que

¹ Tradução de Ludmila Beviláqua Fernandes Terra, feita, especialmente, para este trabalho.

o discurso literário é considerado por Bakhtin como uma cratera (Bakhtin, 1998) em que se hibridizam muitas linguagens sociais, muitos gêneros, muitos sujeitos, apresentando a sociedade de forma viva, pulsante, contraditória, estetizando e arquetizando a linguagem de modos diversos.

Nessa perspectiva, a concepção bakhtiniana, em que a literatura é compreendida metaforicamente como uma “cratera onde se hibridizam muitas linguagens sociais”, inspira esta pesquisa na análise da presença da literatura em territórios urbanos onde, no dizer do senso comum, haveria escassa circulação de textos literários. As comunidades populares, muitas delas marcadas pela violência e, recentemente, alteradas por um processo de pacificação com a instalação das UPP, vêm sendo contempladas com bibliotecas, projetos e movimentos culturais voltados para a formação de leitores, ainda que muitos deles corram risco de serem extintos. Além disso, como será abordado no Capítulo III, pude constatar a presença de saraus literários em diferentes áreas da periferia da cidade do Rio de Janeiro, onde também circula e pulsa a poesia.

Na travessia dessa pesquisa em educação, que transcende os muros da escola, busco analisar o que leva jovens de periferia a frequentarem os saraus de poesia, bem como os efeitos desses movimentos e espaços de leitura literária que surgem e mobilizam jovens de/em lugares marginalizados, além de suas apropriações e produções a partir da experiência literária e dos letramentos vernaculares que emergem das culturas locais. Desta forma, os estudos de linguagem, literatura, letramento literário e sociologia foram referenciais não somente no processo de construção do objeto, mas também na pesquisa de campo e análise do material de pesquisa produzido nesse trajeto. O trabalho configura-se como um estudo qualitativo que tem como principais instrumentos metodológicos: observações participantes em saraus de poesia, conversas em profundidade individuais e coletivas com os jovens integrantes dos saraus, vídeos das *performances* dos jovens poetas nos saraus e postagens feitas no *Facebook* pelos pesquisados relativas à poesia, ao longo do período de pesquisa de campo. As conversas em profundidade seguiram o caminho metodológico trilhado por Marín (2011) em seu trabalho de doutoramento – que teve como sujeitos da pesquisa jovens e mediadores de leitura literária de camadas populares da cidade de Barcelona – e foram decisivas para fazer emergir as vozes dos jovens periféricos inscritas nos distintos territórios por onde transitam. Alguns instrumentos de pesquisa estruturados sob orientação de Corsino e Manresa também ajudaram na constituição dos perfis sociológicos dos jovens pesquisados, inspirados no trabalho do sociólogo francês Bernard Lahire (2004) .

A partir da pesquisa de campo de Vilela (2014), pesquisadora do grupo de pesquisa do qual faço parte, desenvolvida entre 2012 e 2013, obtive as primeiras pistas sobre práticas de leitura literária realizadas em uma biblioteca pública, a Biblioteca Parque da Rocinha, localizada em uma favela da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Ao decidir iniciar o estudo exploratório para este trabalho, que teve início em maio de 2014, elegi como um dos possíveis campos da pesquisa esse espaço comunitário de leitura, onde ocorre, uma vez ao mês, o sarau literário “Letras na Favela”, que entrelaça literatura, música e artes cênicas, idealizado e conduzido há dez anos por um poeta local, dentro de uma das maiores favelas da América Latina – a Rocinha. Após a Biblioteca Parque da Rocinha ter sido fechada – por razões que não serão discutidas aqui, mas que sinalizam questões políticas que merecem um estudo à parte – o Sarau Letras da Favela segue itinerante por bares e espaços públicos na Rocinha como exemplo de resistência da arte nas favelas. Como aponta Rios (2012, p.235), para além do “território da ausência e do crime” a favela é também lugar da fertilização de criações culturais”.

Ao longo do processo do estudo exploratório realizado na Rocinha para a observação dos eventos do Sarau Letras da Favela, houve muitos percalços: tiroteios, interrupção das atividades, entre outros. Assim, busquei outra alternativa para chegar a jovens de camadas populares que frequentam saraus de poesia. Em contato com João Luiz de Souza, o João do Corujão, idealizador e produtor do sarau “Corujão da Poesia” – sarau que frequento desde sua fundação, em 2005, no Rio de Janeiro – cheguei a um grupo de jovens moradores do bairro Boaçú, periferia de São Gonçalo, o maior município da área do Grande Rio. Este grupo de jovens, que se caracterizam como de periferia, mostrou-se muito colaborativo, o que possibilitou concentrar a pesquisa nos seus perfis, como será abordado nos Capítulos IV e V. Logo no primeiro encontro com o grupo de jovens que se tornariam os principais interlocutores desta pesquisa, a palavra periferia emerge com grande força e contundência, sendo compreendida neste trabalho como um lugar marcado pela condição geográfica periférica, “pela precariedade e pela falta de assistência e de recursos”, como alerta Rolnik (ano), e, sobretudo, como território polissêmico e polifônico, de onde emergem diversas tensões, e onde há, também, espaço para arte e efervescências culturais. Portanto, apoiada na concepção de linguagem bakhtiniana – que sublinha a existência de diversas vozes inscritas nos discursos das diferentes esferas sociais – e na microscopia sociológica proposta por Lahire, por meio da construção de perfis sociológicos, trago à cena, nesta tese, a voz de

jovens de camadas populares, habitantes da periferia, que se inscrevem na sociedade como produtores de cultura e história.

Nessa perspectiva, os estudos de Zumthor (2009) sobre comunidades tradicionalmente orais também se apresentam como uma das principais referências para esta pesquisa. Com o sociólogo suíço, compreendo a literatura como elemento de coesão social e, a partir dessa premissa, levanto uma hipótese inicial coerente com o objeto desta tese: os saraus de poesia frequentados por pessoas das comunidades de camadas populares, consideradas da periferia, talvez sejam uma possibilidade de resistência e manutenção de identidade de um grupo que busca ter voz no contexto sociocultural. Delineada a hipótese, as questões que compõem a espinha dorsal do projeto foram bússola para a construção desta tese intitulada “A poesia em territórios improváveis: jovens de periferia em cena” – que tem como objetivo central conhecer e analisar a relação entre jovens de periferia e a poesia por meio da participação e atuação em saraus literários realizados em espaços coletivos não escolares. Buscou compreender os desdobramentos dessa prática de leitura literária na formação desses jovens, sujeitos produtores de cultura e história, assim como o que os letramentos locais ou vernaculares apontam para o campo da educação. Na busca de um maior refinamento na construção do objeto, algumas outras questões foram pinçadas da questão nuclear: O que leva jovens de periferia frequentarem saraus literários? Quais seriam os vínculos estabelecidos entre membros de um determinado grupo social por meio da literatura? Quais as apropriações e produções feitas por esses jovens em contato com a leitura literária em espaços não escolares? E, por fim, qual o impacto dos saraus literários e, em especial, da poesia na vida desses jovens de periferia?

Portanto, disposta a compor a discussão teórica no campo da educação sobre a formação do leitor literário, estruturo esta tese articulada ao projeto de pesquisa coordenada pela Prof^a Dr^a Patrícia Corsino “Infância, linguagem e escola: a leitura literária em questão”, desenvolvida no Laboratório de Linguagem, Leitura, Escrita e Educação – Leduc, no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ – PPGE; espaço acadêmico onde define-se coletivamente caminhos teórico-metodológicos e discute-se empiricamente os desdobramentos da literatura no universo infanto-juvenil. A relevante produção acadêmica do grupo, incluindo artigos, dissertações e teses a respeito da formação de leitores na infância, sugere uma ampliação na faixa etária dos sujeitos pesquisados que, até então, contempla a trajetória da Educação Infantil ao final do primeiro ciclo do Ensino Fundamental (5º ano). A proposta desta tese, no contexto

da pesquisa institucional, é de ampliar e expandir a discussão sobre leitura literária e os limites e possibilidades da escola. Traçar perfis de jovens que de forma autônoma buscam a poesia fora da obrigação escolar, muito tem a dizer sobre os processos formativos de leitores literários.

Este trabalho situa-se no campo dos estudos linguagem, da literatura e da sociologia, tendo como principais interlocutores Mikhail Bakhtin (2003), Bernard Lahire (2004) e Paul Zumthor (2010), autores que concebem a linguagem em sua dimensão dialógica e constituinte que provoca e altera as relações sociais, sendo determinante nas diferentes composições sociais dentro do universo histórico-cultural. Está organizado em seis partes. Na Introdução, apresento minha trajetória acadêmica, o tema e questões da pesquisa, além de anunciar os principais autores que sustentam o trabalho; no Capítulo I, “Sobre Literatura e Letramentos”, abordo os conceitos de literatura e letramentos e questões sobre acesso e direito à literatura no Brasil; no Capítulo II, “Sobre juventudes, culturas juvenis e leitura literária” apresento o conceito de juventude e questões sobre a relação dos jovens com a leitura literária; no Capítulo III, “O Território da poesia”, discuto o conceito de poesia, lembrando sua origem e destacando sua importância, multimodalidade e vitalidade em diferentes esferas sociais na atualidade; no Capítulo IV, “Territórios “improváveis” para a poesia: escolhas e percursos metodológicos”, anuncio escolhas e instrumentos metodológicos, os campos da pesquisa e os perfis sociológicos dos pesquisados; e, por fim, no Capítulo V, “A poesia que impulsiona: jovens leitores e autores em cena”, trago a voz dos pesquisados: jovens de periferia participantes de saraus de poesia e engajados em movimentos literários em suas comunidades e, por fim, Referências Bibliográficas, Anexos e Apêndice.

Ao compor a coleção de pesquisas desse grupo, compreendo a experiência da pesquisa como uma experiência ética e estética, que implica os sujeitos inseridos nesse processo responsáveis não somente pelo acabamento que é dado ao conhecimento produzido, mas, sobretudo, por uma resposta responsiva à sociedade.

II . Capítulo I

Literatura na Cena Contemporânea

No sentido restrito, a literatura (fronteira entre o literário e o não literário) varia consideravelmente segundo as épocas e as culturas (COMPAGNON, 2010, p.31).

Bakhtin (2003) considera que o homem é constituído pela linguagem e na linguagem, sublinhando o carácter dialógico dos processos discursivos, já que as relações estabelecidas pela e na palavra sempre suscitam réplicas, evidenciando um fluxo ininterrupto e polifônico carregado de sentidos e significados tecidos nas interlocuções... O autor afirma também que o discurso literário, por evocar diferentes vozes sociais, pois traz o pulsar da sociedade com seus agentes, ideologias e tensões. Isso aponta a literatura como uma importante via de construção de conhecimento e de desenvolvimento humano, pois nela estão contidos conflitos pessoais ou sociais, experiências desconhecidas ou já cristalizadas, lutas condecoradas ou perdidas, tempos e espaços a serem atravessados, sentidos e interpretados pelo leitor. A literatura, ao configurar-se como enunciação artística situada cultural e historicamente, pode interferir na estrutura de pensamento, nas relações sociais, na formação dos sujeitos, pois é capaz de afetar os leitores e alterá-los, não só cognitivamente, mas também linguística e afetivamente. Como reitera Corsino (2014, p.34):

Em cada texto que lê, o sujeito-leitor aumenta seu acervo podendo fazer novas leituras de si mesmo, do outro e do mundo. Num processo contínuo, leitura de mundo e leitura da palavra se valem mutuamente, pois uma amplia a outra. A leitura da palavra abre outras possibilidades para a leitura de mundo e vice-versa, num movimento sem rupturas. A dimensão da leitura enquanto experiência está justamente na possibilidade de ir além do momento em que se realiza, podendo desempenhar importante papel na formação.

A literatura, que há séculos se desdobra em inúmeros gêneros, traz consigo marcas históricas que traduzem distintos contextos delineados por diferentes tempos e espaços. Nesse sentido, tomamos aqui, inicialmente, as reflexões de Compagnon (2012) como referência para problematizar não somente a trajetória histórica da concepção do que seja literatura, como também sua presença e função no universo contemporâneo para pensar “quais valores a literatura pode criar e transmitir no mundo atual?” (COMPAGNON, 2012, p.23).

A partir da disputada dicotomia entre teoria e história (ou filologia e retórica), dualidade tão debatida e disputada por teóricos da literatura, Compagnon (2012, p.21) propõe uma abordagem equilibrada, trazendo a teoria como “atenção às noções elementares da disciplina, elucidação dos preconceitos de toda pesquisa ou, ainda, perplexidade metodológica” e a história como uma “preocupação com o contexto, atenção para com o outro e, conseqüentemente, prudência deontológica”, em detrimento a exaustivos quadros cronológicos da produção literária, ao longo dos séculos. O autor afirma sempre ter resistido aos dilemas e exclusões impostos pela teoria e a história e afirma que “o estudo literário deve e pode consertar a fratura da forma e do sentido, a inimizade factícia da poética e das humanidades” (2012, p.21). Compagnon defende ainda o que chama de “hélice tripla” para se pensar a literatura e seu ensino, na qual história, teoria e crítica estão entrelaçadas. Nessa perspectiva, levanta algumas questões para uma reflexão sobre a questão da literatura no presente e seu futuro, que são também questões pertinentes para esta pesquisa: “Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Que lugar deve ser o seu no espaço público? Ela é útil para a vida? Por que defender sua presença na escola?” (p.23). Tais questões propostas pelo autor estão interligadas a outras questões que emergem de camadas mais profundas advindas da “crise” que vive a literatura na contemporaneidade provocada por diversos fatores, entre eles, a presença marcante do audiovisual e do digital:

(...) o espaço da literatura tornou-se mais escasso em nossa sociedade há uma geração: na escola, onde os textos didáticos a corroem, ou já a devoraram; na imprensa, que atravessa também ela uma crise, funesta talvez, e onde as páginas literárias se estiolam; nos lazeres, onde a aceleração digital fragmenta o tempo disponível para os livros (COMPAGNON, 2012, p. 25).

Diante das constatações descritas por Compagnon e também de suas perguntas sobre o lugar e a função da literatura no mundo contemporâneo, vale lembrar, aqui, o papel da literatura em contextos históricos passados para compreendermos diferenças e semelhanças no tocante ao poder (ou poderes) da literatura, desde o Mundo Antigo aos dias atuais.

Na Antiguidade, a partir das considerações aristotélicas, a literatura foi vista como algo que instrui deleitando, ou seja, por meio da literatura seria possível apropriar-se de um conhecimento – que nesse contexto, está diretamente ligado à instrução de bons costumes e preceitos morais – e, ao mesmo tempo, vivenciar uma leitura agradável, de prazer, deleite. Já no Século das Luzes, a literatura configura-se como antídoto, como remédio que cura, especialmente do obscurantismo religioso tão rechaçado pelos iluministas. Dessa forma, é vista como instrumento de justiça e de

busca pela liberdade, pois por ser perseguida ganha um caráter oposicionista e demonstra força contra a submissão ao poder. Mas como todo remédio, pode curar e também envenenar; como alerta Compagnon (2012, p. 44), “se a literatura liberta da religião, ela mesma se torna um ópio, isto é, uma religião de substituição, segundo a visão marxista da ideologia, pois tal é a ambivalência de todo substitutivo”. Com isso, no contexto histórico do início do século XX, há um resgate da literatura como instrumento de estabelecer e fortalecer laços sociais em um mundo altamente utilitário e, com a missão de guiar o povo, torna-se “muralha contra a “barbárie do interior” e busca elevar o povo a um ideal estético e ético que intenta contribuir para a paz social. Dessa forma, a literatura ganha força a serviço da liberdade do indivíduo como “instrumento de justiça e de tolerância, e a leitura, experiência de autonomia” (COMPAGNON, 2012, p.45). Ainda na primeira metade do século passado, ela deixa de ser um remédio para os males sociais e passa a ser um antídoto contra a inadequação linguística. Ou seja, a literatura configura-se como a sobreposição da linguagem ordinária que ultrapassa seus contornos cotidianos e ganha, assim, uma dimensão filosófica. Nessa visão, os poetas e romancistas, por meio de suas palavras que ultrapassam as submissões da língua, seriam aqueles que poderiam trazer à luz uma verdade escondida fora da consciência, revelando-nos o que ignorávamos. Em meados do século XX, o poder da literatura é questionado, já que não impedira a violência das grandes guerras e não evitara o desumano, como os crimes de Auschwitz, por exemplo. Nas palavras de Compagnon (2012, p.54), “a partir de então, a arte não podia mais pretender redimir o horror nem reabilitar a vida, e a literatura estava acometida por interdições”. Numa inversão da ideia predominante no Iluminismo, ela passa a ser vista como manipulação e não como libertação. Nesse sentido, depois de instruir deleitando, de reunificar a experiência e corrigir a inadequação da língua, inaugura-se o quarto poder da literatura no mundo pós-moderno que Compagnon denominou “impoder sagrado”.

A literatura do século XX colocou em cena seu fim em um longo suicídio faustoso, pois se desejava-se aboli-la, era porque ela ainda existia demais. Ambicionava-se o impoder porque todo o poder da literatura continuava no fundo indubitável e a ausência tornava-se força suprema da soberania (COMPAGNON, 2012, p.56).

E a partir de suas reflexões sobre o “impoder sagrado” da literatura o autor provoca: “Não chegou o momento de se passar do descrédito à restauração e da renegação à afirmação?”. Com essa indagação, Compagnon nos coloca diante de uma questão crucial a respeito do lugar que a literatura pode ocupar na sociedade

contemporânea, entre outras formas de arte que se fazem marcantes e imponentes, como o cinema e a música, ou o mundo digital que, por vezes, parece ser uma ameaça à existência tátil do livro em papel. De maneira direta e cortante, o autor afirma que “é tempo de se fazer novamente o elogio da literatura, de protegê-la da depreciação na escola e no mundo” (COMPAGNON, 2012, p.56). Ao contrário de suscitar uma afirmativa pedante de quem defende a literatura como única forma de salvar a sociedade de suas ruínas e defasagens culturais, o autor propõe uma abordagem sobre o papel da literatura no século XXI que não a pretenda mais importante do que outras expressões artísticas, mas, sim, que leve a uma reflexão profunda sobre suas especificidades e possibilidades de ampliações na formação humana.

Ainda que no cenário contemporâneo a literatura apresente-se também hibridizada com outras artes ligadas ao corpo, ao audiovisual e à música, ou seja, ainda que apresente-se multimodal, ela preserva características específicas que remontam à Antiguidade, pois sua força está na palavra, no que a palavra faz com os sujeitos e, em contrapartida, no que os sujeitos fazem com a palavra. Por isso, retomamos, aqui, as perguntas que movem as reflexões e argumentações de Compagnon e que também mobilizam algumas das inquietações que esta tese discute: “Literatura pra quê?” “Quais valores a literatura pode transmitir ao mundo atual?” “Que lugar deve ser seu no espaço público?” “Ela é útil para a vida?” “Por que ler?”

Outras representações rivalizam com a literatura em todos os seus usos, mesmo moderno e pós-moderno, seu poder de ultrapassar os limites da linguagem e de se desconstruir. Há muito tempo ela não é mais a única a reclamar para si a faculdade de dar forma à experiência humana. O cinema e diferentes mídias, ultimamente consideradas menos dignas, têm uma capacidade comparável de fazer viver. E a ideia de redenção pela cultura carrega um ranço de romantismo. Em suma, a literatura não é mais o modo de aquisição privilegiado de uma consciência histórica, estética e moral, e a reflexão sobre o mundo e o homem pela literatura não é mais corriqueira. Isso significa que seus antigos poderes não devam ser mantidos, que não precisamos dela para nos tornarmos quem somos? (COMPAGNON, 2012, p.57).

Portanto, dissolver a ideia de que a literatura é a única arte capaz de salvar a sociedade de suas mazelas parece ser saudável para se pensar o lugar da literatura na atualidade, porém, não exclui ignorar sua força expressiva na formação de sujeitos no mundo contemporâneo, pois em consonância com a concepção bakhtiniana de linguagem e literatura, Compagnon defende que a arte literária traz distintos tempos, espaços, vozes e singularidades para se pensar as relações humanas. Obviamente, outras formas de arte falam-nos sobre essas relações e, por isso, são da mesma forma relevantes na formação da sociedade contemporânea, no entanto, há na linguagem literária algumas especificidades que provocam um determinado tipo de experiência

ética e/ou estética. Por ser a língua escrita o instrumento de tessitura da arte literária, o percurso do leitor é conduzido/ regido por palavras – que trazem consigo um poder de concisão que é ao mesmo tempo polissêmico e metafórico –, podendo levá-lo a diversificadas construções imagéticas, múltiplos sentidos e interpretações, pela possibilidade de deixar aberto o espaço para a liberdade da experiência imaginária e diferentes sensações e reações estéticas. Por ser aberta, com brechas para complementações do leitor, a literatura pode impulsionar o sentir, o pensar, o criar e recriar enquanto se lê. Como tais ações possuem infindáveis dimensões, uma obra literária pode permanecer em nós, transformando-se e transformando-nos permanentemente, provocando diversas apropriações e ecoando em nós de diferentes maneiras e tempos depois de lida.

Também compreendemos, com Bakhtin (2003, p.362), “que a literatura é um fenômeno complexo e polifacético” e merece ser estudado não somente a partir da cultura de uma época, mas, sobretudo, para além de sua atualidade, pois as grandes obras são gestadas ao longo de séculos e também trazem consigo marcas de um determinado tempo e, tais marcas, dilatam-se e atravessam tempos e espaços; por isto, o autor insiste em afirmar que o fechamento do estudo de uma obra em uma época não possibilita compreendê-la nos séculos seguintes, já que “as obras dissolvem as fronteiras de uma época, vivem nos séculos, isto é, no *grande tempo*, e além disso levam frequentemente (as grandes obras sempre) uma vida mais intensiva e plena que em sua atualidade (BAKHTIN, 2003, p.362)

A permanência de uma grande obra, na concepção bakhtiniana, deve-se ao fato de que ela vincula-se a séculos passados de maneira intensa, dando continuidade ao passado e, dessa forma, não se dissolve no presente. Lança-se ao futuro, como o próprio fluxo da história que entrelaça essas três vertentes cronológicas. Bakhtin (2003, p.363) ainda afirma que “no processo de *post mortem* elas se enriquecem com novos significados, novos sentidos; é como se essas obras superassem o que foram na época de sua criação”, devido ao poder de revelar sempre algo novo num outro tempo, algo que não fora lido, visto, ou sentido por pessoas contemporâneas à obra. O filósofo ainda argumenta que:

Os fenômenos semânticos podem existir em forma latente, em forma potencial, e revelar-se apenas nos contextos dos sentidos culturais das épocas posteriores favoráveis a tal descoberta. Os tesouros dos sentidos, introduzidos por Shakespeare em sua obra, foram criados e reunidos por séculos e até milênios: estavam escondidos na linguagem, e não só na literária como também em camadas da linguagem popular que antes de Shakespeare ainda não haviam penetrado na literatura (BAKHTIN, 2003, p.363).

Ou seja, a perenidade de uma obra está na força da linguagem, especificamente em suas profundidades semânticas, capazes de acumular e assimilar visões de diversos aspectos do mundo, ao longo dos séculos, e que, por isso, como propõe Bakhtin (2003, p.365), provoca sempre “novas profundidades de sentido” e “as novas descobertas de portadores materiais de sentido introduzem corretivos nas nossas concepções de sentido e podem até exigir a sua reconstrução substancial”.

A arte, incluindo a literária, por ser uma atividade humana apoiada na relação entre experiência, imaginação e criação, unindo realidade e fantasia, pode afetar e provocar emoções, por vezes contraditórias, gerando um curto-circuito emocional no apreciador, como propõe Vigotski (2009). Nesse sentido, segundo este autor, a “lei da realidade emocional” (2009, p.28), em que a imaginação influencia os sentimentos e, ao mesmo tempo, os sentimentos alimentam a imaginação, pode nos explicar por que:

as obras de arte, criadas pela fantasia dos autores, exercem uma ação bastante forte em nós. As paixões e os destinos dos heróis inventados, sua alegria e desgraça perturbam-nos, inquietam-nos e contagiam-nos, apesar de estarmos diante de acontecimentos inverídicos, de invenções, de fantasia. Isso ocorre porque as emoções provocadas pelas imagens artísticas fantásticas das páginas de um livro ou do palco de teatro são completamente reais e vividas por nós de verdade, franca e profundamente (VIGOTSKI (2009, p. 28,29).

O autor alerta, ainda, que uma obra de arte é forte, sobretudo, por sua verdade interna – “o mundo das ideias, dos conceitos e dos sentimentos próprios do homem” (2009, p.32) – realiza-se por meio da “linguagem figurativa e emocional”, provocando, assim, uma “ação na consciência da sociedade”:

O autor de qualquer obra artística (...) combina as imagens da fantasia não à toa e sem propósito ou amontoando-as casualmente, como num sonho ou num delírio. Pelo contrário, as obras de arte seguem a lógica interna das imagens em desenvolvimento, lógica essa que se condiciona à relação que a obra estabelece entre seu próprio mundo e o mundo externo (VIGOTSKI,2009, p. 33).

A obra de arte literária, especificamente, é constituída de uma arquitetura imagética e semântica, a partir da composição de cenários, personagens, tramas, de diferentes pontos de vista e formas de narrar, da força metafórica e lírica das palavras e de leitores presumidos que a fazem algo mais denso que o momento da criação. Tudo isso confere a ela uma autonomia para além do domínio de seu autor, favorece deslocamentos dos leitores/apreciadores que são provocados por emoções e interpretações distintas. Na arte leitores/apreciadores são afetados por meio de sua verdade interna, que, por sua vez, afeta o mundo externo a que chamamos de sociedade.

Montes (2001), apoiada em Winnicott, chama a atenção para a fronteira indômita, que vem a ser um espaço transicional onde se dão as construções humanas, sua cultura e também sua literatura:

um território em constante conquista, nunca conquistado de todo, sempre em elaboração, em permanente fazer-se; por uma parte, zona de intercâmbio entre o dentro e o fora, entre o indivíduo e o mundo, mas também algo mais: uma zona liberada. O lugar do fazer pessoal. A literatura, como a arte em geral, como a cultura, como toda marca humana, está instalada nessa fronteira. Uma fronteira espessa, que contém de tudo, e independente: que não pertence nem ao dentro, às puras subjetividades, nem ao fora, o real, o mundo objetivo (MONTES, 2001, p.52).

Montes defende que esse espaço de construção, em permanente construir-se, seja um espaço poético que dê margem não somente à criação artística, mas, sobretudo, à conversão da cultura em experiência e acrescenta ainda que, ensinar literatura deve ser educar na literatura, fazendo com que a literatura ingresse na experiência dos sujeitos em contato com ela. Em suas palavras, educar na literatura “é uma questão de trânsito e ampliação de fronteiras”. Portanto, ao retomarmos as questões levantadas por Compagnon sobre a necessidade da leitura – nesse caso, especificamente a leitura literária –, sobre os valores que por ela podem ser transmitidos e também sobre sua “utilidade” no mundo contemporâneo, destacamos a ampliação da “fronteira indômita” defendida por Montes, na qual a cultura e, por consequente, a literatura, tem o poder de dilatar intercâmbios de experiências e alimentar permanentemente a construção da subjetividade numa relação incessante entre o mundo interior e o mundo exterior. Em sua defesa da literatura na contemporaneidade, o autor francês argumenta que:

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (COMPAGNON, 2012, p.60).

Ao considerarmos e admitirmos, na cena contemporânea, uma disputa entre a literatura convencional – digo em livro, com todas as suas características táteis como papel, gramatura, fonte, capa... –, e as mídias digitais, cada vez mais sedutoras e indissociáveis do cotidiano das juventudes atuais, seria um equívoco, além de pretencioso, defendê-la como o único ou o melhor caminho na tentativa de garantir uma emancipação/sensibilização/transformação da humanidade. Ao defender que, como argumenta Calvino (2003), “há coisas que só a literatura pode nos dar”, devemos também relativizar tal poder da literatura e optar por refletir sobre o que ela pode nos dar, enfatizando, sim, seu poder de libertar nosso olhar, seja individual ou coletivo, de

lentes convencionais para ver/pensar a vida, de se ver/pensar no mundo, de ver/pensar as relações humanas, pois

a literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que o discurso filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia. Assim ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciaram, mas que a ficção reconhece em seus detalhes. (...) Ela sofre concorrência em todos os seus usos e não detém monopólio sobre nada, mas a humildade lhe convém e seus poderes continuam imensos; ela pode, portanto, ser abraçada sem hesitações e seu lugar na Cidade está assegurado. O exercício mais fechado da leitura continua o lugar por excelência do aprendizado de si e do outro, descoberta não de uma personalidade fixa, mas de uma identidade obstinadamente em devenir. (COMPAGNON, 2012, p. 64-72).

1.2 Letramentos sociais: abordagens de um conceito plural

O conceito de letramento, termo cunhado em português por Mary Kato e também abordado por Kleiman e Soares na década de 1980, no Brasil, e amplamente discutido por estas pesquisadoras nas décadas posteriores, advém de estudos e publicações anglo-saxônicas, norte-americanas e francesas realizadas por pesquisadores da linguística, da sociologia e da antropologia como Graff (1979), Ong (1982), Heath (1982), Gee (1990), Barton (1991), Barton, Hamilton e Ivanic (2000) e Street (1984; 1988; 2003), sendo estes alguns dos nomes relevantes, entre outros, dessa área de pesquisa. As concepções e discussões sobre as apropriações de práticas letradas em diferentes contextos sociais apresentadas pelos autores citados, em alguns dos casos, estão em conflito e, em outros, em consonância, gerando posicionamentos e impulsionando novas pesquisas. Os termos para o conceito de letramento também variam de acordo com alguns idiomas, sendo encontradas palavras distintas para defini-lo: *literacy*, em inglês, *lettrisme*, em francês, *literalidad*, em castelhano, *literacia*, em português de Portugal, por exemplo.

No Brasil, as abordagens de Kato, Kleiman e Soares, apoiam-se especialmente nas discussões de David Barton, Mary Hamilton e Brian Street, pesquisadores dos Novos Estudos de Letramento (NEL), que compreendem que o letramento não pode ser estudado e concebido como algo singular, pois implica em práticas letradas sociais que envolvem a interrelação dos sujeitos usuários de uma língua com diversos tipos de textos e linguagens, para além do texto escrito, tornando, portanto, o fenômeno do letramento algo múltiplo e plural. Em comunhão com os autores referenciais dos Novos Estudos de Letramento, a pesquisadora portuguesa Dionísio (2007, p.210) define a *literacia*, ou seja, o letramento, como:

um conjunto de práticas sociais, que envolvem o texto escrito, não do ponto restrito da linguagem, mas de qualquer texto. Portanto, aí vamos enveredar por um letramento que é plural, envolve, integra outras linguagens que não é apenas a linguagem verbal através dos textos. Então, o sentido plural localiza essas práticas na vida das pessoas, práticas que são realizadas com finalidades para atingir os seus fins específicos de vida, e não um conjunto de competências que estão armazenadas na cabeça das pessoas.

A partir dessa perspectiva, tomamos como referência a distinção entre “letramento autônomo” e “letramento ideológico” defendida por Brian Street (2014) para compreender os letramentos sociais, ou seja, as práticas letradas em diferentes contextos sócio-culturais. O antropólogo inglês, pesquisador dos Novos Estudos de Letramento (NEL), faz uma crítica à “grande divisão” entre escrita e oralidade defendida por Walter Ong, distinção que sustenta o modelo autônomo de letramento. Sobre tal questão, Street (2014, p. 160) alega que “os relatos que temos de outras sociedades, com diferentes “mesclas” de práticas orais/letradas, sugerem que elas não carecem de lógica, desprendimento, autocontrole, abstração e outras competências cognitivas e sociais fundamentais que Ong atribui ao letramento (acadêmico)”. O autor ainda critica enfaticamente o fato de Ong defender que a escrita:

“permite”, “facilita”, “promove” etc. a mudança de uma mentalidade “pré-lógica” para uma mentalidade “lógica”: a distinção entre mito e história, o florescimento da ciência, da objetividade, do pensamento crítico e da abstração. É em tais pressupostos que se fundamentam as alegações em torno da superioridade “ocidental” (STREET, 2014, p.165).

A abordagem de Street sinaliza que a oralidade e a escrita se mesclam, pois as práticas letradas estão sempre entrelaçadas às práticas orais e que a escrita afeta a oralidade, assim como a oralidade afeta a escrita; mesmo nas práticas escritas acadêmicas, tão exaltadas por Ong, há mesclas entre os canais orais e letrados, já que uma palestra, por exemplo, feita a partir de um artigo escrito, é comunicada oralmente, e, por sua vez, gera tomadas de notas por parte dos ouvintes e provoca discussões e novas anotações. Ou seja, há conexão e “afetação” permanentes entre escrita e oralidade, oralidade e escrita, o que sugere “um modelo de comunicação que considere integralmente essa mescla” para se pesquisar práticas letradas (STREET, 2014, p.168).

Em sua análise, Street ainda pondera que o pesquisador americano adota uma visão estereotipada, hierárquica e etnocêntrica do letramento, já que, além de reforçar a dicotomia entre oralidade e escrita, pressupõe leitura e escrita como um conjunto de habilidades técnicas que provocam transformações cognitivas e sociais, pois habilitam seus usuários ao mundo moderno, pleno de exigências sociais, as quais não poderão ser superadas sem o letramento.

Ao delinear sua crítica sobre tal concepção de letramento, Street propõe um modelo ideológico em que os processos sociais situados no tempo e espaço, assim como as questões de ideologia e poder intrínsecas a esses processos, são fundamentais para a compreensão dos diversos eventos de letramento e práticas letradas que se dão nos distintos continentes do planeta. O modelo ideológico não nega, tampouco exclui, alguns aspectos linguísticos técnicos defendidos pelos adeptos do modelo autônomo, no entanto, o autor defende que, para além de tais aspectos que merecem, sim, serem considerados, há potentes questões políticas que envolvem dominação, imposições e manipulações ideológica e etnicamente autocentradas. Para o autor, “o processo de socialização por meio do qual a leitura e a escrita são adquiridas e as relações de poder entre grupos engajados em práticas letradas diferentes são cruciais para o entendimento de questões e problemas específicos [do letramento] (2014, p.161)”. Ao abordar os dois modelos de letramento, autônomo e ideológico, Street elucida nuances e contrapontos:

O modelo autônomo tende a se basear na forma de letramento do “texto dissertativo”, prevalente em certos círculos ocidentais e acadêmicos, e a generalizar amplamente a partir dessa prática restrita, culturalmente específica. O modelo pressupõe uma única direção em que o desenvolvimento do letramento pode ser traçado e associa-o ao “progresso”, “civilização”, liberdade individual e mobilidade social. Ele isola o letramento como uma variedade independente e então alega ser capaz de estudar suas consequências. Essas consequências são classicamente representadas em termos de “decolagem” econômica ou em termos de habilidades cognitivas. Um modelo “ideológico”, por outro lado, força a pessoa a ficar mais cautelosa com grandes generalizações e pressupostos acalentados acerca do letramento “em si mesmo”. Aqueles que aderem a este segundo modelo se concentram em práticas sociais específicas de leitura e escrita. Reconhecem a natureza ideológica e, portanto, culturalmente incrustadas dessas práticas. O modelo ressalta a importância do processo de socialização na construção do significado do letramento para os participantes e, portanto, se preocupa com as instituições sociais gerais por meio das quais esse processo se dá, e não somente com as instituições “pedagógicas”. (STREET, 2014, p.44)

Nessa perspectiva de análise, o autor problematiza alguns tipos de letramento chamados “letramento colonial” e “letramento dominante”, assim como os impactos e apropriações das sociedades afetadas por esses tipos de letramento. O letramento colonial seria aquele em que uma cultura, ao colonizar outra cultura – frequentemente uma cultura ocidental interferindo em uma cultura não ocidental – não só instrumentaliza essa sociedade dominada com os aspectos técnicos do letramento, como também transfere, e até mesmo impõe, concepções e ideologias ocidentais, configurando um caso muito mais amplo de dominação. No caso do “letramento dominante”, em muitas situações, o que ocorre é que um grupo dominante dentro de uma sociedade se responsabiliza por difundir o letramento a outros membros (e a subculturas dentro dessa sociedade) considerados desprovidos de cultura e conhecimento, frágeis, incapazes e iletrados pelo grupo dominante. Nessa configuração,

junto à instrumentalização para a leitura e escrita, estariam agregados valores ocidentais vinculados a formas de industrialização, burocracia, escolarização, entre outros. No entanto, ainda que haja um grande impacto do ponto de vista da dominação e transferência cultural e ideológica nessas sociedades afetadas pelos letramentos colonial e dominante, há também apropriações por parte dessas sociedades que, ao serem inseridas no universo letrado não permanecem passivas, pois “encontram formas pragmáticas de adotar elementos de uma nova ideologia, ou das novas formas como o letramento é introduzido (Street, 2014, p.52), o que pode ser constatado em pesquisas etnográficas citadas e também realizadas por Street e outros antropólogos contemporâneos – Health (1983); Olson, Torrence e Hildyard (1985); Bledsoe e Robey (1986); Wagner (1983,1986,1987) e Street (1988). Ao afirmar que “há muitas maneiras pelas quais a aquisição do letramento afeta uma sociedade” (2014, p.45), o pesquisador inglês enfatiza a necessidade de pesquisas etnográficas que se debrucem sobre as questões ideológicas estruturais envolvidas nos processos de letramento, pois estas, provavelmente, provocam profundas transformações no senso de identidade dos grupos envolvidos em tais processos, pois “os letramentos locais são demasiado substanciais para serem simplesmente “acomodados” em um modelo único, “autônomo” (STREET, 2014,p.60).

Street (2014, 140) ainda argumenta que “a concepção de letramento associada à escolarização e à pedagogia, em particular a ênfase no ensino-aprendizagem, está transformando a rica variedade de práticas letradas evidentes nos letramentos comunitários em uma prática única, homogeneizada”, o que aponta a necessidade de as políticas públicas de educação rejeitarem um modelo único e dominante de letramento de modo a levarem em consideração as diferentes práticas letradas, lançando “foco sobre o caráter ideológico e específico aos contexto dos diferentes letramentos” (STREET, 2014, p. 41).

Rojo (2009, p. 98), em consonância com os estudos sobre letramentos de Street, argumenta que a concepção de letramento não permanece a mesma “através dos tempos e das culturas e dentro de uma mesma cultura. Por isso, práticas tão diferentes, em contextos tão diferenciados, são vistas como letramento, embora diferentemente valorizadas e designando a seus participantes poderes também diversos”; nesse sentido, compreende o conceito de letramento como plural e também alerta sobre a importância de a escola estar atenta à concepção de letramentos, apontando, apoiada em Hamilton

(2002), distinções entre letramentos “dominantes” e letramentos locais “vernaculares” (ou “autogerados”):

os letramentos dominantes preveem agentes (professores, autores de livros didáticos, especialistas, pesquisadores, burocratas, padres e pastores, advogados e juízes) que, em relação ao conhecimento, são valorizados legal e culturalmente, são poderosos na proporção do poder da sua instituição de origem. Já os chamados letramentos “vernaculares” não são regulados, controlados ou sistematizados por instituições ou organizações sociais, mas têm sua origem na vida cotidiana, nas culturas locais. Como tal, frequentemente são desvalorizados ou desprezados pela cultura oficial e são práticas, muitas vezes, de resistência (ROJO, 2009, p.102).

Ao elencar tais distinções, Rojo sinaliza também que estes letramentos não estão radicalmente separados, mas, sim, interligados – o que dialoga com o que Bakhtin e Chartier anunciam sobre interdependência entre cultura erudita e cultura popular – e que, para se pensar o trabalho com a leitura e a escrita no mundo contemporâneo é preciso compreender e admitir que na escola atual “convivem letramentos múltiplos e diferenciados, cotidianos e institucionais, valorizados e não valorizados, locais, globais e universais, vernaculares e autônomos, sempre em contato e em conflito, sendo alguns rejeitados ou ignorados e apagados e outros enfatizados”(ROJO, 2009, P. 106). A autora ainda sinaliza que

o ingresso de alunado e professorado das classes populares nas escolas públicas trouxe para os intramuros escolares letramentos locais e vernaculares antes desconhecidos e ainda hoje ignorados, como o *rap* e o *funk*, por exemplo. Isso cria uma situação de conflito entre práticas letradas e valorizadas e não valorizadas na escola, como apontam os trabalhos de Kleiman (1995, 1998), por exemplo (ROJO, 2009, p. 106).

Dessa maneira, na interlocução com os novos estudos de letramento (NEL/NLS) de Hamiltom (2002) e Street (2003) e com a concepção bakhtiniana de linguagem, a autora propõe ao campo da educação uma abordagem que englobe os letramentos múltiplos advindos de distintas esferas discursivas, enfocando “práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos (...), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural” (ROJO, 2009, p. 99).

Com Rojo (2009, p. 115) conclui-se, portanto, que:

o papel da escola na contemporaneidade seria colocar em diálogo – não isento de conflitos, polifônico em termos bakhtinianos – os textos/enunciados/discursos das diversas culturas locais com as culturas valorizadas, cosmopolitas, patrimoniais, das quais é guardiã, não para servir à cultura global, mas para criar coligações contra-hegemônicas, para translocalizar lutas locais.(...) nesse sentido, a escola pode formar um cidadão flexível, democrático e protagonista, que seja multicultural em sua cultura e poliglota em sua língua. Cabe, portanto, também à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-la vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica. Para tal, é preciso que a escola se interesse por e admita as culturas locais de alunos e professores.

A proposta de Rojo implica mudanças estruturais na maneira como a escola aborda os letramentos, o que muito tem a dizer não somente à comunidade escolar, mas também aos pesquisadores do campo da educação, pois como argumenta Street (2014, p. 143), “a pesquisa nesta área não deveria se concentrar na escola isoladamente, mas na conceitualização do letramento na comunidade”, de modo a analisar as implicações ideológicas das práticas comunicativas em que se inserem os letramentos. Portanto, apoiada nas considerações de Street e Rojo, reitero o fato de esta pesquisa se deslocar da escola para a comunidade, na intenção de analisar como os jovens de periferia se aproximam e participam de eventos de leitura literária, especificamente os saraus de poesia, buscando compreender as questões ideológicas por detrás de seus processos de letramento literário² na tentativa de apontar algumas possibilidades e considerações para o campo da educação.

Ao escolher a periferia como campo da pesquisa para compreender a relação dos jovens com a leitura literária torna-se necessário refletir sobre as questões sociais envolvidas no que diz respeito ao acesso à literatura por parte das camadas populares; aspecto que será abordado a seguir do ponto de vista político.

1.3 O acesso à literatura no Brasil: sobre o direito à leitura literária e os impasses sociais

No universo infinito da literatura sempre se abrem outros caminhos a explorar, novíssimos ou bem antigos, estilos e formas que podem mudar nossa imagem do mundo... (CALVINO, 2011, p.19).

Ao considerar a literatura uma linguagem dialógica importante na formação dos sujeitos dentro de uma abordagem sócio-histórica, cabe, aqui, ampliar o foco da discussão sobre o acesso à leitura literária no Brasil, buscando uma análise um pouco mais cuidadosa a respeito de uma questão social anterior e, sobretudo, crucial: a relação entre educação e desigualdades de oportunidades no Brasil. Ao compor esse diálogo, autores como Ribeiro (2011), Souza (2011), Louzano (2013) e Cardoso (2013) ajudarão

² Conceito abordado por Paulino (2005) como o envolvimento dos sujeitos alfabetizados em práticas sociais de leitura da literatura, e que, dessa forma, apresenta-se no contexto escolar como uma possibilidade de aproximação com a produção literária, permitindo não só o contato com o universo imaginário através da ficção, assim como a compreensão do contexto social devido a sua dimensão ética e estética.

a visualizar a situação de crianças e jovens de camadas populares no Brasil com relação ao acesso, permanência e desempenho escolar.

Segundo Ribeiro (2011), para entendermos o processo de reprodução de desigualdades no Brasil é fundamental dimensionar a estratificação educacional, compreendendo que “tanto recursos e características dos pais dos indivíduos quanto características institucionais determinam fortemente as desigualdades de oportunidades e resultados educacionais”. Em sua pesquisa, a partir de outras referências empíricas (Fernandes, 2001; Hasenbalg e Silva, 1999; Osório e Soares, 2005) o autor reforça que há, em nosso país, fortes desigualdades de raça, de origem e de região de nascimento no tocante às chances de progressão no processo educacional “e que as desigualdades não mudam ao longo do tempo para a maioria das características”. Ou seja, o fato de nascer negro, filho de pais não escolarizados, numa região mais pobre do país como o Nordeste, por exemplo, pode acentuar as impossibilidades de sucesso no acesso e apropriação do conhecimento legitimado pelo sistema educacional.

Para além das questões econômicas explícitas em nossa sociedade devido ao visível abismo entre os mais ricos e os miseráveis, as lentes de Souza (2011) também auxiliam nessa análise ao propor que, para se compreender efetivamente “o fenômeno da desigualdade social” é preciso analisar “sua gênese e a sua reprodução no tempo”. O autor ressalta que se faz necessário compreender o porque da abissal diferença entre “classes positivamente privilegiadas” e “classes negativamente privilegiadas” e a reprodução dessas desigualdades, analisando a forma de apropriação do capital cultural e capital econômico ao longo da história brasileira. Segundo o autor:

O processo de modernização brasileiro constitui não apenas as novas classes sociais modernas que se apropriam diferencialmente dos capitais cultural e econômico. Ele constitui também uma classe inteira dos indivíduos, não só sem capital cultural nem capital econômico em qualquer medida significativa, mas desprovida, esse é o *aspecto fundamental*, das condições³ sociais, morais e culturais que permitem essa apropriação (RIBEIRO, 2011, p.21).

Seguindo a abordagem de Souza, para compreender melhor a reprodução de desigualdades sociais no Brasil, importante é também analisar a estrutura de distribuição das oportunidades educacionais no país, pois, apesar do esforço do Estado

³ Sobre a questão das condições sociais para a apropriação de bens materiais e culturais, em especial, retomaremos mais à frente os conceitos de *capital cultural* e *habitus* de Pierre Bourdieu (1989) em contraponto à visão de Bernard Lahire (2004) sobre *disposições* e *interdependência social* para, dessa forma, esboçar uma problematização sobre desigualdades e oportunidades, especificamente com relação ao acesso à leitura literária.

em garantir educação a todos, ainda não alcançou com sucesso o ideal de manter crianças e jovens na escola, seja até o final do Ensino Fundamental ou até o Ensino Médio. Alguns dados empíricos trabalhados por Louzano (2013) sobre escolaridade e evasão contribuem para uma radiografia mais precisa deste problema. Segundo a pesquisadora, o fenômeno do fracasso escolar no país envolve baixo rendimento, repetência e abandono escolar. Além disso, há de se considerar também o fato de o Brasil apresentar uma das mais altas taxas de distorção idade/série da América Latina, dados da UNESCO (2013); os índices brasileiros de repetência revelam-se os mais elevados dos países da região. Respalhada em pesquisas anteriores, a autora afirma também que:

A origem social do aluno, ou as características de sua família, é amplamente reconhecida como o fator mais importante na explicação do sucesso acadêmico. (...) o nível socioeconômico do aluno explica grande parte da variação nos resultados escolares. Estudantes de famílias pobres e menos escolarizados tendem a alcançar menos anos de estudo, menor rendimento em testes padronizados e abandonar a escola mais cedo (RUMBERGER, 1983; RODERICK, 1994; HARBISON; HANUSHEK, 1992).

Considerando esse cenário, Louzano (2013) dedicou-se a uma pesquisa específica na qual aborda índices de repetência e evasão escolar no 5º ano do Ensino Fundamental, entre 2001 e 2011, no Brasil, revelando dados consideráveis não somente com relação às condições econômicas, mas também a gênero e etnia nas diferentes regiões brasileiras:

(...) ser do sexo masculino aumenta a probabilidade de fracasso escolar, em todas as regiões e para todos os níveis de educação dos pais. Tanto em 2001 como em 2011, para todos os grupos raciais, os meninos são mais propensos a repetir e abandonar a escola que as meninas, em todas as regiões do país e para todos os níveis de escolaridade dos pais. (...) Este estudo sobre o fracasso escolar entre estudantes do ensino fundamental no Brasil mostra que, apesar do esforço do país para diminuir a repetência e o abandono, o fracasso escolar ainda é um problema. Entre 2001 e 2011, o percentual de estudantes de 4ª série/5º ano que já tinham sido reprovados ou haviam abandonado a escola pelo menos uma vez se manteve praticamente inalterado (36% e 33%, respectivamente). Esse fato em si já é alarmante, no entanto esta pesquisa constatou que para alunos negros o cenário continua sendo pior que para seus colegas de outros grupos raciais. Apesar da leve melhoria na última década, ser preto diminui ainda mais a probabilidade de sucesso acadêmico. Em 2011, 43% dos estudantes pretos no 5º ano foram reprovados ou abandonaram a escola pelo menos uma vez. Além disso, mesmo controlando para fatores como sexo, escolaridade dos pais e região geográfica, os estudantes pretos estão muito aquém de seus colegas pardos e brancos (LOUZANO, 2013, p.122 -126).

Pesquisas como as de Louzano trazem à tona constatações alarmantes sobre as condições de permanência na escola quando se trata de crianças e jovens de grupos socialmente desprivilegiados, evidenciando a questão racial como aspecto relevante.

Vale ressaltar que a referente pesquisa utiliza os dados do Saeb⁴ (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), administrado pelo Ministério da Educação nas versões 2001 e 2011 para os alunos de 4^a série/5^o ano do Ensino Fundamental.

Como ampliação do panorama até aqui exposto sobre a relação entre educação e desigualdades de oportunidades no Brasil, algumas hipóteses e considerações de Cardoso (2013) podem ajudar a pensar sobre os jovens que estão fora da escola e também fora do mercado de trabalho, intitulados “nem nem”⁵; o fenômeno de dimensão mundial devido a forte crise europeia que teve início no final da década passada é, na verdade, muito mais antigo do que a expressão espanhola “ni ni” possa demarcar. Cardoso (2013, p.294) argumenta que “a condição *nem nem* é fruto da conjunção de dois feixes determinantes: de um lado, os contextos de inserção social dos jovens (a família, o sistema escolar e o mercado de trabalho); e, de outro, as trajetórias dos indivíduos”, e que no caso brasileiro ela é uma questão estrutural, devido às elevadas taxas de jovens fora da escola e do mercado de trabalho e, dessa forma, está diretamente relacionada à resistência à queda dos indicadores de desigualdade econômica e social. O autor ainda sublinha o fato de que o fenômeno vem atingindo “proporções relevantes de homens e mulheres jovens há muito tempo (portanto, devemos falar de gerações sucessivas de “nem nem”), (p.296) e, por isso, ao seu ver, a questão dos “nem nem” merece ser incluída, com urgência, na agenda das políticas públicas e pesquisa social no país. Em contrapartida, as alterações no contexto econômico brasileiro nos últimos anos, acena, de alguma forma, para uma renovação dos horizontes de expectativa dos jovens, “tornando críveis as expectativas de inclusão no futuro” (p.302).

As hipóteses levantadas e dissecadas pelo pesquisador sobre a condição dos “nem nem” no Brasil, considerando aspectos relativos à família, município de residência, escolaridade, cor, idade, sexo, entre outros, apontam algumas ácidas conclusões:

(...) a taxa “nem nem” de exclusão é a maior nas regiões e famílias mais vulneráveis, e nesse sentido, deve ser tratada como um dos elementos centrais dessa vulnerabilidade. Isso quer dizer que o país está transmitindo a vulnerabilidade de uma geração a outra em proporção significativa. (...) Proporções sempre alta de jovens (...) carregarão para o resto de suas vidas o peso de ter deixado cedo a escola, com isso, reduzindo suas chances no mercado de trabalho. (...)

⁴ Desde 1993, o Saeb mede a proficiência dos estudantes brasileiros em leitura e matemática a partir de uma amostra nacional dos alunos matriculados no final de cada ciclo (5^o e 9^o anos do Ensino Fundamental e 3^o ano do Ensino Médio).

⁵ Expressão derivada do espanhol “ni ni” para denominar os jovens que não estão nem na escola nem trabalhando, em consequência da crise de 2008.

A taxa “nem nem de exclusão, pois, é um dos mecanismos recônditos da persistência secular das desigualdades no Brasil. Atacar a condição “nem nem” é atacar, insisto, um mecanismo gerador de exclusão e desigualdade a longo prazo” (CARDOSO, 2013, p.310).

Considerando a educação como algo consensual no que diz respeito à formação de um sujeito e como um caminho possível de mobilidade social, o desenho do cenário da desigualdade de oportunidades no Brasil, correlacionado aos índices de crianças e jovens fora da escola, apresenta-se como algo que merece uma reflexão política, articulando Estado e sociedade numa busca por mudanças promissoras. Considerando as pesquisas citadas como referência, parece necessário e urgente avaliar a questão do ponto de vista dos direitos humanos, e como propõe Cândido (1995, p. 239), “pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo”. Ou seja, se desejamos filhos bem educados, bem sucedidos, capazes de gerenciar suas vidas e participar com segurança do jogo proposto pelo capitalismo, deveríamos desejar que todos os filhos, dos diferentes grupos sociais, se tornassem capazes de atuar na sociedade capitalista com autonomia e sucesso. A reflexão proposta por Candido sugere uma autocrítica social, pois toca em uma ferida que a grande maioria finge não ver sangrar; o que pode até parecer o óbvio, no entanto, não é tão evidente assim, pois, em geral, como ilustra o autor, as pessoas:

(...) afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde –, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégio de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven?(CANDIDO, 1995, p.239).

Ao prosseguir sua argumentação, o sociólogo brasileiro traz para a discussão o conceito de “bens incompressíveis”, delineado pelo sociólogo francês atuante no Brasil entre as décadas de 1940 e 1960, Louis-Joseph Lebret, contemporâneo e companheiro de Candido. Os *bens incompressíveis* seriam aqueles que não podem ser negados a ninguém e que, na concepção de Candido, extrapolam aqueles que devam garantir a sobrevivência física de forma decente, pois devem também garantir, inclusive, o direito à justiça, ao lazer e à cultura: “são incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo à justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura” (CANDIDO, 1995, .241).

Incluir a literatura na agenda dos direitos humanos, portanto, pressupõe uma sociedade que dê acesso a todos os grupos sociais a essa forma de arte, não somente na escola, mas também em outros espaços coletivos, sobretudo, promovendo-a em diversas esferas sociais, por meio de iniciativas públicas. Nesse sentido, o letramento literário – entendido aqui como acesso à dimensão cultural e estética da escrita – precisa estar vinculado ao direito à literatura, legitimamente defendido por Candido, e, por isso, merece ser encarado como um projeto de políticas públicas que ultrapasse a distribuição de livros com qualidade literária (ANDRADE e CORSINO, 2007⁶) – o que já vem sendo feito criteriosamente pelo PNBE⁷ – e que possa promover, para além da sensibilização de leitores, uma efetiva formação de comunidades leitoras, onde haja leitores-interlocutores, como defende Perrotti (2004).

Para uma reflexão a respeito do acesso à leitura literária em espaços onde a desigualdade de oportunidades, tanto econômica quanto cultural, é significativa, vale relembrar o que Candido (1995, p.257) afirma:

Para que a literatura chamada erudita deixe de ser privilégio de pequenos grupos, é preciso que a organização da sociedade seja feita de maneira a garantir uma distribuição equitativa dos bens. Em princípio, só numa sociedade igualitária os produtos literários poderão circular sem barreiras, e neste domínio a situação é particularmente dramática em países como o Brasil, onde a maioria da população (...) vive em condições que não permitem a margem de lazer indispensável à leitura. Por isso, numa sociedade estratificada deste tipo a fruição da literatura se estratifica de maneira abrupta e alienante.

Ao afirmar que a questão do acesso à literatura é “particularmente dramática em países como o Brasil”, Candido parece convocar a uma reflexão mais profunda a respeito do tema, considerando não somente o processo histórico da formação de leitores no país como também a desigualdade de acesso aos bens incompressíveis por parte das camadas populares. A formação da leitura no Brasil, sob a perspectiva histórica de Lajolo e Zilberman (1996, p.154), por exemplo, aponta questões contundentes a com relação à disseminação, socialização e democratização de livros e, conseqüentemente, da leitura literária em nosso país. De acordo com as autoras, é possível afirmar que, ao longo dos primeiros séculos de colonização portuguesa e nos

⁶ Andrade e Corsino elaboraram para o PNBE (Plano Nacional de Biblioteca Escolar) 2005 um instrumento de avaliação com alguns critérios para a constituição de um acervo literário para as séries iniciais do ensino fundamental. Os critérios levam em conta: elaboração da linguagem literária, pertinência temática, ilustração, projeto gráfico e representatividade das obras.

⁷ O PNBE do Professor tem por objetivo adquirir obras de referência para ajudar os professores da educação básica regular e da educação de jovens e adultos na preparação dos planos de ensino e na aplicação de atividades em sala de aula com os alunos. <http://www.fnnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-apresentacao> (acesso em 22/07/2014)

anos do período imperial, a leitura, especialmente a literária, foi elitizada e destinada a poucos. Ainda nos primeiros anos do século XX “éramos uma República ainda sem livros nem leitores” e, ao pinçarmos a discussão sobre a leitura no Brasil para o século XXI ainda é possível questionar o processo de democratização da leitura em nosso país. Os dados estatísticos sobre níveis de leitura, consumo do artefato livro e leitura literária são ainda frustrantes para um país que se pretende leitor. De acordo com o estudo realizado pelo Instituto Pró-Livro (IPL)⁸, em 2014, na América Latina, o maior índice percentual de não-leitores apresentado é no Brasil e Venezuela (50%), seguidos por Colômbia (44%), Argentina 45% e Chile (20%), este apresentando um índice bem menor, comparado aos demais.

É fato que uma política de livro e leitura, por meio do Plano Nacional de Livro e Leitura (PNLL, 2007) desenvolvido pelo MEC em parceria com o MINC, pretende a ampliação da capacidade de acesso à leitura em todas as dimensões dessa expressão. Porém, como o próprio PNLL afirma, nosso país está longe dos índices de leitura alcançados pelos países mais desenvolvidos devido a fatores como rede reduzida de bibliotecas, déficit de livrarias e acesso ao livro concentrado nas mãos de apenas 20% da população. Além disso, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil revela que, em 2012, havia 7,4 milhões a menos de leitores no Brasil em relação à pesquisa feita em 2007⁹.

Para além da dificuldade de acesso ao artefato livro, nota-se que o processo de apropriação da leitura literária com um bem incompressível talvez esteja, de certa forma, ainda distante de se tornar real em nosso país. Para se pensar no acesso à leitura e na formação de comunidades leitoras parece ser importante lembrar que gostar de ler literatura é algo que se aprende, pois não nos tornamos leitores literários de um momento para o outro, ou simplesmente porque decidimos nos tornar. Tornar-se leitor literário é algo processual e só acontece se formos apresentados à literatura de maneira sedutora e contundente. Nem sempre se adquire gosto pela literatura exclusivamente por prazer, pois os percalços da leitura também nos constitui, nos desafia, nos provoca, nos convoca ao ato de ler. Ler não é algo natural, mas sim cultural. Por isso, o aprender a gostar de ler literatura deve ser defendido como um direito, como declara Cândido (1995, p.3):

⁸ <http://www.prolivro.org.br/> (acessado em 06/07/2014)

⁹ <http://www.imprensaoficial.com.br/retratosdaleitura/32012> (acessado em 06/07/2014)

(...) a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável desse universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito. (...) Ora, se ninguém pode passar vinte quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.

Nessa perspectiva, o direito do acesso à literatura pode e deve ser defendido por quem já a conhece, por quem a tem como referência, por quem transita no universo dos livros, da educação, da criação literária. No Brasil, ainda que haja investimentos das políticas de livro e leitura para a ampliação do acesso à literatura - especialmente com o Programa Nacional de Biblioteca na Escola-PNBE e outros projetos municipais- essa questão não parece estar resolvida. Trabalhar na formação e capilarização de uma rede de mediadores de leitura talvez seja um bom caminho para que os brasileiros se formem leitores literários ainda na infância e\ou juventude. Portanto, para avanços substanciais nessa busca de democratização da literatura, parece ser crucial também refletir sobre o papel dos mediadores de leitura em espaços coletivos – seja escola, bibliotecas, clubes de leitura ou praças –, sobre pesquisas em educação que discutam o tema, sobre o papel da universidade nesse processo, enfim, uma reflexão que cabe a todos envolvidos nessa discussão – pesquisadores, professores, agentes culturais, autores literários e gestores políticos; vozes que se inscrevem no ensino da língua e na disseminação da literatura como um bem cultural a ser democratizado.

III. Capítulo II

Sobre juventudes, culturas juvenis e leitura literária

Cada jovem, ou melhor, cada ser humano, cada indivíduo pode perceber sua própria condição de jovem como não terminada e inclusive como não terminável (ADAD, 2013, p.9).

Ao falar de juventude alguns vocábulos clichês podem marcar o discurso daqueles que, teoricamente, já não vivem mais essa fase da vida tão delicada, polêmica e intensa, e, ainda assim, estariam autorizados a definir o que vem a ser juventude na contemporaneidade. Palavras como irreverência, violência, insolência podem configurar rimas fáceis para definir o perfil dos jovens do século XXI. Delinear tal conceito no singular seria outro equívoco a ser cometido para traçar o perfil dos jovens e das jovens que vivem esse momento que muitos de nós gostaríamos de eternizar: a juventude. Portanto, para além das marcas cronológicas, biológicas e psicológicas, as histórico-sociais são importantes para compreendermos o sentido amplo e múltiplo das juventudes.

Para o senso comum o termo “juventude”, na maioria das vezes, é compreendido como um momento de passagem entre a infância e a condição de adulto em que as mudanças biológicas e psicológicas são brutais, causando uma inadequação social nomeada, não raramente, de transgressão e/ou rebeldia e, por isso, os jovens deveriam ser “modelados” pelos adultos, em geral, pais e professores. O corte de idade usado para definir essa fase, conhecida popularmente como fase de transição, pode variar de acordo com culturas, países e algumas agências voltadas para as políticas sociais. Nas últimas décadas, os jovens foram/são vistos como transgressores e, muitas vezes, como delinquentes protagonistas de problemas sociais, além de irresponsáveis, desinteressados e passivos, o que reforça uma visão negativa dos jovens, não somente no Brasil como em muitos países latino-americanos e europeus, como apontam pesquisas realizadas por Pais (1997). Tais características, comumente divulgadas e potencializadas pela mídia e, até mesmo, por algumas instituições, como família e escola, que, quase sempre, consideram os jovens adultos para determinadas exigências e infantis para outras, merecem ser desconstruídas e reelaboradas sob uma ótica que os compreenda com identidades geracionais próprias.

Nesse sentido, é importante compreender que, apesar de vários programas e políticas recorrerem a uma definição de juventude por meio da relação estatístico-demográfica, há uma ampla e já antiga discussão no campo das ciências sociais sobre o conceito de juventude que leva em consideração as “trajetórias, as condições e identidade quanto a relações sociais de gerações” (ABRAMOVAY, 2013, p.231). Adad, sustentada por Pais (2003), enfatiza que, devido aos diversos comportamentos cotidianos dos jovens, seus modos de agir, pensar, atuar, assim como suas amplas e diversificadas identidades sociais, a juventude não é um “conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma mesma fase de vida”, pois as culturas juvenis são “um conjunto social com atributos que as diferenciam”, portanto a juventude não deve ser compreendida como uma “unidade”, mas sim como uma “diversidade”, ou seja, como juventudes (ADAD, 2013, p.9).

Segundo Abramovay (2013, p. 231):

As diferentes juventudes não são estados de espírito e sim uma realidade palpável que tem sexo, idade, raça, fases. Uma época passageira, cuja duração não é para sempre, mas que é vivida como um “eterno presente”, e que é, cada vez mais, assertiva em reivindicar atenção a necessidades sentidas como básicas e urgentes. Ou seja, os jovens no Brasil que temos acessado por **distintas pesquisas** não necessariamente compartilham a perspectiva de que a juventude é um período que vai passar, ou seja, eles não a vivem como um estado transitório.

De acordo com a Secretaria Nacional de Políticas de Juventude e do Conselho Nacional de Juventude, no Brasil, desde 2005, o corte etário para o que se considera juventude foi ampliado para entre 15/29 anos, devido o aumento do tempo à formação acadêmica e profissional, à permanência na casa dos familiares, além da dificuldade de conseguirem emprego. No entanto, para além do intervalo considerado para delimitar “a juventude”, muitas outras implicações – de ordem sociais, históricas, geográficas, por exemplo – merecem análise, pois ser jovem hoje, é diferente de vinte anos atrás, quando o contexto histórico do final do século XX era distinto do que se configura agora, nas primeiras décadas do século XXI.

Considerada uma categoria histórica que se formou a partir da cultura de massas a partir da segunda metade do século XX e que se constituiu nos movimentos juvenis dos anos 1950/1960, a cultura juvenil se apresenta, a partir de então, como “ambivalente, predominantemente urbana, que se integra à indústria cultural dominante, consumindo não só os produtos materiais, mas os seus valores: felicidade, amor, lazer etc”, argumenta Abramovay (2013, p.232). Alvo fácil para o consumo de inúmeros produtos voltados para cultura e comportamento, tais como estilos de vida, música, moda, esporte, lazer, entre outros, e também como protagonista de temas como

violência, crime, uso e tráfico de drogas, prostituição e gravidez precoce, a juventude contemporânea é divulgada pela mídia, na maioria das vezes, por meio de estereótipos, veiculando uma visão universal e homogênea dos jovens (ABRAMO, FREITAS, SPÓSITO, 2000) e reforçando a relação entre juventude e violência (TRASSI E MALVASI, 2010), o que corrobora para uma concepção negativa de juventude. Abramovay contesta tal visão negativa, argumentando

(...) que os jovens não são passivos, mas reelaboram influências multiculturais e vivem a globalização no seu cotidiano, seja como possibilidade de ampliar o seu capital cultural, seja como vítimas de uma sociedade de consumo ostentatória, cujo principal traço é suscitar aspirações que, muitas vezes, deságuam em frustrações (ABRAMOVAY, 2013, p.233).

Associadas à visão negativa promovida pela mídia, há também questões relacionadas à escolaridade e ao mercado de trabalho para os jovens que merecem devida atenção. Apesar de importantes conquistas na América Latina no tocante à equidade e qualidade na educação, nas últimas décadas, há ainda carências substanciais a serem supridas ou ao menos minimizadas com relação às oportunidades e possibilidades de produção de conhecimento e conquistas econômico-sociais dos jovens, considerando a defasagem idade/série e a evasão escolar em diferentes contextos histórico-geográficos – o que é considerável no Brasil – como também a dificuldade de conquistar espaço no mercado de trabalho cada vez mais competitivo e escasso. Abramovay ressalta tais defasagens entre educação e expectativas de realização, aliadas ao reduzido interesse dos principais atores do processo produtivo – como empresários, governos e sindicatos – em incorporar os jovens ao mercado de trabalho, como uma “combinação explosiva” que, por sua vez, geram grande frustração e desânimo entre os jovens, “especialmente aqueles provenientes dos estratos mais pobres e excluídos” (ABRAMOVAY, 2013, p.234). Somados a esta combinação explosiva evidenciada pela autora, outros aspectos igualmente preocupantes, como consumo de drogas, acidentes de trânsito, violência, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce e não desejada, potencializam os problemas enfrentados pelos jovens na atualidade, apontando um cenário complexo e muito difícil para a juventude atual. No entanto, ainda que essas questões reais sejam marcantes nas juventudes contemporâneas – e, por isso mesmo, não devem ser ignoradas pelas instituições governamentais e acadêmicas –, os jovens vêm sendo, na última década, abordados em pesquisas como

(...) potenciais agentes, ou anunciadores de mudanças, estando incluído o que denominamos de “vulnerabilidades positivas”, como questionar tradições sem lastro democrático, rebelar-se contra estereótipos, tabus, preconceitos; demonstrar vontade crítica de saber e construir; buscar autonomia e participação, curiosidade e orientação gregária (ABRAMOVAY, 2013, P.233).

Nessa perspectiva, os jovens são, portanto, vistos como sujeitos ativos no processo histórico, sendo também responsáveis pela transformação social, podendo atuar no cenário político e artístico-cultural, ainda que as adversidades sejam inúmeras. Para que seja possível, cabe à sociedade, portanto, compreendê-los como sujeitos de uma categoria social que constrói o presente e não exclusivamente responsável pelo futuro, auxiliando-os a potencializarem suas capacidades e possibilidades de atuação social via construção de conhecimento, estimulando-os e impulsionando-os a uma análise crítica das questões político-sociais, gerando espaços de criação por meio de práticas alternativas de educação baseadas na pluralidade cultural. Spósito (1996, p. 22) argumenta que “o universo da produção cultural e das artes, em especial, a música, a poesia, o teatro e a dança ocupam grande parte do universo de interesse juvenil”, o que aponta um território fértil para uma sociabilidade educativa em diversos espaços de formação, onde sejam privilegiadas a relação entre os jovens e o conhecimento, a arte, o lazer, a política, a cibercultura, entre outros aspectos relevantes no processo de construção identitária dos jovens; espaços que evoquem diferentes experiências éticas e estéticas, dando voz ao corpo e corpo à voz dos jovens contemporâneos.

Macêdo (2013, p.312-313) defende a ideia do jovem como sujeito de ações transformadoras da/na sociedade, pois as juventudes apresentam “uma grande capacidade de mobilizar, de formular proposições e de empreender mudanças sociais”. A autora acrescenta que a participação dos jovens em projetos que visam a coletividade pode trazer benefícios em diferentes aspectos: jovens socialmente mais responsáveis, cooperativos e saudáveis, avessos a comportamentos antissociais, comprometidos com as transformações sociais. Nesse sentido, as diversas instituições envolvidas na formação dos jovens, em especial a escola, podem contribuir na produção de subjetividades das juventudes que se apresentam no universo contemporâneo, o que sinaliza a necessidade de uma “reflexão acerca dos jovens na Educação em meio a essas transformações e aos novos paradigmas que se apresentam e afetam o modo como grupos juvenis se constituem, tanto como sujeitos, quanto sujeitados do processo” (ADAD, 2013, p. 10).

Ao que parece, de acordo com autores aqui citados a partir de suas pesquisas realizadas com jovens no Brasil, tal reflexão inclui (re) pensar as culturas juvenis e os espaços ocupados pelos jovens na contemporaneidade – espaços geográficos, sociais e

virtuais – e suas articulações com temas como: os jovens e o lazer, os jovens e a arte, os jovens e a política, os jovens e o ciberespaço, os jovens e o consumo, os jovens e a violência, os jovens e as questões de gênero e etnia, os jovens e os jovens, entre tantos outros; ou seja, analisar as múltiplas faces das juventudes em cena que compõem o caleidoscópio deste conceito plural. Neste trabalho, ao considerarmos o perfil dos jovens aqui pesquisados, algumas dessas faces serão pinçadas para a análise: a relação dos jovens com a arte e com o lazer, os espaços geográficos onde vivem e transitam e as relações estabelecidas entre os jovens no ciberespaço.

Sobre os espaços de cultura, arte e lazer para a juventude, Sales (2013, p.416), argumenta que estes “são apresentados como alternativa de participação, para que os/as jovens possam reagir à exclusão econômica, social e cultural. Contudo, esses espaços não atendem a demanda tanto no que se refere à quantidade quanto às necessidades e satisfação pessoal dos jovens”, portanto, nota-se ser importante um maior investimento das instituições em espaços e estratégias que possibilitem aos jovens lazer, arte e cultura – considerando a pluralidade das culturas juvenis, com suas distintas características e perfis, independente da camada social a qual pertencem – de forma que os jovens possam desenvolver ações em que pulsem o desejo e o talento individual e, ao mesmo tempo, o coletivo, para que o lazer seja, de fato, prazer, contemplando preferências e diversidades e, sobretudo, produzindo significados para novas interações entre os jovens. Outra questão que merece atenção é o fato de os jovens serem alvo da indústria cultural como consumidores em potencial, o que torna diversas situações de convívio social e de lazer acessíveis apenas àqueles que podem comprá-las, excluindo, portanto, a maioria dos jovens das camadas populares com limitada disponibilidade financeira para consumir o que o mercado oferece. Como enfatiza a argentina Sarlo (2013, p.54) “o mercado ganha relevo e corteja a juventude, depois de instituí-la como protagonista da maioria de seus mitos” e os jovens “passam da novela familiar de uma infância cada vez mais breve para o folhetim hiper-realista que põe em cena a dança das mercadorias diante dos que podem pagar por elas e também daqueles outros consumidores imaginários, aqueles que são mais pobres”. De acordo com Sales (2013, p. 416), “o lazer se transforma em mercadoria, com toda uma estratégia de marketing, com suas ofertas de espaços privatizados”, dificultando, dessa maneira, o acesso aos menos privilegiados economicamente; segundo a autora, “as pesquisas sobre juventude demonstram a necessidade de espaços de lazer, de sociabilidade, onde os jovens possam

criar suas linguagens, seus registros de comunicação, para sair do isolamento e enfrentar sua realidade” e que “não podemos deixar de considerar como o lazer, a arte e o esporte são operados de forma coletiva e também são elementos fundamentais na vida dos jovens” (SALES, 2013, p. 427 - 429). Nessa perspectiva, compreende-se, então, que a existência de espaços coletivos onde os jovens possam se reunir e trocar experiências a partir de seus interesses voltados à arte, cultura e esportes pode fomentar transformações sociais e gerar novas conexões, levando-os a ultrapassar as fronteiras da comunidade em que vivem.

Ao buscar espaços de lazer e cultura, os jovens ocupam as ruas, transitam em muitos territórios, se apropriam de muitas expressões artísticas provenientes das diferentes culturas juvenis que circulam na sociedade; a música e a dança que emergem dos guetos, o *hip hop*, o *RAP*, o *funk*, o *break*, o grafite, os mangás, as tatuagens, entre outras manifestações da cultura urbana, compõem a cena das juventudes na sociedade contemporânea. A capacidade de transitar em diferentes espaços geográficos, virtuais e sociais permite aos jovens ampliar o leque de escolhas, o que, por sua vez, favorece o processo de hibridização cultural anunciado por Sarlo (2013). Nesse processo, o corpo é território de manifestação dessas escolhas e dessas culturas hibridizadas, tornando-se, também, território de autoafirmação, de definição identitária, de luta pelo seu lugar na sociedade. Como afirma Sampaio (2009, p. 16), “o corpo em seu movimento cotidiano, através de diversas linguagens, anuncia seus desejos e sentidos. Criando cultura, cultivando projetos e sonhando horizontes proclama a vida com dignidade”.

Atrelada à questão dos espaços de convívio e lazer para jovens, o ciberespaço se apresenta como um território promissor para intercâmbio de experiências e articulações das culturas juvenis, pois as relações estabelecidas através das redes sociais digitais possibilitam inúmeros contatos de maneira ágil e eficaz, rompendo barreiras territoriais e sociais; ou seja, jovens de diferentes cidades, e até mesmo de diferentes países e estratos sociais, podem conectar-se através da *web*, trocando informações, estabelecendo vínculos, compartilhando conhecimento, arte e cultura. A internet, inegavelmente, alterou e dilatou o conceito de amizade e, sobretudo, ampliou a forma de comunicação, encontros e associações dos/entre grupos juvenis. Para Ferreira e Oswald (2013, p. 160), hoje, “quase tudo está sendo aspergido e até mesmo unguento pelos pingos digitais das informações e dados que não estão mais em outro plano, separado da vida

chamada “real”, mas se misturam e reinventam os modos de estar no mundo”. As autoras ainda afirmam que

a cultura da mobilidade vem constituindo os modos de ser de jovens urbanos na contemporaneidade e os usos de dispositivos móveis em rede vêm transformando as práticas juvenis relativas à expressão, à comunicação, à aprendizagem, à sociabilidade, ao entretenimento... (FERREIRA e OSWALD, 2013, p.158).

Com isto, conclui-se, portanto, que o acesso à internet por parte dos jovens, ainda que de forma limitada, como no caso de muitos jovens das camadas populares, pode viabilizar a incursão em territórios geográficos e sociais distintos de seu lugar de origem, o que, sem o ciberespaço e as redes sociais digitais, talvez não fosse possível. No mundo virtual, os jovens da periferia, por exemplo, não estão isolados, pois os entraves geográficos são transponíveis por meio da internet e os possíveis impasses relacionais ou o difícil acesso aos jovens de outras esferas sociais podem ser diluídos a partir do momento em que os jovens periféricos têm algo instigante a propor e a compartilhar na internet. O ciberespaço, como afirma Santos (2002, p.117), é um “espaço de comunicação potencialmente interativo, pois permite uma comunicação todos-todos”, o que permite uma conexão entre diferentes sujeitos que, ao mesmo tempo, são “consumidores e produtores de informação” (COUTO JUNIOR, 2013, p. 40), independente de onde vivem ou do grupo social do qual fazem parte – no caso dos jovens, independente também das diferentes culturas juvenis coexistentes. Couto Junior (2013, p. 36) alerta que a juventude conectada pela rede mundial de computadores “navega com seus pares pelas redes sociais digitais por meio de um grande fluxo de conteúdo que é produzido de forma rápida pelos próprios usuários” e que, por isso, a “cultura digital vem modificando a relação da juventude com a informação e o conhecimento”, já que a relação que se estabelece no ciberespaço “é pautada numa perspectiva da colaboração em rede, sem linearidade e centralidade, rompendo com a ideia de que o conhecimento se transmite unidirecionalmente”(COUTO JUNIOR, 2013, p.34). O autor enfatiza ainda que é inevitável “reconhecer que os jovens vêm manifestando-se culturalmente nas redes sociais digitais, deixando marcas que revelam modos diversos de se apropriarem das interfaces comunicacionais”(COUTO JUNIOR, 2013, p.38) e ressalta que há enorme resistência por parte dos adultos que frequentam tais redes em reconhecerem e compreenderem as apropriações e produções realizadas pelos jovens no espaço virtual. Ao problematizar tal questão, Couto Junior traz

relevante indagação para se pensar a atuação dos jovens como produtores de conhecimento:

Como seria possível compreender os jovens como produtores de sentidos e autores que tecem coletivamente saberes, deixando marcas e manifestações culturais nas redes sociais digitais, se eu não os reconheço efetivamente como sujeitos sócio-históricos? (COUTO JUNIOR, 2013, p. 37).

Tal questionamento ressalta a importância dos jovens serem compreendidos pelo universo adulto – seja família, escola, pesquisador – como seres capazes de produzir conhecimento a partir dos saberes coletivos compartilhados em distintos espaços, incluindo o virtual. Em consonância com o questionamento de Couto Junior, a concepção de juventude assumida neste trabalho também está afinada com as demais abordagens aqui referendadas pelos pesquisadores da(s) juventude(s) citados anteriormente quando enfatizam a pluralidade das culturas juvenis, suas múltiplas faces e territórios, quando reiteram a relevância dos jovens como sujeitos do presente, produtores de história e cultura, desconstruindo a imagem negativa da juventude veiculada pela mídia, ressaltando a capacidade de mobilização dos jovens contemporâneos como sujeitos capazes de elaborar coletivamente proposições que impulsionam importantes mudanças sociais. Portanto, para a análise da relação dos jovens pesquisados com a leitura literária e suas produções poéticas autorais, assume-se, nesta tese, uma concepção de juventude que percebe

a existência não de uma juventude, mas de uma diversidade dela na vivência desse momento de vida, ou seja, de uma pluralidade de juventudes, como grupos sociais concretos encontrados em cada recorte sociocultural que se fizer: classe social, etnia, religião, estrato, gênero, cidade, campo, cada um com características, símbolos, comportamentos, subculturas e sentimentos próprios (MACÊDO, 2013, p. 312-313).

2.2. Os jovens e a leitura literária

Ler com os outros: expor os signos do heterogêneo, multiplicar suas ressonâncias, pluralizar seus sentidos. [...] Por isso, a amizade de ler com implica-se na amizade de aprender com, no se em-com-trar do aprender. [...] Ler não é o instrumento ou acesso à homogeneidade do saber, mas o movimento da pluralidade do aprender [...] não como uma doutrina a ser assimilada [mas] como uma abertura para o múltiplo [...] uma comunidade que não é a do consenso mas, sim, a da amizade (LAROSSA, 2010, p. 143-144).

Ao compreender os jovens como sujeitos gregários, com culturas próprias e multifacetadas, situados historicamente e, sobretudo, agentes sociais capazes de promover alterações na sociedade da qual fazem parte a partir de ações coletivas, reitera-se não somente a pluralidade do conceito de juventude como também sublinha-se a necessidade da ampliação de pesquisas que busquem “compreender os jovens a partir de suas experiências, percepções, sociabilidade e atuação”, como propõe Sposito (2009), para além da temática juventude e escola. Nessa perspectiva, a escolha em pesquisar, nesta tese, a relação dos jovens de periferia com a literatura, em especial com a poesia, fora do espaço escolar, implica em pensar nas articulações possíveis entre grupos juvenis e leitura literária, compreendendo, como propõe Larossa, que a leitura compartilhada promove trocas de saberes, pluraliza o aprender, amplia e fortalece vínculos afetivos. Na tentativa de aprofundar a reflexão sobre as conexões estabelecidas entre os jovens e a literatura ou via literatura, as pesquisas da francesa Michèle Petit (2008, 2009) foram importantes referências, já que a autora estuda a relação destes sujeitos com os livros e a leitura literária em contextos sociais desfavoráveis em bairros de periferia da França e de alguns países da América Latina, incluindo o Brasil. Entre algumas de suas considerações, Petit afirma que, para os jovens,

(...) muita coisa está em jogo na leitura. E que há um domínio no qual, para eles, o livro supera o audiovisual: o domínio que se abre para o sonho e que permite construir-se a si mesmo. A leitura pode até mesmo tornar-se vital quando sentem que alguma coisa os singulariza; uma dificuldade afetiva, a solidão, uma hipersensibilidade – todas essas situações que são partilhadas por muita gente, mas tantas vezes negadas. Os livros se oferecem a eles, e mais ainda a elas, quando tudo parece estar fechado: suas feridas e suas esperanças secretas, outros souberam dizê-las, com palavras que os libertam, que revelam algo que eles, ou elas, ainda não sabiam que eram (PETIT, 2008, p.56).

Nessa perspectiva, percebe-se que a presença da literatura na formação dos jovens cumpre um papel importante, sendo não somente uma via de ampliação de conhecimento como também uma via de construção da personalidade e identidade, pois proporciona uma relação intensa entre mundo interior e exterior, ou seja, entre subjetividade e objetividade, contribuindo para o entendimento do lugar que podem ocupar na sociedade, de onde querem estar e como podem estar no meio social, que postura podem assumir como cidadãos produtores de cultura e história. Como sublinha Petit, ainda que essa leitura seja esporádica no cotidiano dos jovens, com ela

podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização. Compreendemos que ela os ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro. (...) a leitura, em particular a leitura de livros, pode ajudar os jovens a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos

repressivos ou paternalistas. E que ela pode representar uma espécie de atalho que leva de uma intimidade um tanto rebelde à cidadania (PETIT, 2008, p.19).

A pesquisadora, ao enfatizar a importância da leitura na construção da personalidade dos jovens, ressalta a relevância de duas vertentes essenciais na construção da subjetividade e na busca do conhecimento: a leitura solitária e as leituras compartilhadas. Vertentes distintas que se complementam na formação do leitor jovem porque possibilitam diferentes apropriações e vivências literárias, permitindo um intenso diálogo entre autor (es), obra(s) e leitor(es) – seja no contexto individual, em que o leitor, para além de apreciador, complementa e reinaugura o texto a cada leitura, seja no contexto coletivo, em que as leituras em grupo ganham múltiplas dimensões ao serem compartilhadas, debatidas, sentidas, interpretadas –, pois, como afirma a autora, “o leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, introduz variantes, (...) deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo” (PETIT, 2008, p. 28). Nesse sentido, Petit dialoga com Bakhtin quando este, ao abordar a relação entre autor e obra, afirma que “o artístico é uma forma especial de inter-relação entre criador e contemplador fixada em uma obra de arte” (BAKHTIN, 2003, p.3). Portanto, ao longo do percurso da leitura trilhado pelo leitor jovem, os autores podem ajudá-los a compreender angústias e anseios despertados pelo corpo que descobre novas sensações, a vivenciar profundas experiências humanas por entre as linhas de uma narrativa, a viver lutos, amores, dramas internos tecidos em prosa ou verso. Em suas pesquisas publicadas nos livros *Os Jovens e a leitura* e *El arte de la lectura en tiempos de crisis*, Petit (2008;2009) relata que jovens, de camadas desfavorecidas economicamente, encontram na literatura não somente uma via de acesso ao conhecimento da história e da cultura em que estão inseridos como também referências para se pensarem e pensarem o lugar que ocupam no mundo. A autora ainda argumenta que

os jovens (...) têm uma grande necessidade de saber, uma necessidade de se expressar bem, e de expressar bem o que eles são, uma necessidade de histórias que constitui nossa especificidade humana. Têm uma exigência poética, uma necessidade de sonhar, imaginar, encontrar sentido, se pensar, pensar sua história singular de rapaz ou moça dotado de um corpo sexuado frágil, de um coração impetuoso e hesitante, de impulsos e sentimentos contraditórios que integram com dificuldade, de uma história familiar complexa que muitas vezes contém lacunas. Sentem curiosidade por este mundo contemporâneo no qual se veem confrontados a tantas adversidades, e que lhes deixa muito pouco espaço. Também têm (...) um grande desejo de serem ouvidos, reconhecidos; um grande desejo de troca e de encontros personalizados (PETIT, 2008, p. 57-58).

Petit também observa, a partir dos jovens por ela pesquisados, que, em contato com a leitura literária, muitos deles “extraem alguns fragmentos, uma frase, uma

metáfora, que copiam ou esquecem rapidamente, mas que de todo modo deslocam o ponto de vista a partir do qual se pensam ou pensam sua relação com o mundo” (PETIT, 2008, p. 57), o que revela que os textos literários têm muito a dizer aos jovens, pois podem aguçar reflexões, provocar deslocamentos, alterar opiniões, incitar novas buscas, impulsionar posicionamentos, dilatar apropriações e interpretações. Dessa forma, a leitura literária pode interferir na estrutura psíquica dos jovens, afetar o seus campos cognitivo e emocional, ampliar seus territórios de circulação, inaugurar esferas sociais, alimentar e potencializar a circularidade entre três vertentes fundamentais do humano abordadas por Vigotisky (2009): a experiência, a imaginação e a criação. Petit (2008, p.51), ao contar sobre o que a mobilizou para a realização de sua pesquisa que busca compreender “a contribuição das bibliotecas públicas na luta contra os processos de exclusão e marginalização”, cita um jovem do Chade, que se tornou um conhecido cantor de RAP na França, e sua relação com os livros ao descobrir “um tesouro, uma grande biblioteca”, vindo a ser, como ele mesmo intitulava-se, “um toureiro lexical”, podendo domar ou subverter as palavras em sua arte. Petit traz também a voz de Matoub, um jovem argelino de pais analfabetos que se apaixonou pelos livros dos poetas Rimbaud e Breton e que teve seu pensamento e destino marcados pelas leituras, tornando-se um estudante de Letras:

Não quero ser culto, não ligo à mínima, o que me interessa, em relação à literatura, é experimentar uma emoção, sentir-me próximo das outras pessoas capazes de expressar pensamentos que posso ter. (...) Rimbaud me transformou, provocou em mim uma revolução interior e sensível. Mudou minha maneira de ver as coisas (PETIT, 2008, p.75).

Outro importante aspecto discutido pela pesquisadora é o fato de que a leitura pode instaurar círculos de pertencimento em que os sujeitos leitores podem compartilhar – além de leituras, autores e gêneros literários – concepções de mundo e lugares ocupados ou não ocupados por eles nesse tempo/espaço marcado por dissonâncias socioeconômicas e culturais tão graves, gerando, assim, vínculos que podem contribuir na construção da identidade e da personalidade nessa fase delineada por mudanças do ponto de vista biológico e psicológico crivadas pelos aspectos sociais. Nessa perspectiva, Petit defende que

a leitura (...) convida a outras formas de vínculo social, a outras formas de compartilhar, de socializar, diferentes daquelas em que todos se unem, como se fossem um só homem, ao redor de um chefe ou de uma bandeira. Ler é conhecer a experiência de homens e mulheres, daqui ou de outros lugares, de nossa época ou de épocas passadas, transcrita em palavras que podem ensinar muito sobre nós mesmos, sobre certas regiões de nós mesmos que ainda não havíamos explorado, ou que não havíamos conseguido expressar. Ao longo das páginas, experimentamos em nós, a um só tempo, a verdade mais íntima, e a humanidade compartilhada. E esses textos que alguém nos passa, e que também passamos a outros, representam uma abertura para círculos

de pertencimento mais amplos, que se estendem para além do parentesco, da localidade, da etnicidade (PETIT, 2008, p.94-95).

As análises de Petit sobre a relação dos jovens e a leitura em suas pesquisas atentam para o fato de que a juventude é um momento delicado, por vezes doloroso, emoldurado por dramas internos, em que os sujeitos em construção não encontraram, ainda, seu lugar no mundo e que parecem ter a impressão de que não há lugar para eles neste mundo já ocupado pelos adultos que, em geral, estabelecem regras, determinam leis, definem quais seriam os comportamentos adequados. Tempo marcado por angústias, transformações, dúvidas, solidão, ainda que vivam em grupo, e também por emoções, tensões, desejos e pulsões incontroláveis ou incompreensíveis muitas das vezes pelos adultos que os cercam. Tempo em que habitam um “não lugar”, pois não se veem mais crianças e também não se encaixam no mundo adulto, não por uma questão cronológica ou biológica apenas, mas, sobretudo, por não compreenderem a lógica que rege o universo familiar ou escolar, por exemplo. O que lhes parece restar nesse tempo-espço ainda indefinido são os círculos sociais, onde, possivelmente, podem encontrar pares para compartilhar anseios, angústias, preferências, desilusões e sonhos delineados pelo desejo de estar no mundo, que oscila entre um lugar hostil por não lhes conceder a liberdade de ser e estar e, também, o lugar mais apropriado para voos inéditos e transgressões. E ao compreendermos esse tempo de não lugar, de transgressões e desejos intensos dos jovens, compreendemos também que os espaços coletivos onde os jovens circulam talvez sejam espaços-frestas nos quais os adultos possam atuar de maneira a contribuir no processo de construção da personalidade e identidade, aproximando os jovens da arte, da literatura e, até mesmo, os jovens dos próprios jovens via arte/ literatura, promovendo encontros em que haja tempo para ler, ouvir, apreciar obras literárias que muito podem ajudar na formação dos jovens de qualquer meio social, pois como alega Petit (2009, p.99-100):

a reorganização de um universo simbólico, de um universo linguístico, por meio da leitura, pode contribuir para que os jovens realizem algumas transformações, reais ou simbólicas, em diferentes campos: transformações no percurso escolar e profissional que lhes permitem ir mais longe do que a programação social poderia levá-los; transformações na apresentação que têm de si mesmos, na maneira de se pensar, se dizer, se situar, no tipo de relações estabelecidas com sua família, seu grupo e sua cultura de origem; transformações nos papéis que lhes foram atribuídos pelo fato de terem nascido menino ou menina; transformações nas formas de sociabilidade e solidariedade; transformações na maneira de morar e de perceber o bairro, a cidade, o país em que vivem.... A leitura contribui (...) para que os jovens se tornem um pouco mais atores de suas vidas, um pouco mais donos de seus destinos e não somente objetos de discurso dos outros. Ajuda-os a sair dos lugares prescritos, a se diferenciar dos rótulos estigmatizantes que os excluem, e também das expectativas dos pais ou dos amigos, ou mesmo do que cada um deles acreditava, até então, que era o mais adequado para o definir.

Cosson (2014, p. 13-15), ao discutir a relação dos jovens com a literatura, afirma que há um desaparecimento ou estreitamento do espaço da literatura na escola e que, conseqüentemente, há também um estreitamento nas práticas leitoras das crianças e jovens no espaço escolar, no entanto, “as obras literárias escritas continuam a ser lidas pelos jovens, mas com propósitos bem distintos daqueles esperados pela escola e valorizados culturalmente” (COSSON, 2014, p.21). Considero este um ponto crucial para a reflexão dos adultos envolvidos na formação de jovens leitores e para a análise da relação dos jovens com a leitura literária discutida neste trabalho, em que há o interesse específico em compreender como os jovens de periferia se aproximam da arte e da leitura literária nos espaços e movimentos coletivos nas comunidades de camadas populares, em especial a poesia.

IV. Capítulo III

O território da poesia

3.1 O poema e a atualidade da poesia

O poema não diz /o que a coisa é / mas diz outra coisa / que a coisa quer ser/ pois nada se basta contente de si/ o poeta empresta / às coisas / sua voz – dialeto – e o mundo / no poema / se sonha/ completo (GULLAR, 2004, p.10).

A poesia rege festivais e celebrações épicas desde sua ancestralidade helênica e permanece como força, manifestação e efervescência cultural na cena contemporânea de maneira a reinventar-se em roupagens performáticas, digitais e virtuais, hibridizada com outras artes, multifacetada em vídeo-instalações, em projeções nos espetáculos de teatro e dança, nos palcos musicais ou na batalha de *rappers*. Uma arte que encanta, seduz, desafia e diverte por seu extrato lúdico, pois como afirmou Huizinga (2004, p.136), a poesia “nasceu durante o jogo e enquanto jogo” e “sua origem está inseparavelmente ligada aos princípios da canção e da dança, os quais por sua vez fazem parte da imemorial função do jogo” (op.cit.p.157), e como jogo, enquanto uma atividade que se estabelece por meio de determinados limites espaço-temporais, seguindo ordens e regras específicas, permeado por um sentido de exaltação e tensão, transita no território do arrebatamento e entusiasmo. Da mesma forma, a poesia mantém sua ludicidade através da estrutura rítmica, das possibilidades sonoras, imagéticas e, sobretudo, de seu caráter metafórico. Como enfatiza o autor de *Homo ludens* “o que a linguagem poética faz é essencialmente jogar com as palavras. Ordena-as de maneira harmoniosa, e injeta mistério em cada uma delas, de modo tal que cada imagem passa a encerrar a solução de um enigma” (HUIZINGA,2004,149). Segundo Huizinga (2004, p.133), “a *poiesis* é uma função lúdica, pois ela está para além da seriedade, naquele plano mais primitivo e originário a que pertencem a criança, o selvagem e o visionário, na região do sonho, do encantamento, do êxtase, do riso”. A poesia coloca em jogo, de forma não hierarquizante ou predeterminada, a imaginação, a memória, a intuição, a emoção, a sensibilidade, a sedução, o humor, e, para além da compreensão racional, evoca uma reação estética no ouvinte/leitor.

Em sua arte, os poetas versam sobre dramas, amores, revoltas e conquistas, temas retomados através dos séculos, desde a Antiguidade, e que, no entanto, são sempre inaugurais devido não somente ao contexto em que são retomados mas, sobretudo, ao fato de que a linguagem é viva e de que o poeta é a voz pulsante de uma comunidade. Agamben (2009, p.60), ao discutir as fraturas e obscuridades do contemporâneo, ressalta o protagonismo do poeta na interpretação de seu tempo, pois é “aquele que deve manter fixo o olhar nos olhos do seu século-fera, soldar com seu sangue o dorso quebrado de seu tempo”. Para o filósofo italiano, o poeta antevê o futuro, pois fixa o olhar no seu tempo, enxergando a obscuridade do presente, neutralizando suas luzes e buscando descobrir suas trevas “o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes”; com seu “sangue” convertido em poesia o poeta pode contar sua época e suturar as fraturas de seu tempo. Com a poesia, os poetas revelam o humano, subvertendo a linguagem, que é seu instrumento e aliada, e, por meio dela, como versa Gullar, “o poeta empresta / às coisas / sua voz”, que é também a voz de um tempo e de uma comunidade. O poeta e ensaísta mexicano Otávio Paz (2012, p.13) defende que “cada poeta é um pulsar no rio da linguagem” e, por isso, “quando um poeta adquire um estilo, um jeito, deixa de ser poeta e se transforma em construtor de artefatos literários” (2012, p.25). Ou seja, os poetas, ao concederem à linguagem um tratamento estético, injetando nas palavras mistério e arte, como propõe Huizinga, criam algo novo, que está além da linguagem. Paz (2012, p.53) afirma que “o poeta não é um homem rico em palavras mortas, mas em vozes vivas”, e, por isso, traz as muitas vozes inscritas na sociedade, fazendo emergir a polifonia de que nos fala Bakhtin. Segundo Paz:

A linguagem do poeta é a linguagem de sua comunidade, seja esta qual for. Entre uma e outra se estabelece um jogo recíproco de influências, um sistema de vasos comunicantes. O poema se alimenta da linguagem viva de uma comunidade, de seus mitos, seus sonhos e suas paixões, ou seja, de suas tendências mais secretas e poderosas. (...) O poema é mediação entre sociedade e aquilo que a funda. Sem Homero, o povo grego não seria o que foi. O poema nos revela o que somos e nos convida a ser o que somos (PAZ, 2012, p.48-49).

Ao discutir a força do poema enquanto gênero discursivo torna-se indispensável pensar o binômio poema/poesia, compreendendo o gênero poema como uma das faces da poesia; em muitas ocasiões, o poema é também nomeado ou generalizado como poesia e os sentidos desses dois vocábulos se entrelaçam e se complementam, por isso, há nuances que merecem ser delineadas. O que pode ser denominado como poema vem a ser o texto que, em geral, traz em sua arquitetura versos e estrofes que se organizam

com ritmos dados por recursos diversos da língua como rimas, assonâncias, aliterações e imagens dadas pelas figuras da linguagem como comparações, metáforas, paradoxo, antítese, entre outras. Embora haja também poemas que escapam da organização espacial em versos e estrofes, como os poemas concretos nos quais a forma extrapola a linearidade da pauta, explode no espaço da página para suscitar sentidos também por meio da forma; e como a prosa poética, que num percurso espacial parecido com o da prosa preserva a fruição e a função estética do poema. O conceito de poesia, por sua vez, extrapola o corpo do poema, está para além do gênero discursivo. Paz (2012, p.22) define o poema como “um organismo verbal que contém, suscita ou emite poesia” e sobre essa questão o autor ainda elucida que:

no interior de um estilo é possível descobrir o que distingue um poema de um tratado em verso, um quadro de uma lâmina educativa, um móvel de uma escultura. Esse elemento distintivo é a poesia. Só ela pode mostrar-nos a diferença entre criação e estilo, obra de arte e utensílio. (...) Palavras, sons, cores e outros materiais sofrem uma transmutação quando ingressam no círculo da poesia. Sem deixar de ser instrumentos de significação e comunicação, transformam-se em “outra coisa” (PAZ, 2012, p.28-30).

Ao considerar a concepção de Octavio Paz sobre poema e poesia, é perceptível que a poesia pode estar presente em outros textos que não sejam poemas, ou até mesmo em outras expressões artísticas, ou seja, a poesia transita, extrapola, transborda a anatomia de um texto, de um gênero, de uma obra; ao mesmo tempo, é possível dizer, a partir de Paz (2012, p.22), que nem todo poema contém poesia, pois pode haver na arte da escrita máquinas de fazer rimas, no entanto não há máquinas de poetizar. A poesia configura-se na sofisticação da tessitura de imagens delineadas pela linguagem, no estranhamento e alumbramento provocados pelo deslocamento da linguagem cotidiana, enfim, nas provocações e interpretações que suscita pela enunciação, pelo ritmo, pela rede das figuras de linguagem, podendo tornar o texto literário mais denso, mais complexo e também arrebatador. A leitura de um poema possibilita ao leitor uma experiência que o insere no processo de criação, já que, como toda obra literária, ele é uma obra inacabada, complementando-se, portanto, através de quem o lê; nesse gesto/ato de leitura o leitor recria o poema lido, sentindo-o, vivendo-o, fruindo-o, pois, assim como o idioma, o poema é algo vivo, pulsante, em movimento, e sua linguagem, ao extrapolar a sintaxe e o dicionário, provoca múltiplas interpretações, sensações, experimentações.

Composto por muitas faces, um poema pode se apresentar em quadras, sonetos, versos livres, hai-cais, poemas visuais, vídeo-poemas, poema-minuto, letras de música,

RAP, entre outros, mas, será sempre regido por dois elementos fundamentais: ritmo e imagem. O ritmo, como já posto anteriormente, cadenciado pelas figuras sonoras que geram a rede acústica do poema – como as rimas, aliterações e assonâncias – e as imagens – estas evocadas pelas metáforas, comparações, analogias, antíteses –, fundidos em forma e conteúdo, compõem a tessitura poética. Nesse sentido, o aspecto gráfico também interfere na relação entre palavra, imagem, conceito, pois o que é dito/escrito ganha uma intencional disposição sobre as páginas, onde o formato e tamanho das letras, os espaços, os brancos da página, que sinalizam pausas, silêncios e vazios, desenham sons e imagens e provocam múltiplos sentidos. Conjugados em equilibrada cadência, os efeitos sonoros, gráficos e imagéticos tornam o poema um texto polissêmico e imprevisível, repleto de surpresas e suscetível a diferentes apropriações em diversos tempos e espaços. Configura-se como gênero que transcende a linguagem instrumental de uso cotidiano e possibilita, assim, uma apreensão estética da linguagem. Como argumenta Cademartori (2009, p. 104),

Na poesia, a intuição se impõe sobre a compreensão; a imagem, sobre o conceito; a instabilidade, sobre a certeza. (...) Se é próprio da poesia explorar a aproximação de sons em um mesmo verso, ou em uma mesma estrofe, gerando, pela repetição, efeitos sonoros e sugestivos especiais, é, no entanto, da instabilidade dos sentidos, da surpresa do arranjo e da tensão que se estabelece na linguagem, que provém o impacto que em nós causam as expressões poéticas. Desse modo, pode-se dizer que a poesia, ao mesmo tempo, repete e inventa; reitera e rompe, em aparente contradição.

O jogo poético é instaurado pela capacidade que a poesia tem de “tocar a realidade da língua acendendo seu avesso”, como afirma Colomer (2007, p. 176) e, por isso, a escrita poética “é menos submissa a funções comunicativas externas à mesma língua que outros tipos de discurso”. A leitura de um poema nunca é linear, pois o ir e vir dos versos, os ritmos e imagens construídos pelos recursos linguísticos, implicam numa leitura em camadas, deslocando o leitor da superfície do texto para um mergulho na unicidade significante-significado, o que provoca uma experimentação estética e, ao mesmo tempo, poética da linguagem:

a leitura de poemas desestabiliza a leitura espontânea, fere a ordem lógico-referencial de nossos hábitos de compreensão e representação do mundo e torna visível o processo de construção do sentido. A elipse, a concentração, o potencial alusivo e a semantização de todos os níveis dos textos da poesia requerem um esforço interpretativo maior do que o habitual em outras leituras. Aprender a ler um poema é aprender a construir sua coerência, apoiando-se sucessivamente nas “zonas legíveis” para o leitor que busca sentido através de entradas sucessivas. Com esta forma de proceder se ampliam as competências de análise e de integração como operações intelectuais básicas em nossa interpretação da realidade (COLOMER, 2007, p.177).

Por suas características específicas, o poema requer um tempo dilatado de imersão, concentração, contemplação, o que, por sua vez, pode provocar o

redirecionamento do olhar para se ver, ler o mundo. Segundo o poeta e filósofo Antonio Cicero (2014, p. 382), outras expressões artísticas talvez não exijam o mesmo tempo e nível de concentração para sua apreciação – uma música, uma pintura, uma escultura, uma obra arquitetônica pode ser vista *en passant*, ainda que não mergulhemos profundamente em sua unidade forma/conteúdo. Já o poema exige uma imersão mais densa no corpo do texto para que seus elementos possam capturar o leitor/ouvinte. Em suma, é preciso olhos e ouvidos atentos e lentes dilatadas para ler, ouvir, fruir um poema, pois trata-se de um gênero que desafia o leitor ao apresentar uma gama de correlações improváveis e sentidos imprevisíveis na linguagem instrumental, seja via recursos sonoros e gráficos, seja via figuras de linguagem. No percurso da leitura de um poema, o leitor precisa realizar uma estratigrafia nas diversas camadas que os versos trazem, percorrendo suas nuances sonoras, imagéticas, conceituais, para que se complete a circularidade do ler, sentir, fruir o poema. Por promover um jogo de múltiplos sentidos é possível afirmar, como Cademartori (2009, p.104), que “a poesia desarma a maneira convencional de perceber o mundo, fazendo o leitor ouvinte descobrir outros possíveis aspectos dele”.

Cícero, em seu ensaio *Poesia e Filosofia* no livro *Finalidades sem fim* (2005, p.106), destaca que no poema, enquanto “locução poema”, não se separam os significados dos significantes, ou seja, “aquilo que o poema diz é inseparável do seu próprio ser” (CICERO, 2005, p.134) e que, sobretudo, nele não se separam forma e conteúdo – como também afirma Bakhtin (2006) a respeito da arte, em geral –, pois “a forma se identifica imediatamente com a materialidade sonora ou gráfica do poema” e, por isso, o que os poemas dizem não pode/deve ser separado do seu modo de dizê-lo, ou seja, não pode ser dito de outra forma, o que impossibilitará paráfrases para alcançar o que diz um poema; “na condição de poema, o que ele diz sobre alguma coisa não é um fim, mas apenas um meio” (CICERO,2014,p.171). O poeta e filósofo Cícero afirma ainda que “com a linguagem, o poeta produz poemas, isto é, objetos linguísticos cujo sentido primordial não é funcionarem como meios para o conhecimento e/ou a comunicação, mas serem fruídos como obras de arte, isto é, como fins em si” (CICERO, 2014, p.374). Dessa maneira, o poema cumpre uma função estética que, por sua vez, provoca uma apreensão estética do ser:

Quando se lê um poema, não se põe entre parênteses a política, por exemplo, tal como nela se manifesta. O que ocorre é que a política, não passando de um dos componentes através dos quais a obra é considerada, não é o único nem necessariamente o principal a determinar seu valor. A obra é mediatizada por todos os seus demais componentes, que, por sua vez são por ela mediatizados. A apreensão estética do ser significa uma disponibilidade tal às manifestações do

ser que as distinções utilitárias estabelecidas pelo entendimento, embora não sejam anuladas, deixam de ter a última – ou a única – palavra (CÍCERO, 2014, p.373).

Nesse sentido, o que Antonio Cícero alerta é que a leitura de um poema requer do leitor a sobreposição da apreensão instrumental da linguagem por meio da apreensão estética, isto é, não se lê um poema como se lê um artigo científico, uma notícia de jornal, uma bula de remédio, pois o poema exige um esforço e empenho além da concentração, além do entendimento, além da razão; o poema evoca um “estado em que, tendo sido posta em parênteses a apreensão instrumental, abre-se a apreensão estética do ser” (CÍCERO, 2014, p.379). E sobre a relação entre a poesia e a apreensão estética do ser, o autor argumenta:

A poesia usa a linguagem de um modo que, do ponto de vista convencional e cotidiano, aparece como subversivo ou perverso. É que a linguagem convencional e cotidiana, sendo a linguagem do entendimento – a prosa do mundo – não é capaz de apreender o ser enquanto tal, independentemente de lhe atribuir qualquer função instrumental. Ora, tal apreensão – estética – do ser é a que a poesia faculta ao seu leitor (CÍCERO, 2014, p.380).

Em suma, na leitura de um poema a apreensão estética do ser se dá por meio da apreensão de todos os seus componentes para além da forma fixa. Neste caso, a apreensão estética do ser acontece na apreensão da interpenetração entre significante, significado e sentido que ocorre em um poema. A produção de sentidos se dá no mergulho nos versos tecidos em palavras, imagens, metáforas, metonímias, ritmos, pausas, espaços, alusões, sugestões... Neste percurso, a apreciação de um poema escrito pode ser potencializada pela leitura em voz alta, de maneira que o leitor confunda sua própria voz com a voz do poema. Como propõe Cicero, uma leitura para dentro e não para fora:

Ao ler um poema dessa maneira, o tornamos nosso: fazemos nossas as suas palavras, no sentido de que pensamos com elas e em torno delas, como se fossem nossas. A nossa subjetividade se confunde desse modo, em grande medida, com a objetividade da obra de arte que é o poema (CÍCERO, 2014, p. 377).

Nesse sentido, o dizer um poema em voz alta convoca o leitor a uma experimentação cautelosa e demorada e, conseqüentemente, mais densa e intensa daquilo que é dito/lido, o que, por sua vez, requer um tempo dilatado e uma maior disponibilidade de quem lê para o alcance do que aqui chamamos de apreensão estética – isto é, o subverter e transcender a linguagem cotidiana, instrumental, para alcançar o poético.

Ora, diante de um mundo extremamente veloz, onde reinam acirradas disputas regidas pelo capital, um mundo volátil em que as informações mais contundentes ou

novidades banais são processadas e publicadas em tempo real, em que o digital invade vidas e espaços de convívio, em que o compartilhar algo quase sempre se dá na esfera virtual, a apreensão instrumental da realidade rivaliza, permanentemente, com a apreensão estética do ser. E tal rivalidade provoca algumas indagações importantes para esta pesquisa: há espaço para a poesia na cena contemporânea? Existe, na atualidade, tempo para a apreciação de um poema? Há escuta para a voz do poeta, que é também a voz de uma comunidade e, portanto, polifonia social? Em suma, precisamos da poesia, dos poemas, dos poetas no mundo contemporâneo?

É verdade que o fruir um poema exige do ouvinte/leitor um tempo suspenso do mundo instrumental e que poucos se permitem mergulhar neste espaço do poema – esta liga de forma e conteúdo – via apreensão estética, colocando-se à disposição do poema para sentir e pensar com ele e por meio dele com/em profundidade, e talvez, por isso, muitos questionem a importância e/ou o lugar da poesia no mundo atual, crivado pelas disputas contemporâneas já explicitadas anteriormente. Em defesa do território da poesia, evoco aqui, uma vez mais, o poeta e filósofo Antonio Cicero (2014, p.382):

Para fruir um poema, é preciso nele imergir. E como tal imersão não combina com a temporalidade acelerada no presente, muitos afirmam que a poesia simplesmente não tem lugar neste mundo. Pois bem, é exatamente por não se ajustar à temporalidade acelerada do presente que a poesia é necessária hoje. Afinal, a temporalidade acelerada corresponde à apreensão instrumental do ser. Assim, é bom que a poesia, longe de se ajustar a ela, relativize-a, uma vez que nos dá acesso a esse outro modo de apreensão do ser e do tempo – o estético – que enriquece imensamente a vida humana.

Para dimensionarmos a importância da poesia na atualidade, como defende Cicero, faz-se necessário também compreender a profunda relação entre poesia e história evidente nas considerações de Otávio Paz (2012, p. 191-192):

O poema, ser de palavras, vai além das palavras, e a história não esgota o sentido do poema; porém o poema não teria sentido – nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta. As palavras do poeta, justamente por serem palavras, são suas e são dos outros. Por um lado são históricas: pertencem a um povo e a um momento da fala desse povo: são datadas. Por outro, são anteriores a qualquer data: são um começo absoluto. (...) Sem palavra comum não há poema; sem palavra poética, tampouco há sociedade, Estado, Igreja ou comunidade alguma. A palavra poética é histórica em dois sentidos complementares, inseparáveis e contraditórios: no sentido de construir um produto social e no de ser uma condição prévia à existência de toda sociedade

E por ser a poesia a voz de uma comunidade, a linguagem que alimenta/sustenta o poema é a própria história, sendo ele a mediação e revelação de experiências que transcendem o tempo linear, cronológico, alcançando uma categoria temporal flutuante sempre com “avidez de presente”, como enuncia Paz (2012, p.194), e, por isso, precisa, hoje e sempre, estar na voz dos homens, entre os homens, se repetindo e se

reinventando no mundo contemporâneo – tempo em que o intercâmbio de experiências anda tão escasso, como alerta Benjamin (1994). A força da poesia está, especialmente, em sua permanência – por ser também história – e em sua urgência – por ser tempo presente pulsante na voz do poeta que, ao falar de si e por si, fala também de nós: “revela o que somos e nos convoca a ser o que somos”. A esse respeito, reitera Paz (2012, p.193):

Ao contrário do que acontece com os axiomas dos matemáticos, as verdades dos físicos ou as ideias dos filósofos, o poema não abstrai a experiência: esse tempo está vivo, é um instante cheio de toda a sua particularidade irredutível e é perpetuamente suscetível de se repetir em outro instante, de reengendrar-se e iluminar com sua luz novos instantes, novas experiências. (...) já não é passado nem futuro, mas presente. E essa virtude de ser presente para sempre, graças à qual o poema escapa da sucessão e da história, o amarra ainda mais inexoravelmente à história. Se é presente só existe neste agora e aqui de sua presença entre os homens, encarnar-se na história. Como toda criação humana, o poema é um produto histórico, filho de um tempo e de um lugar; mas também é algo que transcende o histórico e se situa num tempo anterior a toda história, no princípio do princípio. Antes da história, mas não fora dela. Antes, por ser realidade arquetípica, impossível de datar, começo absoluto, tempo total e autossuficiente. Dentro da história – e mais, história – porque só vive encarnado, reengendrando-se, repetindo-se no instante da comunhão poética.

Portanto, diante de argumentos contundentes e igualmente líricos de poetas e pensadores contemporâneos é possível sublinhar o protagonismo do poeta – de que nos fala Agamben – e a força e urgência da poesia em nosso tempo – defendidas por Paz e Cicero –, para, em dias fraturados e obscuros, por vezes escassos de experiências intercambiadas, em que reina a *barbárie* de atitudes, gestos, palavras, trazer à superfície a polifonia de diversas esferas sociais, como propõe Bakhtin. O poeta, com seu “dialeto” e sua capacidade de capturar o obscuro em meio às luzes do contemporâneo, revela as muitas vozes que pulsam em distintos territórios da sociedade, como declara Gullar (2004, p.453),

Meu poema
é um tumulto:
a fala
que nele fala
outras vozes
arrasta em alarido.

estamos todos nós
cheios de vozes
que o mais das vezes
mal cabem em nossa voz:

(...)
Meu poema
é um tumulto, um alarido:
bastar apurar o ouvido

3.2. Onde pulsa a poesia

As palavras do poeta são também as palavras da sua comunidade. (...) Toda palavra implica dois: aquele que fala e aquele que ouve. O universo verbal do poema não é feito com os vocábulos do dicionário, mas com os da comunidade (PAZ, 2012, p.53).

A respeito do espaço e da importância da poesia na atualidade, algumas questões chamam atenção: Onde circula a poesia? De onde e onde falam as vozes que o poema arrasta em alarido, como alerta Gullar? Transita a poesia em diferentes espaços geográficos e sociais? Onde pulsa a poesia?

Ao fazer um levantamento sobre os diversos saraus que acontecem no país, é possível afirmar que a poesia, dividindo o palco também com a música, está em todas as regiões brasileiras, em diversos estados e cidades, incluindo capitais e cidades menores. Seus territórios estão demarcados, no entanto suas fronteiras não estão cerradas, pois ela circula em diferentes esferas sociais, em distintos espaços geográficos e em suportes diversos. A poesia na atualidade é, portanto, multimodal e atravessa a(s) cidade(s): entre o morro e o asfalto, entre a zona sul e a periferia, entre o erudito e o popular, nos livretos artesanais, nas redes sociais, no corpo e na voz de quem mergulha no universo poético ela se propaga e é elemento de coesão social, como argumenta Paul Zumthor (2009).

Ao buscar na internet¹⁰ uma breve listagem de saraus que ocorrem com frequência, atualmente, em nosso país, encontra-se inúmeros eventos – alguns mensais, outros semanais – que ocorrem no norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul do Brasil, sublinhando que a poesia está presente na programação cultural do país. Eis alguns deles: Sarau da Casa – Rio Branco – AC, A noite é uma palavra – Belém –PA, Sarau Prosa e Poesia – Salvador – BA, Sarau Caymmi em Três Tempos – Salvador – BA, Sarau Cultural em Rio Verde – MS, Sarau Audravias, Mariana, MG, Sarau no SESC Casa da Gávea – Rio de Janeiro – RJ, ComVerso – Rio de Janeiro – RJ, Mano a Mano – Rio de Janeiro – RJ, Da Boca para fora – Rio de Janeiro – RJ, Letras na Favela, Rio de Janeiro, RJ, Fora de Área – Rio de Janeiro – RJ, Corujão da Poesia – Rio de Janeiro – RJ, Corujão da Poesia – Niterói – RJ, Corujão da Poesia – São Gonçalo – RJ, Sarau Poetas Compulsivos – Nova Iguaçu – RJ, Sarau Ameopoema – Rio de Janeiro – RJ, Sarau Donana – Belford Roxo – RJ, Um Brinde à Poesia – Niterói – RJ, Pelada Poética, Rio de Janeiro –RJ, Poveb – Rio de Janeiro – RJ, Sarau do Escritório – Rio de Janeiro –

¹⁰ <http://blog.poemese.com/os-saraus-pelo-brasil-territorios-poeticos/> acesso em 05/06/2016

RJ, Ratos di versos – Rio de Janeiro – RJ, Sarau do Manolo – Atibaia – SP, Sarau da Camarilha – São Paulo – SP, Sarau na Casa do Zezinho – São Paulo – SP, Sarau da Kambinda – São Paulo –SP, Sarau da Kambinda – São Paulo –SP, Sarau Cultural no CASEP – Florianópolis – SC.

Na cidade do Rio de Janeiro, especificamente, temos uma vasta programação – além dos eventos já citados – indicados pelo site da APPERJ¹¹ (Associação dos Poetas Profissionais do Estado do Rio de Janeiro), liderados e frequentados não somente por poetas renomados, mas também, e intensamente, por poetas e apreciadores da poesia de vários contextos sociais. Cito aqui apenas alguns deles para ilustrar a diversidade dos bairros contemplados, incluindo os já citados na listagem anterior: Te Encontro na APPERJ, Laranjeiras; Poeta Saia da Gaveta, Engenho de Dentro; Terça Converso no Café, Copacabana; CEP 20.000, Humaitá; Circuito Literário Conversa com Verso, Campo Grande; 6- Sarau Poesia nos Arcos, Lapa; Sarau Poesia em Movimento, Méier; Poesilha Acontece, Ilha do Governador; Tardes Poéticas da Casa do Poeta do Rio de Janeiro, Tijuca; República dos Poetas, Catete; Poemashow, Copacabana; Sarau na Casa, Ilha do Governador; Filé de Peixe, Tijuca; Ponte de Versos, Leblon; Corujão da Poesia, Copacabana; Mano a Mano, Botafogo; Largo das Letras, Santa Teresa; Sarau do Escritório, Centro; Sarau Letras da Favela, Rocinha; Poesia no Parque, Santa Teresa; Sarau das Quebradas, promovido pela Universidade das Quebradas , no Centro do Rio Janeiro e também em vários pontos da periferia carioca.

Ao consultarmos os sites dos saraus aqui citados com a programação dos eventos, identificamos diversos pontos da cidade (e do país) em que há a presença da poesia e percebemos também que os eventos mesclam estilos, idades e perfis de apreciadores e autores desse gênero literário, reiterando que poetas consagrados, publicados e anônimos transitam e convivem em diversos territórios em que acontecem os eventos e movimentos coletivos de leitura de poemas.

Um dos indícios de que a poesia pulsa em distintos territórios é a consolidação da Festa Literária Internacional das UPP, a FLUPP, idealizada por membros da Universidade das Quebradas¹², que vem acontecendo, desde 2012, em favelas onde

¹¹ www.apperj.com.br – acesso em 05/06/2016

¹² O Laboratório de Tecnologias Sociais Universidade das Quebradas é uma experiência acadêmica na área da cultura que pretende consolidar um ambiente de troca entre saberes e práticas de criação e produção de conhecimento, articulando experiências culturais e intelectuais produzidas dentro e fora da academia. Este projeto pretende ser de duas vias: para as comunidades que estão produzindo cultura mas

foram implementadas as Unidades de Polícia Pacificadoras (UPP), com a ideia de aproximar a arte, em especial a literatura, das comunidades de periferia. A programação conta com a participação de renomados convidados nacionais e internacionais, além de abrir espaço para novos escritores e literatura marginal, sendo a poesia e a participação de poetas um ponto forte da festa literária. Ao fazerem alusão à Festa Literária Internacional de Paraty, a FLIP – que, pelo perfil elitizado devido aos altos custos das palestras dos autores participantes, não inclui a diversidade social – os organizadores propõem que a literatura possa transitar em diferentes esferas, independente das condições econômicas ou do contexto sócio-cultural, pois a arte literária pode e deve estar em toda a parte, promovendo reflexões e inferências, além de revelar novos talentos nas letras que, em geral, é um campo do saber legitimado pela e para a elite que, pela facilidade e possibilidade de acesso aos bens culturais, estão sempre mais próximos de autores e produções literárias. Nesse sentido, a FLUPP enfatiza e divulga a força da literatura nas periferias e reforça a ideia de que estes territórios estão para além da violência, pois é um lugar onde há pessoas pensando, discutindo política, escrevendo literatura, publicando em verso e prosa, por isso o nome: FLUPP Pensa. O projeto da Festa Literária Internacional das UPP surgiu do Sarau das Quebradas que acontece uma vez ao mês, com *performances*, música e poesia dos quebradeiras, sempre após as mesas de debate do Território das Quebradas – momento em que os quebradeiras, organizados em mesas temáticas, conceituam e debatem a cultura da periferia. O Laboratório de Tecnologias Sociais Universidade das Quebradas pretende atender a essa demanda que hoje se torna urgente em função do atual impacto do desenvolvimento da cultura das periferias e dos recursos gerados pelas novas plataformas digitais.

Compreendemos que, apesar de existir ainda uma “profunda brecha entre a obsessiva presença da revolução eletrônica nos discursos e a realidade das práticas de leitura”, como afirma Chartier (2010, p. 63), devemos concordar com a pesquisadora Cristiane Costa ¹³(UFRJ), que o desenvolvimento de determinadas tecnologias permite que, hoje, o uso de computadores, *smartphones* e *tablets* estejam “mudando não só nossa maneira de ler como a de escrever. Novas possibilidades expressivas vêm sendo

não têm acesso à produção intelectual das Universidades, também para a comunidade acadêmica que denuncia carência similar em relação ao acesso a outros saberes e formações culturais fora da Universidade. <http://www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/o-projeto-2/aceso> em 05/06/2016

¹³ <http://zonadigital.pacc.ufrj.br/coletivo-literatura-expandida/aceso> em 05/06/2015

abertas a partir da criação e popularização de ferramentas narrativas voltadas para o meio digital” e tais ferramentas geram novas modalidades de construção, publicação e recepção dos textos – o que inclui a poesia. Ainda sobre a questão da poesia na era digital, vale acrescentar, aqui, considerações de Goldsmith citadas por Perloff (2013, p.95) em *O Gênio Original: poesia por outros meios no novo século*: “Tudo que Pignatari dizia parecia prever o funcionamento da internet (...) o envio, o conteúdo, a interface, a distribuição, as características multimídia, só para citar alguns elementos”.

Para compreender um pouco mais sobre essa nova modalidade da poesia, em que interfaces e interatividade são marcas decisivas no processo de produção poética, podemos recorrer à pesquisa de Jorge Luiz Antônio (2001), que em sua tese de doutoramento na PUC.SP discute os aspectos da poesia digital. Destaco alguns que parecem pertinentes para essa discussão.

(...)A questão da palavra, aqui vista como palavra-poesia, em sua relação com a imagem, merece outra reflexão e detalhamento, agora já ao nível do contexto eletrônico-digital. Vamos imaginar um computador, uma linguagem informática e uma tela do monitor. Nesse computador, um editor de imagens, um operador com experiência literária e conhecedor tanto da linguagem informática (um poeta-operador) como da linguagem literária (artista da palavra). Na tela do microcomputador, a possibilidade variada de registro na dimensão virtual e seus sucedâneos mais limitados (cópia em papel, em disquete, via internet, cd-rom, etc.). É o poeta da palavra se tornando operador virtual da palavra. A palavra deixa de ser linguagem verbal e amplia seus horizontes, suas delimitações, para tornar-se texto verbal, sonoro, visual, audiovisual, digital, em outro contexto. Ou seja, "poder lançar mão de recursos que só o computador possibilita, como a estrutura em aberto do poema, a navegação não-linear ao longo do texto e a participação interativa do leitor. Neste caso, o poema deve ser distribuído diretamente por meios digitais, como disquetes e CD-ROMs, ou então deve ser acessado eletronicamente, por intermédio das redes telemáticas (Internet, por exemplo)." (Machado 1998: 16). Trata-se de uma tentativa de equilíbrio entre o conhecimento técnico da informática e o da literatura, mas com uma ênfase na criatividade, na elaboração de uma outra linguagem que une a máquina e o sentimento humano. A interface. A interatividade.

A interferência da internet na produção poética parece, também, superar as possibilidades de escrita, atingindo sua difusão especialmente entre os mais jovens, sempre plugados, conectados na rede; espaço onde se tecem outras relações para além das virtuais, já que os organizadores dos eventos de poesia, via redes sociais, divulgam a programação, articulam encontros entre grupos distintos, onde os poetas e apreciadores frequentadores dos saraus se comunicam, onde compartilham textos de poetas preferidos ou poemas autorais, vídeos de *performances* poéticas, lançamentos de livros, divulgação das produções via blogs ou e-books, enfim, uma gama de possibilidades nesse sentido se desdobra no espaço virtual, onde, basicamente, a maioria dos jovens estão inseridos.

No entanto, ainda que reconheçamos a força da internet sobre as produções poéticas contemporâneas, não podemos deixar de reiterar que a poesia pulsa no corpo e na voz de quem a lê, ouve, interpreta, como alerta Zumthor (2010). Os inúmeros eventos cariocas de poesia ilustram esses dois pontos, como, por exemplo, o “Corujão da Poesia”¹⁴ – vigília semanal de poesia, música e leitura no Rio de Janeiro, desde 2005 –, que alimenta, permanentemente, sua página na internet com vídeos e fotos dos poetas e demais participantes, dizendo ou lendo seus poemas e poemas de poetas consagrados. Os encontros com entrada franca e microfone aberto reúnem pessoas de várias idades e vertentes sociais; encontros onde há tempo-espço para a comunhão poética e também para afetos tecidos ao longo de mais de uma década de militância poética liderada por João Luiz de Souza, professor de literatura formado pela UFF e assessor cultural da Universo – Universidade Salgado de Oliveira, localizada em Niterói – empresa que apoia o Corujão da Poesia. O movimento Corujão da poesia teve início na extinta Livraria Letras Expressões do Leblon, onde alguns poetas, músicos e amantes da poesia se reuniam no Café Antônio Torres para ler e dizer poemas, ao longo da madrugada. Inicialmente, éramos poucos amigos reunidos no Café – tenho imenso orgulho de fazer parte do grupo de corujas fundadores, como somos chamados pelo “João do Corujão” –, mas o movimento foi ganhando força, sendo oficializado como evento semanal na livraria que o abrigou cerca de oito anos, tornando-se ponto de encontro de muitos artistas da música e da literatura, consagrados e iniciantes, assim como de leitores e amantes da poesia de distintas esferas sociais. Após a livraria ter sido fechada, o evento seguiu itinerante por vários bairros e locais na zona sul do Rio de Janeiro e, atualmente, acontece no Cine Joia, em Copacabana. O curador do sarau, ao longo desses anos, estendeu mais dois braços do Corujão: um em Niterói, outro em São Gonçalo, ambos quinzenalmente. João Luiz de Souza, com a permanente parceria dos participantes do Corujão da Poesia, para além de compartilhar leituras literárias, compartilham outras vivências, lutas e projetos sociais, como o “Libertação de Livros”, que vem a ser doações de obras literárias, participação em outros eventos da cidade vinculados à leitura e outras expressões artísticas em escolas, presídios, praças. Destacamos a importância do Corujão da Poesia, pois vem a ser o sarau em que os sujeitos dessa pesquisa são participantes atuantes, tanto em Niterói como em São Gonçalo. Outro evento que vale ser mencionado é o “Mano a Mano com poesia”, capitaneado pelo

¹⁴ <https://corujaodapoesia.com/> acesso em 05/06/2016

poeta Mano Melo durante três anos na Casa da Gávea, atualmente em um estúdio de música no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, que, para além de um sarau com poetas convidados é também a gravação de um programa de rádio mensal na Roquete Pinto 94.1 FM. Importante também citar o CEP 20.000¹⁵ (Centro de Experimentação Poética), um dos maiores movimentos de poesia no Rio de Janeiro, que acontece há 26 anos, e é liderado pelo poeta Chacal no Centro Cultural Sérgio Porto, Humaitá, onde ocorre intensa troca de experiências dos mais variados estilos com a participação de grandes nomes da arte carioca e brasileira e também de artistas desconhecidos e que estão começando sua trajetória na música e na poesia. O evento é, sem dúvida, um dos grandes palcos vanguardistas da cidade, com apresentações de música, poesia performática, declamações literárias, entre outras atrações. E como a presença da poesia extrapola a zona sul carioca, acontecem saraus também em algumas comunidades como a Rocinha, onde durante dez anos, um sábado por mês, pulsou o Sarau Letras da Favela, enquanto esteve aberta ao público a Biblioteca Parque naquela comunidade; atualmente, o Sarau Letras da Favela acontece em bares da Rocinha. Na Cidade de Deus, há quatro anos, o Poesia na Esquina movimenta diversos locais dentro da comunidade, pois o evento é itinerante. Ambos, saraus liderados e frequentados por pessoas das comunidades que promovem um forte movimento artístico-cultural nas periferias. Importante ressaltar a resistência dos idealizadores e realizadores desses saraus que, mesmo sem um lugar fixo, seguem buscando espaços para promovê-los, não permitindo que ocorra a extinção dos eventos, assim como a ideia de que a poesia deve permanecer pulsando na cidade.

Encerrando a lista, o Sarau do Escritório, com início em 2013, ano marcado por manifestações populares que inspiraram a realização do evento, que acontece no coração da Lapa, bairro caracterizado pela diversidade cultural, efervescência noturna e tradição boêmia. O evento busca “apostar no resgate da memória afetiva da região central do Rio por meio das figuras folclóricas que compõem esse cenário. Não faz sentido disputar o imaginário da rua sem que os protagonistas estejam envolvidos” — explica Alex Teixeira, um dos organizadores do Sarau. O coletivo Mufa Produções¹⁶, que organiza o Sarau do Escritório, dedicou-se, entre 2015 e 2016, a mapear os saraus do Rio de Janeiro que revelam números surpreendentes e considerações interessantes a

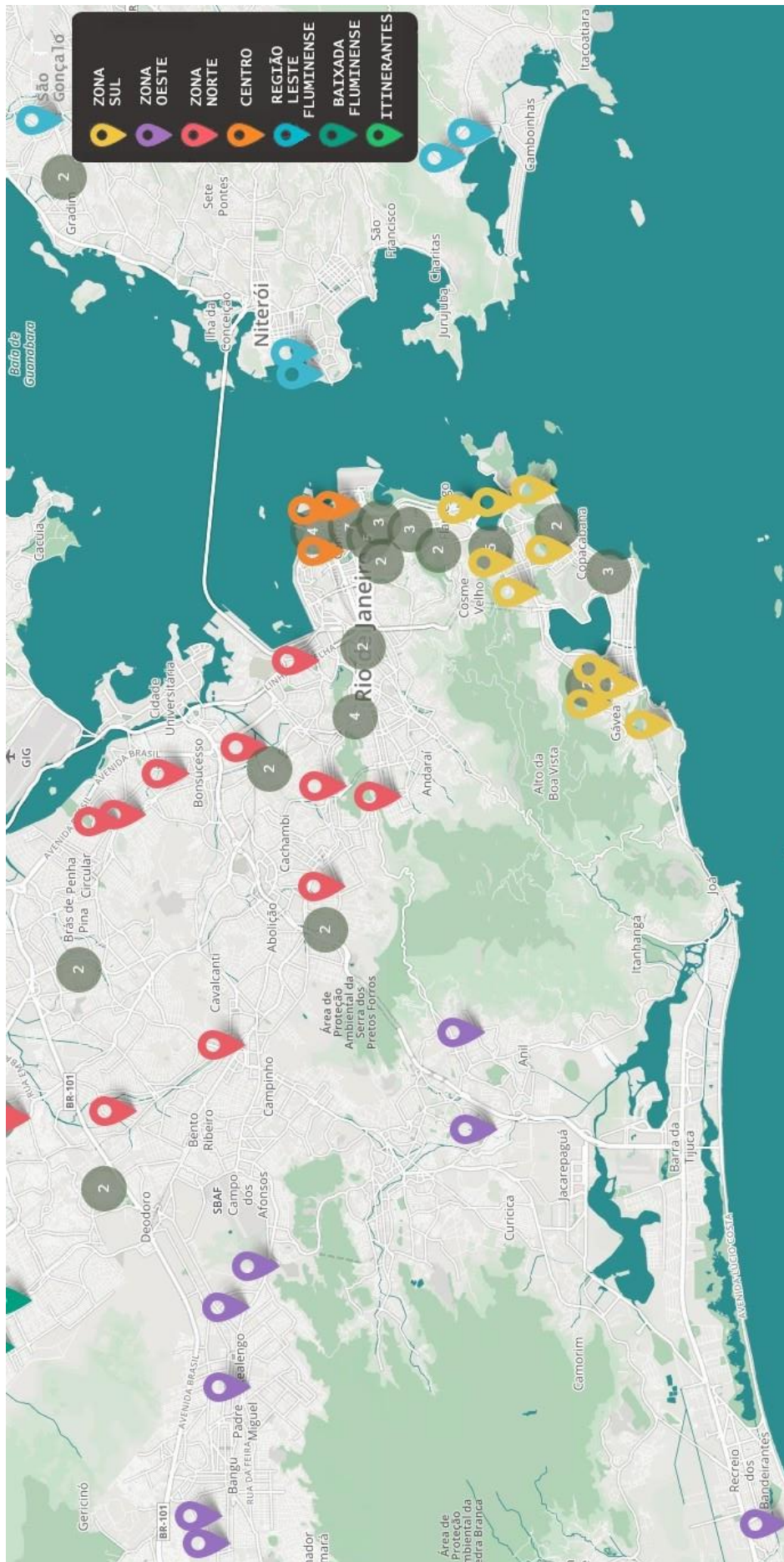
¹⁵ <http://umahistoriaamargem.blogspot.com.br/p/cep-20000.html> / acesso em 05/06/2016

¹⁶ <http://mufaproducoes.com/mapeamento-de-saraus-rj/> / acesso em 05/-6/2016

respeito das características dos saraus que acontecem na cidade. De acordo com o levantamento¹⁷, como pode ser conferido no mapa da página a seguir:

O Rio tem 133 saraus, número superior ao de São Paulo, que tem 130 e tradição neste tipo de evento. A região que tem maior concentração deste tipo de evento é a Zona Norte, com 28 saraus; a Zona Sul e o Centro aparecem em segundo lugar, com 27 encontros de poesia cada; a Baixada Fluminense tem 21; a Zona Oeste, 13; e o Leste Fluminense tem sete saraus fixos. Saraus itinerantes são oito, e on-line, dois.

¹⁷ <http://oglobo.globo.com/cultura/musica/sarau-do-escritorio-lanca-mapa-de-saraus-do-rio-18096071#ixzz4AknIW7VM>- acesso em 05/06/2016



Feito o desenho dos saraus mapeados no Rio de Janeiro, vale sublinhar que São Paulo tem tradição nesse tipo de evento, como ressalta a pesquisa da Mufa Produções, sendo o Sarau da COOPERIFA (Cooperativa Cultural da Periferia) – idealizado e produzido pelo poeta Sérgio Vaz –, que ocorre desde a década de 1980, o marco para os surgimentos dos Saraus de Periferia que se espalham pelo Brasil. Segundo Oliveira (2016, p. 76),

o Sarau Cooperifa é realizado à quartas-feiras, a partir das sete horas da noite. Essa forma de organização encerra uma estética reivindicatória. O bar é, como, inúmeras vezes, relatado por Sérgio Vaz, um dos principais espaços públicos das regiões mais pobres, disputando com as igrejas, as escolas e os postos de saúde. O bar é então ressignificado como um centro cultural que reúne escritas e expressões artísticas dos próprios moradores. Um espaço para recobrar a voz encerrada no silêncio do dever a cumprir em que se gasta o dia e o dinheiro a receber. (...) O sarau reúne a experiência escrita e a recitação dessa palavra através das *performances* individuais frente a uma plateia composta, em sua maioria, por pessoas que em algum momento também se apresentará. A divisão entre palco e plateia tende a se dissolver, pois se mantém entre os minutos fugazes em que os papéis se invertem. O espaço tem como valor a igualdade frente à divisão que estrutura na cena. O sarau é composto por aqueles que em princípio não escreveriam, não leriam ou se o fazem, reproduziriam de forma tosca o que se entende por literatura. Os versos não falam apenas das injustiças e dissabores, mas fragmentos de vida ditos por pessoas de diferentes gêneros e idades.

O poeta regente do Sarau Cooperifa, ao contar como nasceu a história da poesia na periferia paulista, mescla referências da literatura considerada erudita para falar de como ela passeia entre as camadas populares, promovendo a circularidade entre o erudito e o popular, apontada por Chartier (1990).

A literatura é dama triste que atravessa a rua sem olhar para os pedintes, famintos por conhecimento, que se amontoam nas calçadas frias da senzala moderna chamada periferia. / Frequenta os casarões, bibliotecas inacessíveis ao olho nu e prateleiras de livrarias que crianças não alcançam com os pés descalços. / Dentro do livro ou sob o cárcere do privilégio, ela se deita com Victor Hugo, mas não com os Miseráveis. / Beija a boca de Dante, mas não desce até o inferno. / Faz sexo com Cervantes e ri da cara do Quixote. / É triste, mas A rosa do povo não floresce no jardim plantado por Drummond. / Quanto a nós, Capitães da areia e amados por Jorge, / não restou outra alternativa a não ser criar o nosso próprio espaço para a morada da poesia. / Assim nasceu o sarau da Cooperifa. (...) transformamos o boteco do Zé Batidão num grande centro cultural. / Agora, todas às quartas-feiras, guerreiros e guerreiras de todos os lados e de todas as quebradas vem comungar o pão da sabedoria que é repartido em partes iguais, entre velhos e novos poetas sob a benção da comunidade. / Professores, metalúrgicos, donas de casa, taxistas, vigilantes, bancários, desempregados, aposentados, mecânicos, estudantes, jornalistas, advogados, entre outros, exercem a sua cidadania através da poesia. / Muita gente que nunca havia lido um livro, nunca tinha assistido uma peça de teatro, ou que nunca tinha feito um poema, começou, a partir desse instante, a se interessar por arte e cultura. / O Sarau Cooperifa é nosso quilombo cultural (VAZ, 2010, p.12)

Muitas das características do Sarau Cooperifa apontadas pelo pesquisador Oliveira interessa a esta pesquisa, pois, além do poeta Sérgio Vaz ser uma importante referência da poesia periférica para alguns dos sujeitos aqui pesquisados, o evento traz aspectos importantes para se pensar a circulação da poesia na periferia, onde, em princípio, não

haveria espaço para essa linguagem artística. Ainda que a poesia periférica traga especificidades que a tornam distinta da poesia canônica, há que se considerar sua existência e sua força nos territórios onde há vozes encerradas no silêncio “do dever a cumprir” – algo que, de certa maneira, dialoga com as análises feitas no quinto capítulo desta tese.

Ao retomarmos as questões iniciais – Onde circula a poesia?; Transita a poesia em diferentes espaços geográficos e sociais? –, podemos afirmar que a poesia pulsa pelas cidades, irrigando artérias poéticas, arrastando vozes em alaridos, transitando em diferentes espaços geográficos e revelando a polifonia social arraigada nos textos, no corpo e na voz da sociedade, tomando as praças, as ruas, os morros, os becos, bares, esquinas, favelas... demonstrando, como versa Gullar (2004, p.337), que ela

beija
nos olhos os que ganham mal
embala no colo
os que têm sede de felicidade e de justiça
e promete incendiar o país.

V . Capítulo IV

Territórios “improváveis” para a poesia: escolhas e percursos metodológicos

As lentes de Bakhtin ajudam na compreensão do sujeito como agente social, pois para o filósofo o sujeito não se sobrepõe ao sócio-histórico e nem mesmo está submetido a ele, mas sim é mediador entre a realidade dada do mundo e suas possíveis significações que se concretizam através *da* e *na* linguagem. Situado historicamente, “o sujeito não é como fantoche das relações sociais, mas (...) agente, um organizador de discursos, responsável pelos seus atos e responsivo ao outro” (Sobral, 2007, p.24). O conceito bakhtiniano de polifonia evoca a multiplicidade de vozes que emanam dos sujeitos pesquisados, ou seja, a multiplicidade de vozes da vida social, cultural e ideológica representada por sujeitos. Dessa forma, os estudos bakhtinianos mostram-se significativos para a compreensão das tensões discursivas existentes nos diferentes grupos e espaços sociais. Ou seja, por meio de uma pesquisa qualitativa com sujeitos de uma determinada esfera social, feita com rigor científico, à luz de teóricos que possam dar uma consistente sustentação para a construção e análise do material empírico, é possível, compreender algumas questões que se repetem numa dimensão social mais ampla. A respeito dessa lógica bakhtiniana, Sobral (2005, p.25) esclarece que “a ênfase no aspecto situado e irrepetível dos atos não nega os elementos repetíveis, constantes, da estrutura processual dos atos humanos, base da possibilidade de generalização a partir do específico”.

Para esta tese, Bakhtin (2003) também traz outra uma importante contribuição ao conceituar gêneros do discurso e classificá-los em gêneros primários e gêneros secundários. O autor esclarece que os gêneros primários estão ligados à comunicação verbal espontânea e os secundários estão ligados à comunicação cultural mais complexa, incluindo a produção literária. Bakhtin considera que há uma interrelação entre esses gêneros primários e secundários, provocando uma circularidade que estabelece relações entre ideologias e visões de mundo. Ao afirmar que “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”, Bakhtin (2003, p.268) sublinha a importância da relação entre os discursos produzidos a partir do entrelaçamento dos gêneros

primários e secundários e, sobretudo, enfatiza o quanto estão imbricadas linguagem e história; ou seja, entender as relações estabelecidas no tempo e espaço passa pela compreensão dos discursos produzidos, e em toda sua carga ideológica, nas diversificadas esferas de atividade. De acordo com Amorim (2006), ser sustentado pelo referencial teórico bakhtiniano é estar atento, acima de tudo, às tensões reveladas pelas muitas vozes protagonistas no campo pesquisado.

O conceito de exotopia, outro importante ponto na teoria do filósofo russo, configura-se referência estrutural na trajetória metodológica desta pesquisa, já que o movimento exotópico concede lentes que, por vezes, aproximam, em outras distanciam o olhar do pesquisador de seu outro, de modo que na tentativa de buscar o excedente de visão que só a quem está de fora é dado ver, é possível ver do lugar do outro e, depois, retornar ao seu lugar, interpretando o vivido pelo outro de maneira responsável e responsiva. Ao contemplar o outro, entrando em empatia com ele, vejo-o em seu todo, vejo com seus olhos, vejo o mundo do seu lugar; ao retornar ao meu lugar embebido de seu universo, tendo capturado o excedente de visão, posso dar acabamento ao vivido a partir da minha leitura e interpretação. Nesse sentido, o movimento exotópico torna-se fundamental no processo desta pesquisa, já que

o excedente de minha visão em relação ao outro indivíduo condiciona certa esfera de ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim, tais ações completam o outro justamente naqueles elementos em que ele não pode completar-se (BAKHTIN, 2003, p.22).

Bakhtin, ao ajudar a olhar o outro, ensina também que não há neutralidade no discurso produzido no processo de pesquisa, já que o acabamento é dado a partir do olhar do pesquisador e, por isso, a opacidade desse discurso; em contrapartida, o pesquisador não está isento de ser afetado pelo outro pesquisado, já que este também o constituirá como pesquisador. Ao olhar o outro também sou tomado pelo que o outro vê, e ao voltar ao meu lugar, também estarei alterado pelo que vi. Portanto, uma pesquisa em ciências humanas é sempre uma pesquisa sobre o homem, seu tempo e sua cultura.

Para dialogar com a teoria bakhtiniana trago o sociólogo Bernard Lahire (2004, 2006) que parece ser consonante com Bakhtin em relação à linguagem e a alteridade na formação dos sujeitos e da sociedade ao afirmar que:

a consciência de qualquer ser social só se forma e adquire existência através das múltiplas relações que ele estabelece, no mundo, com o outro(...) O homem é social de parte a parte, do princípio e por constituição: porque é um ser em relação e um ser com linguagem. (...) Todas as

metáforas que podem ser utilizadas para evocar a interdependência dos seres sociais continuam sempre impotentes para criar a imagem de seres sociais constituídos na e pela interdependência. (LAHIRE, 2004, p.349-350)

Ao tomar linguagem e alteridade como ponto de intersecção entre os dois autores, elejo-os como uns dos referenciais teórico-metodológico nesta tese que visou uma imersão no campo para a compreensão das relações estabelecidas entre jovens em espaços de socialização que tenham a literatura como fio condutor. Enquanto Bakhtin instiga na procura da polifonia inscrita nos discursos sociais, Lahire leva a pensar sobre coletividades e singularidades no contexto social por meio de uma “escritura sociológica” que traz o perfil como gênero científico, livremente inspirado no gênero literário, para o estudo de singularidades. Em sua concepção:

os retratos individuais nuançados (...) permitem revelar casos concretos de variações, fornecendo descrições detalhadas e circunstanciadas de práticas e de preferências, mas também de ausências de práticas e aversões. (...) Cada retrato é um misto de descrições e de interpretações que se esforçam principalmente por trazer à luz as condições de produção das consonâncias ou das dissonâncias constatadas. (LAHIRE, 2006, p. 179)

Ao eleger neste projeto os “perfis culturais em retratos” como metodologia de pesquisa, serão considerados alguns elementos propostos por Lahire (2006, p.219-220) na constituição dos perfis culturais individuais: a) socialização cultural exercida pelo meio social de origem; b) socialização cultural exercida por diversas instituições sociais; c) socialização escolar; d) socialização cultural entre amigos; e) momento no ciclo de vida do sujeito pesquisado. Para esta tese justifica-se tal escolha porque Lahire (2004), ao pesquisar casos de sucesso escolar em meios populares por meio de perfis, suscita uma reflexão sobre a probabilidade de sujeitos de esferas sociais desprivilegiadas serem capazes de quebrar a lógica do *habitus*¹⁸ e *capital cultural*¹⁹ propostos por Pierre Bourdieu (1998); reflexão preciosa para esta pesquisa que pretende analisar e compreender a presença e apropriação da leitura literária em contextos sociais desfavoráveis.

¹⁸ “*Habitus* representa a inércia do grupo, depositada em cada organismo sob a forma de esquemas de percepção, apreciação e ação que tendem, com mais firmeza do que todas as normas explícitas, a assegurar a conformidade das práticas para além das gerações. O *habitus* (...) funciona como o suporte material da memória coletiva: instrumento de um grupo, tende a reproduzir nos sucessores o que foi adquirido pelos predecessores, ou simplesmente os predecessores nos sucessores (Bourdieu, 1998, p112-113)

¹⁹ Para Bourdieu, “ a acumulação do capital cultural desde a mais tenra infância – pressuposto de uma apropriação rápida e sem esforço de todo tipo de capacidades úteis – só ocorre sem demora ou perda de tempo, naquelas famílias possuidoras de um capital cultural tão sólido que fazem com que o período de socialização seja, ao mesmo tempo, acumulação. Por consequência, a transmissão do capital cultural é, sem dúvida, a mais dissimulada forma de transmissão hereditária de capital” (1997, p.86).

Ao cunhar os conceitos de “*habitus*” e “capital cultural”, Bourdieu defende que as disposições inscritas no sujeito a partir de sua classe social aliada a sua herança cultural podem determinar seu sucesso ou fracasso na vida escolar e, conseqüentemente, na disputa por espaço no mercado de trabalho ou na produção intelectual, cultural e artística. Apesar de serem conceitos amplamente disseminados e discutidos entre sociólogos e educadores para se pensar os entraves encontrados no processo de desenvolvimento educacional no Brasil, sem querer negar a importância da relevante contribuição bourdieusiana à sociologia e à educação, cabe uma problematização dessa visão como um caminho único para justificar e/ou debater as desigualdades, sejam econômicas ou culturais. Se considerarmos somente os conceitos de “*habitus*” e “capital cultural” de Bourdieu para analisarmos as desigualdades de oportunidades para crianças e jovens brasileiros corremos o risco de olhar com bastante pessimismo e descrença para o futuro da nossa sociedade, considerando que esta é severamente marcada por desigualdades no processo de distribuição dos capitais econômico e cultural.

Em contraponto ao constructo bourdieusiano, Lahire (2004) problematiza o conceito de “*habitus*” e, sobretudo, a visão de disposições em que o passado incorporado pelos indivíduos é visto como determinante no fracasso ou sucesso dos sujeitos; nessa problematização, o pesquisador argumenta sobre o fato de as “disposições” serem construídas nas interrelações e não estarem encarceradas em uma herança cultural, como propõe o autor de “O poder simbólico”. Sua análise acurada dos perfis sociológicos revelam casos de sucesso escolar nos meios populares e contraria a premissa de que os indivíduos de espaços segregados e grupos sociais desprivilegiados tendem a não obter sucesso, apresentando assim “as razões do improvável”²⁰. Em sua pesquisa, evidencia que as disposições são históricas, portanto construídas, e, por isso, podem ser enfraquecidas ou reforçadas nas relações sociais.

Ao focar a linguagem e as interrelações como características constituintes do humano, Lahire confirma a aproximação de suas ideias às do filósofo russo Bakhtin quando este afirma que é na interação verbal que a linguagem se constitui e constitui o outro, e nessa relação com o outro os discursos são ressignificados e potencializados. Na concepção bakhtiniana, os feixes de sentidos se constroem e dialogam, instaurando-

²⁰ LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares – as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 2004.

se como signos ideológicos pela linguagem, na linguagem e com a linguagem. Para Bakhtin, a linguagem materializa a ideia de grupo social e corporifica ideologias, inclusive por meio do sujeito produtor de discurso artístico, já que em sua condição polifônica, a literatura traz diversas vozes e inscrições sociais. Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin afirma que “o estilo artístico não trabalha com palavras, mas com elementos do mundo, com valores do mundo e da vida” (BAKHTIN, 2003, p.180) e também que a literatura inclui as dimensões cognitiva, ética e estética da linguagem, envolvendo conhecimento, arte e vida. Nessa perspectiva teórica, a literatura configura-se como um caminho dialógico a ser trilhado nas relações estabelecidas em diferentes esferas sociais e, portanto, merece ser compartilhada e vivenciada por diferentes classes, incluindo as camadas populares, pois nela estão inscritos valores éticos e estéticos que nos libertam do caos e nos humanizam, como nos ensina Candido, para quem a literatura é também “um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual” (CANDIDO, 1995, p.256).

Como a lógica bourdieusiana sobre disposições leva a crer que as camadas pobres da população não teriam disposições para a leitura literária – já que para isso deveriam ser *herdeiras* – e, possivelmente, não estariam vinculadas à experiências estéticas advindas dessa produção artística. O que Lahire apresenta, em suma, é a possibilidade de os sujeitos das camadas populares, por meio de sua história construída nas relações sociais, ascenderem culturalmente sem, necessariamente, serem *herdeiros* de um *capital cultural*, como propõe Bourdieu. Para o autor, “mesmo aqueles que não foram estimulados por seu meio familiar a praticar atividades culturais têm chances de viver em contextos culturalmente mais favoráveis durante sua vida adulta, e que, para eles, nem tudo se definiu na infância” (LAHIRE, 2006, p.403).

Nesse sentido, as pesquisas de Lahire ajudam a pensar sobre a possibilidade de acesso à leitura literária por parte das camadas populares, assim como a sensibilização e formação de comunidades leitoras, onde haja uma rede de leitores-interlocutores, alterando, dessa forma, lógicas ancestrais que excluem as minorias de espaços e experiências com e para leitores. Nessa perspectiva, discutir o direito à literatura como bem incompressível na seara de desigualdades de oportunidades no Brasil torna-se pauta significativa, pois como anuncia Paulino:

as motivações para a leitura literária teriam de ultrapassar o contexto de urgência e ser encaradas em nível cultural mais amplo que o escolar, para que se relacionem à cidadania crítica e criativa,

à vida social, ao cotidiano, tornando-se um letramento literário de fato, ao compor a vida cotidiana da maioria dos indivíduos (PAULINO, 2008, p. 65).

Ao concordar com Paulino sobre a relevância da prática da leitura literária para além da esfera escolar e de sua urgência, considero a concepção de letramento literário relevante para a discussão proposta neste trabalho e, portanto, trago considerações de Street (1993), Soares (2010), Rojo (2009), Cosson (2014), Corsino (2010) e Colomer (2007), a serem somadas às de Paulino (2008), para sustentar a concepção deste conceito assumida neste trabalho.

Street (1993), ao discutir alguns contrapontos entre “letramento autônomo” e “letramento ideológico” provoca uma reflexão importante sobre as diferentes faces do termo em questão: o letramento. Em sua concepção, o letramento autônomo vem a ser aquele legitimado pela escola, o qual teria a pretensão de ser o responsável por uma mobilidade intelectual, cultural e social, já que instrumentalizaria os sujeitos para o desenvolvimento de níveis de habilidades mais elevadas, o que, por sua vez, garantiria seu avanço socio-econômico e cultural. Para Street (1993, p.5-7), o enfoque autônomo vê o letramento “em termos técnicos, tratando-o como independente do contexto social, uma variável autônoma cujas consequências para a sociedade e a cognição são derivadas de sua natureza intrínseca”, já o enfoque ideológico “vê as práticas de letramento como indissolúvelmente ligadas às estruturas culturais associadas à leitura e à escrita em diferentes contextos”. Ou seja, o enfoque ideológico defende que há diferentes práticas de letramentos, em diferentes contextos sociais, que podem variar de acordo com o tempo e com as culturas e que, conseqüentemente, são diferentemente valorizadas, concedendo poderes diversos aos participantes dessa prática.

Soares (2010), apoiada na reflexão de Street, defende as versões fraca e forte do conceito de letramento, que estariam ligadas ao enfoque autônomo e ideológico, respectivamente. Nesse sentido, a versão fraca estaria ligada àquela que entende o letramento como apenas uma instrumentalização da sociedade às necessidades e exigências sociais do uso da leitura e da escrita, limitando-se ao uso funcional da língua escrita. Em contrapartida, na versão forte abordada pela autora, que se aproxima do enfoque ideológico de Street, o letramento:

não pode ser considerado um instrumento neutro a ser usado nas práticas sociais quando exigido, mas é essencialmente um conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes no contextos sociais (SOARES, 2010, p.75).

Entrelaçada à concepção de Street e Soares, Rojo traz sua abordagem multicultural do letramento, denominando-o “letramentos múltiplos, multiletramentos ou transletramentos”, argumentando que diferentes culturas, nas diversas esferas têm discursos e práticas de letramento diferenciadas e, por isso mesmo, merecem estar em espaços coletivos, onde possam conviver com a cultura valorizada, considerada erudita. A autora ainda argumenta que dar espaço e voz a esses letramentos é um possível caminho para “criar coligações contra-hegemônicas” e “translocalizar lutas locais”.

Colomer (2009,p.154), apoiada na teoria de polissistemas de Even-Zohar, sublinha a tensão existente entre arte culta e arte popular, afirmando que o sistema literário é “baseado na confrontação permanente de modelos que convivem e estabelecem tensões entre o centro e a periferia (nos termos de Lotman), entre o centro e os distintos graus de periferia culta, entre a arte culta e a arte popular”. Cosson, também apoiado em Even-Zohar, defende que há “modos de existência da literatura” para além dos cânones e que “a literatura deve ser vista como uma atividade que produz textos, mas também produtores que usam esses textos para criar novos produtos e novas formas de fazer literatura”; para o autor esse repertório é “construído, transformado, negociado e mantido individual e socialmente por meio do que denominamos de letramento literário” e:

ao tomar o letramento literário como processo, estamos tratando de um fenômeno dinâmico, que não se encerra em um saber ou prática delimitada a um momento específico. Por ser apropriação, permite que seja individualizado ao mesmo tempo em que demanda interação social, pois só podemos tornar próprio o que nos é alheio (COSSON,2014, p.25).

A visão de Cosson a respeito do letramento literário, que por ser dialógica se aproxima da perspectiva bakhtiniana,, reitera a importância do coletivo no processo de apropriação da literatura, enfatizando não só a interação entre autor, leitor, texto e contexto, como também a importância de uma comunidade discursiva, onde configura-se um sentido comunitário de leitura. Ao afirmar que “ler é compartilhar os sentidos de uma sociedade”, Cosson (2014, p. 39), entende a leitura como um circuito, como um processo relacional que inclui a história do leitor e sua comunidade interpretativa, apoiando-se na pesquisa de Chartier (2011, p.238) que, ao discutir sobre práticas de leitura e “comunidades interpretativas”, enfatiza as experiências individuais e comunitárias enraizadas em determinados grupos que trazem nos gestos, hábitos e espaços inúmeras possibilidades de interações, negociações de sentidos, ampliações de repertórios e transformações nos modos de ler.

Para agregar às ideias de circuito de leitura de Cosson e comunidade interpretativa de Chartier, trago também a referência dos estudos de Paul Zumthor (2010) sobre o efeito da literatura como elemento amálgama em grupos sociais de diferentes etnias para uma maior compreensão da função da literatura na construção de espaços e movimentos coletivos de leitura nas camadas populares. De acordo com Zumthor (2010), filósofo que se debruçou sobre a tradição da oralidade poética de povos de diferentes tempos, culturas e continentes, várias civilizações mantêm a tradição de dizer/cantar poemas ancestrais, garantindo, dessa forma, a coesão social e moral do grupo. Segundo o autor,

É literatura, o que o público – leitores ou ouvintes – recebe como tal, percebendo uma intenção não exclusivamente pragmática: o poema, com efeito (ou, de uma forma geral, o texto literário), é sentido como a manifestação particular, em um dado tempo e um dado lugar, de um amplo discurso constituindo globalmente um tropo dos discursos usuais proferidos no meio do grupo social. (ZUMTHOR, 2010, p.39)

As pesquisas de Paul Zumthor (2003) acerca de comunidades ditas primitivas e a sociedade medieval, em que a coletividade era tecida por meio de textos orais, forão mapa e bússola para o trabalho de campo desta pesquisa, em que os principais sujeitos são jovens participantes de saraus literários em espaços coletivos – onde o poema é o gênero discursivo central. Nesse contexto, o sarau configura-se como uma prática de leitura coletiva marcante e o poema ganha corpo na voz de quem o compartilha, o que remete ao conceito de *performance* delineado por Zumthor – processo no qual há uma articulação “entre sujeito e objeto, entre Um e Outro”, pois a voz, fio que conduz o poema ao público, “interpela o sujeito, o constitui e nele imprime a cifra de uma alteridade” (ZUMTHOR, 2010,p.15). A *performance* abordada por Zumthor suscita o *ato responsivo* bakhtiniano, articulando ética e estética no processo de dizer e ouvir um poema. Zumthor acentua ainda a importância do poema compartilhado quando diz que a “manifestação da poesia pela voz postula um acordo coletivo” (ZUMTHOR, 2010, p.165) e que, por isso, “a poesia oral constitui, para um grupo cultural, um campo de experimentação de si, tornando possível o controle do mundo” (2010, p. 181).

O culto à poesia manifesta-se em várias civilizações em diferentes tempos e espaços, de variadas formas, tendo sua origem social no jogo (Huizinga, 2004) como forma de divertimento e arte, compondo festivais e rituais, desde a Antiguidade. Em Queiroz (2012), defendendo que a poesia, devido a seus efeitos metafóricos, linguísticos e estéticos e seu caráter lúdico e libertador, pode ser instrumento de luta e transformação social, pois ela conecta coletividades através do circuito promovido por quem a cria,

quem a compartilha e quem a ouve/lê, instaurando elos, entrelaçando experiências, inaugurando linguagens. A existência de um poema requer uma circularidade que inicia-se com a produção, passando pela circulação/publicização e leitura/recepção, chegando à conservação e repetição; ciclo que remonta à tradição oral da poesia em sociedades ditas primitivas ou ágrafas e que se repete na contemporaneidade em novas roupagens e formatos, em diferentes esferas sociais, conectando jovens que se apropriam e alteram dessa/essa milenar manifestação cultural: a arte de dizer/ler poemas. Concordo com Osakabe (2008, p.49) quando diz que “a poesia produz no leitor, como qualquer outra obra de arte, uma percepção nova sobre determinada experiência, ou constitui ela própria uma experiência sempre renovada, como se guardasse sempre o frescor de sua criação”, e ousou também acrescentar que essa experiência renovada é também lúdica e provocadora para quem ouve e participa (com e como outro) de uma *performance* poética. Em acordo com López (2011, p.60-61), entendo que “através da voz, o corpo vive na linguagem, insiste nela. (...) Por isso a voz pertence à relação e não aos indivíduos, e ao modo como essa relação se determina num momento e num ambiente particulares. A voz é afeto e circunstância”. Na *performance* a voz corporifica o poema, provocando uma conexão entre quem diz e quem ouve.

Ao compartilhar poemas em espaços coletivos de leitura, os sujeitos, dando voz ao corpo, corpo à voz, voz e corpo ao texto, se colocam no mundo, ocupam tempo e espaço, exercitam a alteridade, intercambiam experiências, vivenciam arte, se afetam e afetam o outro, se alteram e compõem a história. O emblemático ensaio “O Narrador”, de Benjamin (1994) denuncia que “a arte de narrar está em vias de extinção” e como consequência “a faculdade de intercambiar experiências”, sintomas da modernidade que dissolvem vínculos e tradições, apagando rastros e vestígios, já que sem ouvinte e narrador a experiência coletiva tende a se esvaír, se dissolver no tempo e espaço, tirando dos homens sua história. No entanto, ao denunciar o declínio da experiência humana coletiva, questionando o valor de todo o nosso patrimônio cultural devido à pobreza de experiências coletivas na era capitalista, o filósofo alemão traz um novo conceito de *barbárie*: a *barbárie* positiva. Ao indagar sobre o que o bárbaro faria a partir dessa pobreza de experiências, Benjamin conclui que esta nova *barbárie* “o impele a partir para frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco” (BENJAMIN, 1994, p. 116).

Ao compreender com Benjamin que, a partir do pouco, é possível começar algo novo e construir novas possibilidades, percebo os sarais literários como um espaço

coletivo onde o compartilhar poemas pode se desdobrar em compartilhar experiências e afetos, instaurando vínculos, reinstaurando algo ancestral e ao mesmo tempo inaugural entre aqueles que ali se colocam, devido ao sentimento de pertencimento e ao sentido de coletividade que podem ser estabelecidos via literatura. Por crer na força transformadora da poesia compartilhada, ao caminhar por essas veredas na travessia da pesquisa, busquei trazer à cena os jovens de camadas populares leitores/ouvintes/*performers* de poemas.

Portanto, por se entrelaçarem filosoficamente, as concepções e conceitos de Mikhail Bakhtin, Bernard Lahire, Paul Zumthor e Walter Benjamin aqui apresentadas, sustentam teoricamente o percurso no campo, assim como as análises tecidas a partir do material construído ao longo da pesquisa.

4.1. Em busca de territórios: percursos, desvios e encontros na travessia da pesquisa

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da resistência, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre as quais ele influi. Quando se fala em território, deve-se, pois, de logo, entender que está se falando em território usado, utilizado por uma dada população (SANTOS, 2000, p.96).

Ao desenhar o projeto desta tese, foi minha intenção pesquisar a presença da poesia em territórios pouco prováveis para a arte literária, considerando que, devido a contextos históricos (LAJOLO & ZILBERMAN, 2009), ao longo de muitos anos, o acesso à literatura restringiu-se a uma pequena fatia da sociedade, compondo espaços privados e/ ou coletivos elitizados, onde, em sua grande maioria, circulavam pessoas de classes sociais abastadas e com substancial formação acadêmica; ou seja, pequenos grupos condecorados como intelectuais, fossem escritores ou não, compostos por rapazes e moças bem-nascidos no berço da cultura letrada.

Esboçado o desenho da pesquisa, feito a partir do recorte que busca compreender a relação dos jovens de camadas populares com a poesia e os eventos coletivos de leitura literária, na tentativa de trazer contrapontos para se pensar a questão da literatura no campo da educação. Busquei identificar alguns territórios onde ocorrem encontros de jovens que se apresentam lendo poemas, seja de autores selecionados por eles ou poemas autorais. E ao tentar mapear tais territórios – que, nesta pesquisa, inspirada pelo

trabalho de Lahire (2006), chamo de improváveis – tenho como referência a concepção de Milton Santos, compreendendo que território é “espaço vivido” e, conseqüentemente, espaço socialmente construído pelos sujeitos sociais, suas ações, suas interferências, suas vozes, suas apropriações e interpretações do mundo que os abarca. Nesse contexto, o entendimento de território, como Alves & Oliveira (2014, p.15), apoiados em Santos (2000), o concebem, vem a ser o que “engloba a produção humana em sentido mais amplo, envolvendo as dimensões da produção material da existência, circulação e consumo, bem como as dimensões subjetiva, simbólica, cultural, ética, moral, estética etc”. Ao afirmar que “a constituição social dos territórios se dá através das relações que os indivíduos e grupos humanos neles estabelecem”, os autores também reforçam que essas relações somam “conflitos, interesses, convergências e relações de poder” (ALVES & OLIVEIRA, 2014, p.16).

Como neste trabalho, o objetivo central é compreender como os jovens/adolescentes encontram seus territórios via arte literária, e também como transitam nesses espaços coletivos de leitura, constituindo sua identidade através de suas escolhas e ações em determinados territórios, compreendo, uma vez mais com Alves & Oliveira (2014, p.18), que:

Pensar o tema *territórios e juventudes* exige pensar a maneira como os jovens constroem e dão significados aos espaços, através dos locais que frequentam, dos estilos de vida, da produção de culturas juvenis, dos padrões de consumo, das relações e da sociabilidade. Exige também pensar de que forma os espaços vividos, construídos e (re)significados pelos jovens influenciam suas escolhas e seus modos de vida .

No mundo contemporâneo, os jovens têm como característica marcante a capacidade de transitar em distintos territórios – seja por desejo de se lançar no mundo, seja por interesses relacionados à arte ou à sexualidade em ebulição, seja pela necessidade de lutar pela sobrevivência –. Com isso, estabelecem relações em e com diferentes campos, fomentando e produzindo o que Sarlo (2013) denomina cultura juvenil. Dessa maneira, os cenários urbanos são habitados e potencializados por diversas culturas juvenis que formam um mosaico de escolhas e estilos marcados por diferentes classes sociais e etnias que, por sua vez, são atravessadas por desigualdades, questões raciais e de gênero, implicando, assim, em distintos comportamentos, gostos musicais e literários, maneiras de se vestir, de se divertir, de se relacionar; diversidade visivelmente delineada também pela tensão entre referências locais e globais. Como afirmam Alves & Oliveira (2014, p. 27):

As cidades e seus espaços são os lugares em que os jovens “desfilam” seus variados estilos de vida e modos de ser. A cidade, como lugar do desenvolvimento das individualidades por excelência, é, por assim dizer, o grande laboratório de criação, recriação e fomento das culturas juvenis. Ao usarem os espaços da cidade, ao darem significado e sentido a determinados lugares da cidade, os jovens constroem e demarcam territórios por onde circulam.

Como os territórios urbanos são multifacetados, pois são formados por múltiplos interesses e influências, as culturas juvenis eclodem heterogêneas em diferentes espaços, sinalizando, com tal diversidade, que os jovens têm muito a dizer sobre si para os demais círculos sociais dos quais fazem parte, como família e escola, por exemplo:

(...) há uma multiplicidade de experiências juvenis caracterizadas por novas linguagens, expressões corporais, apropriações da e na cidade, práticas na internet e movimentos artístico-culturais que, algumas das vezes, a escola e nós, professores, desconhecemos e ignoramos. Em outras palavras, as dimensões simbólicas e expressivas da vida dos jovens precisam ser observadas como maneiras de comunicação, sociabilidade e identidade entre eles (REIS & JESUS 2014, p. 14-15).

Nesse sentido, considero importante pesquisar espaços para além da escola com o intuito de pensar as culturas juvenis e o que elas podem apontar para o campo da Educação, pois, como sinaliza Rojo (2009), as práticas sociais extra-escolares dos jovens, muitas vezes, são silenciadas e ou desconhecidas por aqueles que pensam as práticas pedagógicas na e da escola. Portanto, ao tomar conhecimento, com a pesquisa de Villela (2014), de um sarau para jovens que ocorria, uma vez ao mês, na Biblioteca Parque da Rocinha, promovido por um morador da comunidade, iniciei meu percurso de pesquisa de campo em maio de 2014 para um estudo exploratório daquele “território”.

O primeiro evento observado, que ocorreu junto a uma apresentação de participantes do Festival Internacional de Circo e também à comemoração de dois anos da Biblioteca Parque da Rocinha, contou com a presença de pessoas de diferentes faixas etárias, incluindo crianças, adolescentes, adultos, senhores e senhoras com mais de sessenta anos, em sua maioria, moradores da comunidade, e também poetas de outros pontos da cidade que lançavam seus livros no Sarau Letras da Favela. O mentor e organizador do sarau também atuou, durante dois anos, como professor na biblioteca de uma escola pública na Rocinha, onde esteve em contato direto com crianças e adolescentes para atividades de leitura literária, especialmente, poemas; nesse trânsito entre o espaço escolar e não escolar, faz uma ponte para que crianças e jovens da comunidade circulem nesses espaços de leitura, tendo a literatura e a música como aliadas na promoção da cultura num território, em princípio, árido, já que marcado pelas desfavoráveis questões socioeconômicas, assim como pela violência determinada pelos constantes conflitos entre polícia e líderes do tráfico. Vale ressaltar que tais conflitos

interferiram nas observações, dificultando a frequência das idas ao campo que deveriam ocorrer uma vez ao mês e que, no entanto, devido ao risco em momentos de tensão, não ocorreram como previsto no cronograma de estudo exploratório.

Para além da inconstância nas idas ao campo devido às situações de risco na comunidade escolhida para a pesquisa, houve também uma interrupção de 6 meses devido ao período que me ausentei do país para o doutorado-sanduíche em Barcelona, onde participei de encontros no GRETELL (Grupo de Investigación de literatura infantil y juvenil y educación literaria de la Universitat Autònoma de Barcelona) em busca de ampliações teórico-metodológicas para este trabalho.

Após meu retorno ao Brasil, retomei a observação dos saraus, indo a três eventos (fevereiro, março e abril, respectivamente), no entanto, percebi que muitos dos jovens que frequentavam o Letras da Favela, anteriormente, já não estavam presentes, sendo a maioria dos participantes, nesse momento da minha retomada ao campo, jovens acima de 25 anos. Como o recorte etário para esta pesquisa previa que os pesquisados tivessem até 20 anos, busquei rastrear os participantes mais jovens e, por meio de relatos feitos pelo organizador do evento, descobri que muitos deles haviam migrado para a Companhia Semearte, liderada por uma outra pessoa da comunidade, dessa vez uma professora de educação física, que reunia na Biblioteca Parque da Rocinha, uma vez por semana, adolescentes e jovens para o desenvolvimento de atividades artísticas. Optei, então, por conhecer o grupo e observar as atividades vivenciadas por eles, semanalmente.

Durante o mês de maio de 2016, observei os encontros da Companhia Semearte, realizados sempre às sextas-feiras, e entrevistei 4 jovens escolhidos entre os mais de 50 participantes do grupo; no entanto, ao realizar as entrevistas, pude perceber que o grupo estava muito mais envolvido com o teatro e a dança, especificamente, realizando montagens de peças teatrais a partir de textos dramáticos como “O Santo e a Porca”, de Ariano Suassuna, por exemplo, ou de esquetes escritas por eles mesmos, além de coreografias embaladas pela *black music* ou *hip hop*. Os jovens relataram que se apresentavam na Biblioteca Parque, mas também em vários outros pontos da comunidade, demonstrando imenso prazer em levar arte a lugares distintos da comunidade, muitas vezes de difícil acesso e tidos como locais perigosos onde, talvez, nenhuma manifestação cultural chegaria sem a atuação do grupo.

Apesar de estes jovens estarem comprometidos com a questão da propagação da arte dentro da favela, exercendo uma militância cultural significativa junto a outros

jovens da comunidade, não estavam exatamente entrelaçados aos saraus de poesia, fio condutor e objeto desta pesquisa. Nesse sentido, as estratégias metodológicas foram reavaliadas, o que resultou na decisão de buscar outros territórios a serem visitados em busca dos jovens participantes de saraus de poesia. A partir do mapeamento dos saraus no Rio de Janeiro feito pela Mufa Produções encontrei o Sarau da Esquina, que acontece na Cidade de Deus, e, ao consultar páginas do sarau nas redes sociais, pude constatar que é frequentado por jovens daquela comunidade. Seria um território perfeito para reiniciar a pesquisa caso não fosse também uma comunidade que passasse por momentos de tensão devido a conflitos entre polícia e traficantes; como o sarau ocorre à noite e em lugares distintos, já que é um evento itinerante, seria arriscado, de certa forma, considerando que não possuía nenhum contato dentro daquela comunidade. Dessa maneira, tentei contatar outro grupo de jovens atuantes no Complexo da Maré que, no momento (junho de 2014), realizava oficinas de escrita poética com um renomado poeta carioca, todavia, não obtive sucesso.

As dificuldades ao longo do percurso para conseguir as principais vozes para esta pesquisa não me paralisaram ou tampouco me desanimaram, pois sabia, desde o mestrado, que apesar de o campo apresentar percalços, apresenta também surpresas, por isso, estava convicta de que encontraria o grupo com o perfil que se encaixaria nesta discussão. Foi quando, em uma noite de Corujão da Poesia no Rio de Janeiro, evento e movimento do qual faço parte há mais de uma década, descubro que um grupo de jovens da periferia de São Gonçalo frequenta o Corujão da Poesia que acontece na cidade de Niterói. O coordenador do evento, João Luiz de Souza, o conhecido João do Corujão, personalidade emblemática da militância no campo da leitura literária e, especialmente, no campo da poesia, colocou-me em contato com cinco jovens entre 18 e 20 anos (três rapazes e duas moças) através das redes sociais digitais e todos, prontamente, manifestaram o desejo de participar e colaborar com meu trabalho acadêmico. Finalmente, em setembro de 2016, pude retomar o campo com maior intensidade, saltando, então, do estudo exploratório para uma pesquisa etnográfica densa, a partir do momento em que passo a acompanhar e a registrar as apresentações dos jovens em saraus e inicio também as conversas em profundidade em grupo e individuais para obtenção de informações – escolhas metodológicas que serão especificadas a seguir.

4.2. Conversas em profundidade e outros instrumentos de pesquisa

O período do doutorado-sanduíche junto aos pesquisadores do GRETELL (Grupo de Investigación de literatura infantil y juvenil y educación literaria) na Universidade Autônoma de Barcelona foi marcado por discussões sobre os instrumentos metodológicos mais adequados a esta pesquisa, assim como pelo estudo da tese de Marín (2011), trabalho que tornou-se importantes referência para esta tese por tratar de uma pesquisa com jovens. A construção de alguns desses instrumentos partiu de uma ampla discussão com Mireia Manresa e Cristina Aliagas Marín – professoras-orientadoras que desenvolvem pesquisas relacionadas à formação de leitores jovens/adolescentes na Catalunha –, sendo revisados e afinados junto à orientadora Patrícia Corsino (PPGE-UFRJ), após meu retorno ao Brasil. Tais instrumentos incluem entrevistas semi-estruturadas, conversas em profundidade (em grupo e individuais) com os jovens pesquisados, análise de artefatos (poemas autorais e posts realizados no *Facebook* pelos jovens), observação dos saraus, fotografias e vídeos das *performances* poéticas dos participantes.

A opção pelas conversas em profundidade, também chamada de entrevista antropológica ou etnográfica (Spradley 1979; Agar 1996), uma modalidade da entrevista não-estruturada que aspira aproximar-se ao modelo da conversa natural, foi inspirada na tese de Marín (2011), trabalho que articula-se aos debates dos Novos Estudos de Letramento (NEL) – a partir de Barton, Hamilton e Street, autores que compreendem a leitura e a escrita como práticas ideológicas e sociais, situadas historicamente, em Holland e Leander (2004), Lemkey (2000) e Wortham (2004, 2006) e importantes referências da sociologia como Peroni (1988), Petit (1999 e 2001) e Sarland (1991), Paul e Rowsell (2005) e nos estudos de letramento e identidade de Moje e Luke (2009). Ao compreender com estes últimos autores que as identidades são a acumulação das histórias pessoais que vão se articulando ao largo de uma escala temporal, a pesquisadora analisou o entrelaçamento entre identidade e letramento no processo de construção das identidades leitoras dos adolescentes através de suas trajetórias de identificação e participação social. A partir do conceito de identidades laminadas – identidade com a diferença, enfoque nos aspectos nacional, racial, étnico e cultural das identidades; identidade com a subjetividade, enfoque nos artefatos escritos pessoais; identidade com a narração, análise discursiva das histórias e experiências vividas; identidade com a posição, análise das posições assumidas dentro das estruturas

sociais e suas projeções – analisa as posições metafóricas espaciais e sociais dos pesquisados via documentos, atividades, artefatos e discursos produzidos simultaneamente pelos jovens em diversos domínios sociais, como a escola, a família, as redes sociais, o espaço digital. Considerando que as conversas em profundidade propiciaram um amplo *corpus* para a construção e análise de dados na tese de Marín (2011), elegi tal procedimento metodológico para realizar minha pesquisa, considerando a proximidade entre os dois trabalhos, já que ambos têm os jovens como interlocutores.

Nessa tessitura metodológica, a pesquisa ganhou um contorno que aposta nas conversas em profundidade como principal estratégia na construção do material de pesquisa, além de um instrumento fechado com algumas perguntas específicas, respondidas individualmente, para o registro de informações objetivas sobre os participantes. O instrumento ²¹ fechado aborda pontos específicos sobre cada participante como: sexo, idade, local de moradia, escolaridade, trabalho e atividades de lazer. Já as conversas em profundidade foram impulsionadas por questões que mobilizam esta pesquisa: a compreensão da trajetória dos pesquisados, a motivação para frequentarem os saraus de poesia, sua permanência nos eventos, o engajamento nos movimentos coletivos de poesia e os desdobramentos sociais a partir da participação nos saraus, a relação entre identidade e grupo via leitura e escrita literária.

As narrativas construídas nas conversas registradas, os escritos vernáculos cedidos pelos pesquisados, no caso, os poemas autorais e posts realizados em redes sociais digitais na internet, assim como as fotografias²² e os vídeos²³ das *performances* poéticas feitos durante os saraus observados – elementos da pesquisa aqui compreendidos como artefatos (Paul Rowsell (2005) –, constituem o *corpus* da pesquisa para a análise dos sedimentos que se sobrepõem nas lâminas de identidade e nas práticas sociais dos jovens vinculados aos eventos e movimentos de poesia.

Para a composição do material de pesquisa, foram realizados um encontro individual com cada um dos cinco participantes e dois encontros coletivos (um no início e outro ao final da pesquisa) para as conversas em profundidade, além da observação dos saraus, ao longo de quatro meses, e o acompanhamento das postagens no *Facebook*,

²¹ O instrumento consta no Apêndice deste trabalho.

²² Algumas fotografias feitas para registro dos saraus e dos encontros para as conversas em profundidade constam no Apêndice 2.

²³ Alguns vídeos da *performances* dos jovens poetas estão compilados no cd que consta no Apêndice 3.

durante seis meses. Todos os encontros para as conversas em profundidade ocorreram, sempre aos domingos, no espaço Reserva Cultural, em Niterói, prédio projetado por Oscar Niemeyer, que abriga três salas de cinema, cerca de 4 restaurantes, uma livraria e uma sala de exposições artísticas. Os saraus do Corujão da Poesia observados (total de seis eventos) também ocorreram no mesmo espaço cultural, às quintas-feiras, à noite, em um bistrô que acolhe o evento. Houve também a observação de um sarau idealizado e produzido por um dos jovens pesquisados, Matheus Goudar, o Sarau Poesia *Funk*, no bairro Boaçu, periferia de São Gonçalo, no sábado 15/010/2016, à tarde; certamente uma das maiores surpresas apresentadas pelo campo, já que, ao buscar um grupo de jovens leitores e/ou autores de poesia que frequentassem saraus, não imaginava encontrar jovens que também idealizassem e promovessem encontros de leitura compartilhada de poemas e outras manifestações artísticas em seu território de origem – aspecto que será amplamente discutido no Capítulo V. Importante ressaltar que os poemas autorais lidos/ditos nos saraus observados durante a pesquisa de campo foram, posteriormente, enviados a mim por e-mail e todos os pesquisados têm conhecimento de que suas produções estarão publicadas nesta tese, o que foi feito com prévia autorização dos autores.

Ao longo da realização do trabalho de campo, a internet foi um meio de comunicação importante, sendo as mensagens trocadas por *e-mail*, *whatsapp*, *Messenger* e *Facebook* decisivas para a aproximação e interlocução entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa. Ao compreender com o trabalho de Marín (2011) que a pesquisa no ciberespaço poderia dilatar as possibilidades de análise dos discursos e da movimentação social dos jovens pesquisados, apoiada nos estudos de Couto Junior (2013), apostei no *Facebook* como fonte de pesquisa para selecionar publicações feitas por eles no que diz respeito à poesia, tais como suas produções poéticas, fotos, vídeos e divulgação de saraus frequentados e produzidos por eles, entre outros.

Como fora evidenciado, desde o primeiro contato, que se deu por meio da internet via *Messenger*, os jovens mostraram-se não somente disponíveis, mas, sobretudo, interessados e empenhados em participar da pesquisa, o que se acentuou após o primeiro encontro em um sarau do Corujão da Poesia, quando pude contar sobre meu interesse em pesquisar com jovens poetas da periferia e explicitar os objetivos específicos da tese; feito isso, ficou acordado que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido seria assinado por eles. A empatia entre pesquisados e pesquisadora se deu de imediato, sendo os meses de convívio, além de produtivos do ponto de vista

empírico, permeados por cumplicidade; como alega Pérez (2014, p. 114), “na pesquisa de campo, os afetos, os sentimentos e as emoções emergentes durante o processo de intervenção servem para entender o próprio problema em questão”. Ao realizar uma pesquisa com jovens é preciso “manter uma abertura em relação às surpresas do trabalho de campo e considerá-los como parceiros dos adultos na construção do conhecimento” (PÉREZ, 2014). Este campo reservou algumas surpresas nesse sentido, pois além das muitas horas de conversa em profundidade e os encontros nos saraus, conversávamos pelo *Whatsapp* ou pelo *Messenger* para marcar os encontros e para falar sobre o andamento da pesquisa, o que fez com que nossa parceria tenha se intensificado ao longo do processo. Alguns encontros ultrapassaram o espaço dos saraus e, por vezes se desdobraram em um jantar, uma visita a uma exposição de fotografias sobre Cuba, um momento para a entrega das coletâneas de poetas brasileiros que escolhi para os jovens pesquisados como presente de Natal; momentos partilhados entre pesquisadora e pesquisados que, certamente, ultrapassaram o campo empírico e alcançaram o território do afeto.

No entanto, ainda que essa relação tenha sido marcada por parceria e laços afetivos, a diferenciação entre os sujeitos permaneceu demarcada e a vigília exotópica foi mantida no percurso da pesquisa, compreendendo que:

as pessoas possuem histórias de vidas diferentes, hábitos e planos de vida distintos, o que torna impossível uma compreensão completa do outro. Cada sujeito possui uma temporalidade própria, que envolve tanto o tempo quanto o espaço. Por causa dessa diferença temporal, não podemos compreender totalmente a história que o outro nos conta (...). Há sempre alguma coisa que permanece desconhecida e que não pode ser compreendida, já que há uma diferença estrutural entre os sujeitos (PEREZ, 2014).

Nesse tempo/espaço de interlocução entre pesquisadora e pesquisados emergiram as histórias dos sujeitos em questão, possibilitando a construção do material apresentados nos perfis da seção seguinte e dos eventos enunciativos e artefatos analisados no último capítulo. Ao compor a coleção aqui apresentada, a partir de gravações em áudio e vídeo, da escolha dos poemas compartilhados nos saraus, das publicações feitas no *Facebook* e de fotografias feitas nos encontros da pesquisa de campo, fez-se a opção metodológica de apresentar os eventos discursivos de maneira que não se perdesse o fluxo narrativo, colocando em diálogo falas que se aproximam e se entrelaçam – o que, por vezes, implica em trechos um pouco mais dilatados do que o usual em pesquisas que trazem as vozes dos pesquisados. Tal opção se justifica pelo fato de o discurso direto possuir maior força e densidade comparado à conversão desse discurso em discurso indireto ou indireto livre do pesquisador; alguns grifos foram

feitos em trechos dos eventos, evidenciando alguns destaques nas narrativas. . Importante ressaltar que a palavra evento aparecerá em dois sentidos distintos: o evento enunciativo no sentido bakhtiniano – conceito que será abordado no Capítulo V – e evento artístico/cultural para referenciar os saraus frequentados e produzidos pelos jovens pesquisados.

Após os primeiros encontros e conversas em profundidade, foram pinçadas informações para a construção dos perfis apresentados a seguir, inspirados no trabalho de Bernard Lahire (2010), para que os sujeitos da pesquisa sejam apresentados em suas individualidades.

4.3. Perfis improváveis: retratos em branco e negro

Se o perfil sociológico, como gênero de escrita científica, trata de uma realidade social e realmente visa – como discurso não-literário que se apoia nos dados e se preocupa com a crítica dos contextos de sua produção – a uma verdade relativa, também deve deixar aparecer a maneira específica, o estilo do “desenhista” (LAHIRE, 2010, p. 71)

Os perfis aqui descritos, ou os retratos sociológicos, como propõe Lahire (2004), foram construídos a partir das conversas em profundidade gravadas em áudio e informações registradas pelos participantes na ficha com informações objetivas; materiais que foram revisitados diversas vezes, antes de serem traçados e escritos os perfis. As descrições individuais aqui apresentadas trazem informações compartilhadas pelos participantes da pesquisa e procuram trazer também o excedente de visão que busquei no movimento exotópico – deslocamento fundamental no processo de uma pesquisa com referencial bakhtiniano –, o que se desdobra numa atitude responsiva diante do outro pesquisado, assim como na opacidade interpretativa dos materiais construídos. Portanto há, nessa tessitura, não somente os traços marcantes dos entrevistados como também o traço de minha escritura, ou, como aponta Lahire, “o estilo do desenhista”, pois “cada retrato é um misto de descrições e de interpretações” (Lahire, 2006, p. 179).

Os aspectos evidenciados nesses perfis intentam trazer à superfície do texto as lâminas de identidade sedimentadas nas experiências cotidianas, na socialização cultural exercida pelo meio social de origem e na socialização cultural entre amigos desses jovens pesquisados. Como defende Lahire (2010, p. 74):

Entre o sociólogo e o “discurso da entrevista” não existe a mesma relação que entre o historiador e os arquivos. As palavras não esperam (na cabeça ou na boca dos entrevistados) que um sociólogo venha recolhê-las. Só puderam ser enunciadas, formuladas, porque os entrevistados

possuem disposições culturais, esquemas de percepção e de interpretação do mundo social, frutos de suas múltiplas experiências sociais.

Vale ressaltar que os entrevistados estão cientes de que seus depoimentos farão parte de uma pesquisa acadêmica e que a não identificação dos nomes reais é garantida ao pesquisado de maneira ética e responsável, no entanto, optaram por terem os nomes originais mantidos por marcarem sua identidade como artistas militantes da poesia.

Perfil 1: Douglas Cortinovis: 20 anos, morador da periferia de São Gonçalo-RJ, estudante do 5º período de psicologia de uma universidade particular e poeta ativista.

Douglas se autodefine como “jovem periférico” e relata ter passado por um longo período de aceitação de sua condição étnica e social e que o contato com pessoas do universo da *black music* e do *hip hop* teve uma significativa interferência na construção de sua identidade como jovem de periferia. Antes de sua aproximação com pessoas a quem hoje chama de “iguais”, preocupava-se em conectar-se com pessoas de níveis sócio-econômicos mais privilegiados que o seu e alega que isto ocorreu pelo fato de ter negado, por algum tempo, seu grupo de origem. Dessa forma, passou a negar também sua condição social, assim como algumas de suas características físicas, e buscou ser aceito por aquelas pessoas que tinham uma realidade econômica e social bastante distinta da sua. Com isso, procurava vestir-se como elas, ouvia as músicas preferidas daquele grupo, alisava o cabelo, frequentava espaços “burgueses” e tentava comportar-se como “um deles”, mas, num dado momento, percebeu que também era difícil encaixar-se naquele universo que apresentava inúmeros contrastes e limitações para ele, especialmente de ordem financeira. Tais incômodos o impulsionaram a ceder aos convites de alguns amigos de seu local de origem que sempre o chamavam para eventos de *black music* na periferia, ainda que tivesse grande resistência em frequentar locais em que a grande maioria das pessoas fosse “gente de favela”. Ao entrar em contato com o universo da *black music* e *hip hop* conheceu uma mulher, com cerca de 40 anos, que tornou-se sua grande amiga e mentora no processo de “empoderamento” de sua condição sócio-cultural, impulsionando-o, então, à leituras e apropriações da literatura e do movimento negro. Nesse momento em que chama de “virada”, se atenta para o fato de que, apesar de ter a pele branca, sua essência étnica é negra, compreende que há uma cultura própria da periferia e percebe que seria possível mostrar que era uma “pessoa capaz” sendo um jovem de periferia.

A família também representa uma importante referência nesse processo e afirma que seus pais, ainda que pessoas simples e de escolaridade limitada, sempre o incentivaram a estudar. Considera-se um aluno empenhado, com alguns altos e baixos, e tem a formação acadêmica como meta. Escolheu o curso de psicologia porque, desde a infância, é um observador nato e confessa se sentir atraído em “compreender as pessoas, observando o comportamento, a fala, os gestos, as contradições humanas”.

Suas principais atividades de lazer estão vinculadas à arte e também a coisas simples como “sentar no teatro popular em Niterói para apreciar a vista, o pôr-do-sol”. Gosta de sair para “dançar com os amigos, namorar, tomar cerveja, curtir um sarau, ir ao cinema”. Quando estava empregado, ia muito ao cinema, mas atualmente, não trabalha, apenas estuda; já trabalhou no comércio, em uma loja de roupas e skate.

Considera-se um leitor, sendo Clarice Lispector, Machado de Assis, Jean-Paul Sartre, Friedrich Nietzsche e Charles Bukowski seus autores prediletos. Escreve poemas desde a infância, porém, devido sua timidez escondia seus escritos ou até mesmo desfazia-se deles, até recentemente. Chegou aos saraus recentemente (há 7 meses), ao conhecer o atual namorado – Thiago D’Lyra, também integrante desta pesquisa –, e tornou-se um participante atuante, expondo seus poemas ao público de forma contundente, compreendendo a poesia como forma de se auto-afirmar como jovem de periferia imerso no universo artístico e, portanto, produtor de cultura.

Perfil 2: Thiago D’Lyra, 18 anos, morador da periferia de São Gonçalo-RJ, terminou o 3º ano do Ensino Médio em uma escola pública, em 2016, e acaba de ingressar na universidade, no curso de comunicação social. É ativista nos saraus de poesia e articulador de eventos culturais em sua comunidade.

Thiago se autodefine um jovem militante do movimento negro, após entrar em contato, através das redes sociais, com pessoas que o ajudaram a perceber sua condição étnica, já que não se reconhecia negro por não ter a pele muito escura; mesmo deixando o cabelo crescer, por não ter condições de sempre cortá-lo, não se via como afrodescendente e insistia em dizer “não sou preto”. Ao ser confrontado com essa questão pelos novos amigos feitos na internet afirma ter desconstruído esse olhar míope sobre sua própria identidade, iniciando leituras e discussões com seus pares a respeito da condição do negro na sociedade brasileira, conscientizando-se e se “empoderando” dessa nova identidade, assim como de novas práticas e espaços sociais.

Chegou aos saraus de poesia através de uma amiga que conheceu, ainda no Ensino Fundamental, na escola pública onde estuda – Nathália D’Lira, também participante desta pesquisa – e passou a frequentar os eventos, conectando-se a outros jovens de periferia envolvidos em movimentos artísticos. Junto a esses amigos passou a integrar o coletivo Vivedarte que desenvolve projetos culturais na periferia e promove eventos culturais em espaços públicos.

Afirma não ser um grande leitor, pois nunca teve muito contato com os livros, nunca havia frequentado livrarias, antes de conhecer os saraus de poesia. Não se considera um excelente estudante e alega que seu nível de interesse pela escola “depende da época” e das coisas que está vivendo.

Não trabalha formalmente, mas faz artesanato e trança cabelos. Nas horas de lazer, empenha-se nas festas de família, de vez em quando vai à igreja, namora, vai ao baile charme, gosta de ficar no celular e também de organizar projetos culturais com os amigos. Não escreve poemas, mas gosta de dizer nos saraus os poemas com os quais se identifica.

Perfil 3: Andressa Marins, 19 anos, moradora da periferia de São Gonçalo-RJ, cursa o 4º período de estética e cosmética numa universidade particular, é cabelereira, poeta ativista e articuladora de eventos culturais em sua comunidade.

Andressa considera-se uma boa aluna, atenta e concentrada nas aulas, dedica-se aos estudos com empenho. Teve contato com a leitura na infância incentivada pela mãe – que cursou até o Ensino Médio – e relata que na escola não havia atividades cotidianas voltadas à leitura literária. Ainda guarda seus livros infantis, pois fazem parte das boas lembranças da infância.

Apesar de, atualmente, cursar estética e cosmética e ser cabelereira, algo que, em princípio, parece ser distante do universo da leitura, interessa-se, desde a adolescência, por leituras ligadas à psicologia, psicanálise e psicoterapia, pois gosta de pensar sobre as relações humanas e refletir sobre seus questionamentos e transtornos internos. Com o tempo, o interesse pela leitura foi ampliando-se, levando-a ao campo da literatura, especialmente à poesia. Fernando Pessoa é um de seus autores preferidos, sendo o heterônimo Álvaro de Campos o que mais lhe interessa, além de Bukowski, Viviane Mosé, Martha Medeiros. Afirma que o desejo de escrever em versos foi o que a impulsionou à leitura de poemas e que, aos poucos, vem ampliando seu conhecimento sobre novos autores desse gênero literário.

Além de trabalhar como cabelereira, faz parte de um grupo de animação de festas infantis nos fins de semana. Em casa, dedica-se à leitura e a ouvir música, seus hobbies preferidos. Sai pouco, pois sua mãe não autoriza que ela esteja sempre em festas, mas gosta de sair com os amigos para assistir um show, ir ao teatro e, sobretudo gosta de ir aos saraus de poesia.

Chegou aos saraus, aos 17 anos, através de Matheus Goudar, outro participante desta pesquisa, que conheceu através das redes sociais; amizade que teve início na internet e consolidou-se nos encontros para ler poesia. Publica poemas autorais nas redes sociais e mantém um blog com seus poemas que compartilha com os amigos mais próximos. Com alguns amigos que fez nos eventos de poesia, desenvolve projetos culturais em espaços públicos e é uma das mentoras do coletivo Vivedarte.

Perfil 4: Nathália D’Lira, 19 anos, moradora da periferia de São Gonçalo, terminou, em 2016, o 3º ano do Ensino Médio em uma escola pública, é atendente no comércio e poeta ativista nos eventos de *RAP* e nos saraus de poesia.

Nathália não considera a escola um lugar muito interessante. Prefere estar na rua, onde se reconhece como artista, integrando os movimentos de *RAP* e *hip hop*, que frequenta desde os 8 anos. Escreve desde criança, mas relata que seus professores não sabiam nomear seus escritos. Descobriu-se poeta na rua, juntos aos *rappers* e grafiteiros nos eventos que acontecem nas praças de sua cidade.

Trabalha no comércio e, apesar de não ser o emprego que gostaria de ter, procura ser “a melhor atendente da loja”, pois acredita que “tudo o que você se propõe a fazer deve ser feito da melhor maneira possível”. Gosta de música, especialmente as composições dos M’cs, que influenciam muito sua escrita. Atua com frequência nos saraus de poesia e se apresenta com textos autorais, além de ser produtora de eventos ligados à cultura *hip hop* e à arte de rua. Sua referência literária é o poeta Sérgio Vaz, criador do Sarau Cooperifa, movimento de resistência cultural da periferia de São Paulo que reúne, semanalmente, centenas de pessoas para ler e ouvir poesia.

Empenha-se em levar sua arte aos jovens de sua comunidade e também às crianças, sua grande preocupação com relação à formação cultural. Sonha em viajar pelo país para participar de eventos culturais e trocar experiências artísticas com outros *rappers* e poetas.

Perfil 5: Matheus Goudar, 20 anos, morador da periferia de São Gonçalo - RJ, terminou o 3º ano do Ensino Médio, também faz cursos profissionalizantes e pretende ingressar na universidade para cursar estudos de mídias e, posteriormente artes e/ou filosofia. Já trabalhou em lojas de shoppings, está desempregado, atualmente, com dificuldades em encontrar um novo emprego. É poeta ativista em saraus e promove eventos culturais ligados à música e à poesia em sua cidade.

Matheus considera-se um aluno empenhado e dedicado aos estudos, com “sede de conhecimento” e busca aprofundar-se nos temas discutidos em sala, procurando ir além da matéria dada, ampliando suas leituras e pesquisas, especialmente na internet, por não se contentar com o que lhe oferecem no espaço escolar. Diz ter tido alguns professores marcantes que lhe incentivaram a escrever, tendo uma atenção especial de um deles, o de geografia, na hora do recreio para rever seus textos, quando tinha cerca de 12/13 anos. A mãe também sempre o incentivou muito, colocando-o em contato com o universo artístico, levando-o a museus, exposições de arte, mostrando músicas de diversos gêneros. Considera que seu interesse pelo mundo da arte se deve ao estímulo da família e de alguns professores.

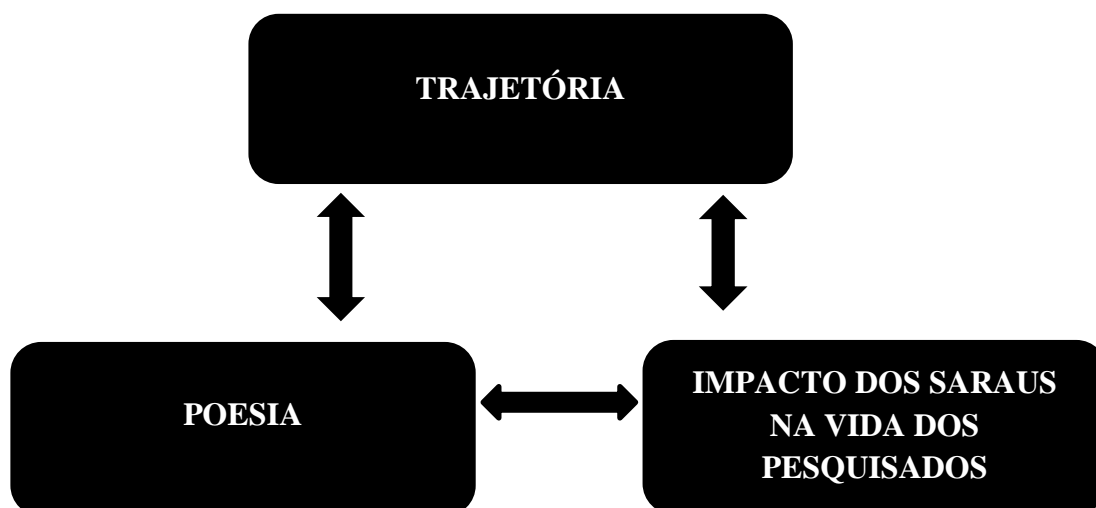
Gosta muito de ouvir música, pois foi essa sua “primeira fonte de inspiração para escrever”, seu “primeiro contato com a poesia”. “Primeiro foi a música, depois vieram os livros”. Os poetas simbolistas têm sido uma importante referência em suas leituras literárias e, atualmente, tem “lido e estudado” Augusto dos Anjos e Baudelaire. Carlos Drummond de Andrade, José Régio, Chacal e Torquato Neto também são autores muito influentes em sua formação como leitor.

Suas atividades de lazer estão especialmente voltadas aos eventos de poesia e música em São Gonçalo, Niterói e Rio de Janeiro. Está sempre à procura de expandir seus contatos com músicos, atores, poetas e outros agentes culturais.

Chegou aos saraus quando tinha 16 anos através de um amigo que o convidou para um evento de poesia que organizava em sua cidade, e, desde então, atua como poeta em diversos saraus e também produz seus eventos de música e poesia em São Gonçalo.

Após trazer os perfis dos sujeitos da pesquisa, no capítulo a seguir, apresento as análises das conversas em profundidade, das *performances* apresentadas pelos jovens nos saraus, dos poemas escritos e lidos por eles, assim como das publicações feitas por no Facebook, abordando questões ligadas à trajetória individual dos pesquisados, à

relação com a leitura literária, em especial com a poesia, à criação poética, ao ativismo desses jovens nos saraus e ao impacto dos saraus em suas vidas.



VI. Capítulo V

A poesia que impulsiona: jovens leitores e autores da periferia em cena

A poesia acompanhou os agonizantes e estancou as dores,
Conduziu as vitórias, acompanhou os solitários,
Foi ardente como o fogo, ligeira e fresca como a neve,
Teve mãos, dedos e punhos, teve brotos como a primavera:
Fincou raízes no coração do homem.

(NERUDA, 2001, p.21)

Neste capítulo, os jovens pesquisados serão apresentados como leitores e autores que assumem a cena nos saraus por meio da *performance*, quando compartilham com o público seus poemas autorais e os poemas de seus poetas preferidos. Nesse cenário em que os encontros são regidos pela palavra poética, os jovens destacam-se como participantes atuantes e apontam que a literatura pulsa no cotidiano da periferia. Ao narrarem sobre suas trajetórias, abordam a relação estabelecida com a leitura literária, a importância da autoria e dos espaços coletivos para compartilharem seus escritos e, sobretudo, revelam como a poesia os impulsiona a lutar juntos num território improvável para a arte.

As análises aqui apresentadas a partir das vozes dos cinco jovens poetas estão apoiadas nas concepções de linguagem, sujeito e pesquisa sustentadas por Bakhtin e Benjamin, autores que enfatizam a dimensão expressiva da linguagem no processo de constituição dos sujeitos e compreendem as inter-relações sociais como espaço de desenvolvimento e formação. Nessa perspectiva, os sujeitos da pesquisa são compreendidos como interlocutores situados historicamente, marcados por uma cultura e por uma realidade social que, ao mesmo tempo, os constitui e por eles são constituídas. Desse ponto de vista, a pesquisa é tecida a partir do questionamento dos discursos produzidos por eles, buscando não uma explicação, mas sim uma compreensão dos signos presentes nas ações humanas a partir da interpretação dos múltiplos discursos que se apresentam ao pesquisador. Ao afirmar que a linguagem é o principal espaço de reflexão das Ciências Humanas, Bakhtin (1992) ajuda na compreensão de que a inter-relação entre pesquisador e pesquisado se estabelece através de discursos e que o questionamento de tais discursos é o que possibilita a construção de sentidos na pesquisa. Como elucidada Corsino (2014, p.15), apoiada em Bakhtin:

Nas Ciências Humanas, o pesquisador, diante das inúmeras questões que desafiam os seus saberes, mobiliza diferentes espaços de interlocução e penetra no espaço dialógico do sentido. Sua busca, pela compreensão das suas questões se faz na, pela e através da sua palavra e da palavra do outro, dos muitos outros (que são os seus interlocutores), nos ditos e não ditos, no presumível, nas dobras e intervalos.

Nessa perspectiva, a pesquisa é marcada pela relação dialógica entre pesquisador e pesquisado e potencializada pela força da enunciação; a narrativa coletiva, permeada pelo contexto sócio-histórico, implica possíveis interpretações e, ao serem confrontados os múltiplos discursos imbrincados nas interações humanas, o acabamento dado à pesquisa é marcado pela opacidade na construção de sentidos dada pelo pesquisador. Nesse percurso, o pesquisador procura penetrar o “espaço dialógico do sentido”, constituído por seus interlocutores, “nos ditos e não ditos, no presumível, nas dobras e intervalos” os elementos para sua composição, que, certamente, será marcada pela autoria, já que traz uma leitura dentre tantas outras possíveis. Isso inclui o reconhecimento da alteridade, pois a pesquisa se dá na relação com o outro. Nessa tessitura, o pesquisador deve ater-se ao deslocamento exotópico proposto por Bakhtin (2003) para apreender de seu outro o que ao outro não é dado ver: ir, portanto, ao lugar do outro na tentativa de capturar a perspectiva de seu olhar para, de volta ao seu lugar, tentar trazer o que o outro vê. E é exatamente esse excedente de visão, que só pode ser dado por outro, que vai compondo o inacabamento do sujeito; a exotopia concede ao pesquisador lentes novas para ver o outro e, ao mesmo tempo, o implica ao ato responsivo com o outro pesquisado. Nesse sentido, “a dialogia é fundante do nosso ser no mundo e o ato responsivo é entendido como a minha responsabilidade em relação ao outro, a minha não indiferença mutuamente constitutiva” (CORSINO, 2015, p. 196). E é justamente na responsividade que se revela a assinatura do pesquisador.

As concepções bakhtinianas a respeito da exotopia e do ato responsivo iluminaram esta pesquisa tanto no tocante à entrada no campo, como às análises dos discursos dos jovens a partir dos registros das conversas em profundidade e dos *saraus*. O conceito de evento em Bakhtin foi também outra importante referência para a análise dos discursos proferidos pelos jovens durante as conversas. Corsino (2014, p.14), a partir da concepção bakhtiniana de eventos, os define como

momentos constituídos pela ação de dois ou mais sujeitos que, em permanente processo de constituição de si, respondem ao outro do lugar que ocupam. Um evento é um acontecimento irrepetível e único, mas, ao ser organizado como discurso escrito e passar a compor o *corpus* da pesquisa, se torna uma peça de uma coleção. Assim, o evento, ao ser inserido no texto da pesquisa, é recontextualizado e reordenado, sendo possível apreender e atribuir novos significados e sentidos.

Ao trazer os eventos discursivos dos jovens procurei recontextualizá-los e reordená-los, agrupando-os em coleções de acordo com aproximações, segundo a

concepção benjaminiana de coleção. A partir de Benjamin (2006), Corsino (2015, 209) argumenta que

na pesquisa em Ciências Humanas a coleção diz respeito ao conjunto de materiais que foram produzidos, escolhidos e organizados pelo pesquisador. São as coleções de falas, gestos, situações e imagens recolhidas no campo que vão sendo arrumadas e reagrupadas pelo pesquisador, compondo suas interpretações. A ideia de coleção também ajuda a pensar metodologicamente a pesquisa. Como organizar as coleções? O que aproxima cada fragmento que justifique a montagem da coleção? Como recontextualizar cada fragmento sem perder seu significado?

No processo de composição da coleção desta pesquisa cada sujeito pesquisado é visto como parte de uma constelação, outro conceito benjaminiano que, como elucida Pereira (2012, p.33), compreende cada estrela como “parte integrante de uma imagem enquanto elaboração poética posto que (...) cada estrela, embora única, ganha significação não no seu isolamento, mas no desenho que produz na relação com as demais estrelas”. Nesta composição, trago organizada em eventos a voz de cada estrela-poeta que, junto às outras, formam o desenho de uma constelação em um céu improvável: a periferia. Vozes que evocam a força narrativa defendida por Benjamin (1993) e revelam um intercâmbio de experiências que desencadeiam algumas interpretações acerca de uma cultura juvenil contemporânea em um território onde eclodem histórias e laços de coletividade em que a poesia é uma das tecelãs, pois é força motriz que impulsiona e rege os jovens em cena.

Como argumenta Corsino a partir de uma leitura benjaminiana:

(...) os sentidos renascidos em cada enunciação e em cada ato de compreensão, tendo a narrativa como contexto dialógico, rompem o tempo linear, atualizando o passado no presente e se lançando para o futuro, se ampliando. (...) A narrativa, diferentemente da informação, deixa o ouvinte livre para interpretar a história como quiser. Com isso, o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação, que é explicativa, pois pode ser revisitado e ressignificado pelo ouvinte (CORSINO, 2014, p. 15).

Portanto, para compor este trabalho, no processo que se deu entre entrada no campo, construção do material de pesquisa e análises tecidas a partir do *corpus*, busquei como alerta Corsino (2015, p. 203), “explicitar a relação entre sujeitos (...) suas diferentes vozes e lugares sociais, o contexto enunciativo em um intenso processo dialógico que inclui o referencial teórico que serve de sustentação para a pesquisa”, compreendendo-me como “parte integrante do processo”, enquanto pesquisadora, e cuidando para que “as interpretações não abafem as falas. E que as descrições – e a transcrição das falas – propiciem outras interpretações diferentes” das que aqui apresento, de modo “a trazer para o texto narrativo a riqueza da/na linguagem que

trazem elementos marcadores de discursividade” (KRAMER; NUNES; CORSINO, 2009, p. 21). Dessa maneira, ao compreender a narrativa em seu contexto dialógico, trago eventos que preservam o contexto enunciativo dos jovens pesquisados a serem analisados à luz dos teóricos que sustentam esta pesquisa: especialmente, Bakhtin (2003), Zumthor (2010), Paz (2012) e Petit (2008,2009). Em suas narrativas, os cinco jovens apresentam suas características identitárias, suas trajetórias individuais como leitores, os motivos que os levaram a frequentar os saraus, a escrever poemas e a formarem um grupo de poetas atuante em distintas esferas sociais, suas produções literárias compartilhadas nos eventos de poesia e nas redes sociais digitais; abordam também o impacto dos saraus e dos movimentos de leitura e produção literária na construção de suas identidades individuais e como grupo de jovens artistas periféricos atuantes e produtores de cultura.

A análise feita a partir dos discursos dos cinco jovens pesquisados neste trabalho intenta evocar a polifonia de que nos fala Bakhtin (2003) para trazer à superfície do texto as diversas vozes inscritas na periferia – território onde vivem pessoas que, muitas vezes, de um modo geral, são pejorativamente classificadas pela mídia como violentas ou delinquentes e, não raramente, são silenciadas e invisibilizadas pelas demais esferas sociais por serem consideradas ignorantes e/ou desprezíveis por sua condição geográfica e sócio-econômica. As vozes aqui evocadas são vozes que revelam uma juventude periférica atuante em sua comunidade, via literatura, e que, a partir de produções individuais e desejos coletivos tenta, ao mesmo tempo, falar a outras esferas sociais sobre seu lugar de origem e alterar o cenário cultural da periferia por meio de ações artísticas que unem o erudito e o popular num território improvável.

5.1 Vozes periféricas: a força poética do *Black Power*

Em alguns dos eventos aqui analisados, os jovens pesquisados delimitam o espaço geográfico onde vivem, nomeando-o de periferia para reafirmarem sua condição de jovem periférico, o que aponta algo mais que uma representação espacial, pois na palavra periferia estão inscritas questões sociais e ideológicas contundentes que serão tomadas neste trabalho para a compreensão deste conceito:

O conceito de periferia foi forjado de uma leitura da cidade surgida de um desenvolvimento urbano que se deu a partir dos anos 1980. Esse modelo de desenvolvimento privou as faixas de menor renda de condições básicas de urbanidade e de inserção efetiva à cidade. Essa talvez seja sua principal característica, migrada de uma ideia geográfica, dos loteamentos distantes do

centro. Mas é preciso lembrar que a periferia é marcada muito mais pela precariedade e pela falta de assistência e de recursos do que pela localização (ROLNIK, 2010, p. 17).

Logo nas primeiras conversas, os jovens se identificaram como jovens periféricos, sublinhando não somente o lugar de onde falam como também os traços étnicos que os definem, como é possível observar nos eventos a seguir:

Eu faço parte de um grupo de pessoas periféricas. Jovens periféricos. Hoje eu faço parte de um grupo de jovens periféricos porque, antes, eu não gostava. Acho que pelo fato de eu ter passado por tantas situações na periferia e de aceitação pelo ambiente que eu costumava frequentar, a aceitação era maior com pessoas de classe média alta. Então eu queria tentar ser daquele nível. Tanto que aí veio até uma questão da minha aceitação do meu cabelo e tudo mais. Porque antes eu alisava o cabelo, antes eu usava outros tipos de roupa, ouvia outros tipos de música para eu ser aceito em um meio que não era o meu. E aí, depois de toda essa questão de eu entrar em contato com a questão do empoderamento, de saber que eu como jovem periférico, eu como um jovem do cabelo *black power* posso mudar toda a minha história, eu comecei a ter muito orgulho de ser um jovem periférico. (...) **Tudo começou por causa dessa questão toda do hip hop.** Eu tinha muitos amigos periféricos que gostavam de *funk*, *hip hop*, e eu gostava, mas não era essa coisa toda. E os meus amigos me propunham “vamos sair”? Vamos para Madureira dançar e tudo mais...e eu ficava “gente, eu não vou ficar frequentando esse ambiente. Só gente da favela dançando, não sei o quê...eu não quero. Eu quero sair com meus amigos para curtir um rock, sair pra um barzinho”. E aí começaram a me chamar, a me chamar e eu comecei a frequentar festas de *black music*, festas onde a maioria das pessoas eram de uma criação periférica, da zona norte, zona oeste... e aí eu comecei a me reconhecer. Quando cheguei lá e vi pessoas que não eram tão diferentes do meio que eu convivia e que tinham um cabelo do jeito que eu tinha, a vivência que eu tinha, comecei a me identificar demais. Comecei a me sentir aceito demais. E, então, comecei a repensar essas minhas atitudes. Então fui a um encontro de... um evento de *black music* e conheci uma mulher chamada Itienete que eu falo que é minha mãe de consideração, é uma grande amiga, ela já tem quarenta anos e começou a trabalhar comigo toda essa questão do empoderamento...que foi mostrar para mim que, como jovem periférico...eu já tinha uma noção, mas a partir dela é que foi aquele avanço. Quando vi pessoas que partiam de um pensamento que eu estava aprendendo e me reconheci, comecei a ter uma noção maior disso. De que eu não deveria ter medo de ser quem eu era. **Eu me vi, sabe? E aí comecei a aceitar que era uma pessoa black power, de periferia** e, então, comecei a mudar esse meu pensamento elitizado. (...) A partir daí comecei a ler e a buscar respostas. Li pessoas muito boas que eram ativistas, que lutavam pelos direitos da galera da periferia, pela aceitação do cabelo *black power*. Então, comecei a mudar toda a minha visão. Comecei a valorizar muito escritores negros, comecei a dar mais valor às coisas da periferia e a entender que as coisas que rolavam na periferia também eram cultura. Talvez não uma cultura que a elite está acostumada, mas é uma cultura. Me atingia, de alguma forma era uma cultura, então me atingia. E daí veio toda essa virada. (...) Comecei a mostrar a minha capacidade. O jogo virou e, então, falei “eu tenho orgulho, sim, do meu cabelo, tenho orgulho, sim, de ter uma mãe preta, família negra”. Eu tenho orgulho, sim, de ser periférico e de mostrar também que mesmo eu sendo periférico eu consigo ser, sim, um cara estudado, um cara inteligente, por mais que seja difícil, eu consigo mostrar o meu valor. (Conversa em profundidade individual – 18/09/2016 - Douglas Cortinovis)

Atualmente, estou mais ligado na parte do movimento negro, que é a parte onde mais tenho me encaixado, mas não me reconhecia assim...porque não sabia...porque, de acordo com o que a gente aprende, as pessoas pretas são aquelas pessoas que têm a pele mais escura. Se você não tem, você não entende tanto porque ninguém te ensina isso. Então, eu sempre vivia achando que era branco até que, por não ter condições de estar sempre cortando o cabelo, decidi que ia deixar meu cabelo crescer. **Então, surgiu um grupo... conheci algumas pessoas na internet relacionadas ao movimento negro e eles vieram dizer que eu era preto. Aí eu achava: não, eu não sou preto.** Então, eles me falaram que eu era negro, sim, por conta do meu cabelo e de outras coisas. E daí eu achava que não, achava que poderia ter o meu cabelo *black power* por moda...daí, eles foram me ensinando, desconstruindo e tal. Então, eu percebi, fui me

empoderando e é o que eu vivo, hoje em dia. (Conversa em profundidade individual - 18/09/2016 - Thiago de Lyra)

Em suas narrativas, Douglas Cortinovis e Thiago D’Lira revelam a trajetória entre a dificuldade de aceitação de sua condição periférica e étnica e o momento de “empoderamento” – nome que dão ao processo e consolidação de/da compreensão, introjeção e apropriação dos aspectos identitários que os fazem se perceberem como negros e periféricos – e apontam tanto os conflitos vividos nesse percurso como as mudanças e conquistas internas e sociais geradas a partir do acesso ao conhecimento; a leitura torna-se grande aliada nesse processo de “empoderamento”, pois autores antes desconhecidos passam a iluminar suas reflexões sobre a condição de ser negro num país como o Brasil, que ainda apresenta inúmeras formas de preconceito, especialmente com relação ao negro da periferia, muitas vezes associado ao banditismo e à violência, o que, em muitos casos, os segrega geográfica e socialmente. Além da literatura de ativistas do movimento negro, alguns elementos culturais e estéticos potencializaram a formação da identidade desses jovens como jovens de periferia: a *black music*, os bailes charme, o *hip hop*, o *RAP*²⁴, o cabelo *black power*. Assumir a tessitura e o volume do cabelo crespo fê-los compreender que a herança africana está para além da cor, pois esta se revela também no comportamento, na moda, nas escolhas musicais, na dança, na literatura. Ser um jovem poeta periférico *black power* traz a hibridização de uma cultura juvenil que é “universal e tribal ao mesmo tempo”, como alerta Sarlo (2013, p. 53), pois o *black power* está no cinema internacional, nos palcos do show business e está também nos becos da favela, nos bailes charme de Madureira, na Batalha do Passinho, nos grafites espalhados pela periferia ou zona sul das cidades; assim como a poesia. Elemento identitário marcante entre muitos jovens da periferia, o cabelo *black power* não é somente estilo, não é somente estética, é sobretudo uma forma de autoafirmação. O corpo anuncia um lugar, uma cultura, um modo de ser e estar no mundo. O corpo também é território de luta e traz inscrita não somente a ancestralidade étnica como

²⁴ O termo *RAP* significa *rhythm and poetry* (ritmo e poesia) e surgiu na Jamaica, na década de 1960. Este gênero musical foi levado pelos jamaicanos para os Estados Unidos, mais especificamente para os bairros pobres de Nova Iorque, no começo da década de 1970. Jovens de origens negra e espanhola, em busca de uma sonoridade nova, deram impulso ao *RAP*. O *RAP* tem uma batida rápida e acelerada e a letra vem em forma de discurso com pouca melodia. Em geral, as letras falam das dificuldades da vida dos habitantes de bairros pobres das grandes cidades. O cenário *RAP* é acrescido de danças com movimentos rápidos e malabarismos corporais como o *break*, por exemplo. O cenário urbano do *RAP* é formado ainda por um visual repleto de grafites nas paredes das grandes cidades.

também a contemporaneidade que pulsa entre as culturas juvenis em vários continentes. Como Sales (2013, p.416) evidencia, “o corpo juvenil anuncia novidades, formata estilos, produz desejos e necessidades, mas também cria resistências”. Parece que cabe então, aos adultos, sejam pais, professores ou pesquisadores, interpretarem o que o corpo dos jovens conta sobre tais desejos, necessidades e resistências para que se possa entender a pluralidade das culturas juvenis e o que elas representam na cena contemporânea. O tribal enuncia o universal; o macro pode ser compreendido a partir do micro, como sugere Benjamin em seu conceito de mônada – a parte pode conter a totalidade. Os jovens que aqui relatam suas experiências no processo de auto-reconhecimento falam de si, mas, ao mesmo tempo, podem trazer pistas para se pensar também as juventudes de outros territórios que passam por processos parecidos na construção identitária, independente de serem das periferias ou não. Douglas Cortinovis, ao se sentir fortalecido entre seus pares, compreende que o conceito de cultura é amplo e plural e que cada território possui elementos culturais característicos que o constitui, o legitima e o define, entre os demais. O jovem Douglas, ao afirmar “eu tenho orgulho, sim, de ser periférico e de mostrar também que mesmo eu sendo periférico eu consigo ser, sim, um cara estudado, um cara inteligente, por mais que seja difícil, eu consigo mostrar o meu valor”, reafirma sua capacidade de se apropriar e produzir conhecimento e cultura, independente de ser de origem periférica e ainda que enfrente tantos obstáculos sociais e econômicos.

Nathália D’Lira, outra jovem participante desta pesquisa, ao falar de sua origem, argumenta:

Eu não tenho problema nenhum em dizer que sou da periferia. **Eu sou da periferia, então eu vou levar a periferia a qualquer ambiente.** Eu posso estar em qualquer ambiente burguês, mas minha essência é rua, então o ambiente burguês também sente essa presença e respeita. Há um respeito entre a burguesia e a periferia, entende? Não uma aceitação total, mas há um respeito. Porque eles não imaginariam que nós teríamos força, mas quando nós mostramos nossa força há um respeito. Um exemplo, você é burguês e eu venho com a minha força, você não vai conseguir contradizer o que eu estou dizendo. Vai ser uma força maior, entende? (Conversa em profundidade individual - 22/09/2016 -Nathália D’ Lira)

Nathália assume com contundência sua condição de jovem da periferia e reafirma sua capacidade de transitar entre o território em que vive – a periferia – e o território das elites dominantes – o ambiente “burguês” a qual se refere para falar das esferas sociais privilegiadas economicamente –, destacando que, apesar do abismo social, há um “respeito entre a burguesia e a periferia” e que esse respeito é conquistado através da força do que a periferia tem a dizer sobre suas vivências. Para Nathália, a periferia tem muito a dizer à “burguesia”, pois o que pulsa na vida dos jovens

periféricos é muito distinto do que vivem os jovens de outras esferas sociais: a ameaça de violência permanente, a dificuldade de conseguir emprego, de conciliar trabalho e estudo, as questões de moradia, como enuncia Nathália em alguns de seus poemas analisados mais à frente.

O jovem Matheus Goudar traz outras considerações importantes para se pensar a condição dos jovens de periferia:

Sabe que eu procuro me definir além disso! Procuro me definir bem além disso! **Sim, eu sou jovem, periférico, negro, pobre, mas... acima de tudo sou um ser humano. Não sou um...como eu posso dizer? Eu não me considero uma figura categorizada, sabe?** Como se me colocassem dentro de uma caixa com padrões e estereótipos, de como eu devo agir, ou me comportar, ou como eu devo escrever. Entende? Respeito as pessoas que falam dessa... que se consideram assim. Respeito e admiro muito a luta delas, que não difere em nada da minha, mas eu procuro me considerar muito além disso. Por exemplo, eu ouço *funk*, eu ouço *RAP*, mas eu gosto muito de... gosto muito de música alemã, por exemplo. Gosto. Minha mãe sempre disse pra mim “você não precisa se limitar por causa do espaço onde você está. Você pode conhecer o mundo inteiro sem sair de casa. Os livros te dão essa oportunidade de te fazer perceber que o mundo não é só aquilo ali onde você vive”. Então, tudo quanto é conhecimento que eu vou absorvendo sobre o mundo vai formando quem eu sou. Eu não preciso estar na Alemanha pra consumir música alemã. Tá entendendo o que eu quero dizer? Sou jovem, negro, favelado, mas não sou só isso. Não sou aquele estereótipo. Sou um ser humano, eu posso chegar onde eu quiser. Quando recito, quero mostrar isso pros moleques que estão lá na minha rua que eles também podem ser o que quiserem. Não precisa ser o bandido ou o jogador de futebol. Pode ser poeta, se quiser. (Conversa em profundidade individual - 22/09/2016 Matheus Goudar)

Goudar, apesar de também enfatizar seu lugar de origem e o fato de ser “negro” e “pobre”, contesta uma categorização fechada em “padrões e “estereótipos”, pois compreende que o espaço geográfico onde vive é identitário, no entanto não é limitador, já que, de seu ponto de vista, o conhecimento pode levar a outros territórios e dilatar possibilidades de ser e estar no mundo. Para o jovem poeta, a arte pode provocar deslocamentos e projetar os jovens que estariam fadados aos estereótipos associados àqueles que nasceram e vivem na periferia, impulsionando-os a outros lugares que não sejam o da violência e da marginalização – ou o do estrelato milionário do mundo dos esportes – o que parece dialogar com o que defende Macêdo (2013, p. 315) quando afirma que “o jovem deve começar a ser visto como solução e não como um problema, como potencial positivo”. Matheus reforça a ideia de que a luta dos negros, dos marginalizados, dos periféricos é, sim, legítima, mas que ela não pode paralisar ou segregar; ao contrário, a luta de quem vive à margem deve impulsionar os marginalizados a se atentarem para o fato de terem o direito de se apropriar de outras culturas, para além das locais, pois o que está fora da aldeia é também tão importante e tão bonito de se conhecer como o que é próprio de seu povo. Em suma, Matheus não só sugere como reitera que é possível e aconselhável o trânsito entre o tribal e o universal,

entre o erudito e o popular. O menino pobre, negro, da periferia pode, sim, ouvir *funk*, *RAP*, mas pode também ouvir música clássica alemã, ler, escrever e dizer poemas para o mundo.

Ao narrar suas trajetórias pessoais, os jovens pesquisados abordam suas infâncias, suas relações com a escola e com os professores, com a leitura e a escrita, além de alguns entraves sociais e a influência dos familiares em sua formação, como é possível observar nos eventos a seguir.

(...) Eu era estudioso, meu pai e minha mãe, com todos os empecilhos, sempre tentaram dar uma melhor educação pra mim. (...) Eu era uma criança muito tímida. Muito, muito tímida. E eu era uma criança que sempre tive muita sensibilidade. **Sempre fui muito sensível emocionalmente e eu gostava de escrever porque eu não tinha coragem de me expressar.** Eu tinha o costume de escrever, mas, assim, uma coisa espontânea. (...) E como tinha muita dificuldade de me expressar por ser tímido, escrevia. Só que eu tinha muita vergonha de expor. (...) Eu me sentia totalmente nu. Pensava “meu Deus, a pessoa vai saber aquela coisa de mim e como é que vai ser?”. Então tinha muito medo, mas escrevia. E tem toda aquela questão do preconceito, né? Tipo, “ah, escrever poesia é coisa de veadinho. Quem escreve poesia é muito sensível, não é másculo, não sei o quê”. E por ter muita vergonha acabei pegando tudo e joguei fora (porque quando você tem um lado emocional mais sensível as pessoas costumam te julgar, né? Ainda mais quando você é homem, as pessoas acham que homem não pode ser sensível. Talvez tenha que ser aquela coisa tipo “ah, não vou chorar”. E eu não era assim, eu chorava). (...) Gostava de sentir o ambiente, de ver as pessoas, de observar as atitudes. Gostava de ficar me perguntando o porque daquilo ter acontecido com tal pessoa. O porque de tal atitude minha. Gostava de me testar. Então, escrevia. Até porque esses questionamentos que aconteceram em relação à sexualidade, à orientação sexual... aliás, eu catei tudo e joguei fora e falei “nunca mais vou escrever”. Mas sempre tive contato com os livros, os professores sabiam que eu gostava de ler. Eu gosto muito de ler! Eu gosto muito! Eu viajo se pegar um livro na livraria para ler só a parte de trás dele. Eu viajo! Fico ali o maior tempão. Abro, leio, olho para capa, passo a mão. Tudo isso me chama atenção... talvez por tudo isso que minha mãe sempre me incentivou sobre a leitura. Minha mãe sempre foi meu grande exemplo. Ela nem me incentivou diretamente, mas por eu ver tanto minha mãe lendo, o fato de ela ser envolvida com a leitura, de escrever, eu acabei pegando isso pra mim. Mas mesmo depois que joguei tudo fora, continuei lendo, tendo contato com a poesia. (Conversa em profundidade individual - 18/09/2016 - Douglas Cortinovis)

Douglas destaca que sua família, mesmo tendo pouca formação acadêmica e enfrentando dificuldades, o incentivou a estudar, o que sinaliza que, mesmo para as famílias mais pobres, a educação é algo valioso, pois ser “estudioso” parece ser para Douglas motivo de orgulho. Ainda que sua mãe não o estimulasse diretamente a ler, o fato de vê-la “envolvida com a leitura” despertou nele o interesse e o desejo de se aproximar dos livros. A afirmativa “eu gosto muito de ler!” é enfatizada pelo jovem e estar entre livros é algo que lhe dá prazer e o fortalece. Como reforça Petit (2013, p.56), a leitura pode ser vital quando os jovens “sentem que alguma coisa os singulariza; uma dificuldade afetiva, a solidão, uma hipersensibilidade”. A autora afirma ainda que

os livros também são companheiros que consolam e às vezes neles encontramos palavras que nos permitem expressar o que temos de mais secreto, de mais íntimo. Pois a dificuldade para

encontrar um lugar neste mundo não é somente econômica, mas também afetiva, social, sexual e existencial (PETIT, 2013, p.74).

No caso de Douglas, não somente os livros como também a escrita se apresenta como companheira desde a infância, pois percebe-se que, mesmo sendo fortemente reprimido por ter sua sexualidade questionada pelo gosto de ler e escrever poemas, encontrou nela um refúgio para elaborar e expressar seus sentimentos mais íntimos, seus dramas internos, seus questionamentos sobre si e sobre o mundo que o cercava, como revela nos trechos “gostava de escrever porque não tinha coragem de me expressar” e “gostava de ficar me perguntando o porque daquilo ter acontecido com tal pessoa. O porque de tal atitude minha. Gostava de me testar. Então, escrevia”. Fica evidente, portanto, que a leitura e a escrita interferiram decisivamente no processo de subjetivação de Douglas.

Já Andressa Marins traz suas memórias de leitura na escola:

Na escola quase não lia poesia. Uma vez em nunca. Eu posso dizer que foi uma única vez... ah, mas não era poesia. Era um concurso lançado pelos Correios... era uma carta que a gente tinha que escrever, quando eu estava na quarta série ou na sexta série, por aí. E teve um concurso de poesia no colégio, uma vez, que foi feito por uma professora de português, por ela ser apaixonada por poesia, ela impulsionou que esse evento acontecesse no colégio. E assim como tem feira de livro e tal, nesse evento de poesia, os alunos concorriam, tinha o primeiro, o segundo e o terceiro lugar e ganhavam prêmios. Eu tenho esse livro em casa até hoje assinado pela diretora porque, com doze anos, ganhei o primeiro lugar de poesia no colégio, concorrendo com alunos do primeiro ano à oitava série. Na época, isso foi um incentivo enorme para mim saber que a minha leitura estava construindo um conteúdo que, colocando no papel, estava, de fato, transmitindo uma mensagem, fazendo um efeito. E guardo esses livros até hoje com muito carinho porque foi um incentivo e tanto, mas foi a única vez que me lembro de ter algo de poesia na escola. Eu tento achar o poema que eu escrevi, mas não achei... se perdeu. A diretora e a professora escreveram no livro que ganhei de prêmio “parabéns, você vai ter um futuro brilhante”. (Conversa em profundidade individual - 22/09/2016 Andressa Marins)

A jovem Andressa relata que a leitura de poemas era escassa na escola, mas que, no entanto, uma única vez em que o espaço escolar que frequentou na infância promoveu um concurso para que os alunos mostrassem seu talento para a escrita de poemas foi algo marcante, pois a estimulou a participar com uma produção autoral que a concedeu um prêmio. Segundo a jovem, o prêmio “foi um incentivo enorme”, fazendo-a perceber, ainda na infância, que a leitura poderia contribuir para uma transformação na sua escrita e que, por meio da poesia, o “futuro” poderia ser promissor. Nota-se que, para Andressa, a professora “apaixonada por poesia” e a diretora da escola foram pessoas importantes em seu processo de formação como leitora e “autora”, pois geraram, no espaço escolar, uma importante oportunidade para que ela – e possivelmente também outras crianças – vivenciasse(m) a experiência da escrita de forma significativa, sendo o reconhecimento de seu poema algo marcante em sua

memória afetiva. Mesmo que o concurso seja algo criticável no espaço escolar, já que condecora a minoria – o que pode frustrar e desestimular aqueles que também tenham se empenhado na escrita de seus textos –, o fato de ter havido algum evento voltado à escrita literária dentro da escola sinaliza que a realização de eventos literários realizados para/com as crianças e jovens estudantes pode fomentar o desejo de leitura e escrita. Nessa perspectiva, a leitura pode ser, como aponta Petit (2013, p.72), “um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos”.

O relato de Matheus Goudar também aponta a escola como um espaço que o impulsionou, assim como a importância dos professores e da família em seu processo de formação:

Na escola tive professores que me auxiliaram...quando tinha doze, treze anos tive a sorte de ter o privilégio de ter bons professores que me sempre me incentivaram muito a escrever. Eu já escrevia e tal... aí, eles davam esse apoio, sabe? E alguns deles também escreviam... tinham ocasiões que uns largavam o que eles estavam fazendo no recreio da escola pra ficar escrevendo comigo. Esse tipo de coisa sempre me auxiliou muito. Minha mãe, desde que eu era criança, sempre me levou à exposição de arte, sempre me apresentou um monte de música, sabe? O que sei hoje, o que tenho de interesse hoje foi principalmente pelos professores e pela minha família que me ajudou a ir desenvolvendo. (...) Eu tive um professor de geografia que as aulas dele iam muito além da matéria, ele falava muito sobre a vida mesmo e, quando descobriu que eu escrevia, começou a me auxiliar. Ele dizia, “ah, na sua idade eu já fazia muito isso. Com você me lembro muito de mim quando tinha sua idade” e...era isso, ele me apresentava livros, me apresentava músicas. No recreio, me ajudava a escrever poesias, me dava uns toques, umas dicas. Aí, anos depois, cheguei a fazer um sarau com os amigos na rua com uma galera de São Gonçalo que a gente fazia isso, que é o Agourbana. Numa dessas edições eu encontrei esse professor por acaso na rua, aí eu expliquei para ele o que eu estava fazendo. Daí ele disse que estava muito orgulhoso pelo o que eu estava fazendo e resolve participar comigo. Ele participou de umas cinco edições comigo direto. E pra mim era um privilégio...era uma honra, né? Eu estar ali com o cara que...um dos mestres que me auxiliaram a fazer...a trabalhar com arte. Estava ao lado do cara, ali, cumprindo o meu dever. (Conversa em profundidade individual - 22/09/2016 - Matheus Goudar)

Matheus evidencia claramente a importância que os professores tiveram em sua trajetória como leitor e autor, valorizando a atenção e ajuda recebidas nos intervalos daqueles que, mesmo não sendo da área de língua portuguesa e literatura, se interessavam por seus escritos e o estimulavam ao revisar seus textos, ao dar dicas na escrita, ao sugerir livros e músicas. O professor de geografia, por exemplo, para além dos conteúdos de sua disciplina, mostrou ao jovem Matheus mapas que suplantavam o relevo do espaço físico e apontavam novos caminhos, fazendo-o vislumbrar o território da arte de maneira que a música e a literatura se tornassem coordenadas importantes para o aluno ultrapassar fronteiras e sonhar novos mundos. A alegria e o orgulho do jovem poeta em ter seu ex-professor a seu lado num evento de literatura produzido por

ele, anos depois das primeiras orientações no recreio da escola, revela a rede de afetos que pode ser estabelecida entre alunos e professores dentro (e fora) do espaço escolar, ultrapassando o tempo marcado pela escola entre o início e o fim de uma aula, entre o início e o fim de um ano letivo, abarcando uma vida inteira. Nesse sentido, a escola pode ser compreendida como espaço de interação no processo de apropriação de conhecimento entre jovens e adultos, espaço também para afeto e cumplicidade, que valoriza a desconstrução da hierarquia do saber e investe nas relações que podem potencializar ações coletivas dentro e fora do território escolar. Percebe-se que, na relação entre Matheus e seus professores, em especial o de geografia, a linguagem literária foi o fio condutor para o intercâmbio de experiências, onde a palavra dita, lida, grafada, compartilhada configurou-se como a motriz para a interação entre os sujeitos da aprendizagem e, sobretudo, para a consolidação de uma amizade tecida via literatura, o que reitera a abordagem de Solomone (2009,p.238):

A linguagem permeia todo o processo inscrito no ambiente escolar e se estabelece como componente básico, como ponte instauradora de interação. As formas de relação na escola dependem de intercâmbios linguísticos que pressupõem minimamente a compreensão e o reconhecimento das enunciações proferidas, tanto pelos professores, quanto pelos alunos.

Além da relação dialógica que pode ser estabelecida entre professores e alunos dentro e fora do espaço escolar, o relato de Matheus reforça também, uma vez mais, a influência que os familiares podem ter sobre seus filhos com relação as escolhas; no seu caso, a mãe é uma figura marcante na dilatação do olhar para o mundo da arte, pois o levou a frequentar exposições, ouvir diversificados estilos musicais, incluindo a erudita “música alemã”, como citado em um evento anterior. Mesmo sendo um jovem de periferia, com limitações financeiras, tudo isso fez parte de sua formação e, possivelmente, contribuiu em seu processo de subjetivação e na constituição de sua identidade como artista.

Ao recordarem suas histórias individuais, os jovens trazem elementos que formam um mosaico de suas trajetórias composto por questões da infância que envolvem a família e a escola bem como sua relação com a leitura, em especial a leitura literária. Ao serem questionados sobre sua relação com a leitura e seus escritores preferidos, alguns dos jovens entrevistados nesta pesquisa revelam que têm acesso a autores emblemáticos da literatura brasileira e estrangeira de diferentes gêneros,

períodos e estilos; outros evidenciam que suas referências literárias são especificamente ligadas a autores da literatura marginal periférica²⁵.

Eu gosto de Fernando Pessoa, gosto muito de alguns poemas dele. O heterônimo Álvaro de Campos me interessa bastante. A Martha Medeiros não é tão da poesia, ela é mais cronista e tal... a Viviane Mosé é uma poeta que tem uns poemas que eu acho bem interessante, que retratam muito o olhar sobre a vida, sobre a gente, sobre o outro. Eu acho isso bem legal, me desperta bastante. O Charles Bukowski gosto também. **A minha leitura de poesia foi despertando aos poucos...** apesar de fazer poesia a minha leitura ainda não é tão voltada para poesia. (Conversa em profundidade individual - 22/09/2016 - Andressa Marins)

Sim. Eu leio esses autores que eu disse...**leio Machado de Assis, leio autores que não são poetas, mas que trazem toda uma reflexão...Jean Paul Sartre, Nietzsche, Bukowski...** leio também as poesias dele. Eu leio fora dos sarau, sim. Leio no meu dia a dia, leio para estudar. Às vezes eu começo a ler porque uma professora passou, aí quando eu vou ver já me apaixonei, já estou procurando outras coisas, já estou pirando no cara, viro fã. (...) Gosto muito também de ler Clarice Lispector. Eu adoro ver as entrevistas da Clarice Lispector. Que não é bem poesia, mas se aproxima bastante do que eu gosto muito. (Conversa em profundidade individual - 18/09/2016 - Douglas Cortinovis)

Quando não estou estudando ou trabalhando eu costumo muito ouvir música. **A música foi minha primeira fonte de inspiração para começar a escrever, para começar a fazer o que eu faço mesmo e... a partir da música eu conheci mesmo a poesia.** Foi meu primeiro contato mesmo. Não foi pelos livros, foi pela música. E, depois, em seguida, vieram os livros, claro. Agora eu estou consumindo muito o simbolismo, Augusto dos Anjos, Baudelaire e outros que venho conhecendo aos poucos. Mas, agora, estou estudando os dois, lendo muito esses dois poetas. (Conversa em profundidade individual - 22/09/2016 - Matheus Goudar)

Eu não lia poemas...agora passei a ler porque como sou mais das leituras periféricas, então acompanhava mais os Slams²⁶. Nos Slams acontecem batalhas de poesia e eles tiram em cada mês um vencedor e no final do ano os vencedores batalham um contra os outros para o público escolher o campeão. Então, eu não lia, eu assistia as batalhas nos Slams, mas agora passei a ler, porque, por acaso, tem um espaço de leitura lá no Shopping Partage, lá em São Gonçalo (onde foi o primeiro sarau do nosso coletivo Vivedarte), aí eu fui lá esses dias, achei um livro chamado Coisas da Vida e esse livro é só de poesias. Agora, eu tenho lido esse livro todos os dias. (Conversa em profundidade individual - 18/09/2016 - Thiago D'Lyra)

²⁵ A expressão Literatura Marginal, no contexto dos anos 1980/1990/2000, assinala a origem social dos escritores da periferia e as temáticas por eles privilegiadas. Diferente da Literatura Marginal dos anos 1970 que reunia autores de classe média que ironizavam os cânones brasileiros vigentes e as formas de circulação dos textos (Eslava, 2004; Nascimento, 2009; Oliveira, 2001; Silva & Temina, 2012), a Literatura Marginal que nasce dos anos 1990 reúne autores de origem pobre das periferias que reivindicam o direito e afirmam a capacidade de escreverem suas próprias narrativas (Oliveira, 2014).

²⁶ O Slam é uma competição entre poetas que leem textos autorais. Esta modalidade de poesia – também chamada de *spoken word* – nasceu na década de 1980 em Chicago, nos Estados Unidos, dentro de um bar de jazz. A batalha se espalhou em outros estados do país até chegar à Europa, em países como França e Alemanha e, depois, ao Brasil, onde é mais popularizado na cidade de São Paulo. O Slam funciona da seguinte maneira: no início do encontro, forma-se um júri popular definido na hora com o público presente na plateia. Cada poeta tem até três minutos para ler/dizer seu texto, usando apenas corpo, *performance* e voz. Os encontros de poesia falada ocupam ruas, teatros, centros culturais, terminais de ônibus e praças da cidade. Uma simbólica e importante ocupação desses espaços por meio de denúncia, resistência e arte. Os vencedores de cada mês de todas as batalhas de poesia que acontecem no Brasil são chamados para uma grande batalha final, em dezembro. Deste encontro, o poeta campeão vai para a finalíssima que acontece anualmente na França, entre *slammers* de vários países do mundo. <http://cidadeludica.com.br/2016/08/13> - acesso em dezembro de 2016.

O primeiro poeta que li, realmente, foi o Sérgio Vaz. Ele é incrível! Desde novo, ele teve essa coisa de agitar culturalmente, não só como poeta. Ele batia na porta dos Racionais MC's e falava: eu quero mostrar minha poesia no seu show. Você deixa? E daí ele foi se mostrando pro mundo. E como ele foi crescendo, ele pode criar o Cooperifa, que existe em São Paulo, onde ele dá oportunidade pra vários jovens poetas, pra todas as idades, então ele é um cara respeitado em muitos lugares e que realmente dá força pra mim, pra quem é da rua, entende? (Conversa em profundidade individual - 22/09/2016 - Nathália D' Lira)

Michèle Petit, ao abordar a relação dos jovens com a leitura em suas pesquisas, destaca que em tempos e espaços de crises, violência e marginalização, a leitura pode ser “para esses meninos e meninas vindos de famílias muitas vezes iletradas, mas desejosos de traçar seu caminho” (...) “tanto um meio de sustentar o percurso escolar” como também “um auxílio para elaborar seu mundo interior e, portanto, de modo indissolúvelmente ligado, sua relação com o mundo exterior” (PETIT, 2013, p. 11). Percebe-se no relato dos jovens desta pesquisa que, mesmo sendo filhos das camadas populares e habitantes da periferia, se interessam pela leitura e buscam conhecer autores diversificados em verso e prosa na tentativa de expandir seus conhecimentos literários. Entre os autores preferidos constam escritores consagrados como Augusto dos Anjos, Machado de Assis, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Charles Baudelaire, Charles Bukowski, mas também autores pouco conhecidos, de um modo geral, pois são autores que surgiram da periferia, como o poeta Sérgio Vaz, idealizador e produtor do Sarau Cooperifa, em São Paulo. Os eventos de batalha de *RAP* e os poetas que se apresentam nos Slams também são considerados referências importantes para alguns que não tinham a leitura como hábito e que, em princípio, se identificam mais com as vozes da periferia.

Bakhtin (2008), ao discutir a cultura popular da Idade Média e do Renascimento, traz em seu conceito de carnavalização a questão da circularidade existente entre a cultura das classes dominantes e das classes subalternas, ou seja, entre cultura popular e cultura erudita, ressaltando que tal circularidade se dá via influências recíprocas que se move de baixo para cima bem como de cima para baixo. Nessa perspectiva, compreende-se que apesar de existir uma dicotomia entre os distintos territórios culturais, os mesmos se afetam mutuamente, o que provoca uma circularidade no processo de produção, transmissão e apropriação cultural; tanto a cultura popular se apropria de elementos da cultura erudita, quanto a cultura hegemônica é afetada pela popular. Nas escolhas das leituras feitas pelos jovens pesquisados observa-se um certo ecletismo que abarca desde autores clássicos da literatura e da filosofia à literatura marginal e ao *RAP*: leem Fernando Pessoa e Sartre e também gostam de ouvir os

poetas/rappers nas batalhas dos Slans, escutam Racionais MC e também ouvem música clássica alemã. Suas escolhas desmistificam o estereótipo de que os jovens não leem e de que na periferia não há espaço para a erudição, pois percebe-se que esses jovens fazem escolhas independentes de prescrições escolares e que essa livre escolha inclui escolhas improváveis; elegem autores clássicos da poesia, da prosa, da filosofia para ampliarem seu repertório de leitura que, por sua vez, possivelmente, ampliam sua capacidade de produção de sentidos e interferem no processo de criação ao escreverem seus poemas. Nota-se que há uma base que os impulsiona ao processo de criação de textos autorais. A leitura aparece na perspectiva da intensidade, como aponta Chartier (1990); há um mergulho na obra dos autores, há uma leitura recorrente, há a pesquisa de diferentes gêneros e períodos, há um aprofundamento por meio do estudo da literatura.

Petit (2013, p. 77) defende que

a importância da leitura não pode ser avaliada unicamente a partir de cifras, do número de obras lidas ou emprestadas. (...) É possível ser um “leitor pouco ativo” em termos estatísticos, e ter conhecido a experiência da leitura em toda a sua extensão – (...) ter tido acesso a diferentes registros, e ter encontrado, particularmente, em um texto escrito, palavras que os transformaram, algumas vezes muito tempo depois de tê-las lido.

Os depoimentos indicam que as experiências dos jovens pesquisados como leitores não são rasas ou limitadas, porque mesmo com todas as dificuldades encontradas no acesso ao livro e à leitura – como, por exemplo, custo alto dos livros no Brasil, poucas oportunidades de leitura na escola, famílias pouco ou não leitoras – afirmam e enfatizam o gosto pela leitura, buscam conhecer a obra dos autores com os quais se identificam, conhecem mais de uma obra de cada autor, reconhecem diferentes gêneros literários e desejam buscar novas referências bibliográficas.

Estes jovens parecem compreender a leitura como “prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares” (CHARTIER, 1990, p.122) e o gosto pela leitura literária é um forte ponto de interação entre eles; sobretudo, o gosto pela leitura de poemas, o que, de fato, os leva a formar um grupo, como será apresentado a seguir.

5.2. A poesia como espaço de encontros

Os cinco participantes da pesquisa moram no mesmo bairro na periferia de São Gonçalo, o Boaçu, mas, no entanto, não se conheceram exatamente por viverem no mesmo espaço geográfico; as conexões foram feitas, em alguns casos via redes sociais na internet, em outros na escola, porém se concretizaram e se consolidaram, de fato, nos

eventos de poesia. A partir dos primeiros encontros nos saraus, iniciaram uma amizade que foi se fortalecendo, sobretudo, pelo fato de terem interesses similares com relação à música e à literatura, além da identificação etária, étnica e social. Compreendem-se como jovens poetas de periferia, de origem negra e, ainda que alguns tenham a pele branca, o cabelo *black power* reforça a herança africana, sendo um traço marcante no grupo não somente como característica física, mas, sobretudo, como elemento identitário de uma luta que ultrapassa a questão da cor, expandindo-se para a problematização do lugar que o negro periférico ocupa na sociedade e na arte.

Nas rodas de conversa para esta pesquisa revelaram como se deram os encontros e as conexões que os levaram a, atualmente, se considerarem um grupo.

Eu posso dizer que, se não fosse a poesia, não conheceria ninguém aqui. Estaria em outro lugar...sei lá, estaria num baile *funk*. Nada contra baile *funk*, mas é diferente o espaço da poesia... A Nathalia eu conheci no Corujão da Poesia, na verdade eu a conhecia de vista da roda de RAP lá da Praça da Trindade...aí conversei com ela rápido, na outra edição que eu voltei a gente conversou melhor (...) Aí, foi isso. Rolou uma identificação, foi então que eu descobri que ela morava lá onde eu moro. Pensei: pô, legal, mais uma pessoa que escreve poesia e mora aqui no meu bairro. (...) A partir daí a amizade foi crescendo. (Conversa em profundidade coletiva - 02/10/2016 - Matheus Goudar)

Acho que o grande ápice é o Corujão. Querendo ou não...porque é onde a gente tem esse contato, é onde todos vão com uma frequência. Aí é basicamente isso...ah, o Matheus sabe de um evento que eu não sei. Então vai e me chama...um vai chamando o outro e a gente acaba indo a outros eventos.. E no Corujão a gente acabou dando uma outra cara, a gente chega como um grupo da periferia, que tem uma pegada da periferia mesmo, com poemas que falam do nosso lugar, da nossa vida. (Conversa em profundidade coletiva - 02/10/2016 - Nathalia D'Lira)

Eu conheci a Nathalia na Castelo Branco, uma escola que estudei no Fundamental, e passei a ter amizade com ela. Daí eu sabia que ela recitava poesia, eu sempre conversava muito com ela, só que não participava. Daí, um dia, a Nathália me chamou só pra assistir ela recitar e, como a gente mora próximo, era bom pra pegar o mesmo ônibus e voltar junto pra casa. E daí fui e era o Corujão. Depois que conheci passei a frequentar mais o Corujão da Poesia. (...) A partir disso fui me aproximando mais da poesia e tenho o contato que tenho hoje. (Conversa em profundidade coletiva - 02/10/2016 - Thiago D'Lyra)

Eu conheci todo mundo pelo Corujão. No dia que fui no Corujão pela primeira vez eu conheci Andressa, eu conheci Nathalia e no Corujão seguinte eu conheci o Matheus. E quem me levou pro Corujão foi o Thiago. (...) Eu já havia tido contato com saraus na escola, mas não gostava muito. Eu não curti muito. Aí, quando conheci o Thiago ele me levou no Corujão da Poesia e, partir daí, comecei a frequentar outros saraus...o que ele organiza e outros. (Conversa em profundidade coletiva - 02/10/2016 - Douglas Cortinovis)

(...) **Mas assim, de fato, destacando a poesia no nosso convívio acho que ela é fundamental porque se nós não fôssemos jovens que convivêssemos nesse meio e se não nos expressássemos dessa forma e não tivéssemos esse gosto de ter um olhar mais elaborado sobre a vida, talvez os nossos laços não se estreitassem tanto.** Talvez eu não conhecesse tanto o Matheus, tanto o Douglas, tanto o Thiago e a Nathalia, porque seria uma convivência comum, tipo pessoas que se encontram para sair, para beber...a gente compartilha coisas que a gente escreve, coisas que a gente vive e sente, sentimentos que são bem mais profundos do que uma conversa numa mesa de bar. Então, acho que o fato de a poesia existir entre a gente, entre o nosso gosto em comum e particular e tal, fortalece a nossa amizade. (Conversa em profundidade coletiva - 02/10/2016 - Andressa Marins)

Nos depoimentos individuais, assim como nas conversas em grupo, que serviram de base para a construção dos perfis, observam-se pontos convergentes no tocante à trajetória dos sujeitos pesquisados, à motivação para frequentarem os saraus e à construção da identidade como jovens poetas da periferia; aspectos que os fazem pertencentes a um mesmo grupo em sintonia de ideias e ideais. Os jovens consideram o Corujão da Poesia de São Gonçalo o evento-elo entre eles e a poesia a grande responsável pela amizade que vem se consolidando, ao longo de quatro anos. Uma rede tecida, especialmente, através da palavra falada, da palavra grafada, de sonhos e ideais compartilhados que se desdobram em projetos culturais, eventos em espaços públicos e coletivos voltados à arte, como será possível observar ao longo deste capítulo. Como afirma Sales (2013, p. 429)

os grupos se constituem como um espaço de trocas subjetivas (...) e a necessidade de agrupar-se faz parte do cotidiano dos/das jovens, na sua aparência, seus gestos e comportamento. No grupo, os jovens afetam e são afetados (as) por seus pares; o grupo é forma de compor-se, de formar novas relações ou de decompô-las e também de rebelar-se contra imposições culturais.

Ao se aproximarem por meio da poesia, os jovens estabeleceram vínculos afetivos, criando um espaço de intercâmbio de experiências a partir dos poemas compartilhados e dos eventos literários frequentados em parceria, afetando-se e sendo afetados como pares. Juntos, levam a voz da periferia a outros territórios ao atuarem nos saraus como um grupo, como reforça Nathália D' Lira ao dizer que “no Corujão a gente acabou dando uma outra cara, a gente chega como um grupo da periferia, que tem uma pegada da periferia mesmo, com poemas que falam do nosso lugar, da nossa vida”. Como observado no trabalho de campo, os jovens sempre se apresentam um seguido ao outro e a apresentação em bloco, que apesar de ser individual, configura-se como coletiva, pois a concepção estética do grupo, o cabelo *black power* como elemento identitário e os poemas que evocam questões “tribais” – como o viver na periferia e a dureza enfrentada pelo jovem periférico no cenário de violência cotidiana – e também questões universais – como as dores, os amores, as angústias e os dramas vivenciados pela maioria dos jovens –, dão uma unidade à *performance* e quem os assiste compreende que se trata de um grupo que atua com cumplicidade. Juntos são mais fortes, juntos seus poemas criam um maior impacto ao público, juntos saem mais fortalecidos a cada apresentação nos saraus, juntos trazem a força poética dos *black power* aos distintos cenários e territórios em que atuam como jovens autores da periferia.

Andressa Marins ressalta a literatura como elemento amálgama do grupo e, em seu relato sobre a amizade, alega que a poesia proporciona “uma convivência mais profunda, em que a gente compartilha coisas que a gente escreve, coisas que a gente vive e sente, sentimentos que são bem mais profundos do que uma conversa numa mesa de bar. (...) a poesia (...) fortalece nossa amizade”. A poesia está presente nos encontros e costura os laços tecidos pelo grupo: os jovens saem juntos para ler literatura, para compartilhar os escritos autorais, para atuarem nos saraus, para conversarem sobre os problemas existenciais, para ouvir música, para paquerar, para se divertir. Sales (2013, p. 432) elucida que “o grupo interfere no consumo, no lazer e contribui com a construção e apropriação do social, da cidadania e do senso crítico, na forma de perceber a realidade”. No caso do grupo *Black Power*, o espaço da literatura, da música, dos eventos culturais é também o espaço do lazer, como é possível perceber nos relatos a seguir.

Meu lazer é ler, ouvir música, muita música. Escrever, de vez em quando... nem sempre. A escrita vem de súbito... é mais música e leitura mesmo. Eu saio pouco, minha mãe é bem enjoadinha... rrsrs. Eu saio pouco e sempre que saio é para os eventos de poesia, sarau com os amigos. Ou então, vou ver algum amigo que vai tocar em bar. Dificilmente vou para festas e baladas à noite. (Conversa em profundidade individual - 22/09/2016 - Andressa Marins)

Meus momentos de lazer acontecem principalmente pelos saraus, os lugares onde mais costume ir mesmo são os saraus. Procuo sempre estar dentro do que está acontecendo aqui, em Niterói, em São Gonçalo, no Rio... procuro sempre estar expandindo meus contatos. Não só com poetas, mas como também com os músicos e outros agentes culturais. Esse é o meu lazer mesmo. (Conversa em profundidade individual - 22/09/2016 - Matheus Goudar)

Meu lazer é estar em evento. Eu só estou em evento! Evento cultural na parte do RAP. Eu sou ligada à cultura *hip hop* urbana, desde os meus oito anos. É mais rua, entende? A minha essência é essa. (Conversa em profundidade individual - 22/09/2016 - Nathália D' Lira)

Como Sales (2013, p. 432) argumenta, “é em grupo que os jovens se apropriam da rua, do bairro, da cidade. É também em grupo que ressignificam e recriam os espaços e transformam em diversão, moldam seus corpos e sua identidade grupal”. Os cinco jovens que aqui revelam suas trajetórias, suas preferências literárias, seus espaços de lazer revelam também o desejo de realizar algo maior em conjunto através da arte. Enquanto se conhecem como amigos, enquanto convivem e descobrem as características marcantes de cada um – gostos, gestos, traços, preferências –, ou seja, o que os fazem singulares, se reconhecem também como jovens poetas da periferia com desejos similares que envolvem a arte e o fazer coletivo. Como alerta Sales (2013, p. 431- 432).

Nos grupos artísticos e culturais, nos grupos de amigos, nos grupos esportivos emergem singularidades que podem ser orientadas para construção de novos processos, maneiras de perceber o outro, o mundo, recusando o estilo de vida impostos a eles e elas. Interiorizam valores independentes dos registros ditados pelos meios de comunicação, pelo consumo. Recusam e, ao mesmo tempo, estabelecem outra forma de apropriação da cultura, do lazer, da arte,

O grupo formado por estas cinco vozes periféricas faz emergir contornos em branco e negro de uma cultura juvenil vinculada ao *hip hop*, às batalhas dos *rappers*, aos bailes charme, aos bailes *funk*, à arte de rua e, sobretudo, aos eventos de poesia. São autores, em sua maioria, que se reconhecem como poetas, artistas da palavra, fazendo da *performance* poética um modo de estar e de se colocar no mundo; seja grito, protesto, contestação, declaração de amor ou confissão de angústias e indignações. Vozes que se fazem ouvir nas redes sociais, que invadem o palco e se propagam nas ruas. Vozes que fazem da poesia um elo e com ela constroem novos caminhos contra a barbárie, como propõe Benjamin (1993).



Imagem 2- Os jovens poetas *Black Power*:

Nathália D' Lira, Thiago D'Lyra, Douglas Cortinovis, Matheus Goudar e Andressa Marins

Nos eventos a seguir, os jovens narram sobre a chegada aos saraus, as conexões estabelecidas no espaço destinado à leitura de poemas e alguns dos motivos pelos quais permanecem frequentando tais espaços públicos de leitura literária.

Na escola eu não lia poesia. Meu contato direto com a poesia foi em 2014, recentemente. Eu sempre escrevi, desde pequena. Aí mostrava pros meus professores, mas não tinha característica de... ah é de poesia. Uma escrita comum. E aí fui saber em 2014 que... caramba! Eu faço poesia? Eu posso recitar, gente! Que coisa nova! Eu descobri na Trindade, no Festival de RAP e cultura que acontece lá. Mais tarde, acabei ajudando a fazer acontecer esse evento. Lá, tinha livros, então eu tive esse contato com os livros, com o Sérgio Vaz do Cooperifa e daí eu conheci pessoas que me falaram: ó, é só você organizar o que você escreve, mas já é poesia. Aí que eu tive esse contato. Foi no Festival de RAP, na Praça da Trindade, em São Gonçalo, onde tem música, dança, literatura. Tinha de tudo um pouco... grafiteiros. Era cultura de rua, mostrando que o que está escrito tem que ser desmontado, tem que ser vivido, entendeu?! Esse festival ainda acontece, mas não tem mais a estrutura dos livros. Eu que ajudava. Depois que tive o primeiro contato, entrei de frente, fui produtora cultural, ajudando nessa parte dos livros. Depois, comecei a trabalhar, falta de tempo e saí. Eu me aproximei da poesia dessa forma, com a rua, com tudo que eu vivia. Eu sempre escrevi, mas eu não sabia que aquilo era poesia, sinceramente. **Foi na praça que vi e pensei: eu tenho que mostrar o que escrevo pro mundo, tenho que aprender mais sobre isso. O que escrevo tenho que melhorar. É vida! É poesia mesmo!** (Conversa em profundidade individual - 22/09/2016 - Nathália D' Lira)

A primeira vez que fui a um sarau foi com a Nathália. Foi no Corujão da Poesia. De início eu achei...nossa, gente, o que eu tô fazendo aqui, só tem pessoas mais velhas aqui, numa livraria que eu nunca vim. Nunca tinha entrado em uma livraria pra ler porque não lia nada, eu nunca tinha tido contato com as livrarias, tipo, um incentivo a ler, essas coisas...então, eu fiquei achando que eu só ia querer ir embora dali, correndo. Até que eu comecei a escutar o pessoal recitando e eu fui me identificando com muita coisa. **E eu vi a Nathalia e a forma que ela recitava as poesias e eu me identifiquei porque, de certa forma, ela falava tudo que vivia e também fazia as pessoas refletirem e verem como era, que não era tão simples quanto a vida de outras pessoas.** Então, comecei a frequentar o Corujão da Poesia e, um tempo depois, comecei a ler poemas para o público também. (Conversa em profundidade coletiva - 02/10/2016 - Thiago D'Lyra)

Eu havia tido contato com saraus na escola, mas eu não gostava muito. Eu não gostava muito do ambiente por achar que era coisa de pessoa idosa, por ser um ambiente burguês, por não ter aquele entendimento das palavras que as pessoas costumavam ter. Quando tinha uso de metáfora eu não entendia, então eu não curtia muito. Aí, quando conheci o Thiago ele me levou ao Corujão da poesia e, a partir daí, eu comecei a frequentar outros saraus. O que ele organiza,... o Vivedarte e tal, mas essa minha volta aos saraus foi por causa dele, mas não curtia pelo fato de achar que era uma parada muito...que era muito pra mim, que meu conhecimento não alcançava isso. E aí, mesmo escrevendo, mesmo gostando de poesia, eu não tinha vontade de ir. Então, no momento que fui ao Corujão, que vi pessoas da minha idade, escrevendo poesia, uma poesia mais direta, de uma forma que é mais didática pra mim, aí, comecei a ter ânimo pra fazer também. Foi assim que comecei a frequentar saraus de poesia. (Conversa em profundidade individual - 18/09/2016 - Douglas Cortinovis)

Comecei a frequentar saraus de poesia com dezessete anos...vai fazer quatro anos já. Olha isso, passa muito rápido! Eu conheci o Matheus Goudar no Facebook e, na época, ele com outro amigo, o Álvaro, estavam promovendo um evento na Praça Zé Garoto, em São Gonçalo, voltado à poesia, voltado para leitura e a cultura em si... que era o Expressão Mental. E na época em que conheci o Matheus foi uma época em que eu, de fato, estava precisando de um amigo, e ele foi a pessoa que teve ouvidos para mim, até por ele ter essa sensibilidade da poesia, desse meio. Ele foi um amigo que chegou como um presente, assim... e foi quando ele me convidou pra participar. "Ah, vai ter sarau lá na Praça Zé Garoto, vamos?" Aí, eu topei. Foi a primeira vez que eu recitei para o público. **E aí foi uma sensação assim "poxa, eu vou recitar algo que escrevo e que é super particular, sabe? Sobre coisas que vivo, sobre coisas que observo. Esse foi meu primeiro contato com os eventos de poesia. Numa praça! Foi muito bom! E eu gosto (...)** O Matheus, já tinha contato com o evento do João, que é o Corujão da Poesia, foi quando comecei a frequentar o Corujão que acontecia em São Gonçalo, no shopping Partage, na Livraria Gutemberg. De lá, foi deslançando, desde os dezessete eu peguei no Corujão e fiquei. Agarrei. (Conversa em profundidade individual - 22/09/2016 - Andressa Marins)

Como é perceptível nos relatos, os jovens se aproximaram dos saraus de poesia por meio de contatos estabelecidos entre eles que vão se encadeando simultaneamente, fazendo lembrar a “quadrilha” arquitetada por Drummond (2006, p.193): Nathália, num festival de *RAP* na praça, descobre que seus escritos são poemas, se interessa pelo Corujão da Poesia e passa a frequentá-lo; Thiago é convidado pela amiga de escola Nathália para ir a uma livraria ouvi-la recitar poemas no Corujão da Poesia; Thiago, por sua vez, convida o namorado para ir com ele a outras edições do Corujão. Andressa torna-se amiga de Matheus no *Facebook* e ele logo a convida para um sarau na praça. Em outro sarau que também acontece na praça, Matheus vê, pela primeira vez, Nathália recitar seus poemas e pensa: “legal, mais uma pessoa que escreve poesia e mora aqui no meu bairro”; por fim, todos se encontram no Corujão da Poesia de São Gonçalo e tornam-se frequentadores assíduos, vindo a formar um grupo que dá um outro tom ao sarau – como comenta Nathália em um evento citado anteriormente – por levarem a linguagem da periferia e as experiências vividas no território de origem convertidas em versos e *performance* para o palco do encontro que os uniu .

Nos relatos fica evidente que há uma teia de encontros que vai se formando por afinidades e que a poesia é o elemento de “identificação” entre os jovens, como comenta Matheus ao relatar a primeira vez em que viu Nathália na roda de *RAP* da Praça Trindade, em São Gonçalo. A poesia está nas ruas, nas praças, onde os jovens se encontram para promover eventos e divulgar sua arte, seja música, seja dança, seja literatura, seja grafite. Nathália se descobre poeta num evento de *RAP* na praça, assim como Andressa descobre o prazer de dizer seus poemas de público também numa praça. A cultura de rua²⁷ está presente nas culturas juvenis da periferia e possibilita conexões entre os jovens, levando-os a outros espaços e implusando-os a novos interesses e amizades. Nathália é enfática ao afirmar “foi na praça que vi e pensei: eu tenho que mostrar o que escrevo para o mundo, tenho que aprender mais sobre isso. O que escrevo tenho que melhorar. É vida! É poesia mesmo!”. Como argumenta Diógenes (2013, p.54) “a gramática de pertencimentos a uma cultura de rua e a proliferação de símbolos diversos daí advindos (...), mais do que signos estéticos, denotam distinções de pertencimentos e definições geracionais”. Nathália, consciente de seu pertencimento à cultura de rua, ao *hip hop*, ao *RAP*, se conscientiza também de que pode ser/é poeta, que

²⁷ A denominada “cultura de rua” começou a ser propagada por meio do movimento *hip hop*. Sobre esse movimento, consultar: *O funk e o hip hop invadem a cena*, de M. Herschman (2000), e *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop*, de Glória Diógenes (1998).

a poesia é também uma maneira intensa de estar no mundo e que, por isso, deve ser estudada e compartilhada porque, sobretudo, “é vida!”.

Dos espaços urbanos abertos que se configuram na rua os jovens chegam aos espaços de leitura de poemas em livrarias e outros espaços culturais da cidade, onde, além da moldura arquitetônica, há uma mescla de distintas gerações e esferas sociais, formando um público eclético sob diferentes aspectos. Ainda que, de início, alguns dos jovens se sentissem um pouco deslocados na livraria – fosse pelo fato de nunca terem entrado numa livraria ou por acharem que o sarau de poemas seria um espaço somente de pessoas muito mais velhas – a atmosfera e o ritual que envolvem um sarau de poesia os capturou. Rompeu-se a resistência de estar num espaço “burguês”, diluiu-se o preconceito geracional, dissolveu-se o medo da esfinge metafórica, como é possível notar nos argumentos de Douglas Cortinovis. Para Thiago, que também sentiu-se acuado em um espaço desconhecido, cercado por livros e pessoas mais velhas, ser afetado pela palavra do outro foi algo transformador: a força dos poemas apresentados pela amiga Nathália e a maneira como ela os disse colocou-o em contato com uma nova perspectiva de ler o mundo, de se ler. Aquele espaço antes desconhecido e amedrontador torna-se um espaço de encontro com o outro, com a literatura, consigo; a palavra lida, proferida, compartilhada ajuda-o a encontrar um novo lugar para estar no mundo. A palavra do *outro poeta* passa a constituir a palavra de Thiago que se vê tomado pelo desejo de também ler/dizer poemas para o público. Algo parecido ocorre com Douglas ao ser levado por Thiago ao Corujão da Poesia: desconstrói a ideia de que aquele espaço de leitura seria apenas para os mais velhos e mais cultos e, ao ver outros jovens da sua idade participando do sarau com poemas autorais, sente-se impelido a debruçar-se sobre sua própria escrita, retomando o fazer poético que na infância fora interrompido pelos questionamentos quanto a sua orientação sexual. Ao sentir-se tocado, afetado pelos poemas dos jovens que se apresentavam no sarau, ao identificar-se com aquela escrita “mais direta” que fazia sentido para si, sentiu o desejo de também escrever e compartilhar seus escritos com o público. Segundo Corsino (2014, p.19), “é no processo de apreensão da palavra do outro que vamos constituindo a nossa consciência. Neste processo, os enunciados – que ouvimos e que proferimos – não só falam de nós, como também exprimem e alimentam a ideologia do cotidiano”.

Como enfatiza Matheus, “é diferente o espaço da poesia”; talvez porque numa festa, num bar, num show, outros interesses estejam em jogo e o foco não esteja exatamente no amigo, mas sim no artista que se apresenta, na conversa enquanto bebem

algo, nos flertes trocados pelos jovens. No sarau o artista que se apresenta é o amigo ou aquele com quem se interessa fazer amizade, no sarau é possível compartilhar suas observações, suas experiências, é possível se mostrar ao outro, se entregar ao outro por meio da palavra. Como evidencia Andressa, “se nós não fôssemos jovens que convivêssemos nesse meio e se não nos expressássemos dessa forma (...), talvez os nossos laços não se estreitassem tanto (...), porque seria uma convivência comum, tipo pessoas que se encontram para sair, para beber”. Andressa também enfatiza que o amigo poeta, com sua escuta sensível e acolhedora, a conduz a novos espaços onde é possível compartilhar sua palavra e se apropriar da palavra de outrem, onde é possível intercambiar experiências, estreitar laços, estabelecer vínculos: a poesia é espaço de encontros, pois é espaço de vivenciar a alteridade, é espaço de conhecer a si mesmo, de compreender e interpretar o outro e o mundo.

Nas conversas em profundidade, os jovens revelaram o que representa a poesia e o lugar que ela ocupa em suas vidas:

A poesia representa tudo pra mim. Tudo! (...) **Poesia está em tudo para mim...está no meu jeito, está nos meus questionamentos que faço sobre mim.** “Quem eu sou? Quem é esse Douglas que tem crise de ansiedade, que não dorme à noite? Quem sou eu? Por que estou aqui? Por que estou aqui nessa noite angustiado, pensando para onde vou? Poesia é isso pra mim. Poesia está em tudo...nas coisas tristes, nas coisas bonitas. Não só nas coisas que eu escrevo. (Conversa em profundidade coletiva – 02/10/2016 - Douglas Coritnovis)

A poesia pra mim... representa um descanso, um porto seguro, sabe? Não é um lugar onde eu encontre respostas, mas é algo onde eu sinto que consigo despertar questionamentos que não me permitem viver acomodada na vida que eu levo. A poesia pra mim ela significa um alívio, o fato de eu saber que coisas que sinto, coisas que penso, que às vezes nem sempre em conversas eu consigo deixar transparecer, na poesia eu consigo parar, organizar as palavras, colocar no papel e sentir como se aquilo que eu escrevi tivesse saído de dentro de mim. (...) Porque, às vezes, a gente carrega pensamentos, e carrega convicções, e carrega as coisas que a gente quer passar pra alguém, não existem oportunidades, às vezes, em conversas diárias de você pesar o pensamento do outro com aquilo que você carrega e aí você pensa “vou escrever! Vou botar pra fora!” então, a poesia pra mim é esse descanso, esse porto seguro. (Conversa em profundidade coletiva – 02/10/2016 - Andressa Marins)

Eu me identifico muito com a poesia porque com ela parece que consigo falar... assim, eu consigo me expressar, de certa forma, aquilo que não consigo frequentemente. Com a poesia consigo fazer com que as pessoas entendam coisas que, às vezes, nem eu mesmo consigo entender, mas encontro em poemas de outras pessoas e daí define aquilo para mim e consigo fazer com que outras pessoas também entendam. (Conversa em profundidade coletiva – 02/10/2016 – Thiago D’Lyra)

A poesia na minha vida são todos os meus dias. Os meus dias já são poesia. Se todos os meus dias são vividos de esforço, se acordo feliz... mesmo se eu estiver triste, penso: não, vamos melhorar! Isso já é poesia. A vida já é poesia, então, tudo que vivo, depois escrevo. (...) A poesia é minha vida. **A poesia representa para mim uma força maior.** (Conversa em profundidade coletiva – 02/10/2016 - Nathália de Lira)

A poesia mudou minha vida! Mesmo. Questão de... questão de significado mesmo, o que eu vim fazer nesse mundo. Eu era muito..., sabe? Só vivia... eu já tinha uma necessidade, já vinha me perguntando “o que que eu estou fazendo aqui?”. Sabe? O que eu estou fazendo aqui? Eu tinha uma barreira, eu era muito tímido, muito retraído, entende? Eu não tinha fé em mim mesmo. Foi o que a poesia foi me mostrando “não, é possível! Você tem algo dentro de si que você pode mostrar para as pessoas e faz bem a elas, como faz bem a você”. O retorno, o bem que eu faço a elas com a minha poesia vem como resposta... que eu posso, que eu sou alguém, entende? A poesia me mostra isso todo dia. Eu já acordo pensando. Já acordo pensando em poesia mesmo. (...) A poesia me possibilitou a conexão com muitas pessoas. Com muitos artistas, e elas têm uma visão tão abrangente do que é a vida. Então, ter contato com esses seres humanos incríveis é uma experiência única, sabe? Outro benefício que a poesia tem me dado. (Conversa em profundidade coletiva – 02/10/2016 - Matheus Goudar)

Ao narrarem sobre o significado da poesia em suas vidas, os jovens trazem algumas expressões emblemáticas que merecem destaque para esta análise: “a poesia para mim... representa um descanso, um porto seguro”, “a poesia para mim significa um alívio” (Andressa); “a poesia representa tudo para mim!” (Douglas); “eu me identifico muito com a poesia porque com ela parece que consigo falar (...), com ela consigo me expressar” (Thiago); “a poesia é minha vida”, “a poesia representa para mim uma força maior” (Nathália); “a poesia mudou minha vida!”(Matheus). Os jovens são contundentes e categóricos ao afirmarem que a poesia alterou suas vidas, apontando que tal gênero discursivo exerce um papel importante no cotidiano de cada um. A poesia parece ser, para eles, amparo em momentos de tensão, algo confortante que possibilita expelir pensamentos tóxicos e angustiantes, convertendo-se em “alívio”. A poesia é organizadora do caos porque possibilita elaborar questões filosóficas e dramas internos que, por vezes, sufocam. A poesia é elemento constituinte porque leva a pensar sobre si, sobre o outro, sobre o lugar que ocupam no mundo. A poesia é “força maior” porque impulsiona, porque dá voz ao corpo e à mente plena de anseios, inseguranças, dúvidas, opiniões, sonhos. Com a poesia é possível compreender-se e fazer-se compreender diante do outro. A poesia possibilita novas conexões com outras pessoas e com outras artes. As declarações desses jovens fazem lembrar os argumentos de Paz (2012, p.21):

A poesia é conhecimento, salvação, poder (...). Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. (...) diálogo com a ausência: o tédio, a angústia e o desespero a alimentam. (...) Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Expressão histórica de raças, nações, classes.

E por ser salvação, libertação, sublimação, por ser vida que pulsa no rio da linguagem, a poesia torna-se, para esses jovens, elemento imprescindível para manterem a lucidez, para romperem as amarras da timidez, para compreenderem o belo e o triste, para ousarem escrever e dizer ao mundo o sentido, o vivido, o incompreensível e o

insuportável. Por meio da poesia, indignação, inconformismo, dor e amor asfixiados podem ser expelidos em versos libertos pelo corpo e pela voz. A poesia pode ser um oceano de possibilidades e ser também âncora, “porto seguro”. A poesia, para esses jovens, parece ser, ao mesmo tempo, alumbramento e revolução.

Ao falarem sobre o que representa ser um participante atuante nos saraus, os jovens evidenciam a importância do ativismo por meio da palavra poética e compreendem a autoria como uma forma de expressão potente e transformadora, por isso, revolucionária e também libertária. Para eles, a poesia inscrita no mundo por outros poetas pode ser alibi para expor o que eclode dentro de si, o que sentem, o que os perturba e o que os encanta. Para eles, ser autor de poemas e ter um espaço coletivo para compartilhá-los lhes concede a capacidade de afetar o outro, de alterar vidas, como é possível constatar nos eventos a seguir:

Para mim, estar em um sarau de poesia é revolucionário...porque, quando você está lá, você diz coisas que podem mudar toda a vida de uma pessoa, porque, às vezes, eu escrevo uma coisa com um sentido e aquela pessoa pode atribuir outro sentido para a vida dela, e, às vezes, eu nem esperava alcançá-la naquele sentido. E ela vai pegar aquilo ali e vai mudar a vida dela a partir de uma coisa que eu escrevi (...), eu posso ser responsável pela mudança da vida de alguém. A poesia muda a vida das pessoas. (...) Seja no comportamento, no pensamento... mostrar para ela que ela pode mais. Mostrar para ela que ela pode amar ainda, que existe o tempo para amar...que amar não é bobo, não é feio. Pode mostrar para o cara da periferia que ele pode ser mais, que ele pode ter a mesma capacidade que um cara burguês. Isso representa muito pra mim. Representa ser revolucionário. Para mim, você ser poeta é ser revolucionário. É isso! É isso que me incentiva a participar de saraus: poder ser um cara ativista, revolucionário através da poesia. (Conversas em profundidade coletiva – 02/10/2016 - Douglas Coritnovis)

Participar dos saraus é uma forma de me libertar, sabe? De expressar o que eu sinto... isso me incentiva bastante. Eu também gosto do ambiente da poesia. (...) Eu gosto muito de ler para o público! Eu fico muito ansioso para ir aos saraus. Tipo, o que eu vou preparar, agora, para o público? O que eu vou passar? Porque até nesse último sarau eu recitei um poema chamado Vitimismo que fala da questão do negro. Depois de recitar, um homem me parou e falou: “cara, muito obrigado, hoje eu aprendi um pouco mais com você”. Então eu gosto disso... de saber que vou acrescentar alguma coisa na vida de alguém. Que não vou simplesmente, ah, cheguei, recitei e agora todo mundo viu, aplaudiu e depois ninguém lembra. (Conversas em profundidade coletiva – 02/10/2016 – Thiago D’Lyra)

No sarau, todo mundo me conhece como... ah, Nathália de Lira faz poesia, escreve, ...está num evento aqui, está num evento ali. (...) É bom! Eu sou reconhecida assim. (...) Sabe por quê? Eu sou poeta... mas tenho pessoas em torno de mim que também têm essa habilidade de escrita e que, quando me mostro como poeta, elas têm a oportunidade de parar e pensar: eu escrevo também. **Então, fazer parte de um grupo de pessoas que recitam, que estão em movimentos culturais, apresentando seus poemas dá vasão a outras pessoas.** Muito legal isso, sabe? De você escrever e falar: caramba, aquela pessoa que me assistiu, ó, já tá começando a escrever, já tá começando a recitar. É muito legal! Tanto que eu conhecia umas pessoas que diziam: caramba, eu tenho uma vontade... Aí, eu falo: escreve, escreve! E hoje em dia, como é o caso da Isabele, ela escreve muito. Eu gosto. Eu me identifico com o que essas pessoas escrevem. Eu acho que o efeito maior é o que as outras pessoas acabam fazendo. Não é o meu feito em si. O meu feito eu faço porque vivo isso! E saber que outras pessoas, através da gente, vai viver isso também é o mais legal! (Conversas em profundidade coletiva – 02/10/2016 - Nathália de Lira)

Percebe-se que o sarau de poesia configura-se como um espaço que exerce uma importante função social na vida desses jovens, pois é o espaço do encontro, propício à conexões com outros jovens, espaço onde podem compartilhar suas preferências, suas inquietações, suas descobertas e suas bandeiras por meio de suas produções artísticas. O ambiente do sarau apresenta-se sedutor, pois convida a estar com o outro, a preparar-se para o outro, a entregar o seu melhor ao outro, como declara o jovem Thiago D'Lyra. Espaço onde a palavra do outro é constituinte, provocando interações e apropriações diversas. Espaço onde se pode deixar sua marca por meio do poema escolhido para ler, do poema escrito para declarar o que deseja dizer ao mundo, da *performance* apresentada. Espaço para ser lembrado pela potência do poema apresentado, para além dos aplausos, e também para influenciar outros jovens a escreverem, a publicarem suas ideias convertidas em versos, a compartilharem a palavra como presente. Espaço de comunhão e revolução por meio da poesia. Espaço onde pulsa o coletivo e onde o individual também tem sua relevância na composição do desenho de uma constelação.

A seguir, serão analisadas as produções poéticas e as *performances* apresentadas pelos cinco jovens nos saraus acompanhados no percurso da pesquisa de campo, trazendo a marca da autoria de cada poeta, suas preferências literárias e também suas singularidades em cena.

5. 3 Periferia em cena: autoria, *performance*... poesia

Os saraus frequentados pelos jovens pesquisados configuram-se como encontros coletivos para ler e dizer poesia num espaço público que, como vimos, pode ser uma praça, uma livraria, um centro cultural, entre outros. Os participantes desses encontros pertencem a diferentes grupos geracionais e sociais e não são exclusivamente poetas/artistas, delineando, assim, um público eclético com um interesse em comum: ler e/ou dizer poemas autorais ou de seus autores preferidos. A música, o *RAP* e as esquetes teatrais são outras expressões artísticas que também podem compor o cenário junto à literatura erudita e marginal. No palco imperam distintos perfis e escolhas, pois a cena está aberta a todos que queiram participar do ritual poético, independente da idade, da formação acadêmica, da esfera social, da etnia, do espaço geográfico que habitem ou do que elegerem para ler ou dizer. Como argumenta Corsino (2014, p. 19), “a materialidade e a estética dos espaços também funcionam como signo ideológico e se

somam às interações. O cotidiano é diverso e polifônico. São muitas vozes que se confrontam, muitos são os significados apreendidos”. O espaço onde se materializa o ritual de um sarau é desafiador e convidativo, é instigante e provocativo, pois nele se estabelecem conexões entre aquele que diz e seu outro-ouvinte, onde leitor e poeta se consagram, onde se conquista admiradores, onde se pode ser reconhecido, onde é possível estabelecer vínculos. Na materialidade do palco eclode a polifonia dos poetas, pulsam ideologias e interações, concretizam-se *performances* que revelam diferentes estilos, diferentes discursos, diferentes sentidos que serão apreendidos e ressignificados pelo público. Palco e plateia estão conectados pela palavra, pela força da linguagem poética instaurada pela *performance*. Nesse jogo entre leitores/poetas e plateia uma relação emocional é estabelecida porque o texto situado ganha concreção vocal, reivindicando um “dialogismo (no sentido bakhtiniano do termo) radical: o de uma linguagem-em-emergência, na energia do acontecimento e do processo que o produz” (ZUMTHOR, 2010, p.183).

Para Zumthor (2010, p.166), filósofo que se debruçou sobre a tradição da oralidade poética de povos de diferentes tempos, culturas e continentes,

além de um saber-fazer e de um saber-dizer, a *performance* manifesta um saber-ser no tempo e espaço. O que quer que, por meios linguísticos, o texto dito ou cantado evoque, a *performance* lhe impõe um referente global que é da ordem do corpo. É pelo corpo que nós somos tempo e lugar: a voz o proclama, emanação do nosso ser. (...) tudo se colore na língua, nada mais nela é neutro, as palavras escorrem, carregadas de intenções, de odores, elas cheiram ao homem e à terra (ou aquilo com que o homem os representa). A poesia não mais se liga às categorias do fazer, mas às do processo: o objeto a ser fabricado não basta mais, trata-se de suscitar um sujeito outro, externo, observando e julgando aquele que age aqui e agora. É por isso que a *performance* é também instância de simbolização: de integração de nossa relatividade corporal na harmonia cósmica significada pela voz; de integração da multiplicidade das trocas semânticas na unicidade de uma presença.

O autor ainda acrescenta que a *performance* pode ser definida como “ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida.(...) Na *performance* se redefinem os dois eixos da comunicação social: o que junta o locutor ao autor; e aquele em que se unem a situação e a tradição” (ZUMTHOR, 2010, p.31). O autor defende que nesse processo há uma articulação “entre sujeito e objeto, entre Um e Outro”, pois a voz, fio que conduz o poema ao público, “interpela o sujeito, o constitui e nele imprime a cifra de uma alteridade” (ZUMTHOR, 2010,p.15). Percebe-se nesse ponto uma correlação do autor suíço com a teoria do russo Bakhtin: para ambos, a alteridade é constituinte fundamental dos sujeitos; sujeitos que constituem o outro e são constituídos pelo *outro* e o “não acabamento constitutivo do ser “possibilita reverberações discursivas, filosóficas, éticas

e estéticas, entre tantas outras. A *performance*, delineada por Zumthor, suscita o ato responsivo bakhtiniano, articulando ética e estética no processo de ler/dizer e ouvir poesia.

Entre o ler e o dizer poemas há especificidades que merecem destaque. Na leitura o suporte do livro é um elemento que, em princípio, pode parecer limitador, já que o leitor precisa ater-se à página e, ao mesmo tempo, conectar-se com o público, o que não vem a ser simples, pois articular ritmo, impostação, intensão, interpretação durante a leitura e manter-se conectado com os ouvintes requer destreza: o olhar deve contemplar texto e público, enquanto a voz dá vida ao poema. No entanto, ainda que tal articulação seja difícil, aqueles que escolhem o amparo do livro para se apresentar em um sarau podem também arrebatá-lo a plateia, trazendo o poema à voz com intensidade e verdade, comunicando-se, de fato, com o público por meio do texto escolhido para compartilhar. Nesse caso, o objeto livro compõe a cena não como uma bengala, mas sim como elemento inseparável do ato de leitura que dá ao leitor sustentação, confiança, referência. Como explica Manguel (1997, p.143), “durante o ato de ler (de interpretar, de recitar), a posse de um livro adquire às vezes o valor de um talismã”. Já o ato de dizer poesia exige que o participante do sarau, poeta ou não, traga o poema na memória – lembrando que saber “de cor” é, sobretudo, saber de coração, o que implica uma relação afetiva daquele que diz com o texto escolhido, seja autoral ou de outro poeta. O dizer poesia suscita os elementos evidenciados por Zumthor na *performance*: corpo e voz trazem o poema à cena, estabelecendo uma relação emocional entre o executante e o público. É no corpo-instrumento que

a enunciação da palavra ganha em si mesma valor de ato simbólico: graças a voz ela é exibição e dom, agressão, conquista e esperança de consumação do outro; inferioridade manifesta, livre da necessidade de invadir fisicamente o objeto de seu desejo: o som vocalizado vai de interior a interior e liga, sem outra mediação, duas existências (ZUMTHOR, 2010, p. 13).

Aquele que diz o poema empresta seu corpo e sua voz ao texto para que o outro o receba. A voz “interpela o sujeito, o constitui e nele imprime a cifra de uma alteridade” (ZUMTHOR, 2010, p. 15). López (2011, p. 60), apoiado nas ideias de Zumthor e Agamben, defende que:

através da voz, o corpo vive na linguagem, insiste nela. A voz é corpo, tremor físico, vibração sensível: pranto, grito, soluço. A voz é corpo: por isso treme e se adelgaça, se inflama, se cansa. A voz constitui a parte da linguagem que escapa à representação. A voz tem o poder de tocar, acaricia, irrita. (...) O corpo que se manifesta na voz não é o corpo que nomeamos, mas justamente o que escapa ao nome. O corpo que a voz traz à linguagem é uma superfície sensível, uma pura afecção. Nem objeto físico, nem mental. Não possuindo limites nem distinções, o corpo que se manifesta na voz é uma multiplicidade contínua. (...) o que se manifesta na voz é

afeição pura. Não é “meu corpo”, no sentido de um objeto que eu possa pensar e designar, mas, justamente, o que escapa ao meu domínio, o que se subtrai do conceito.

Em cena, o leitor traz no corpo e na voz marcas de sua leitura, de suas escolhas literárias, traz a palavra do outro que, recriada no ato de ler, torna-se sua também, o que faz da leitura uma forma de autoria. Como argumenta Paz, “toda vez que o leitor revive de verdade o poema, atinge um estado que podemos chamar poético. (...) A leitura do poema tem grande semelhança com a criação poética. O poeta cria imagens, poemas; e o poema faz do leitor imagem, poesia” (2012, p. 33). Já a *performance* requer “intervenções do poeta no seu próprio jogo, que exigem uma grande destreza, mas engendram uma liberdade” (ZUMTHOR, 2010, p.167); a autoria, nesse caso, não está somente no que foi escrito, mas também na maneira como se diz o que foi escrito, na maneira como o texto será evocado por meio do corpo e da voz.

Ler e dizer poemas são, portanto, duas formas distintas de estar em cena no sarau, mas que, igualmente, promovem e potencializam a conexão entre leitor/poeta e público por meio de uma relação emocional que se estabelece entre quem lê/diz e quem ouve. No sarau parece ocorrer o que Corsino propõe ao falar da concepção de linguagem bakhtiniana: “internalizamos a palavra do outro até que ela se torne própria. É pela palavra do outro que vamos construindo a nossa palavra. Por sua vez, é com o olhar do outro que nos comunicamos com o nosso próprio interior” (CORSINO, 2014, p.19). No sarau a poesia parece ser elemento constituinte de leitores, poetas, ouvintes, e o olhar de cada um ajuda a compor a teia que entrelaça subjetividade e alteridade.

Para pensar o percurso do poema levado à cena – seja pelo leitor, seja pelo poeta/autor – torna-se importante tomar como referência as fases de existência do poema elencadas por Zumthor (2010, p.32): produção, transmissão, recepção, conservação e repetição; a *performance* constitui o momento crucial dessa série de operações que desenham o movimento circular do poema. Compreende-se com o sociólogo que, em toda sociedade que possui uma escrita, a comunicação poética se inicia com a elaboração do poema, passando pelo corpo e pela voz daquele que diz/lê no processo de transmissão, chegando à recepção por parte do ouvinte. Há ainda a conservação e a repetição, fases que estão ligadas à tradição e garantem a perpetuação do poema – como ocorre em muitas sociedades de tradição oral, em que o poema e o canto são elementos que provocam “um dinamismo fundador simultaneamente preservador dos valores da palavra e criador das formas de discursos próprios para manter a coesão social e moral do grupo” (ZUMTHOR, 2010, p.37). Nesse sentido,

pode-se concluir que “o poema é histórico de duas maneiras: primeiro, como produto social; e, depois, como criação que transcende o histórico mas, que, para ser efetivamente, precisa encarnar-se de novo na história e repetir-se entre os homens” (PAZ, 2012, p.194).

Para a análise da produção artística dos jovens poetas pesquisados, em princípio, será enfatizada a questão da escrita e, em seguida, a questão da *performance*, quando serão abordados alguns aspectos da transmissão, recepção, conservação e repetição; também será entrelaçada à análise, mais à frente, a questão do poema como elemento de coesão social. Ao falar da escrita, Calvino sublinha que “o escritor (...) realiza operações que envolvem o infinito de sua imaginação ou o infinito da contingência experimentável, ou de ambos, com o infinito das possibilidades linguísticas da escrita” (2002, p. 113). E é nesse infinito de possibilidades que os jovens poetas pesquisados adentram e mergulham para compor seus poemas, tecendo seus versos a partir de experiências advindas das interações sociais e das leituras literárias que também os constitui.

O que escrevo é o que vivo. Ou o que alguém viveu e me contou, então, eu não posso fugir disso. (...) Eu falo, eu escrevo, sobre o esforço, sobre o ser humano acreditar em si mesmo, sobre o respeito à mulher. Eu fui me dar conta realmente, caramba, eu sou mulher, eu tenho que levar essa bandeira mesmo, agora! Tenho que falar: eu sou mulher e estou aqui para vocês respeitarem o poder da mulher! Eu falo sobre crianças também, sobre a importância do cuidado com elas, o quanto você deve valorizar, entende? Ao ponto de eu ver, de dar um livro para uma criança e ela ter aquele contato. Eu não tive isso, entende?! Eu fui conhecer e saber depois, bem depois. Eu até lia quando era criança, mas não tinha aquela sabedoria de que a minha vida pode ser escrita. Então, você pode mostrar para uma criança...olha, eu estou escrevendo também, mas estou escrevendo sobre você, entende? Aí, escrevo sobre tudo um pouco, mas sempre o que eu vivo ou o que eu vejo. Sempre muito real. A realidade, às vezes, é até chocante. Às vezes, eu penso, poxa, não tá legal o que eu escrevi, mas é verdadeiro, então isso é a base do que escrevo. (Conversa em profundidade individual – 09/10/2016 - Nathália D’ Lira)

Primeiro tive um contato com a leitura na infância, por ver a minha mãe ler, aí comecei a escrever, de uma forma natural. Desde criança gostava de escrever, por não conseguir expressar meus sentimentos, joguei fora, passei muito tempo sem escrever, e aí volto quando tenho contato com os saraus, depois de muito tempo. (...) Quando cheguei no Corujão da Poesia, e vi as pessoas recitando, aquelas palavras vieram de encontro a mim, aquilo mexeu muito com meu emocional e eu pensei “eu preciso voltar a escrever!”. (...) A partir de então, comecei a escrever bastante sobre coisas cotidianas, sobre coisas que eu sentia. A partir de relações ou de coisas que via nas ruas, no ônibus. (...) Fui escrevendo, escrevendo, escrevendo poesia, fui fazendo alguns poemas e... quando me senti mais seguro, comecei a fazer outros tipos de poemas. Comecei a fazer treinos, como, por exemplo, comecei a falar da minha ansiedade. Daí, pensei: “eu quero falar da minha ansiedade, mas quero que as pessoas leiam e pensem que estou falando de um relacionamento até eu dizer que é sobre a ansiedade”. Então eu comecei a treinar muito minha escrita. Hoje, já gosto também de escrever poesia marginal (...),contando sobre minha vivência como jovem periférico e poeta. Eu gosto disso. E aí vou treinando minha escrita pra dominar outros tipos de poesia. Tento apostar um pouco em trova também. Eu queria ser trovador. Parecer ser simples, mas é um pouco complicado. Mas mesmo assim vou treinando minha escrita até achar que está bem legal. Aí, vou e solto para galera dá uma olhada e mando aí para o

peçoal. (...) **Porque você escrever poesia é você se despir de muitas coisas.** É você se sentir nu mesmo quando você mostra a realidade sobre você, coisas íntimas que você talvez não tenha falado pra ninguém, você coloca numa poesia. (Conversa em profundidade individual – 09/10/2016 – Douglas Cortinovis)

As minhas leituras não eram voltadas pra poesia. Particularmente, eu me sinto uma pessoa bem sentimental. E alguns transtornos durante a minha vida, o relacionamento dos meus pais, acabaram me levando a criar essa estrutura de rimas, entre os versos, eu escrevo poesia não de uma forma didática, de quem de fato conhece métrica, de quem de fato sabe como estruturar uma poesia. **Eu escrevo, basicamente, pelo que estou sentindo e quero colocar aquilo no papel.** Às vezes, em pesquisas na internet, parava para ler e via um texto estruturado de uma forma rimada que me interessava. E eu pensava “poxa, da hora! Poesia!”. O contato foi começando e eu comecei a procurar mais a ler poesia... para escrever. (Conversa em profundidade individual – 09/10/2016 – Andressa Marins)

Escrever poesia significa libertar e ser libertado. Eu ser libertado de acordo com cada vida que liberto através da poesia. Quando escrevo, quando finalmente consigo escrever mesmo – porque não é sempre! Tem alguns poetas... tem alguns amigos, por exemplo, o Calos Eduardo... eu já estive ao lado dele, dentro do ônibus, ele pegou o caderno e escreveu três poemas. É incrível isso! Eu queria ter esse dom, mas eu só escrevo na hora certa mesmo! Quando já tem um turbilhão de sentimentos que tem que sair e se materializar no papel. Quando a poesia sai...quando ela finalmente sai como ela tem que sair, largo tudo que estou fazendo naquele dia para me dedicar àquela poesia, àquele poema. Porque aquilo ali já precisava sair. E quando leio o que acabou de ser escrito é que finalmente entendo o que estava sentindo. Quando começo a escrever um poema, em média, fico setes horas escrevendo, revisando, entendeu? Até ficar satisfeito. (Conversas em profundidade individual – 09/10/2016 - Matheus Goudar)

Ao falarem do processo de escrita, os jovens reiteram que as experiências vividas por eles e pelo outro regem suas produções poéticas: as questões cotidianas, as relações, o que se vê nas ruas, o que pulsa dentro e fora de si. O “turbilhão de sentimentos”, “a realidade às vezes chocante”, os dramas familiares, os dramas psíquicos convertem-se em matéria-prima para a poesia. A questão feminina/feminista, o lugar da infância, a ansiedade, a intimidade, os transtornos pessoais, as agruras da vida, “o esforço” de manter-se firme diante tantas dificuldades, as questões existenciais – o humano – jorram na escrita, fazendo com que os autores se dispam em seus versos. A escrita, nesse sentido, organiza o caos interno e externo, revela o cotidiano, reivindica direitos, fala de dores e também de amores. A escrita é uma aliada. A escrita é uma necessidade. A escrita é lazer e labor.

O jovem Douglas, após ficar muito tempo sem escrever, retoma o processo de escrita ao entrar em contato com os saraus; mobilizado pelas pessoas recitando poemas, afetado pela escrita do outro, compreende a necessidade da escrita em sua vida ao ponto de afirmar para si: “eu preciso voltar a escrever!”. Como relata o jovem, as palavras vão a seu encontro, e ele, sensibilizado pela poesia do outro, se reencontra com a autoria. E esse reencontro com a escrita o impulsiona a experimentar as “infinitas possibilidades linguísticas” de que nos fala Calvino, levando-o ao desejo de ser trovador; mesmo

consciente de que aventurar-se por outros estilos é algo difícil aceita o desafio proposto pela poesia. A escrita, mais que inspiração, é transpiração. O trabalho com a palavra exige reflexão e, sobretudo, imersão no universo da linguagem. Burilar e revisar são verbos que se entrelaçam ao escrever, como enfatiza o jovem Matheus Goudar. O poema não vem de súbito, pois ele é a combinação de operações complexas que envolvem a infinitude da imaginação, da contingência experimentável e das possibilidades linguísticas da escrita, apontadas por Calvino (2012, p.113); o poema reivindica tempo, solitude, submersão. Ao confessar “(...) só escrevo na hora certa mesmo! Quando já tem um turbilhão de sentimentos que tem que sair e se materializar no papel”, Matheus demonstra conviver “com teus poemas antes de escrevê-los” e esperar “que cada um se realize e consume/com seu poder de palavra/ e seu poder de silêncio”, como sugere Drummond em “Procura da poesia” (2006, p.248). Andressa Marins, apesar de afirmar não saber fazer poesia de “uma forma didática”, preocupa-se em inteirar-se dessa arquitetura dos versos para compor seus poemas: pesquisa, lê outros autores e busca seu caminho na escrita. Os dramas internos, “alguns transtornos”, como o relacionamento conturbado de seus pais, levaram-na a escrever com uma “estrutura de rimas” e, por isso, busca leituras para ampliar sua capacidade de compor poemas. Nota-se que esses jovens encontram na escrita uma maneira de elaborarem o que sentem e o ato de se ler compõe esse processo de subjetivação. Para Matheus, “escrever poesia significa libertar e ser libertado”, pois as palavras parecem ter o poder de romper o que limita, o que paralisa, o que encarcera numa sociedade desigual e violenta. Em sua ótica, a poesia pode ajudar a vislumbrar outras possibilidades para além do óbvio entre os jovens da periferia. Nathália afirma que sua escrita traz a crua realidade das ruas e, ainda que seja chocante, essa é a base da sua escrita: “o que escrevo é o que vivo!”. Compreender que sua vida pode ser escrita concedeu-lhe a possibilidade de dizer-se ao mundo e de também influenciar outras pessoas a (se) escreverem, como afirma no evento a seguir.

Acho que é uma coisa tão normal, mas que parece que para as outras pessoas é um OHHHH! Eu sou uma pessoa normal como você, como outra qualquer. Quando comecei a mostrar para algumas pessoas “cara, você é igual a mim e tudo mais” e incentivei algumas pessoas a escreverem e, aí, eu: Nossa! Como que essa pessoa tá escrevendo tanto! Que bom, entendeu?! **Então, ela entendeu que somos iguais e que temos o mesmo potencial e cada um vai ter uma pegada diferente na escrita.** (Conversa em profundidade individual – 22/09/2016 - Nathália D’Lira)

Nathália D’Lira concebe a escrita como algo possível a todos, não como privilégio de poucos, por isso, crê que exerce um importante papel junto aos amigos que conhece nos saraus no que concede ao estímulo à escrita. Compreende também que cada sujeito encontrará seu caminho, seu estilo, sua forma de se colocar no mundo por meio da palavra escrita e, conseqüentemente, da palavra propagada, compartilhada.

Ao falarem de sua relação com a escrita e dos caminhos trilhados no processo de produção poética, os jovens pesquisados mostram-se sujeitos plenos de seu fazer artístico, conscientes de que a escrita fala de si e também ao outro, de que a poesia é ofício da palavra e por meio dela é possível atuar na sociedade de maneira positiva. Como sinaliza Petit (2008, p.68), “ousar tomar a palavra, pegar na pena, são gestos próprios de uma cidadania ativa”.

A seguir serão apresentados poemas escritos por Nathália D’Lira, Douglas Cortinovis, Andressa Marins e Matheus Goudar e serão tecidas algumas considerações sobre seus escritos, buscando evidenciar os temas que se destacam nos poemas, o estilo de composição de cada poeta e aspectos de suas *performances*²⁸ ao lê-los/dizê-los. Thiago D’Lyra não está citado aqui, pois não é autor, mas sim leitor de poetas que escolhe para apresentar nos saraus, portanto será analisado ao final das *performances* dos demais pesquisados. Importante ressaltar que os poemas foram lidos/ditos em saraus observados durante a pesquisa de campo e, posteriormente, enviados a mim por e-mail; todos os pesquisados têm conhecimento de que suas produções serão publicadas nesta tese, o que foi feito com prévia autorização dos autores, como esclarecido no capítulo metodológico deste trabalho.

Retiraram-me o pôr do sol dessas semanas
já não o vejo, já o espio de longe
com sensação de saudade.
O piso e o teto,
o ar que puro não é,
se tornou minha casa.

Liberdade é sentir.
busão sem direção de onde poderia ir
sim, fui de encontro aos sonhos

²⁸ Os vídeos das *performances* apresentadas pelos jovens nos saraus observados durante a pesquisa foram editados em um cd para que a banca tenha uma pequena mostra da atuação dos pesquisados nos encontros de leitura compartilhada.

Por isso hoje escrevo,
as prosas e os contos.
e lhe conto,
como foi difícil conseguir um conto
no bolso...

A força dos meus braços,
me trouxeram o reembolso
mas pelo reboco da minha loucura,
encherá de poesia minha estrutura.

E na luz da lua
mesmo com ela,
não fico à vontade.
Sigo por várias ruas
e em todas vejo maldades.

Olho a minha essência
essa ciência modificada
roubada,
cansada
dessa falsa jogada
em que me jogaram

Me colocaram em alvo e atiraram.
mas me mantenho de pé
Todos os dias demonstro
a minha força de mulher.

(Poema de Nathália D' Lira - sem título – recitado no dia 22/09/2016 -
Corujão da Poesia de Niterói)

Em seu poema, Nathália converte em escrita as dificuldades enfrentadas no cotidiano, o ar poluído que respira, a maldade e a violência que a espreitam nas ruas, o esforço do trabalho nem sempre bem pago, o que lhe é retirado, o que não é concedido, a necessidade de reafirmar-se mulher numa sociedade machista; o texto também versa sobre a garra de buscar no trabalho a garantia da sobrevivência, sobre a liberdade de seguir em busca de sonhos, sobre a força da poesia que sobrepõe a loucura, sobre manter-se de pé mesmo sendo alvo de preconceitos e injustiças. Para essa jovem poeta escrever é ir ao encontro dos sonhos. A poesia é uma forma de inscrever-se no mundo e também de salvar-se das ameaças sociais e psíquicas. O ritmo de seus versos é regido pelas rimas que são encadeadas num jogo com as palavras e ganham destaque quando o poema é dito para o público. Com o microfone na mão parece estar à vontade e, antes de iniciar o poema que traz na memória, avisa: “a poesia que vou fazer hoje trata da rotina e eu acho que a rotina é algo que também pode matar... pode acabar com os sonhos. Eu faço poesia pra me livrar dessa rotina, pra ter um ponto de escape”. O poema é trazido à superfície pela voz e pelos gestos que compõem sua *performance*. Movimenta-se com

desenvoltura no palco e o poema ganha vida na voz, nas mãos, nos braços, nas pernas, no corpo inteiro. O olhar mantém a conexão com o público, enquanto dissecava seus versos à queima roupa como se as palavras estivessem prestes a explodir dentro de si. Como explica Zumthor: “a execução e a repartição dos gestos, num dado meio cultural, não podem ser completamente aleatórias. (...) o gesto completa a palavra. (...) a função do gesto na *performance* manifesta a ligação primária entre o corpo humano e a poesia” (ZUMTHOR, p. 219-220-221). Os gestos de Nathália em cena evocam sua origem periférica e suas experiências consolidadas na cultura de rua. Ao dizer poemas sempre autorais, valoriza cada estrofe, cama rima, assonância, aliteração, marcando a finalização dos versos, dividindo o poema à maneira dos *rappers*; herança de sua participação intensa nas rodas de *RAP* e *hip hop* nas praças de São Gonçalo e em outras cidades do país, como reafirma no evento a seguir.

Algumas pessoas acham que eu faço música. Não: eu sou poeta! Quando eu comecei, eu achava que tinha que cantar. Eu pensava: eu sou do RAP, esse é meu meio. Mas depois, eu vi que eu tinha o meu valor sendo poeta, fazendo minha poesia só falada, sem beat, sem nada! Quando falam que eu tenho que cantar, eu falo: não, cara, eu sou poeta! É bom saber que as pessoas, hoje em dia, dão mais valor à poesia. Eu quero escutar isso falado, sem batida. Eu vou sentir do mesmo jeito. (...) Sempre apresento poemas autorais. (...) Mas eu recito também em eventos de RAP e rodas culturais que acontecem no Brasil inteiro, na verdade, mas eu participo do evento de *hip hop* de São Gonçalo e levo a poesia que foge dos quatro elementos do *hip hop*, entende? Eu trago a poesia falada. (Conversas em profundidade coletiva – 02/10/2016 - Nathália D’ Lira)

Nathália, por ser participante ativa das rodas de *RAP* nos eventos de cultura *hip hop* sublinha a influência que recebe dessa cultura, no entanto, reforça que é poeta, e que, ao se assumir artista da poesia falada, exclui os elementos característicos usados pelos *rappers*, como o beat, que é a batida que acompanha o *RAP*. Como poeta, Nathália traz seus escritos na voz e no corpo de forma enfática, roubando a cena e arrebatando a plateia que só volta a respirar na explosão dos aplausos. Sua poesia e sua *performance* ferem e afetam o cúmplice ouvinte, provocando uma relação emocional entre ambos, como evidencia Zumthor.

Douglas Cortinovis apresenta um estilo bastante distinto de sua amiga Nathália, tanto no que tange ao tema como também à *performance*; a questão central de seus versos nem sempre são as dificuldades vividas nas ruas ou no trabalho, como no poema de Nathália, mas, sim, suas questões psíquicas, seus transtornos internos, sua patologia. No poema “Carta” escreve sobre a ansiedade com o desejo de ludibriar o leitor/ouvinte até a última estrofe (“eu quero falar da minha ansiedade, mas quero que as pessoas leiam e pensem que estou falando de um relacionamento até eu dizer que é sobre a ansiedade”). Ao longo dos versos, seu poema insinua falar dos conflitos de uma relação

afetiva com uma mulher, mas, no entanto, ao ser surpreendido ao final do poema pela “pior inimiga” que persegue o poeta – a ansiedade –, o leitor sente-se impelido a retomar o poema para, na suposta mulher amada, descobrir o transtorno que invade a mente e os dias do autor. O poema, nesse sentido, parece ser o caminho que Douglas encontra para amenizar os sentimentos de “angústia, inquietação, amargura, repulsa, medo e confusão” provocados pela ansiedade. Algo que talvez tomasse uma dimensão insuportável se não fosse a possibilidade de ser convertido em versos e compartilhado com o mundo, como é possível notar no poema “Carta” transcrito a seguir.

Um sentimento de angústia, inquietação.
Um sentimento de medo, confusão.
Um sentimento de medo pelo que não aconteceu
Um sentimento de fuga pelo que já me aconteceu

Um sentimento repulsa
Um sentimento de amargura
Um sentimento de desgosto
É assim que me sinto quando você vem a minha cabeça e me traz tantos conflitos.

Minha pior inimiga,
Você convive comigo todos os dias.
Tenta até ditar pra mim o que eu devo ou não fazer
Tem vezes que me machuca, se eu não obedecer.

Eu ando pela rua pra me distrair,
Naqueles dias em que você vem na minha mente
E você insiste em ir atrás de mim,
Me pega pelo braço,
Me deixa cansado,
Fadigado,
Estressado
E me tira toda a vontade de sorrir.
Tem horas que você fica tanto na minha cabeça
Que eu não consigo parar para pensar em outras coisas
Que não sejam os problemas que você me traz
Eu já te disse que não quero e não vou mais
Obedecer aos seus desejos, vou ser dono de mim mesmo

Sei que não é fácil
Tem dias que me sinto livre de você
Por outras vezes me sinto escravo
Mas o que eu não aceito é sair ferido
Nesse nosso eterno caso de conflito.

Ansiedade, você sempre me quis, parece um vício
Mas hoje, acabamos nos tornando piores inimigos.
Espero que um dia possamos reestabelecer os laços,
Para que eu possa viver em paz, sem viver nesse eterno relacionamento amargo.

(Poema de Douglas Cortinovis– recitado no dia 22/09/2016 – Corujão da Poesia- Niterói)

Douglas utiliza o recurso da repetição para intensificar o que sente, o que o asfixia, o que o angustia. Preocupa-se menos com as rimas, pois este não é um elemento

permanente em todas as estrofes, no entanto investe no ritmo do poema que é garantido pela tensão desenhada pelas imagens de perseguição, invasão, escravidão, conflito. A inimizade é um ponto forte entre o poeta e sua musa ansiedade e, como um amante inexperiente, sente-se manipulado por ela; ao tomar consciência disso, deseja ver-se livre do domínio avassalador: “eu já te disse que não quero e não vou mais / obedecer aos seus desejos, vou ser dono de mim mesmo”. Ainda que lhe roube “a vontade de sorrir”, ainda que o leve à exaustão, não aceita ser subjugado por esse sentimento perturbador e tenta exorcizá-lo por meio da escrita; almeja viver em paz e a poesia parece ser um oásis na aridez dos dias angustiantes. Ao evocar o poema no corpo e na voz, Douglas acentua cada verso, cada estrofe, articulando as palavras com intensão e intensidade, trazendo à tona o ritmo tenso do poema, como se estivesse, de fato, diante da figura feminina perversa e dominadora que faz alusão à ansiedade em seus versos. E mesmo com o apoio do celular onde lê seu poema, não faz uma leitura banal, displicente. O olhar atento ao texto e ao público, a respiração propositalmente ansiosa, a discrição ao entrar e sair de cena compõem sua *performance* que arrebatava o público surpreso com a identidade da musa revelada no vocativo da última estrofe. Como afirma Paz (2012, p. 105), “o poema não diz o que é, mas o que poderia ser. Seu reino não é o do ser, mas o do “impossível verossímil” de Aristóteles”.

Em seu poema “Negociadores de enganos”, Andressa Marins coloca em xeque aspectos pulsantes na sociedade: o consumismo exacerbado, o culto à beleza escultural vendida e ditada pela mídia, os amores idealizados, o desejo de ter o que ao outro pertence. Por meio de analogias que entrelaçam rimas, assonâncias e aliteraões, a jovem poeta traz uma reflexão filosófica sobre questões humanas, como impulsos e olhares míopes que induzem a equívocos:

Negociadores de enganos

Semana passada
eu comprei uma ideia,
vendí um pensamento
e troquei argumentos.

Convicções foram proferidas
apenas para me converter,
Quiçá nem o orador
soubesse a quê...

Eu estou invertida
e desse inverso
ainda faço avesso.
Me retorço e me contorço.
Sem saber o preço
que pago ou que recebo.

Eu vi beleza em corpos no mês passado
e quis ter contornos mais voluptuosos.
Depois admirei o sobressalto de alguns ossos
e decidi emagrecer.

O que falo não relata literalmente os fatos,
só relativiza o que está a acontecer.

A grama do vizinho estava mais verde essa manhã,
Então, reguei o meu gramado.
A minha grama esverdeou e isso foi do meu agrado.
Se no terreno dele não tivessem brotos a florescer...

Plantei sementes e as vi germinar.
Floresceram e as cores das minhas flores,
não eram tão vibrantes
quanto as flores de lá.

Do outro lado,
tinha um vizinho cuidando do gramado
para vê-lo tão verde quanto o meu.
Plantou flores e regou cada uma delas,
ele de certo as queria mais belas,
do que as sálvias que o meu amor me deu.

E por falar em amor,
eu tinha o melhor de todos.
Conhecíamos um ao outro
desde os piores defeitos
até os mais loucos gostos.

Da janela da frente
éramos vistos.
Nos lábios ela tinha um sorriso
e parecia suspirar ao nos ver.

Talvez você também quisesse
um amor assim pra você.

Mas eu não contei das grosserias
Que ele faz quando eu desligo a tv.
E do quanto eu fico fria,
se ao telefonar ele não me atender.

Ontem eu vislumbrei vaidade
e desejei a beleza que nem sempre
é realmente bela.

Entre prós e contras
A gente se encontra,
comprando e vendendo
o que se vê daqui dessa janela.

Meus olhos se fecharam
por um longo instante.
Respirei fundo e tentei pensar no mundo
sem vê-lo como um restaurante.

Não simplesmente montar um prato
com o que se vê exposto no balcão.
Não adianta olhar pro lado
e idealizar o desconhecido
como detentor da tua satisfação.

De olhos fechados eu tracei um plano.
Quero reduzir o impulso da adesão.
Ainda que eu não domine
os que estão me observando,
que aos poucos os outros entendam que
a vida se alimenta dessa óptica ilusão.

Somos meros negociadores de enganos.
Nos iludimos vivendo e vivemos iludindo.
Propositalmente ou por ironia do destino.
Exibimos atrativos e nos atraímos pelo que é exibido.
Feche os olhos por alguns segundos.
Tente conter seus instintos...

(Poema de Andressa Marins – recitado no dia 22/09/2016 – Corujão da Poesia- Niterói)

Ao abordar em seus versos as ideias vendidas e compradas pelos consumistas de sonhos alheios, Andressa critica as “convicções proferidas” pelos oradores vazios que, sem consistência, não convencem a nada. Confessa estar enredada nesse labirinto em que impera a sedução pelo ter e admite desejar a estética ditada pela moda e pela mídia, além da “grama do vizinho” por enxergá-la mais verde do que o gramado de seu jardim; no entanto, com outras lentes, percebe: “do outro lado,/ tinha um vizinho cuidando do gramado/ para vê-lo tão verde quanto o meu”. Num tom jocoso, brinca ao dizer que o vizinho “plantou flores e regou cada uma delas,/ ele de certo as queria mais belas,/ do que as sálvias que o meu amor me deu”. Em tom de ironia, insere o amor na lista dos sonhos de consumo e ridiculariza o amor idealizado por quem olha uma relação “da janela da frente”: “e por falar em amor,/eu tinha o melhor de todos. (...) Talvez você também quisesse um amor assim pra você/ mas eu não contei das grosserias /que ele faz quando eu desligo a tv / e do quanto eu fico fria, /se ao telefonar ele não me atender”. É no meio do poema que a autora apresenta a virada de quem se desloca e consegue se olhar de fora: “meus olhos se fecharam/ por um longo instante./ Respirei fundo e tentei pensar no mundo /sem vê-lo como um restaurante./ Não simplesmente montar um prato/ com o que se vê exposto no balcão”. Nesses versos, aponta que é preciso refletir para não simplesmente repetir padrões, que a vida pode ser feita de escolhas pessoais e não ser apenas a reprodução do que já está proposto ou imposto pela sociedade, que é possível desejar e planejar ser diferente do que a mídia, de maneira imperativa, vende

como felicidade; Andressa assume que é possível traçar planos, vislumbrar mudanças e conquistas para além do mundo ilusório e fútil ofertado pelos “negociadores de enganos”; por meio da escrita em verso, busca seu “inverso” na tentativa de revelar seu “avesso”. Ao ler seu poema de público, a jovem valoriza cada verso escrito por ela, impondo um ritmo forte revestido de ironias e questionamentos. Movimenta-se pouco no palco e permanece por muito tempo com o olhar fixo na plateia que, absorta, a escuta em silêncio. Com sua presença imponente, sua voz marcante e sua elegância discreta, mantém o público em suas mãos até os últimos versos: “feche os olhos por alguns segundos/ tente conter seus instintos...”. O público não se contém, se rende a sua *performance* e a aplaude efusivamente, o que comprova que “o sentido não se encontra apenas naquilo que é enunciado, mas também no próprio ato de enunciação” (LÓPEZ, 2011, p. 57).

Já o poeta Matheus Goudar, traz em seus versos a acidez de uma sociedade violenta, marcada pelo tráfico, pela corrupção, pela negligência de quem detém o poder. No poema a seguir – escrito em 2014, quando Matheus ainda era um adolescente de quatorze anos –, a indignação e o tom de protesto regem a composição dos versos que narram cenas encadeadas cinematograficamente. O texto não está dividido em estrofes e mantém um ritmo tenso sublinhado por rimas e metáforas que criam imagens fortes e revelam a realidade agressiva de quem vive na periferia; a bomba que explode logo no primeiro verso acende o rastilho de pólvora que percorre todo o poema:

A bomba explodiu
pois o pavio estava curto
A "sujeira" se rebela
e leva a cidade ao surto
E não adianta esconder
para baixo do tapete
Antes ninguém se mexeu
para que isso se resolvesse
Olha que admirável
toda essa vista
o Estado toma iniciativa
para impressionar turista
E após isso tudo
o que ocorrerá depois?
Será que se repetirá
o que houve na Eco-92?
O povo se dá mal
por estar em meio a violência
Eu peço para as autoridades
que tomem a providência
pois esse é o momento
de corrigir o erro
que antes fingiram não enxergar

por incompetência ou desprezo
por um povo que se sacrifica todo dia
e ainda por cima é segregado
por estar na periferia
Buscando a saída, a fuga do mal
Infelizmente, muitos pensam
que o melhor é ser marginal
E agora está no jornal
o bandido que vocês criaram
Está na maca da ambulância
ou roubando o seu carro
E o que me deixa "bolado"
é que ajudamos isso
Seja por meio do preconceito
ou para sustentar os nossos vícios
Vamos ter que mudar
e começar a agir
Se a situação melhorar
atitudes não poderão divergir
pois se a paz não progredir
a cidade sentirá calafrio
pois permanecerá refém dos teus próprios filhos
Sejam bem vindos ao Rio...

(Poema de Matheus Goudar - recitado no dia 15/10/2016 - Sarau Poesia Funk – São Gonçalo)

Ao impactar o leitor/ouvinte logo no início do poema com uma estrofe explosiva alerta que a cidade de “pavio curto” entra “em surto” e que, enquanto a sociedade mantiver seus vícios ou ignorar que a periferia precisa ser cuidada, serão vãs as tentativas de varrer do cenário social a guerra deflagrada pelo tráfico. Ao se referir a toda “sujeira” que eclode na cidade maquiada para os turistas, o poeta brinca com a palavra – não por acaso entre aspas –, evocando um sentido dúbio: a “sujeira” empurrada para baixo do tapete pelos governantes que ignoram os traficantes em ação e “sujeira”, referindo-se ao marginal dono da boca que acende o “pavio”, fazendo eclodir o conflito. O poema segue em tom ácido e questiona o repetir da história, a reincidência dos erros e seus desdobramentos: “e após isso tudo/ o que ocorrerá depois?/será que se repetirá /o que houve na Eco-92?”. O poeta lamenta o fato de muitos jovens da periferia escolherem o caminho do crime por acreditarem ser o mais promissor e protesta em favor do seu lugar de origem, denunciando o desprezo das autoridades pelo “povo que se sacrifica todo dia /e ainda por cima é segregado /por estar na periferia”. A poesia é instrumento de luta contra a opressão, contra o preconceito e as injustiças sofridas pela população periférica. A poesia é arma, é estopim. A poesia é o verbo solto com voracidade nos ouvidos da sociedade que gesta a violência: “e agora está no jornal / o bandido que vocês criaram / está na maca da ambulância/ ou roubando o seu carro”. Os

últimos versos do poema alertam que é crucial uma mobilização social para que a cidade não permaneça “refém dos teus próprios filhos”.

Em cena, o poeta captura olhar e fôlego de quem o escuta: a tensão imposta pelo poema percorre o corpo de Matheus em sua *performance* e causa no público o mesmo calafrio sentido pela cidade partida. O poema de Goudar explode no corpo e na voz como um urro contra a violência e a injustiça incrustadas na sociedade e clama pela pacificação dos territórios minados. O poema-granada atinge o público-alvo: cada verso-estilhaço compõe uma bandeira contra a guerra urbana e lembra o que declarou Neruda: “todo poema é um ato de paz” (2001,p.25)

A performance propõe um texto que, durante o período em que existe, não pode comportar nem arranhões nem arrependimentos: mesmo que tivesse sido precedido por um longo trabalho escrito, ele não teria, na condição de texto oral, rascunho. Para o poeta, a arte poética consiste em assumir esta instantaneidade, em integrá-la na forma de seu discurso. Daí a necessidade de uma eloquência particular, de uma facilidade de dicção e de frase, de um poder de sugestão: de uma predominância geral dos ritmos. O ouvinte segue o fio, nenhum retorno é possível (...) (ZUMTHOR, 2010, p. 139)

O poema escrito por Matheus ganha a força do instantâneo em sua concreção vocal e os ouvintes seguem o fio de sua *performance* sem retorno; o poeta, sem rascunhar, rege poema e público com sua eloquência, com sua facilidade em executar as palavras, com seu poder de sugestão. Tudo isso sem arranhões ou arrependimento. Não por acaso é reverenciado pelo público numa torrente de aplausos.

Thiago D’Lyra, o único entre os jovens pesquisados que ainda não participa dos saraus com poemas autorais, elege textos da literatura marginal periférica para se apresentar. Ao falar sobre suas escolhas, argumenta:

Como a poesia que eu recito é periférica... ela é, como o pessoal fala, ela é mais pedrada. Você vai direto ao alvo do que você quer que as pessoas entendam de uma forma que não seja tão assim... massageadora... A poesia da periferia permite que você vá direto ao ponto, sem ter medo. Eu gosto por conta disso. (Conversas em profundidade coletiva – 02/10/2016 – Thiago D’Lyra)

Entre os poetas escolhidos por Thiago está Felipe Marinho, poeta ativista na periferia de São Paulo, onde participa do “Slam Resistência²⁹” com poemas em forma de protesto contra a violência urbana e o preconceito social e racial. O emblemático

²⁹ O Slam Resistência – fundado, em 2014, pelo artista e poeta slammer Del Chaves, influenciado por rappers americanos – é uma batalha de poesia entre pessoas de diversas idades que leem textos autorais que ocorre em São Paulo, todas as primeiras segundas-feiras do mês, na Praça Roosevelt. Violência policial, violência contra a mulher, machismo, racismo e política são alguns dos temas mais recorrentes no microfone aberto. Jovens, crianças e idosos batalham no palco do evento que acontece uma vez ao mês. <http://cidadeludica.com.br/2016/08/13> - acesso em dezembro de 2016.

“Vitimismo” – transcrito a seguir – é um dos preferidos de Thiago para suas *performances* nos saraus.

O racismo no Brasil
É sobre a pele
É sobre a minha humanidade
Eu não aceito as migalhas da liberdade
Eu não conheço o racismo reverso pra quem tem acesso social
Mas eu entendo as cotas, pra quem sofre violência estrutural
A carta de alforria era apenas para diminuir despesas
Não se pensou em saúde, educação, recursos humanos pra população negra...
E assim é hereditário
O negro herda a fama de ladrão e os trabalhos secundários...
É só dá um rolê num fim de domingo
Observe a cor dos que passeiam e a cor dos mendigos
Só nós sentimos na pele a negação dos fatos históricos
Nossa cultura chutada e a maior representatividade... nos velórios!
Eu tô cansado do teu eurocentrismo
Que basicamente é isso:
- "Cala a boca, preto, que eu sei do teu racismo"
Mas eu só vou aceitar um branco falando de racismo se for em tom de desculpa.
Você não pode ditar o seu protagonismo se você não conhece a luta.
Incomoda tanto a presença do negro no protagonismo que quase que eles afirmam que Mandela não teve história, quando falam de vitimismo...
Vitimismo, sim!
É uma questão lógica...
Claro que pedimos pra ser perseguidos pelo segurança na loja.
Vitimismo, sim!
É questão social...
Pedimos também para sofrer um extermínio policial
Vitimismo, sim...
Em prática, pedimos também pra ser maioria da população carcerária
Vitimismo, sim...
Do jeito que cês gosta, maioria nos presídios ,minoria nas escolas
Vitimismo, sim...
talvez coisa de louco, quando o difícil é ser negro e morrer idoso
Vitimismo, sim...
De gente feia, quando adoramos ter a nossa carne renegada pelo seu patrão de beleza
Vítimas, de um massacre triste
E quem não sente na pele
Analisa de longe, julga e acha simples
E conclui que o racismo no Brasil não existe!

(Thiago D’Lyra recita poema de Felipe Marinho - Corujão 22/09/2016 e Sarau Funk Poesia 15/10/2016)

Thiago D’Lyra não é autor, mas toma para si a palavra do outro que em sua voz e em seu corpo converte-se em “palavra-força” (ZUMTHOR, 2010, p. 67) como a palavra ancestral proferida e preservada pelos *griôs* e *diélis* responsáveis pela preservação da tradição da cultura oral em algumas tribos africanas. Segundo Paz (2012, p.312), “cada leitor é outro poeta; cada poema, outro poema”, e, nesse caso, o poema “Vitimismo” ganha legitimidade na *performance* de Thiago, pois, suas experiências trazem marcas do preconceito vivido cotidianamente por ser jovem negro da periferia. As vozes de Felipe e Thiago, fundidas pela poesia, vociferam um discurso rascante que

faz sangrar a ferida aberta da história escravocrata em nosso país. Criticam a lei abolicionista que não visou amparo para os libertos na virada do século XIX para o XX e destacam uma série de graves consequências sociais advindas dessa negligência, como o processo de favelização, o desemprego e a marginalização da população negra. Condenam a violência estrutural e simbólica sofrida pelos negros há séculos e sublinham a importância das ações afirmativas como medida de acesso ao conhecimento, o que, no Brasil, historicamente foi – e em muitos casos ainda o é – negado aos herdeiros dos navios negreiros. As experiências de Thiago dão o tom de autoria a sua *performance* que, por sua vez, evoca muitas outras vozes inscritas e segregadas na periferia. Por não aceitar as “migalhas da liberdade” que lhe foram concedidas pela história o jovem protesta contra o preconceito sofrido por jovens negros periféricos que são explicitamente vigiados nos espaços públicos, que são mortos pela polícia, que são vistos como marginais pelo simples fato de terem a pele negra – algo que somente quem vivencia pode compreender a dimensão do racismo em nosso país, que aos olhos de muitos parece não existir de fato. Enquanto, com voz firme e olhos fixos na plateia, diz o poema com a propriedade de quem o houvera escrito mantém uma conexão forte com os ouvintes; sua *performance* enfatiza que a questão racial no Brasil permanece na pauta de discussões sobre direitos humanos e, por tudo denunciado pelo poema, merece, sim, ser repensada e debatida pela sociedade. Thiago, com contundência, atinge o alvo sem fazer rodeios, sem medo. O público se rende a sua luta que é ancestral e legítima. Os aplausos são inevitáveis e efusivos. Do fundo, alguém grita: bravo! Thiago sai de cena com a mesma dignidade que entrou, porém, mais forte para seguir a luta. A poesia é sua lança e também seu escudo.

Os poemas escritos e compartilhados pelos cinco jovens apontam uma autoria não somente do ponto de vista da criação como também da recriação. A cada vez que compartilham tais textos em suas *performances* nos saraus os poemas ganham vida nova, sendo reinaugurados a cada corpo e voz que percorrem. O corpo é, portanto, um território de luta, onde revelam-se estéticas, denúncias, protestos, angústias, amores, bandeiras. O corpo é instrumento de luta, assim como a palavra poética vivificada por ele. O corpo traz na voz muitas outras vozes, emoldurando, então, a polifonia pulsante na sociedade marcada por injustiças, violências, contradições, anseios, sonhos, ideais: como propõe Foucault (2001) o corpo é território de registro da história e espaço de resistência. Sales (2013, p. 423), apoiada em Le Breton (2006), afirma que o corpo é produto do contexto social e, por sua vez, produz cultura e é significado pela cultura;

nas culturas juvenis o corpo tem o sentido de pertencimento e identificação. Nessa perspectiva, é possível compreender que, com suas *performances* nos saraus, esses jovens reforçam tanto identificação quanto pertencimento ao território da poesia e que, no ato de ler e dizer poemas, produzem cultura e, simultaneamente, são afetados pela cultura dos saraus. Esses jovens poetas da periferia, ao viverem o que Paz (2012, p. 325) chama de “corporalização da palavra e sua encarnação coletiva”, evocam a voz de sua comunidade e, ao mesmo tempo, provocam a sociedade do ponto de vista ético e estético. Ao escrever e compartilhar poemas, esses jovens promovem a circularidade da poesia apontada por Zumthor e, ao manter a palavra poética viva no corpo e latejando na sociedade, celebram a tradição do fazer poético. Como argumenta Otávio Paz,

o poema é criação original e única, mas também é leitura e recitação. O poeta cria; o povo, ao recitá-lo, recria. Poeta e leitor são dois elementos de uma mesma realidade. Alternando-se de uma forma que não é incorreto chamar de cíclica, sua rotação engendra a faísca: a poesia (2012, p. 46).

Um poema, por ser algo vivo, por trazer em sua arquitetura uma linguagem que extrapola o dicionário e desafia a sintaxe, abriga amplas interpretações, e como obra que suscita múltiplos sentidos é também inacabada; dessa forma, um poema está ligado, de maneira inexorável, aos leitores que o recriam a cada vez que o leem, que o interpretam. Essa interdependência entre poeta e leitor/ouvinte consagra o ciclo produção, transmissão, recepção, conservação e repetição analisado por Zumthor ao falar do percurso vital de um poema (2010. p. 32). Com isso, compreende-se que a *performance* celebra

o retorno da poesia oral, a combinação da palavra escrita com a palavra falada, a volta da poesia como festa, cerimônia, jogo e ato coletivo. Em sua origem, a poesia era palavra falada e ouvida por uma coletividade. Pouco a pouco o signo escrito substituiu a voz humana, e o leitor individual, o grupo: a poesia se transformou em uma experiência solitária. Agora voltamos à palavra falada e nos reunimos para escutar os poetas; cada vez mais, em vez de ler poemas, nós os ouvimos – e o fazemos reunidos em grupo. Certo, mesmo nos momentos de apogeu do livro e da palavra impressa, o poema sempre foi uma arquitetura de sons/sentidos. Nisso estão de acordo todos os grandes poetas de todas as civilizações, sem excluir os chineses: a poesia é palavra falada (PAZ, 2012, p. 324-325).

No contexto aqui delineado pelas produções artísticas escritas e performatizadas pelos jovens poetas pesquisados, a linguagem poética configura-se também como linguagem emancipatória, já que, libertária e revolucionária – como sinalizaram alguns deles em suas enunciações anteriores –, a poesia os autoriza falar de si e do outro ao mundo, a poesia lhes concede olhos e ouvidos atentos as suas causas, a poesia conquista espaço de destaque para cada um e para o grupo, a poesia fortalece seus traços identitários como jovens artistas da periferia, a poesia lhes confere possibilidades de

atuar de maneira política, ética e estética. Nesse sentido, a poesia liberta e revolucionária por meio da força transgressora do operar poético de que nos fala o poeta Mallarmé, e também emancipa, pois compartilhada coletivamente “a poesia oral constitui, para um grupo cultural, um campo de experimentação de si, tornando possível o controle do mundo” (ZUMTHOR, 2010, p. 181). Ao falar de suas *performances* nos saraus, os jovens pesquisados contam sobre a importância da conexão com o público e as sensações provocadas pelo ato de ler/dizer poemas:

Pra mim é a melhor hora! Eu posso chegar lá cheio de problemas, posso estar estressado, sei lá, posso estar com as piores sensações dentro de mim que, **quando eu subo no palco, me lavo**. As pessoas sentem isso, as pessoas sentem como estou me lavando em cima do palco. E elas acabam se lavando também, então acho que é... não pelo o que eu digo, mas pelo que elas me dizem depois que saio do palco. Então para mim é uma das melhores sensações que já senti na minha vida... é quando estou em cima do palco. **Eu sempre digo: o palco é meu vício!** Sou viciado em subir no palco e me apresentar. Sou viciado em estar lá na frente e dizer poesia!(Conversas em profundidade coletiva – 22/09/2016 - Matheus Goudar)

Até comento com ele (Matheus) que dá um tremor nas mãos! **Então, percebo que, de fato, estou sentindo o que eu estou fazendo**. Se eu perder isso, acho que vai perder o sentido da poesia para mim.(...) Raras vezes eu me apresento com poemas de outros autores. Uma vez recitei um poema do Charles Bukowski. Em geral, me apresento com poemas autorais. (Conversas em profundidade coletiva – 22/09/2016 – Andressa Marins)

Ah, um alívio! Um alívio imenso...porque, querendo ou não, nós nos cobramos muito! Parece que não, mas, poxa, eu vou lá falar da minha vida, eu vou lá fazer você sentir o que eu senti ao escrever. **Então é uma responsabilidade. Você tem que sentir o que estou falando. Não adianta eu falar e você não sentir nada. Então, é uma força que a gente sempre demonstra, né?** (...) Eu sou muito da interpretação! Ah, todas as pessoas que podem ouvir, ou tem um contato com a leitura vai ver que a minha escrita é “jogada”, que eu não faço questão de tudo correto, é muita gíria mesmo! Mas o que vale é minha interpretação! É você ver que eu estou ali de corpo e alma para mostrar para você que o que estou falando é verdade, entende? Teve o BPM (evento de poesia e RAP em São Gonçalo) em que eu e o Matheus nos apresentamos. Ele que me chamou. E foi uma experiência incrível... porque eu estava apresentando para o mesmo público que eu faço parte e vi as pessoas vibrando em partes que eu recitava! As pessoas gritavam! Sempre depois de recitar, as pessoas vêm e abraçam, mas nesse dia, me abraçaram muito. Falaram: eu estou vivendo isso! Em lugares burgueses, acontecem os abraços e tal, mas não me dizem: eu estou vivendo isso. Então quer dizer que estou escrevendo a minha vida e outra pessoa está vivendo aquilo também. Isso é o mais importante para mim. Saber que alguém vai se identificar. (Conversas em profundidade coletiva – 22/09/2016 – Nathália D’ Lira)

Eu sinto uma conexão com o público, parece que vem uma energia diferente. Nas primeiras vezes que eu recitei, fiquei muito nervoso. Eu até tremo sempre que eu vou recitar poesia. Então, até evito de segurar o microfone porque fico nervoso não só pelo público, mas porque vem alguma energia muito forte.(...) Acho que sinto, de certa forma, um medo de como o público vai reagir...porque, por exemplo, essa última poesia que recitei fala sobre vitimismo, mas também tem uma outra que fala sobre, nós negros, estarmos vivos e cara a cara com os senhores burgueses...e, na maioria das vezes que recito, é no Corujão da Poesia ou no Vivedarte, então eu fico com um certo medo porque a maioria do pessoal que vai lá no Corujão é branco e burguês. E recitar uma poesia para eles, falando que “estou vivo” e cara a cara com eles, dá um certo medo, às vezes, do que eles vão achar...Quando vem os aplausos é como se você tivesse falado tudo que você precisava falar, como se você tivesse interpretado da melhor forma possível, como se você tivesse sido maravilhoso. Essa mesma poesia que recitei no Corujão recitei também numa escola pública...**é, de certa forma, um alívio, depois que você recebe os aplausos**

porque tudo que é bom as pessoas aplaudem, né? Então você recita, você agrada e vem aqueles aplausos...então você sente: nossa, cara, eu consegui fazer o que eu queria, eu consegui fazer com que todo mundo entendesse o que eu queria passar...(Conversas em profundidade coletiva – 22/09/2016 – Thiago D’Lyra)

Gosto de ler poemas autorais. Às vezes você se depara com um cara que tem um conceito totalmente diferente do que é ser negro, sobre o que é ser um jovem da periferia, e **quando uma pessoa fala para ele que o cara da periferia também pode, que o cara negro da periferia não é vitimista, que quando ele é perseguido não pede para ser perseguido, não pede para falar que o cabelo dele é feio...poxa, você faz uma pessoa refletir.** “Caramba, eu estava errado esse tempo todo. Eu tive uma atitude totalmente racista e não percebi.” Aí, eu posso também falar de amor, que o amor não é essa coisa que a gente tá vivendo no século XXI que diz que você amar de verdade é você ser bobo. Eu posso falar que ainda existe quem ama de verdade, de quem é transparente, quem ainda tem coragem de se abrir por inteiro, quem tem coragem de ser sincero, de amar de verdade. Sabe? Eu posso alcançar as pessoas dessa forma. (Conversas em profundidade coletiva – 22/09/2016 – Douglas Cortinovis)

Na maioria das vezes, eu me apresento com poemas autorais, mas eu gosto muito de ler outros poetas também. Gosto de ler José Régio, Ricardo Chacal, minha maior influência do Rio. Augusto dos Anjos, Carlos Drummond de Andrade... pra mim o que esse cara fala é lei. O que o Carlos Drummond de Andrade fala... é supremo, sabe? Muitos outros... ah, sim, um poeta que eu gosto muito de recitar: Torquato Neto! Gosto muito do Torquato Neto. **“Quem não se arrisca não pode berrar”.** Pra mim é uma das frases da minha vida! Do Chacal eu gosto “Vai ter uma festa que eu vou dançar até o sapato pedir pra parar. Aí eu paro, tiro o sapato e danço o resto da vida”. Isso é lindo! Lindo demais!(Conversas em profundidade coletiva – 22/09/2016 - Matheus Goudar)

Nos eventos acima, há alguns aspectos ressaltados pelos jovens que se destacam: as sensações físicas ao ler/dizer um poema, a relação do poeta/leitor com o ouvinte quando está em cena, a variação dos temas abordados nos poemas/pelos poetas, a questão da autoria e/ou o tomar a palavra do outro para si, a recepção/reação do público, o frenesi dos aplausos, os desdobramentos da *performance* pós palco. Cada um desses aspectos traz contornos importantes para se pensar a relevância da poesia na vida desses jovens artistas da periferia.

Ao ler/dizer poemas num espaço coletivo como os saraus, o corpo em cena que dá vida ao poema experimenta sensações distintas que vão do tremor ao alívio, do alívio ao delírio; há uma certa tensão e também uma forte emoção no ato de compartilhar um poema. Há um processo catártico que limpa, lava, expele sentimentos corrosivos, dando espaço à sensações agradáveis e à interações afetivas. Há um renovar-se e um reinventar-se a cada *performance* que engendra o desejo de sempre retornar ao palco, retomar à cena. A conexão com o público impulsiona-os a entregarem sempre o seu melhor ao outro; a poesia oral, no ato da *performance*, instaura o princípio dialógico entre poeta e público, pois “o texto poético leva necessariamente o ouvinte a se identificar com o mensageiro das palavras sentidas em comum ou até com as próprias

palavras. (...) a *performance* unifica e une. Essa é sua função permanente” (ZUMTHOR, 2010, p.264). A força da interpretação conecta poeta e ouvinte, gerando uma identificação que se desdobra em afeto, como comenta Nathália. O dizer poesia torna-se “um vício”, pois proporciona sensações de prazer e entusiasmo, dando sentido à vida, como reforça Matheus. A palavra poética, ao mesmo tempo, evoca o humano e o revela.

Estar em cena e poder abordar temas que lhes são caros por meio da poesia lhes dá a liberdade do dizer, mas também convoca ao ato responsivo, pois o sarau não configura-se unicamente como espaço do espetáculo em busca de aplausos, mas, sobretudo, o espaço de afetar o outro com sua arte, que também é sua própria vida grafada e proferida. Portanto, por meio da autoria, falar da dura realidade vivida pelo jovem periférico, do negro que sofre pelo racismo arraigado na sociedade, das angústias cotidianas destiladas pelo pensar conturbado, da felicidade fabricada pelos “negociadores de enganos”, do amor que pode ser vivido com verdade e coragem num século em que as relações são fragmentadas ou líquidas é uma forma de se “libertar e ser libertado” – como declara Matheus –, é uma maneira de estar de “corpo e alma”, inteiro, na entrega ao outro – como comenta Nathália.

O reconhecimento do público reforça a linguagem poética como escolha para ser e estar no mundo; a *performance* impulsiona-os a seguir na arte de escrever, ler, dizer poemas. O sarau é, portanto, um território de emancipação desses jovens que escolheram a poesia como forma de expressão e como estratégia para lutar contra a *barbárie*. A palavra autoral é uma forma de imprimir sua digital na sociedade e a palavra do outro também pode ser tomada para si como maneira de dizer-se; a palavra de poetas de outros tempos e estilos também pode ser apropriada, recriada, revigorada pelo seu corpo e sua voz, pois

o poeta sempre consagra uma experiência histórica, que pode ser pessoal, social ou ambas as coisas ao mesmo tempo. Mas, ao falar-nos de todos esses fatos, sentimentos, experiências e pessoas, o poeta nos fala de outras coisas: do que está fazendo, do que está sendo diante de nós e em nós. Ele nos fala do próprio poema, do ato de criar e nomear. E mais: também nos leva a repetir, recriar seus poemas, nomear aquilo que nomeia; e, ao fazê-lo, nos revela o que somos (PAZ, 2012, p. 197).

Ao compartilharem poemas como autores e/ou como leitores, Matheus, Nathália, Andressa, Douglas e Thiago consagram suas experiências que são, ao mesmo tempo, pessoais e sociais; ao repetirem e recriarem os poemas no instante da *performance* falam de si e também falam ao outro o que está inscrito no mundo, fazendo da poesia um elo entre quem diz e quem ouve – “é no âmbito do ouvinte e da recepção que se manifesta a verdadeira dimensão histórica da poesia oral. A sua existência, de qualquer

forma, constitui, num sentido amplo, um elemento indispensável da sociabilidade humana, um fator essencial da coesão de grupos” (ZUMTHOR, 2010, p. 264).

Ao acompanhar os jovens nos saraus, ao entrar em contato com seus escritos, ao sentir a palavra-força pulsando em suas *performances* é possível compreender como e porque a poesia “fincou raízes” na periferia, tornando-se um elemento indispensável na constituição da subjetividade de cada poeta/leitor e também no convívio em grupo, de maneira a impulsioná-los a um lugar de quem fala, de quem faz arte, de quem produz cultura e história, articulando ética e estética. Para além do palco dos saraus, trilham o ativismo poético em outros espaços que vão do real ao virtual: shoppings, escolas públicas, bairro, internet. A seguir, serão analisadas suas interações e conexões feitas por meio da poesia no ciberespaço, onde divulgam sua produção poética com posts de textos/vídeos dos poemas lidos e apresentados nos saraus e onde divulgam eventos culturais que frequentam e produzem.

5.4 Conexões poéticas: o ciberespaço como território para a/da poesia

Ao realizar uma pesquisa sobre e com jovens no universo contemporâneo, torna-se impossível não abordar as interações feitas por eles no ciberespaço por meio das inúmeras possibilidades de conexão apresentadas pelo uso da internet, não somente por ser este um meio de comunicação presente na vida da maioria dos jovens, independente da classe social a qual pertençam – incluindo os jovens interlocutores desta pesquisa –, mas também por ser inegável que “o caráter interativo proporcionado pelas mídias digitais contribuem significativamente para a constituição de subjetividade desses sujeitos, instaurando novos modos de relacionar-se com a informação e o conhecimento”, como argumentam Ferreira e Couto Junior (2009, p. 89).

Ao longo das conversas em profundidade, algumas interfaces virtuais foram citadas pelos pesquisados – *Facebook*, *Instagram*, *Word Press* – como meio eficaz para conhecer pessoas ligadas ao universo da poesia, para a publicação de poemas autorais e de autores preferidos, postagem de vídeos de suas *performances* poéticas e também para divulgação de eventos de poesia frequentados e promovidos por eles, confirmando que “os sujeitos se agrupam em torno de alguns interesses que *softwares* sociais como o *Facebook* sugerem, tais como: começar novas amizades no ciberespaço, estabelecer novas redes de contatos e negócios, marcar encontros, (...), dentre outros”, como explica

Couto Junior (2013, p.25); o autor ainda acrescenta que “o *Facebook* constitui-se como uma interface que garante aos internautas o poder de personificar e configurar suas preferências pessoais em seus respectivos “perfis” (COUTO JUNIOR, 2013, p.30). Portanto, por ser o *Facebook* a rede social digital mais usada/frequenteada pelos jovens pesquisados, no momento da pesquisa, grande parte das publicações selecionadas para as análises feitas aqui foram extraídas de seus perfis nesta interface, no entanto, o *word press*, um *website* gratuito para publicações, também aparece como um importante suporte para a compilação e veiculação de textos autorais de dois dos jovens pesquisados – Andressa Marins e Douglas Cortinovis –, dessa maneira, os textos publicados por eles neste *website* também compõem o *corpus* da pesquisa. Sendo assim, a pesquisa de campo foi ampliada com as postagens dos jovens no Facebook – com prévia autorização dos pesquisados –, pois “conhecer o que cada usuário compartilha dá um panorama dos assuntos que estão sendo tratados no *Feed*; assuntos esses que vão desde os mais corriqueiros do dia a dia aos que envolvem questões políticas e culturais” (COUTO JUNIOR, 2013, p. 29).

No oceano de publicações na interface escolhida, ao longo dos seis meses da pesquisa no campo virtual, os *posts* feitos pelos jovens abarcam inúmeros temas: assuntos cotidianos, relações amorosas, desabafos, sofrimentos, despedidas, protestos contra políticos corruptos, contra racismo, machismo e homofobia, fotos individuais e coletivas, vídeos de músicas preferidas e de jovens falando poesia (eles e outros), divulgação de eventos de *hip hop*, *saraus*, *shows*, entre outros temas. Como nota-se, há uma amplitude de temas das postagens que, por si, já dariam um trabalho à parte sobre juventudes, todavia, a análise se limitará a alguns *posts*, pinçados dentre dezenas, voltados ao tema do recorte feito para a tese: a relação desses jovens com a poesia. Além das publicações no *Feed* de notícias do *Facebook*, alguns eventos enunciativos em que os pesquisados citaram as redes sociais digitais também foram selecionados para análise. Os poemas e outros textos autorais ou de autores preferidos dos jovens publicados em seus murais virtuais não serão, nesta seção, analisados do ponto de vista literário como os demais em outras seções deste capítulo, sendo, portanto, citados para uma visão panorâmica das publicações relacionadas à poesia, de um modo geral. Em suma, os aspectos considerados para a análise feita nesta seção serão as conexões e interações feitas na internet pelos jovens pesquisados, enfocando as amizades estabelecidas com pessoas ligadas ao universo da poesia, a publicação de poemas

autorais e de autores preferidos, a postagem de vídeos de suas *performances* poéticas e a divulgação de eventos de poesia frequentados e promovidos pelo grupo.

Como fora mencionado em análise anterior, alguns desses jovens tiveram o primeiro contato por meio da internet, como, por exemplo, Andressa e Matheus que, ao se tornarem “amigos” no *Facebook*, transportam a amizade virtual para o espaço real, encontrando-se, pela primeira vez, em um sarau realizado numa praça; uma conexão que ocorre no ciberespaço pelo fato de cultivarem interesses em comum, no caso, a poesia.

Matheus: Eu conheci todo mundo aqui em sarau!

Andressa: Não, Matheus, a gente se conheceu pelo *Facebook* primeiro e, depois, você me chamou para o Expressão Mental.

Matheus: Tudo bem, tudo bem, mas a primeira vez que te vi pessoalmente foi por causa de sarau...

Fica evidente na argumentação de Andressa que o ciberespaço configura-se como um ambiente propício a conexões pessoais e que os interesses em comum indicados pelos perfis nas redes sociais digitais promovem uma aproximação que pode ultrapassar a esfera virtual: a jovem chega aos saraus por meio do contato feito com alguém na internet que também está vinculado à poesia e, para ela, conhecer alguém não limita-se à concretude do encontro, apontando que as fronteiras entre o que está dentro e fora do ciberespaço estão diluídas (FERREIRA; COUTO JUNIOR, 2008) e que, “hoje, com as novas mídias móveis digitais conectadas em rede e a internet “pingando nas coisas” não cabe mais pensar na dualidade virtual/real” (FERREIRA; OSWALD, 2013, p. 165).

Ao falarem sobre a publicação de textos nas redes sociais digitais, Andressa e Matheus apresentam distintas posturas frente às postagens no *Facebook*:

Publico... publico, sim. Publico quando estou vivendo aquilo, assim... às vezes, até coisas que escrevi já há algum tempo, ou estou passando por algo na minha vida que aquele poema retrata, vou lá e publico. Ou então, quando acabo de escrever, assim que escrevo, quando fico muito apaixonada pelo o que eu escrevi, aí, publico. **E fora as publicações que faço no *Facebook*, no perfil pessoal, tenho um site, um blog, um word press**, que fica como uma arquivo ali, entendeu? (...) **É um compilado das coisas que escrevo, porque, às vezes, passo o link para alguém...** “ah, abre lá...esse texto, dá uma lida, porque acho que retrata uma coisa que você tá vivendo”. Eu até utilizo minhas poesias nesse aspecto. (Conversa em profundidade individual – 22/09/2016 – Andressa Marins)

Eu posto poesia nas redes sociais, mas nem sempre. Teve uma época que, nas redes sociais, eu era muito tagarela. Postava um monte de coisa, era aquele adolescente que falava mais do que ouvia. Entende? **Hoje em dia, posto pouco porque eu estou tentando entender melhor a cabeça de cada um ali.** (...) Chega uma época em que aquilo que você precisa dizer não é o

suficiente, você precisa parar para ouvir o que outro tem a dizer também para você utilizar aquilo para um aprendizado. Então, muitas das vezes, não posto porque estou tentando entender a cabeça das pessoas, para saber se o que eu estou dizendo vai ser relevante ou não. **Porque muitas das vezes é melhor o silêncio.** Se você não tem nada a dizer o mais relevante é o silêncio mesmo. (Conversas em profundidade individual – 22/09/2016 – Matheus Goudar)

Enquanto Andressa publica o que escreve com certa frequência, compartilhando os poemas que mais lhe agradam ter escrito ou mesmo aqueles que retratam um momento de sua vida, Matheus opta pela cautela, pela observação do que está no *Feed*, na tentativa de “entender melhor a cabeça de cada um ali”, o que aponta uma atitude reflexiva diante das publicações cotidianas. Goudar, quando publica poemas autorais no *Facebook*, nem sempre os deixa por muito tempo, por vezes, apenas por 24 horas, como foi o caso do poema “A prece”, publicado em 16 de janeiro de 2017 e retirado no dia seguinte. Em 22 de fevereiro, publica-o novamente com algumas pequenas alterações, o que indica uma preocupação em burilar seus textos – característica marcante do autor analisada anteriormente.

A prece

Não há náusea em causa sob efeito indicado
que será inventado em vasos disformes
Celebrado nos cânticos das orbes
Famintas amantes de reações em cadeia

Real erro é plasmar negações à teia
Clamar a fluidez da tragédia para o que te destrói
Teu púlpito destrone a pose apóstrofe
Da aranha, insana, assentada sob causalidade
Imperdoável afago à carne covarde

Em contrapartida, os tremores da constância
delimitam as medidas
atingindo o ápice no parto de um ponto
Eis a catástrofe bela no instante do encontro.

Toda matéria casta salta de nível
abaixo do teto celeste
Sem atalhos para conter milagres
Sobra-nos a prece,
sobreposta em olhos que semeiam pés de luz.

Já Andressa Marins procura fazer circular seus escritos em distintos suportes, pois, além de postar poemas no *Facebook*, mantém um *website* com a compilação de seus textos em verso e prosa poética, como é o caso de “Juventude Eterna”, publicado em 2014, quando criou seu “andressamarins.wordpress.com³⁰”.

³⁰ Outros poemas e textos de Andressa Marins publicados em <https://andressamarins.wordpress.com> estão incluídos nos anexos desta pesquisa.

Juventude eterna

Fascinante essa ideia, de que independente do estágio de vida em que nós possamos estar, ainda estaremos passando, pensando, descobrindo, decidindo, se decepcionando e retroagindo, logo então, avançando, progredindo, fracassando e se reconstruindo. Com o passar dos anos, poderemos juntar algumas importâncias. As financeiras não serão de grande valia, porém as recompensas, essas das quais a gente se lembra e conta, mas não contabiliza. Essas sim, serão necessárias e acolhedoras. Falar de amores, férias, escolhas, fugas, revoluções, encontros, desencontros e o que quer que lhe traga ânimo para continuar, mesmo que para reverter o que passou, num presente melhorado, será bem vindo. Visto que, até o final estaremos certos apenas disso. De que a morte é inevitável. Mas até que ela venha e nos detenha, façamos vistas grossas! Preservemos o restante, mesmo que seja lamentável, ou memorável, a gente inventa, reinventa, complementa, omite, promete, cumpre, mesmo que não precise apenas de nós e o outro deva estar presente. Em caso de solidão, a gente por fim se acha no mundo, ou nas lembranças de quem fez parte da gente. E enfim quebranta o nada, para voltarmos ao cerne de onde viemos. Sem deixar de ter em si a constante certeza de uma juventude, ainda que espiritual, no entanto bem vivida. Nossa alma está mesmo aprisionada às condições de nosso corpo. Logo, que façamos bom proveito de tudo aquilo que independe da carne. As emoções... (publicado em 22 de outubro de 2014 em: <https://adressamarins.wordpress.com> – acesso em janeiro de 2017)

Como Andressa, Douglas Cortinoviis mantém um *blog* no *word press* com poemas autorais entremeados com vídeos de canções brasileiras de Elis Regina, Sandy, Lenine, Renato Russo, Tulipa Ruiz, Mahmundi, promovendo um diálogo entre seus poemas e um eclético repertório musical. O *site* douglascortinoviis.wordpress.com, intitulado “Coisas de um poeta de bar”, abriga uma seleção de poemas com temas diversificados: alguns poemas de amor, outros poemas voltados à questões existenciais e sociais, como “Vida Cobra”, “O amor é livre” e “O amor exige coragem”.

douglascortinoviis

Coisas de um poeta de bar

Vida Cobra

Um dia de paz,
um dia de caos,
a gente nunca sabe quando vai piorar
ou melhorar,
mas a gente tenta respirar
e não pirar

A vida cobra,
Ela é traiçoeira,
Você tem certeza de que vai passar por cima dela
E ela te dá um bote
De sensações,
Surpresas
E emoções.
(...) (publicado em 25/07/2016)

O amor é livre

(...)
Eu existo,
Sim!
Eu quero visibilidade,
Sim!
Isso é bissexualidade!
Sim!
Ser bissexual não é uma dúvida ou um problema
Por isso, vou lutar pelos meus direitos, sim!
Vou continuar buscando voz e espaço, porque quero ser respeitado!
Eu amo do meu jeito e meu jeito de amar tá longe de ser errado!
(publicado em 13/08/2016)

O amor exige coragem

Sempre foi daqueles que acreditou no amor,
aquele amor vendido nos cinemas, em que sempre se tem um final feliz.
Aquele amor que parece ser infinito,
bonito,
sem fim.
Acreditava com veemência que, apesar de completo,
teria por perto um amor que o transbordaria,
o tornando ainda mais feliz.
Teve ousadia, conheceu o amor de perto,
se fez por completo,
parecia que ia dar tudo certo,
mas foi infeliz.
O amor lhe trouxe enganos,
já nem tinha mais planos de viver um amor calmo, feliz.
(...)
(publicado 10/12/2016)

Nathália D’Lira também publica com frequência no *Facebook* seus poemas autorais, entre outros tipos de postagens ligadas ao *hip hop* e à poesia, que serão apresentados mais à frente. A seguir, dois poemas sem título, de sua autoria, postados em homenagem a uma pessoa jovem que acabara de perder, mostrando que a poesia também é uma via para elaborar perdas e lutos.

(...)
Dos meus versos te fiz letra,
te estudei mais que a poesia nas esquinas,
e fui de quina bati e voltei
vi que seguirei sozinha.
Sempre foi assim,
não sozinha de solidão
mas... sozinha pra solução e...
solução não faltou
(...)

(publicado em 07/12/2016)

É o mesmo café de sempre
A mesma tarde
Mas tá tarde
Pra você me mandar uma mensagem
Quem dera...
Aí onde vc está, pudesse cmg falar
O céu está mais "sorridente"
As nuvens hoje me preenchem...
O tal vazio que cê deixou
Me deixou...
(...)

(Publicado em 19/01/2017)

Nathalia, que, em geral, escreve poemas longos com cunho de denúncia ou protesto, também se aventura em poemas curtos – à moda de poetas marginais como Cacaso e Nicolas Behr que consagraram o poema minuto na década de 1970 –, lançando em seu mural do *Facebook* versos rápidos, porém de grande impacto, gerando muitos comentários, curtidas e compartilhamentos.

Nathalia D'lira

12 de janeiro · de 2016

No meu coração de favelada, você é as estrelas que eu vejo aqui da quebrada.

Nathalia D'lira

26 de novembro de 2016 · ·

E nos vícios do coração
Quem sente é o seu pulmão...

Como percebe-se, os poemas publicados pelos jovens na internet abrangem temas diversificados e trazem à tona dramas internos relacionados à juventude, aos amores, à sexualidade, à própria vida; questionamentos filosóficos sobre o ser jovem e sobre desafios, preconceitos, sofrimentos, perdas, emoções, dúvidas e certezas que enfrentam no processo de constituição de suas subjetividades. Além de seus versos autorais, alguns também lançam mão de seus autores preferidos para se expressarem nesse espaço virtual que se entrelaça ao real. Cortinovis e Marins, por exemplo, pinçam dos *sites* POETAstro e Existencialismo Virtual poemas de autores consagrados ou versos escritos em muros por autores anônimos que exprimem o que estão sentindo e querem declarar num dado momento:

Douglas Cortinovis compartilhou a foto de P O E T A s t r o.
19 de janeiro de 2017

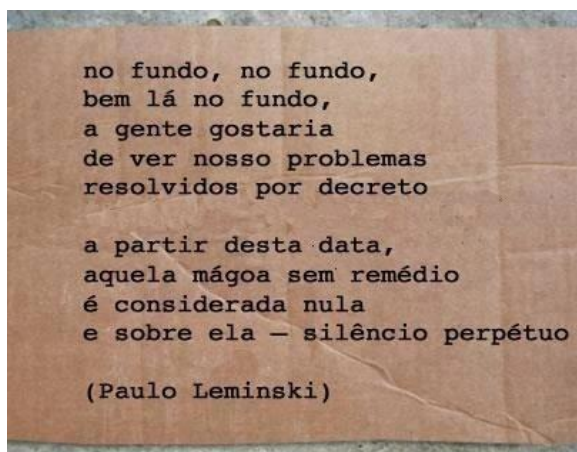


Douglas Cortinovis compartilhou a foto de P O E T A s t r o.
27 de janeiro de 2017 ·



Andressa Marins compartilhou a foto de P O E T A s t r o.
23 de fevereiro de 2017 ·

silêncio 💜👏



Douglas Cortinovis

19 de janeiro · de 2017

Memória

"Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão."

Carlos Drummond de Andrade.

Douglas Cortinovis compartilhou a publicação de Existencialismo Virtual.



Existencialismo Virtual

21 de janeiro · de 2017



"Minha alma está em perigo. Sempre esteve."



Bukowski





Em meio aos poemas autorais e de autores escolhidos pelos jovens e publicados no *Facebook*, encontra-se também vídeos de suas *performances* nos saraus, vídeos de outros poetas do Slam ou de *rappers*, fotos em cena ou com amigos da poesia, divulgação de eventos, entre outros. Nathália D’Lira apresenta-se como a usuária mais ativa nesse sentido, seguida de Matheus Goudar. A seguir, uma publicação de Nathália em que compartilha foto com a poeta Mel Duarte, vencedora do Slam na FLUPP de 2016, e declara sua admiração pela poeta paulista, exaltando a conexão entre poetas da periferia de São Paulo e do Rio de Janeiro. Este post indica que Nathália frequenta eventos de literatura da periferia e buscar conectar-se com os nomes expoentes da juventude periférica no território da poesia.

Postagem no *Facebook* dia 14/11/2016

A FLUPP foi incrível!

E conheci a poeta mais braba   Mel Duarte

Conexão SPxRJ  

E ela ganhou o primeiro lugar no Slam, maravilhosa    



Nathália D’Lira também compreende que o *Facebook* é um espaço importante para divulgar sua arte e publica vídeos de suas *performances* em eventos de poesia e *hip hop* que frequenta em diversas cidades. Seus vídeos alcançam centenas de visualizações (278/453/507, no caso dos posts a seguir), sendo comentados e compartilhados por muitos outros amigos na rede, o que representa um alcance considerável para uma jovem poeta ainda sem publicação impressa.

Nathalia D'lira compartilhou o vídeo ao vivo de Batalha Plano A.
20 de novembro de 2016 · -278 visualizações até 18/02/2017

Poesia é vida!
Gratidão...
Duque de Caxias com as minas se expressando!
Se liga, Miguel Arcanjo

Vídeo publicado em 01/12/2016 com 453 visualizações até 18/02/2017

Hoje eu versei pra você. Meu coração e minhas pernas tremeram, transbordei de amor e de saudade. Coloquei seu moletom que eu não tive a coragem de vestir todos esses dias... Pude te sentir mais uma vez me dizendo "vai lá, você consegue" #PraQuandoEuForNuvem



Nathalia D'lira compartilhou o vídeo de Vivedarte.
7 de dezembro de 2016 · 507 visualizações até 18/02/2017

Sou #Vivedarte sou poesia..... amo esse verso 🍀❤️

Vivedarte com Nathalia D'lira
11 de agosto de 2016 ·

É ao redor, é ao redor.

Onde morrem por causa do frio
por causa do pó.

E ao redor,
rodearam o menó

Desacreditado e colocando no futuro dele um nó...

Quem te olha de canto, te julga
e não ajuda (...)

Matheus Goudar considera que postar vídeos com seus poemas é muito importante para seu processo de criação, pois os comentários dos amigos o estimulam a continuar criando e trabalhando sua escrita. Na opinião do jovem, as pessoas que não têm o hábito de ler param para ver os vídeos e se atentam para suas produções poéticas de forma a ajudá-lo a não desistir, mesmo diante as situações difíceis que enfrenta no cotidiano, como é possível compreender a partir de seu depoimento a seguir:

A gente mora num país em que as pessoas têm preguiça de ler. As pessoas nem sempre leem o que eu posto. Mas elas não leem nada! Eu não estou criticando, eu entendo que a situação que a gente vive no nosso país é muito complicada. O nível de déficit de atenção nesse país é enorme.

Não posso julgar uma pessoa por ela não conseguir manter o foco naquilo, entende? **Mas quando eu posto um vídeo, quando eu recito, aquilo ali se torna universal. As pessoas param para ver o vídeo. Para ouvir o que estou dizendo e as palavras, as palavras das pessoas me incentivam a continuar.** Semana passada, um vídeo que eu postei... eu estava passando por umas situações...aquela coisa, né, você tem vinte anos, precisa dar um rumo na sua vida, você não tem emprego, sabe? Chega uma hora que você tem que virar o homem da casa, você precisa estar ali forte, manter uma postura, mas muitas das vezes, você entra nesse jogo e fica perdido. Aí eu fico pensando...o que que vai ser? **Aí eu posto esse vídeo e vejo a resposta das pessoas... eu penso “pô, é isso! Eu tenho que continuar nisso! Eu tenho que acreditar em mim”.** Não só na poesia, mas também na minha própria vida, porque a poesia é o reflexo da sua própria vida, certo?! (Conversas em profundidade - coletiva – 02/10/2016 – Matheus Goudar)

Em uma de suas postagens, a conversa travada com o amigo Julio Servo a respeito de um vídeo postado em 29/09/2016 revela o quanto o jovem poeta é admirado pela poesia que faz e aponta a preocupação de Matheus em aprimorar sua escrita permanentemente. A conversa, *printada* e apresentada aqui na íntegra para que não se perca o fluxo do diálogo, traz trechos importantes para compreender a dimensão do trabalho de Matheus publicado no *Facebook*. Alguns trechos foram negritados, ressaltando pontos que merecem maior atenção. O vídeo em questão apresenta o poema analisado na seção anterior, em que Matheus aborda a violência no Rio de Janeiro: texto escrito na ocasião da ocupação do Morro do Alemão para a implementação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), em 2010, quando o poeta tinha apenas 14 anos.

Comentários sobre o vídeo do poema publicado no Facebook no dia 29/09/2016

Julio Servo: Sem dúvida um dos melhores poemas teus que eu já ouvi. Simples e frio como um monumento exuberante no meio de uma praça deserta numa madrugada qualquer.
Parabéns, Mathew.



Matheus Goudar Haha Fico verdadeiramente grato, irmão ! Muita poesia e luta pra nós.
Curtir · Responder · 1 · 7 h



Júlio Servo Consegui enxergar amadurecimento neste poema... Vi sobriedade. Aquela raiva insana e com ares de calamidade climática, pronta a devorar tudo e todos como um terremoto, deu origem a um tiro certo de sniper. Desculpa a sinceridade, mas acho que você evoluiu. Rs Poetize-mo-nos! 🤔 👍 👉

Matheus Goudar - Hahahahahahaha Sabe que as críticas são sempre muito bem vindas. Mas esse poema é antigo, foi escrito na semana da ocupação do Morro do Alemão para implantação da política das Upp's em 2010, eu tinha 14 anos na época. Antes mesmo de eu pensar em frequentar saraus e escrever era apenas um hobby, porém de qualquer modo senti que havia algo a ser dito naquela ocasião e naturalmente o poema surgiu.

Matheus Goudar- Depende do ângulo que se enxerga. Procuo relativizar a visão do artista em seu processo criativo ao invés de categorizá-lo em fases ou rótulos para a compreensão total da

sua proposta. **Minha forma de interpretar o mundo se aprimorou, e por eu ser naturalmente perfeccionista e autocrítico em tudo que crio, mudei as maneiras de transmitir esse aprimoramento. Sentia que essa estrutura de poema simplificada e discursiva era bastante limitada para o que eu queria criar, então passei a treinar novas possibilidades para a construção dos meus versos. Sempre acreditei que pode-se dizer mais do que aparentamos dizer em uma única estrofe, então o uso das metáforas foi se tornando mais presente. A forma de expressão e a estruturação dos meus poemas atuais só revelam uma indignação já existente quando eu era mais novo, só o que muda é o modo de dizê-la.** Rs

Curtir · Responder · 1 · 6 h · Editado



Júlio Servo Sim. Por isso minha risada. Justamente por eu entender que a progressão, nesse caso, é uma questão de ponto de vista. **Você é um bom poeta, my friend.**

Curtir · Responder · 1 · 6 h



Matheus Goudar E você como sempre me incentivando a ter auto-reflexões sobre como e porquê escrevo hahaha. **Grato pelas conversas construtivas, vê se aparece na próxima Taverna.**

Curtir · Responder · 1 · 6 h



Júlio Servo Pô, mano, eu só sirvo pra crítico mesmo, porque o grande poeta é você. Rs **Me sinto honrado de poder ver o cenário cultural florescendo na cidade e saber que você é um dos caras que mais contribui pra isso, com uma poesia tremendamente poderosa.** Vou ver se apareço sim. Queria estar aparecendo mais, porém tive uns contratempos... Em breve, volto com tudo; pra trocar e aprender contigo!

Dos trechos destacados da conversa entre Matheus e o amigo no *Facebook*, vale ressaltar aquele em que o poeta fala sobre seu processo de criação, onde argumenta que está sempre atento à necessidade de pensar em novas possibilidades para a arquitetura de seus versos, abandonando a “estrutura de poema simplificada e discursiva”, que considera limitada, e valorizando as metáforas; sublinha também que, ao ganhar lentes novas para “interpretar o mundo”, sua forma de poesia vai se alterando, delineando contornos mais densos; ao falar de seu processo criativo, o jovem demonstra ter consciência da importância de repensar constantemente sua escrita e parece cultivar a autocrítica, elementos imprescindíveis para um autor que busca maturidade literária.

Nathalia D’Lira, em uma de suas postagens, também fala do permanente desafio da escrita e do quanto sua produção poética oscila: por vezes, escreve em profusão, em outras os versos não saem como deseja, no entanto, a “tentativa é constante”, o que faz valer a máxima de que a escrita poética, para além de inspiração, é também transpiração: demanda dedicação, trabalho. É um processo árduo e profícuo, como comentam os amigos em sua publicação:

Nathalia D'lira

31 de janeiro de 2017 ·

O desafio de escrita... Têm épocas que sai automaticamente, que vem poesia em tudo. E épocas que posso tentar e tentar, mas não sai como eu quero. **A tentativa é constante**, mas sempre é na hora certa que sai algo brabo. **Esperar, absorver o momento tbm faz parte do processo... depois, é juntar as vivências e escrever tudo.** Um mês sem escrever, no outro mês com muitos versos...

Comentar Compartilhar

21 Você, Matheus Goudar, Andressa Marins e outras 18 pessoas

Comentários



Carlos Henrique Desse jeito mesmo. Tem dia q vc não entende nada, aí, do nada, sai o melhor verso da sua vida kk

Curtir · Responder · 1 · 31 de janeiro às 11:50



Ricardo Jordan Sirieira Camara É normal eu já fiquei três meses sem escrever, depois tbm escrevi 06 trabalhos novos

Curtir · Responder · 1 · 31 de janeiro às 13:10

Em outras publicações, Nathalia procura valorizar os eventos que frequenta, rememorando os momentos em cena com sua poesia e demonstra que, apesar do cotidiano corrido, da dificuldade de locomoção de uma cidade a outra em busca dos saraus, do cansaço do trabalho, é sempre gratificante estar no palco para compartilhar seus poemas e que, seja por sobrevivência ou desejo de se expressar, sempre o faz por “amor pela poesia”, como declara nas postagens. Iniciar o ano ou finalizar o dia nos saraus a impulsiona a seguir o caminho da poesia, que está sempre em construção.

Nathalia D'lira

6 de janeiro · de 2017 ·

Sim, gratidão pela noite de hoje.

Todos os dias são corridos, todos os dias são poesias, umas prontas e acertadas, outras em construção. Tentar é construir.

Primeiro sarau do ano... @corujaodapoesia  

#Poesia



16 de janeiro de 2017 ·

Aí você se pergunta o pq de ir?! **É realmente o amor pela poesia, ou a sobrevivência, a vontade de se expressar.** Consegui sair mais cedo do trampo, no caminho tacaram alguma coisa no busão e quebraram o vidro. **Cheguei e foi muito bom participar do sarau.** Seja onde for, que a vontade de ir seja a mesma. Gratidão pela noite!
#SarauTáNoPonto

Nathalia D'lira em Madureira, Rio De Janeiro, Brasil.



Nathalia D'Lira compreende que manter publicações na internet sobre sua relação com a arte da palavra, seja no território do *RAP* ou da poesia, e compartilhar nas redes sociais digitais sua produção poética lhe proporciona ser reconhecida como poeta em eventos de outros estados brasileiros:

(...) Eu cheguei em Minas, num evento, e um garoto falou “ Você é a Nathália D’Lira?”. Eu pensei, caramba! Aí você vê que você está fazendo aquilo, **você está postando uma foto, um vídeo de uma poesia sua e lá do outro lado, lá em São Paulo, lá em Minas, alguém está te vendo.** (Conversa em profundidade individual -22/09/2016 – Nathália de Lira)

Como é possível observar, não somente nas postagens aqui analisadas, mas também nas falas dos jovens pesquisados, o *Facebook* apresenta-se uma interface que possibilita a esses jovens uma divulgação eficaz de suas produções poéticas e de sua circulação no universo da poesia, demonstrando que

a diluição de fronteiras entre emissão e consumo de conteúdo reduz as barreiras que separavam o leitor ou espectador passivo do produtor de informação, a partir dos usos das mídias digitais e da conexão em redes da internet. Isso é o que definitivamente caracteriza a nossa era e a nossa cultura. Ter a possibilidade de produzir conteúdo e divulgar esse conteúdo, seja em forma de texto, imagem ou som, produz rearranjos sociais, políticos e econômicos que marcam os novos contextos sociotécnicos (FERREIRA e OSWALD, 2013, p. 165).

A divulgação de eventos de poesia frequentados e produzidos pelos jovens pesquisados também emerge como um importante aspecto a ser analisado no mar de publicações feitas por eles no *Facebook*. Desde postagens quinzenais do Corujão da Poesia, que ocorre em Niterói, compartilhadas pelo grupo em seus murais, passando por articulações entre o grupo para a criação de projetos como o Vivedarte, idealizado por Andressa e Thiago, e divulgação dos saraus produzidos por eles, como o Agrourbana e o Sarau Poesia *Funk*, organizados por Matheus, e, por fim, anúncio de projetos que estão por vir, como o Festival de *hip hop* de São Gonçalo com liderança de Nathalia na edição de 2017 e a retomada dos saraus do Vivedarte, prevista para março de 2017. O projeto Vivedarte e o Sarau Poesia *Funk* serão analisados na seção seguinte, já que nesta pretende-se compreender como os pesquisados articulam e promovem sua arte na internet por meio de postagens nas redes sociais digitais, especificamente no *Facebook*.

Nosso projeto, o Vivedarte, a gente começou por acaso também...por causa do Corujão. Tinha um Corujão em São Gonçalo e parou de ter durante um tempo e passou a ter só em Niterói. Daí era difícil da gente ir para Niterói sempre porque é mais passagem de ônibus, acaba tarde, era ruim para voltar, tudo isso. Daí, **resolvi postar no Facebook para ver se alguém ia comentar sobre algum sarau e, então, postei e escrevi que estava sentindo falta de um sarau em São Gonçalo.** (...) (Conversas em profundidade coletiva – 02/10/2016 – Thiago D’Lyra)

Quando o Thiago fez essa postagem, dizendo que estava sentindo falta de saraus, desses eventos culturais em São Gonçalo, lembrei desse espaço de leitura dentro do shopping Partage que é o shopping onde acontecia o Corujão na Livraria Gutemberg. (...) **Então, a gente foi para chat conversar, foram surgindo as ideias, no mesmo dia já surgiu o nome do projeto.** (...) Em um primeiro momento, a gente fez um convite restrito, o Thiago convidou umas dez, doze pessoas, eu também, e aí essas pessoas selecionadas foram para dentro desse espaço para poder ver como seria o efeito desse acontecimento lá. Convidamos amigos, amigos que apreciam, amigos que também escrevem...e assim foi. Amigos que são músicos também. (...) (Conversas em profundidade coletiva – 02/10/2016 – Andressa Marins)

(...)Fizemos a divulgação dessa edição, postamos uns vídeos, tivemos uma resposta, deu uma repercussão na internet...na segunda edição do Agrourbana já tinha quinze pessoas. Na terceira edição já tinham vinte. (...) (Conversas em profundidade - coletiva – 02/10/2016 – Matheus Goudar)

A estratégia de articular a criação e a realização de encontros para ler/dizer poesia por meio da internet surge com naturalidade, já que o ciberespaço é “habitado” pelos amigos com interesses em comum, o que, por sua vez, faz com que as articulações sejam bem sucedidas, agregando um número cada vez maior de participantes aos eventos. Manter a frequência das postagens na *timeline* com *folders* virtuais é algo que pode garantir o sucesso do sarau, atraindo o público-alvo e lembrando-o de que está próximo o evento ou de que o evento tem uma permanência, como é o caso do Corujão da Poesia. Esses *folders*, ao serem compartilhados no *Feed* de notícias por inúmeras pessoas, alcançam ampla divulgação e, por isto, “o Facebook vem sendo utilizado nas práticas comunicacionais, potencializando a interseção entre espaço físico e espaço eletrônico”, como afirma Couto Junior (2013, p.28). A seguir, algumas postagens feitas e/ou compartilhadas pelos jovens Matheus e Nathália, ou até mesmo compartilhadas por outros amigos em seus respectivos murais virtuais, ilustram tal estratégia de divulgação dos eventos.

Matheus Goudar -

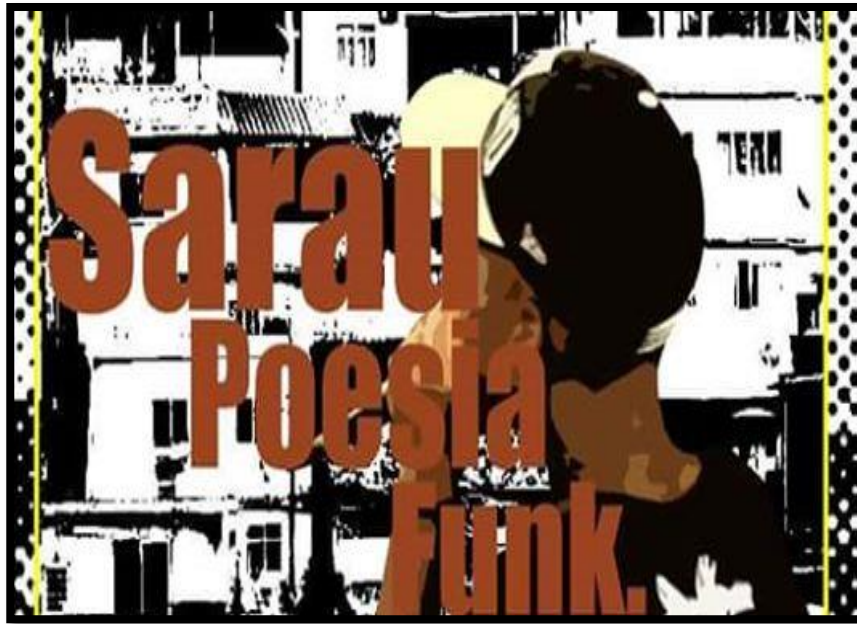
05 de outubro de 2016 - São Gonçalo

SARAU POESIA FUNK - Dia: 15/10 - Horário: 14h

O Funk carioca como um forte movimento que influencia e expressa a voz da juventude nascida e criada nas periferias **encontra a poesia feita nos saraus e nas ruas de São Gonçalo e do Rio de Janeiro**, em um evento feito para que essas e outras diferentes manifestações da arte urbana possam conversar entre si e oferecer novas possibilidades de fazer e conhecer cultura aos olhares do público. **A Rede Funk Social e o poeta e produtor Matheus Goudar realizam a primeira edição desse evento com essa missão de oferecer um espaço de troca de ideias, diversão e expressão na nossa cidade, e nada melhor que a arte para nos dar essa oportunidade.**

A Poesia que mora no Funk encontra o Funk que há na Poesia, do jeito que tem que ser!

Dia 15 de Outubro tâmo lá fazendo arte !



João Do Corujão com Andressa Marins e outras 89 pessoas em Reserva Cultural Niterói.
18 de janeiro de 2017 · Niterói ·

Nesta QUINTA, 19/01, **Corujão da Poesia-Universo da Leitura** de NITERÓI. **Microfone aberto, poesia, música, leituras, performances, abraços, afetos e libertação dos livros.**
Entrada franca!

Corujão da Poesia
Universo da Leitura - entrada franca

Aqui dentro só poesia

19/jan
20h30
SuperQuinta
no Reserva

realização:
UNIVERSO

Apoio: **CLINOP** CLÍNICA DE OLHOS PEGADO **RESERVA** CULTURAL NITERÓI

Local: **Bizu Bizu** Av. Visconde do Rio Branco, 880 Niterói

Paulo Xytake compartilhou a foto de Festival de Rap de São Gonçalo — com Nathalia D'lira e outras 5 pessoas.

31 de janeiro de 2017

Primeira edição sob a organização da guerreira Nathalia D'lira, que estará à frente do evento a partir da edição 140. Festival de Rap de São Gonçalo. Que haja mais ciclos de continuidade nesse meio.



Nathalia D'lira

23 de fevereiro de 2017.

Batalha de poesia em São Gonçalo?!

Vai rolar, sim.. rs

ComentarCompartilhar

116Você, João Do Corujão, Matheus Goudar e outras 113 pessoas

1 compartilhamento

Comentários

Ver mais 18 comentários



Junior Roque Quer fazer uma lá na escola, não?

Curtir · Responder · 1 · Ontem às 17:46

A seguir, um post do produtor cultural de São Gonçalo Romario Regis em que foram marcados os jovens Thiago D'Lyra, Andressa Marins, Nathalia D'Lira e Matheus Goudar – o que implica aparecer em seus perfis individuais no Facebook –, abordando os encontros realizados para a articulação dos projetos culturais dos quatro jovens pesquisados, que serão produzidos em 2017.

Romario Regis

18 de janeiro de 2017 às 20:33 ·

Mais um dia de trabalho finalizado. Hoje foi dia de conversar com parte da locomotiva da poesia da cidade, além de trabalhos burocráticos. (...) Ainda pela manhã, encontrei o coletivo Vivedarte, projeto liderado por Thiago D'Lira, Andressa Marins e Nathalia D'lira que irão realizar 12 edições do seu sarau apoiados por nós em espaços públicos do município. (...) À tarde, troquei ideia com Matheus Goudar e Caio que são poetas e músicos. O papo aqui foi sobre rap e poesia. Eles estão montando um projeto musical e precisavam de dicas de planejamento. No mesmo papo, Matheus ficou interessado em voltar com as intervenções de poesia que organizava e quer manter contato sobre. (...)



Foto 1: Thiago D'Lira, o produtor Romario Regis, Nathalia D'Lira e Andressa Marins

Foto 2: Romario Regis e Rodrigo Santos (produtor do sarau Uma Noite na Taverna)

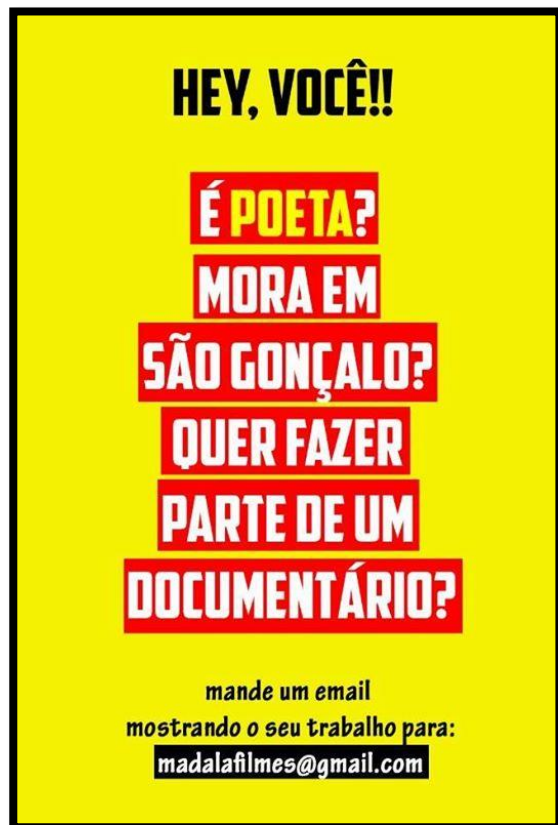
Foto 3: Romario Regis, Matheus Goudar e Joseph Cunha

Para finalizar, um post feito por um amigo dos jovens pesquisados, Yuri Gabriel, compartilhado na página de Nathália que, por sua vez, compartilhou com Matheus Goudar, Douglas Cortinovis e Andressa Marins, convidando poetas de São Gonçalo a fazerem parte de um documentário sobre artistas independentes da cidade. Yuri, segundo o amigo Goudar, faz cinema na UFF e é um nome promissor do audiovisual na juventude periférica de São Gonçalo, além de ser seu grande parceiro na idealização e realização de projetos culturais.

Nathalia D'lira

27 de janeiro de 2017

com Matheus Goudar Douglas Cortinovis Andressa Marins



Yuri Gabriel

26 de janeiro às 19:18 ·

Fala galera, blz?!

Você faz ou conhece alguém que faz poesia e mora em São Gonçalo? Gostaria de participar de um documentário sobre os artistas independentes da cidade?

Comentar **Compartilhar**

88

Comentários



Matheus Goudar Eu já gravei minha entrevista, o cara que tá organizando é meu brother, participa também, cara !

Curtir · Responder · 2 · 27 de janeiro às 10:02

O folder, além de atrativo visualmente, é enfático, pois, mais que um convite, parece ser uma convocatória à luta pela arte independente da periferia que, certamente,

se converterá em um importante registro histórico sobre cultura, arte e resistência das camadas populares. Matheus foi o primeiro a gravar e estimula os demais a participarem, indicando que a voz de cada um pode compor um coro afinado na luta pela consolidação da arte periférica.

A diversidade de *posts* realizados pelos jovens pesquisados, aqui apresentados e analisados, ilustram como as tecnologias da comunicação se apresentam como “vetores de agregação social, de vínculo comunicacional e de recombinações as mais diversas sobre formatos variados, podendo ser textos, imagens fixas e animadas e sons” (LEMOS, *online*), confirmando que

a cultura digital vem modificando a relação da juventude com a informação e o conhecimento. Essa relação no ciberespaço, por sua vez, é pautada numa perspectiva da colaboração em rede, sem linearidade e centralidade, rompendo com a ideia de que o conhecimento se transmite unidirecionalmente (COUTO JUNIOR, 2013, p. 34)

Nesse sentido, tais argumentos e conclusões sinalizam questões importantes para o campo da educação, pois, como afirma Sibilía (2012, p. 181), “os alunos de hoje vivem fundidos com diversos dispositivos eletrônicos e digitais, a escola continua obstinadamente arraigada em seus métodos e linguagens analógicos”, o que indica uma urgência em investimentos no sentido de tornar a escola um espaço em que as interações e a busca pelo conhecimento também se deem por meio de artefatos tecnológicos com acesso à internet; o que obviamente, deve ir além de equipar as escolas com tecnologia de ponta e de “usar as tecnologias como recursos didáticos”. Esta questão desencadeiam uma reflexão proposta por Sibilía (2012, p. 184): “até que ponto a tecnologia se integrará a um projeto pedagógico realmente inovador, capaz de concentrar de novo a atenção do conjunto de alunos na aprendizagem”. No entanto, não pretende-se, aqui, dilatar a discussão sobre tais questões, já que o enfoque nesta seção, como já fora explicitado, vem a ser como os jovens pesquisados usam a internet para a publicação e divulgação de suas produções artísticas; a respeito da discussão sobre ciberespaço, cibercultura, juventudes e escola, os trabalhos de Oswald (2008, 2009, 2011, 2013), Sibilía (2002, 2008, 2012), Ferreira (2008, 2010) e Couto Junior (2008, 2013) podem contribuir para reflexões e alterações positivas no campo da educação.

Além de possibilitar o acesso às publicações dos jovens nas interfaces citadas, a internet agilizou a comunicação entre pesquisadora e pesquisados, possibilitando um contato permanente para agendar encontros para as conversas em profundidade e os saraus, solicitação de material para compor o *corpus* da pesquisa e também para

estretar laços, como fora explicitado no capítulo dedicado à metodologia desta pesquisa.

5.5. Nos saraus: a poesia entre amigos e amores

Ao narrarem sobre a importância da poesia em suas vidas, os jovens narram também sobre os encontros, sobre as amizades tecidas no espaço da literatura, sobre afetos e vínculos gestados nos saraus; ressaltam a influência que exercem sobre outros jovens que também gostam de escrever e a influência que recebem dos amigos que se expressam por meio da arte, contam sobre os desdobramentos desse convívio em projetos coletivos e reconhecem os saraus como espaço para o exercício da cidadania. Nos eventos a seguir, os jovens enunciam sobre todos esses pontos, ora retomando algo que já foi dito, ora trazendo novos elementos que ajudam a compor o desenho da constelação que vai se formando ao longo deste trabalho.

Com a poesia, o primeiro contato que tive mesmo foi aos dezesseis anos. Eu já escrevia e tal... um dia, um amigo me chamou, me convidou para um sarau que ele organizava lá em São Gonçalo. Então, fui só para conhecer o que era. Eu nem sabia o que era sarau, a palavra sarau. Então, fui e vi as pessoas recitando, aí pensei, “nossa, interessante! Ah, eu também escrevo e tenho alguns poemas na cabeça, acho que vou ali no palco também”. Eu era muito tímido na época. Continuo sendo, mas nem tanto como naquela época. As pessoas gostaram muito do que recitei, então pensei: “pô, isso é interessante! Acho que quero estar mais por dentro do que acontece aqui.” Aí continuei a ir a outros saraus, conheci o Corujão, conheci Uma noite na Taverna, um sarau que tem lá em São Gonçalo. E se passaram quatro anos e poesia costuma ser minha vida. Manos na Taverna é o sarau que está há mais tempo em São Gonçalo, se não me engano há treze anos. **É um sarau que abriu as portas para minha geração da poesia gonçalense.** Não só para mim, mas para muitos outros poetas de São Gonçalo que são amigos meus e da mesma faixa etária. Eles começaram a escrever por causa da Taverna. (...) **Eu tenho vários amigos da minha idade que escrevem. Eu sempre digo que tenho a sorte de ter amigos que também são artistas, sabe? Eles sempre me influenciam a criar mais.** Quando saio com eles é sempre uma troca de aprendizado mesmo. Não é simplesmente sair por sair, sabe? Eles sempre me apresentam algo novo e eu sempre apresento algo novo a eles. É sempre essa troca de experiências, de conhecimento, simultânea. Eu gosto muito disso. Tenho amigos que são poetas, que são atores, que são músicos e todos me influenciam muito. Eu me identifico com eles artisticamente, culturalmente, mas nem sempre socialmente. O que acontece... muitos amigos meus, como a Andressa, o Douglas, o Thiago, a Nathália, moram em áreas menos favorecidas. Todos eles são do mesmo bairro que eu, os quatro que citei. Eles moram lá no bairro Boaçu, em São Gonçalo, mas tenho outros amigos que moram em Icaraí, que moram em áreas economicamente favorecidas. (...) Por mais que exista essa diferença social, na hora de falar sobre arte estamos iguais, entende? Acho que a arte chega para quebrar essa barreira social, econômica. A pessoa da periferia conversando com uma pessoa da classe alta. (...) Gostaria de fazer um complemento sobre a questão de conviver com pessoas que são artistas, mas que são de classes sociais mais elevadas em relação a mim. Como eu disse, existe uma igualdade na questão do convívio mesmo, mas, agora, os temas que abordo não são os temas que eles abordam. Não é o que eles vivem. Eles concordam com o que eu digo, mas...na pele eles não sabem como é. Porque quando disse que existe uma igualdade foi na questão artística, agora, o conceito artístico é diferente porque reflete uma desigualdade social. (...) A maioria dos meus amigos, não estou falando mal deles, com certeza... a maioria desses meus amigos que são artistas, mas são de uma camada social mais elevada que a minha, já tiveram esse auxílio desde criança, a trabalhar com arte. Muitos deles já falam outras línguas, entende? Eu não. Eu moro num bairro em que, de

todas as crianças que conheci na infância, sou o único que tive esse apoio da família... a ler, a escrever, a fazer poesia. Muitos deles não tiveram. Muitos deles viraram bandidos. Eu fui o único. Eu não sou regra. Eu sou exceção! Isso que eu gostaria de falar. Que é diferente, por mais que a gente saiba conviver entre si, a galera...eu convivendo com a galera aqui de Icarai e tal, por mais que exista essa troca de ideia cultural, existe uma diferença. **Lá eles não são exceção. Eles são regra! No meu meio eu sou exceção.** (Conversas em profundidade coletiva – 02/10/2016 - Matheus Goudar)

Matheus Goudar ressalta o quanto os amigos foram/são importantes no processo de constituição do Matheus poeta e apresenta algumas questões relevantes sobre as relações estabelecidas no convívio do sarau. O jovem que, aos dezesseis anos, desconhecia não só a prática de saraus como, inclusive, o próprio significado da palavra sarau, descobre, por meio de um amigo, algo que o fascina: a possibilidade de subir ao palco para compartilhar seus poemas com um público atento e vibrante. Após a estreia como poeta performático, sente-se seduzido pelo ato de dizer poesia, compreendendo, então, a importância daquele espaço para a publicação da sua arte. A partir desse divisor, busca outros saraus que acontecem em sua cidade e encontra diferentes vertentes e perfis de eventos; o rapaz, agora com vinte anos, afirma categoricamente: “se passaram quatro anos e poesia costuma ser minha vida”. Goudar defende que frequentar saraus como o Corujão da Poesia e o Uma Noite na Taverna – que acontece há mais de uma década em São Gonçalo – foi algo fundamental para o estímulo à produção poética de sua geração e que, assim como ele, muitos outros amigos da sua idade escrevem poemas, o que sinaliza que a existência de jovens poetas na periferia não restringe-se ao grupo pesquisado. O jovem valoriza o fato de ter amigos artistas e evidencia que sua relação com eles não se limita à superficialidade de “simplesmente sair por sair”, pois o convívio por meio da arte possibilita um intercâmbio de experiências regido pelo conhecimento: há sempre uma troca, há sempre algo novo a aprender com o outro e a dizer ao outro, como explicita Matheus. É perceptível em sua narrativa que nesse processo dialógico não somente a poesia, mas também a música e a dramaturgia são expressões artísticas que promovem interações e contribuem no processo de subjetivação de uma geração que aspira conhecer, consumir e produzir cultura. Com as lentes da arte esses jovens dilatam as possibilidades de ler o mundo que os abarca e também de inserir-se nessa sociedade que, por muitas vezes, segrega, exclui, ignora e menospreza quem está à margem. Matheus, ao falar a respeito de questões de classe, sublinha a desigualdade discrepante entre jovens da periferia e jovens de esferas sociais privilegiadas nos aspectos econômico e cultural, reconhecendo as dificuldades de acesso ao capital cultural por parte dos jovens periféricos; porém, também sinaliza a

possibilidade de diálogo e interação entre jovens de diferentes grupos sociais e alega que “a arte chega para quebrar essa barreira social, econômica”. O jovem tem consciência de que compõe a fatia da exceção entre os jovens do seu meio de origem e reafirma seu lugar de sujeito pensante, com capacidade de se apropriar do conhecimento e de ser um artista, fugindo da sina de tornar-se “bandido”, como os amigos de infância, e nega o estereótipo do jovem da periferia sempre associado à violência e ao crime.

Segundo Macedo (2013, p.314), “quando os jovens não encontram meios construtivos e saudáveis de deixar sua marca no mundo, expressando-se e sendo valorizados, muitos se engajam em comportamentos antissociais”, nesse sentido, os saraus, como espaço de convivência e de propagação da palavra poética autoral, são para Matheus e seus amigos um meio de se fazerem ouvir, de deixarem sua marca no mundo e também de fugirem dos caminhos escusos que muitas vezes se apresentam aos jovens da periferia. A seguir, somadas à voz de Matheus, as vozes dos demais jovens pesquisados também explicitam como os saraus frequentados e produzidos por eles configuram-se em suas vidas “meios construtivos e saudáveis” para imprimir sua marca na sociedade e para o exercício da cidadania por meio da poesia.

Primeiro evento que ajudei a promover foi aqui em Niterói, o IV Salão de leitura de Niterói, no caminho Niemeyer. Daí surgiu a Nathália que promovia eventos. Esse foi um evento direcionado ao *hip hop* e à literatura, fazendo esse contato, entende? Então, depois disso, já fiz eventos em escolas, escolas públicas, junto à Secretaria de Cultura de Niterói... escrevi um projeto para concorrer a um edital junto com o grupo Fora da Mente, que é um grupo que já está parado. Eu ajudei a produzir o evento, falei: vem essa grafiteira, vem esse músico, vem esse dançarino, esse grupo de dança, e estruturei um grupo para levar a cultura de diversas formas, entende? E daí foi surgindo esse meu caminho de apoio cultural e fui crescendo... já fui também na Fundação Casa que tem ali no Paraíso, já apresentei também na UFF, já palestrei uma vez no Festival de *RAP* e Cultura. Na verdade a palestra tinha um coordenador central e eu participei palestrando, ajudando, entende? Também tem o Sarua, faz pouco mais de um mês, que fiz junto com o Matheus, dia 28 de agosto. O Sarua foi um projeto que trouxe quem é da rua mesmo para mostrar o seu verso, ficar à vontade, por mais que as pessoas tenham ficado acanhada. Foi um momento único, mas que pode ser que surjam novos momentos, ou não. Mas o importante é fazer, não é? Foi um momento, mas já estou fazendo, já estou mobilizando, já está crescendo...alguma coisa mudando a perspectiva da periferia. Eu tenho muito disso, de levar a cultura transformando, seja para uma criança, um adolescente ou um idoso. (Conversas em profundidade coletiva – 02/10/2016 – Nathália de Lira)

Nota-se que Nathália transita com desenvoltura entre o fazer poesia, a atuação nos saraus com *performances*, o ministrar palestras e a produção de eventos ligados à arte de rua e ao movimento *hip hop*. Ao deslocar-se do papel de autora e *performancer* para o lugar de palestrante e produtora cultural, apresenta uma personalidade artística multifacetada e uma autonomia surpreendente para alguém tão jovem, considerando que iniciou todo esse movimento bem antes dos vinte anos, vindo da árida realidade cultural

da periferia. Ao idealizar o Sarua – um sarau com foco na arte de rua, como claramente sugere o nome – convida o amigo Matheus para reger com ela a roda de *RAP* e poesia; apesar de ter sido edição única, o sarau na praça possibilitou múltiplas interações entre os jovens, como é possível perceber nos eventos que se seguem:

O Sarua é mais da Nathália. Eu vou falar da experiência de ter participado... um poeta amigo meu lá do Rio, o Xandú do Ratos di Versos, uma vez me disse uma coisa que fiquei pensando... o papel da arte de rua é juntar gente, agregar pessoas, fazer as pessoas trocarem ideias entre si. E acho que a única edição que nós fizemos do Sarua gerou isso. O que acontece... uns amigos meus conheceram uns amigos dela que se conheceram no Sarua e começaram um projeto de horta comunitária lá no nosso bairro. Por exemplo, eles se conheceram no sarau, no evento. Acho que a arte ela tem essa função de ir agregando contatos e as pessoas irem se conhecendo e compartilhando conhecimentos. Acho que a gente cumpriu muito bem esse papel com a edição do Sarua, independente das pessoas estarem acanhadas ou não. (Conversas em profundidade coletiva – 02/10/2016 - Matheus Goudar)

Acho que essa troca foi muito legal porque os amigos com quem eu estava convivendo em rodas de *RAP* e tal, os assuntos eram diferentes, quando trouxe esses mesmos amigos para o Sarua, por mais que sejam poucos, eles viram que a parada era diferente, os assuntos foram diferentes, foram mais conscientes, pensando num algo a mais, não só naquilo. Porque tem muito evento que é só aquilo ali. (Conversas em profundidade coletiva – 02/10/2016 – Nathália de Lira)

Achei bacana porque no final estávamos todos nós, os que sobraram ali, todos conversando, envolvidos no assunto, falando sobre como os jovens de hoje em dia estão mal encaminhados, sabe? Eles estão pegando muita coisa errada como parâmetro, por exemplo, consumindo drogas para poder ter uma identidade, como uma autoafirmação. Por exemplo, a gente estava muito envolvido nesse assunto e foi algo que esse evento proporcionou para nós. Porque normalmente ninguém para para conversar sobre essas coisas, entende? Principalmente artista de rua. É muito difícil você fazer um evento com artistas e esses artistas pararem para debater sobre questões que nos afetam todos os dias, entende? Uma coisa muito rara que esse evento proporcionou. (Conversas em profundidade coletiva – 02/10/2016 - Matheus Goudar)

Foi uma das paradas que falei sobre o fato da poesia proporcionar...esse diálogo de algo que você nem sempre para falar em conversas corriqueiras. E aí, quando você expõe isso por escrito, você mostra, alguém lê, ou você recita, gera o despertar de falar, “caramba, eu posso falar disso com fulano porque ele também entende, ele também passa por isso, ele também sente algo próximo do que eu sinto”. (Conversas em profundidade coletiva – 02/10/2016 – Andressa Marins)

Eu acho que independente das regras sociais, das regras de como se faz poesia ou como não se faz, que para mim é irrelevante, mas para alguns é relevante, tudo bem...acho que a função da arte é essa, você colocar diferentes pessoas para estarem ali, no mesmo lugar, para estarem falando a mesma coisa, **mostrando o seguinte, por mais que eu seja diferente de fulano passo pelo mesmo que ele passa**. Eu passo pelas mesmas coisas...as coisas que estão na minha mente podem estar na mente dele também. (Conversas em profundidade coletiva – 02/10/2016 – Matheus Goudar)

Ao falarem da única edição do Sarua, os jovens valorizam as conexões entre os participantes para além do que fora apresentado como arte; ainda que muitos tenham ficado “acanhados” em apresentar suas produções artísticas ou tenham participado timidamente, os contatos, as conversas sobre temas relevantes para as juventudes e os desdobramentos dessas aproximações entre os jovens de diferentes grupos que se

conheceram no sarau realizado na rua, na opinião dos organizadores, foi algo significativo e frutífero, pois ultrapassaram a fronteira do evento cultural e desencadearam ações coletivas para a comunidade em que vivem. Os relatos reiteram, portanto, que a arte da poesia falada desdobra-se em amizades, em projetos comunitários, em relações mais profundas, que vão para além do lazer e que o sarau é um espaço de encontros, de constituição identitária e de construção coletiva.

Tinha uma época em que eu e um amigo lá do Boaçu, o Carlos Eduardo, estávamos muito inteirados nesse negócio de poesia, mas lá em São Gonçalo tinha apenas dois saraus, o Corujão da Poesia e Uma Noite na Taverna. O Uma Noite na Taverna rolava na primeira semana do mês e o Corujão rolava na última. A gente ficava duas semanas sem nada, sem nenhum sarau. Então, a gente começou a ficar um pouco, né... com aquela vontade de participar, mas tinha que esperar, pô... um hiato entre duas semanas e tal, aí a gente decidiu **“embora fazer um sarau nosso? Para não precisar ficar dependendo de data de sarau, a gente faz o nosso na rua mesmo”**. Então, chamamos a galera, uns outros amigos nossos, e realizamos o Agrourbana. Na primeira edição foram cinco pessoas. Pouca coisa. A gente fez lá no centro de São Gonçalo. Na rua! Só para não ser injusto, eu, o Carlos Eduardo e o Bardel, um outro amigo nosso que trabalha com poesia, também ajudou a organizar. Fizemos a divulgação dessa edição, postamos uns vídeos, tivemos uma resposta, deu uma repercussão na internet...na segunda edição do Agrourbana já tinha quinze pessoas. Na terceira edição já tinham vinte. Nós fomos ao Corujão, inclusive, para divulgar nosso evento. O João vai se recordar quando nós aparecemos lá de surpresa. Engraçado porque a gente botou uma outra cara lá no evento. Mudou o clima do evento... ficou uma parada mais dinâmica, mais da rua. Ficou bem bacana mesmo. Mas muitos faziam faculdade, muitos tinham outras ocupações que infelizmente não dava para todos marcarem no mesmo dia. O projeto não morreu, mas deu aquela pausa indeterminada. Eu espero que no momento certo tudo volte e a gente continue a fazer poesia junto na rua. (Conversas em profundidade - coletiva – 02/10/2016 – Matheus Goudar)

Percebe-se que a prática dos saraus tornou-se uma necessidade cotidiana para esses jovens ao ponto de idealizarem novos eventos para suprirem a lacuna, o “hiato”, entre os saraus já existentes na cidade. O desejo de estar em cena para compartilhar seus poemas e de reunir os amigos nesse espaço de troca de experiências com a palavra poética os impulsiona a criarem novos saraus e a ocuparem o espaço público por meio da arte: preocupam-se com a articulação dos eventos, mobilizam-se na internet e frequentam outros saraus para divulgarem os idealizados por eles; ainda que encontrem dificuldades de realizá-los e que suas edições sejam limitadas, ainda que existam entraves para a consolidação dos eventos, buscam a superação das adversidades e seguem fomentando o desejo de produzir arte para a coletividade. São otimistas e, sobretudo, seguem idealizando e realizando ações artísticas em espaços públicos, trabalhando para que o maior número de jovens possa ter acesso a esse tipo de lazer na periferia. Para esses jovens, “fazer poesia na rua” é sonho e meta.

Outro exemplo de articulação e realização de saraus em espaços públicos é o projeto Vivedarte, idealizado por Thiago de L’yra e Andressa Marins:

Nosso projeto, o Vivedarte, a gente começou por acaso também...por causa do Corujão. Tinha um Corujão em São Gonçalo e parou de ter durante um tempo e passou a ter só em Niterói. Daí era difícil da gente ir para Niterói sempre porque é mais passagem de ônibus, acaba tarde, era ruim para voltar, tudo isso. Daí, resolvi postar no Facebook para ver se alguém ia comentar sobre algum sarau e, então, postei e escrevi que estava sentindo falta de um sarau em São Gonçalo. Em seguida, a Andressa viu e falou de um lugar onde tinha um espaço que poderia ser usado e que estava vazio, um espaço de leitura no shopping. Então, a gente se juntou e isso gerou o projeto que a gente chama de Vivedarte. (Conversas em profundidade coletiva – 02/10/2016 – Thiago D’Lyra)

Quando o Thiago fez essa postagem, dizendo que estava sentindo falta de saraus, desses eventos culturais em em São Gonçalo, lembrei desse espaço de leitura dentro do shopping Partage que é o shopping onde acontecia o Corujão na Livraria Gutemberg. Esse espaço de leitura foi elaborado pelo próprio shopping e fica lá com alguns livros na prateleira, o espaço é tipo assim: você entra e, desde que você doe um livro, pode levar algum livro. E notei que esse espaço sempre estava vazio, sem ninguém praticamente, e, uma vez, passei lá com minha mãe, olhei assim, e já por não estar acontecendo os eventos em São Gonçalo, comentei com ela: poxa, mãe, seria maneiro botar umas quinze cabeças aqui dentro e começar a recitar e a galera interagir de forma cultural e literária dentro desse espaço. **Quando vi a postagem do Thiago, escrevi para ele: cara, eu apoio muito uma ocupaçãozinha lá naquele espaço de leitura do shopping. Então, a gente foi para chat conversar, foram surgindo as ideias, no mesmo dia já surgiu o nome do projeto.** E o nome Vivedarte é a ideia de viver da arte, vivenciar essa arte que a gente transpira todos os dias. E aí a gente botou a cara para organizar o evento. Em um primeiro momento, a gente fez um convite restrito, o Thiago convidou umas dez, doze pessoas, eu também, e aí essas pessoas selecionadas foram para dentro desse espaço para poder ver como seria o efeito desse acontecimento lá. Convidamos amigos, amigos que apreciam, amigos que também escrevem...e assim foi. Amigos que são músicos também. Amigos que vivem no mesmo meio que nós, na periferia. Amigos que estão sempre no sarau da Taverna com a gente. Aí, rolou o primeiro encontro. A gente até ficou com receio do shopping ter alguma atitude de querer barrar ou querer dizer, ah, não pode ocupar tanta gente aqui nesse espaço, mas não, fluiu tudo perfeitamente bem. Foi muito lindo, as pessoas de fato gostaram e saíram perguntando “quando vai ser o próximo?”. Mas, falando do Vivedarte, a ideia desse evento é que a gente consiga se estruturar como um coletivo artístico. Artístico porque a ideia é abranger não só pessoas que escrevam, mas também pessoas que cantem, dancem, desenhem, enfim, outras formas de se expressar através da arte, para que o Vivedarte seja um coletivo a levar cultura pelo nosso território, por São Gonçalo. E, aí, a ideia é que esse coletivo faça visitas em creches comunitárias, em orfanatos, asilos...para promover diferentes formas de disseminar cultura. Seja fazendo uma tarde de leitura com as crianças numa creche comunitária, seja levando livros para doação e que esses livros possam ficar lá para as crianças lerem durante o tempo que passam lá. Com os idosos, por exemplo, fazer uma tarde de retrospectiva musical, levar uma galera que canta, ou ainda uma galera que escreva possa ir para junto com a música fazer uma dinâmica juntando música e poesia. Entre tantos objetivos que a gente tem com o Vivedarte, um deles que estamos galgando é fazer visitas às casas de detenção para menores infratores. Porque lá estão jovens que já saíram de um cenário – assim como o Matheus destacou amigos dele que acabaram indo para o lado da bandidagem, enfim – são jovens que já saíram de um cenário onde existe muito pouco incentivo para cultura, pouco incentivo para leitura, e a realidade deles acaba não sendo uma realidade que estimule isso dentro deles, entendeu? É sempre julgamento, condenação, descrença, tipo “ah, você não vai chegar a lugar nenhum, sabe? Você não tem nada, sua família, sua mãe, nem ler sabe, seu pai é camelô, sabe?” – um exemplo, no caso, meu pai é camelô. E aí, mostrar para eles que nós jovens de fora do crime, que também saímos de um cenário periférico, a gente se preocupa em estar lá, em ir até lá e mostrar “cara, sai porque quando você sair tem perspectiva, entendeu? Tem outro caminho.” Então, esse é um dos objetivos em que nós estamos mais interessados alcançar com esse projeto. Infelizmente, quando estamos em período de provas é mais difícil promover os eventos, mas o Vivedarte é um projeto cultural que a gente está tentando sustentar junto para fazer acontecer. (Conversas em profundidade coletiva – 02/10/2016 – Andressa Marins)

A idealização do Vivedarte surge da necessidade desses jovens terem acesso a saraus na cidade em que vivem, pois se deslocar de São Gonçalo para os eventos em Niterói, tanto por questões financeiras quanto por questões de ir e vir em segurança os impede de se apresentarem no Corujão da Poesia com a frequência que gostariam – importante considerar que o dinheiro restrito para as passagens de ônibus e a violência urbana, especialmente à noite, são realidades constantes para eles. Dessa maneira, se articularam via redes sociais na internet e idealizaram um evento de leitura literária próximo de onde vivem, visando não somente a ocupação do espaço público como também o projeto de um “coletivo artístico”; como ressalta Andressa: “a ideia é abranger não só pessoas que escrevam, mas também pessoas que cantem, dancem, desenhem, enfim, outras formas de se expressar através da arte, para que o Vivedarte seja um coletivo a levar cultura pelo nosso território, por São Gonçalo”.

Ao notarem que o espaço do shopping destinado à leitura estava sempre vazio, Andressa e Thiago promovem uma “ocupação” poética, mobilizando os amigos da periferia que escrevem, tocam algum instrumento e cantam ou que simplesmente apreciam eventos nesse formato, onde poetas e músicos se unem para reger a cena. Mesmo com receio de serem repreendidos, tiveram a ousadia de realizar o primeiro sarau do projeto Vivedarte no espaço de leitura do Shopping Partage, em São Gonçalo, e obtiveram sucesso, pois como relata Andressa “foi muito lindo, as pessoas de fato gostaram e saíram perguntando quando vai ser o próximo”. Tomados pelo entusiasmo dessa edição do sarau realizada no shopping e pela ideia de realizar um projeto cultural juntos, D’Lyra e Marins pretendem levar o projeto Vivedarte a outros espaços, como creches comunitárias, orfanatos, asilos e casas de detenção para menores infratores, o que aponta uma preocupação desses jovens com o outro e com o coletivo, pois estão dispostos a investirem seu tempo e trabalho artístico em prol da comunidade onde vivem movidos pelo desejo de alterar a realidade da periferia, onde grupos sociais menos privilegiados vivem em considerável desvantagem com relação ao acesso aos bens incompressíveis abordados por Candido (1995). Nota-se, na idealização do projeto, que a preocupação desses jovens não restringe-se apenas a seus pares geracionais, pois também incluem as crianças e as pessoas consideradas da maior idade como público-alvo das ações que pretendem realizar; preocupam-se com a formação de leitores literários na infância, com os senhores e senhoras que vivem em asilos e, sobretudo, com os menores infratores que, segregados, sofrem “julgamento, condenação, descrença” e são, cotidianamente, preteridos pela sociedade que os julga. Andressa e

Thiago preocupam-se com a reinserção desses jovens na sociedade e acreditam ser a arte um caminho possível para estimulá-los a vislumbrar novas perspectivas. O Projeto Vivedarte está calcado na “ideia de viver da arte, vivenciar essa arte que a gente transpira todos os dias”, como ressalta a jovem poeta, configurando um movimento permeado pelo sonho do direito à arte para todos, incluindo a comunidade periférica. Um projeto desenhado com traços utópicos, mas também marcado pelo exercício da cidadania e pelo ato responsivo de que nos fala Bakhtin: ao serem afetados permanentemente pela realidade do cotidiano periférico os jovens sentem-se convocados a alterarem o meio em que vivem, onde, em princípio, impera a escassez de possibilidades de ampliação cultural e onde o estereótipo do jovem criminoso quase sempre vence. Lutar contra a lógica excludente que reina na sociedade e ampliar as perspectivas dos jovens da periferia no tocante ao acesso à arte e à cultura configuram objetivos centrais do projeto Vivedarte, como explicam os idealizadores.

O poeta Matheus Goudar, em outubro de 2016, estreou como produtor cultural, idealizando e promovendo o Sarau Poesia *Funk* que contou com um público de jovens que transitam entre a poesia e o *funk*.

Criei o Sarau Poesia Funk em parceria com os membros da Rede Funk Social com o objetivo de promover doação de livros para a biblioteca comunitária da sede da Ong e a ocupação do espaço por artistas do município. O conceito utilizado foi a junção da poesia urbana com a linguagem *Funk* Carioca para legitimá-lo como forma de arte contemporânea periférica, seja com apresentação de Mc’s e dançarinos do gênero, seja com poemas ou letras do *Funk* sendo recitados durante o sarau. O evento cumpriu a missão de integrar diferentes artes produzidas em São Gonçalo e de lotar as estantes da biblioteca com doações dos visitantes. (Conversa coletiva individual – 27/11/2016 – Matheus Goudar)

Matheus busca parceria junto à comunidade e consegue um espaço ocupado por uma Ong ligada ao *funk* – espaço que fora uma escola pública e, apesar de o prédio estar em condições precárias, tornou-se um centro de referência cultural importante no bairro do Boaçu, na periferia de São Gonçalo, onde vivem os cinco jovens pesquisados. Além de propor um evento cultural para os jovens de sua comunidade, Matheus, junto aos líderes da Rede *Funk* Social, comandou uma campanha de doação de livros que resultou na ampliação do acervo literário para a biblioteca comunitária que funciona na sede da Ong. O Sarau Poesia *Funk* traz em seu nome o conceito delineado por Goudar para o evento que propõe a mescla de duas expressões artísticas legítimas na periferia, a poesia e o *funk*, unindo poetas e Mc’s no mesmo palco. O que pode parecer um acinte aos literatos puristas, para Matheus e o público conquistado pelo sarau idealizado por ele é uma mistura perfeita para um momento de arte e lazer no bairro Boaçu, onde há jovens que gostam de dançar e cantar o *funk* carioca e também gostam de ler poemas autorais

ou de autores canônicos da literatura brasileira; um exemplo improvável da cultura erudita presente no seio da cultura no popular. Ao promover um evento inusitado, onde distintas expressões artísticas se encontram, o jovem poeta Matheus Goudar demonstra preocupação não só em contemplar preferências do público-alvo como também tornar a linguagem poética uma linguagem presente no cotidiano dos jovens periféricos; ao criar espaço para os poetas de sua comunidade compartilharem seus poemas gera também oportunidades para que outros jovens, ainda distantes da poesia, possam se apropriar dessa expressão artística, tornando-a tão legítima quanto o *funk* o é na periferia, inaugurando, assim, novas possibilidades de interação e apropriação cultural no bairro onde vive. O jovem, por meio de parcerias, também mobiliza a coletividade para a ampliação do acesso à leitura literária na comunidade gonçalense, demonstrando seu engajamento na ideia de que a literatura é um direito que precisa ser garantido a todas as camadas sociais, como defende Antonio Candido (1995).

O sarau promovido por Matheus, no dia 15 de outubro de 2016, na Rede *Funk* Social teve divulgação na mídia e ganhou matéria no jornal “Extra Mais São Gonçalo”, no caderno Cultura, evidenciando a importância do evento para o bairro Boaçu, na periferia de São Gonçalo.

Hoje é dia de sarau em escola estadual abandonada no Boaçu, que deu lugar a projeto social.
Imagem 3 – matéria de capa no jornal Mais São Gonçalo -15/10/2016



Os poetas do *funk*



Grupo que transformou uma escola abandonada em projeto social de funk promove sarau de poesia no Boaçú.

Imagem 4 - Caderno Cultura - Jornal Extra Mais São Gonçalo – 15/10/2016

Há cerca de um ano, um grupo de amigos de São Gonçalo transformou uma antiga escola pública abandonada, no Boaçú, em sede do Movimento Cultural Rede *Funk* Social. Agora, depois de começarem a ocupar o espaço com oficinas de dança e *funk*, resolveram promover o seu primeiro sarau de poesia *funk*. O evento, que tem entrada gratuita, está marcado para hoje, às 14h. A iniciativa, segundo a produtora cultural Priscila Oliveira, tem o objetivo de fortalecer o contato dos jovens com a literatura:

- Somos um movimento *funk*, e a melhor maneira de introduzir a leitura na vida de um jovem é através da arte. Aqui, eles poderão declamar versos de letras de *funk* e escutarão poemas de outros autores. Essa interação é muito importante para eles. (...)

O jovem poeta Matheus Goudar, de 20 anos, é outro que conta as horas para começar a declamar seus textos para os convidados do sarau. Morador do Boaçú, passou a escrever poesias com apenas 13 anos. **Admirador do poeta Carlos Drummond de Andrade, aos 16, resolveu que era hora de recitar o que havia escrito até então.**

- Sempre fui um jovem com uma visão um pouco diferente do restante dos meus colegas. Sempre amei escrever e ler. Já tenho quase cem poemas. Saber que terei um espaço perto de casa para fazer o que mais gosto é maravilhoso – diz Matheus.

Matéria no Caderno Cultura – Jornal Extra Mais São Gonçalo – por Ricardo Rigel - 15/10/2016

Matheus Goudar, com sua arte e o desejo de promover uma aproximação entre os jovens da periferia e a literatura, alcança, em sua comunidade, uma projeção não só

como poeta, mas também como produtor cultural. Ao se preocupar em ampliar as possibilidades de acesso à leitura literária e de lazer para jovens de sua mesma condição social, busca parcerias, conquista um novo espaço em seu meio e inaugura uma nova vertente de trabalho: a produção cultural. Ao ser visto pela mídia como um jovem que articula e realiza ações em prol do coletivo por meio da literatura ganha visibilidade como tal e reforça sua crença na poesia como instrumento de luta por uma sociedade menos desigual no tocante ao capital cultural. O garoto que começara escrever poemas com apenas 13 anos, cita o poeta Drummond como uma de suas principais referências literárias e, aos 20 anos, soma quase uma centena de textos autorais, algo improvável para um jovem da periferia que sofre cotidianamente com as escassas oportunidades de emprego, com a violência das ruas, com a dificuldade de frequentar espaços destinados à arte, com dinheiro restrito para consumir bens culturais como livros, shows, peças teatrais, entre outros bens culturais – por vezes, não possui o suficiente para pagar as passagens de ida e volta para um sarau na cidade vizinha. Ainda assim, dedica-se à escrita poética e à propagação de seu trabalho artístico, investindo tempo e energia na produção de saraus para que outros jovens possam estar em contato com a arte literária e outras manifestações culturais. Mesmo sem apoio de instituições para financiar seus projetos, segue a idealizar espaços e a promover eventos voltados à arte, seja na rua, na praça, na escola abandonada, nutrindo, assim, o sonho de ser artista e de ver seus pares em contato com a poesia – ainda que inúmeras adversidades tente impedi-lo de seguir sonhando e realizando.

Na abertura do Sarau Poesia funk, Matheus Goudar fala da emoção de ver a sede da Ong Rede *Funk* Social repleta de amigos da periferia reunidos em nome da arte e, com uma *performance* sarcástica, inaugura a cena com o poema “Mosca radioativa”:

Começo pelas bordas
como boa mosca posta
em seu caviar mais valioso
Intrometida nas zonas
instituídas aos intestinos
Sanitários revestidos
por diamantes
Larva intrusa

Minha doença em profusão
por onde as pernas pousam
Salões de gente chique
Pousadas milionárias
onde rato não anda
Propago a praga
que se alastra nos corredores
Celebidades convulsionando
ao ingerir o pó de minhas asas
Sou a mosca radioativa
Dou meu abraço de Antrax
na velha burguesa carente
Epidemia na zona sul carioca
Ipanema sitiada
Copacabana sem bacana
Fim do jogo a Botafogo
Os ovos novos eclodem
e a tendência é piorar
Cuidado, Rio !
Soltaremos nas ruas
o vírus que dá só nos ricos
Cautela, favela !
Logo irão caçá-la pela cura
ou pela falta dela
Peripécias brilhantes
Eu e meus amigos vermes
tomaremos em breve
a tua mansão
sem permissão
Aplauda uma mosca
e outras virão
Somos as primeiras de muitas.

O público saúda o anfitrião com entusiasmo pelos seus versos e também por sua atitude ousada, tanto quanto o poema que acabara de dizer, por inaugurar aquele espaço na periferia, onde poderiam se reunir para atividades culturais. E como todo projeto que visa o envolvimento coletivo, Goudar contou com a ajuda dos amigos na realização do primeiro Sarau Poesia *Funk*. Muitos deles, incluindo os outros jovens aqui pesquisados, ajudaram a organizar o espaço da escola abandonada, compareceram para prestigiar como público ouvinte e fortaleceram o evento com *performances* de poemas autorais e/ou poemas de seus autores preferidos; vozes que se somaram a de Matheus para dizer que na periferia também pulsa arte, música, poesia. Entre os poetas que se apresentaram na sede da Rede *Funk* Social, naquele sábado, estavam dois artistas gonçalenses mais velhos do que o restante do público com larga experiência em eventos que mesclam música e poesia e, ao entrarem em cena, não só compartilharam seus poemas e canções como também reverenciaram a iniciativa do jovem poeta Matheus e dos responsáveis pela Ong que acolheu o Sarau Poesia *Funk*. Trabalho tecido por muitas mãos para uma comunidade marcada por dificuldades e descaso político, porém também viva e confiante na possibilidade de alterações positivas.

Em meio a tantos amigos presentes no sarau, Douglas Cortinavis, Nathália de Lira, Andressa Marins e Thiago D’Lyra, ao serem chamados ao palco, foram saudados pelo poeta Matheus como “meus companheiros na estrada da poesia, que estão comigo há um tempão, desde os saraus na Praça Zé Garoto”. Os quatro jovens destacaram-se em cena com seus poemas e *performances*, reafirmando a força poética do grupo *black power*. Douglas inicia sua apresentação com um poema denso de Alphonsus de Guimaraens – poeta brasileiro do início do século XX, que consta entre seus preferidos –, lendo-o de maneira lenta e marcada, valorizando os versos rascantes em que vociferam a angústia e a morte, deixando o público atônito com sua escolha inesperada para aquele sarau de sábado à tarde.

Coágulo

Alphonsus de Guimaraens

De repente direi tudo.
Mas com tanta veemência
e com tanta aspereza
de expressão e sofrimento,
que terás minha demência
no coágulo sangrento
desabado sobre a mesa.
E sairei pelas ruas

sem saber em que cidade
estive, estou, estarei.
Triste alegre puro impuro
vejo a morte em cada muro
a morte na campainha
ressoando do outro lado.
E estertorando direi
que vejo sangue pisado
nessas ervas pés e mãos
nesses gestos nesses risos
que vejo sangue pisado
até na face do Rei!
De repente, num soluço,
darei tudo quanto existe;
não serei nem bom nem triste.
Serei apenas um grito
doloroso rebentado
na convulsão de um momento.
E o mundo penoso aflito
restará desesperado
num coágulo sangrento.

(Poema lido por Douglas Cortinovis no Sarau Poesia *Funk* - 15/10/2016)

Ao terminar a leitura do poeta simbolista, Cortinovis surpreende uma vez mais, no entanto, com uma *performance* despojada de um poema autoral com linguagem e temática bastante distintas de Alphonsus de Guimaraens. Os ouvintes ainda recuperavam o fôlego, após ouvirem Coágulo, quando Douglas dispara:

Pego o busão lotado
O corpo grita, os pés estão cansados
Dizem que cada um carrega o peso que merece
e esse é meu fardo.
Mas estou fardado, sou soldado!
Batalho de frente com esse mundão
e sou só mais um pobre humilhado.
Soldado!
Estou nos dados estatísticos
como aqueles que diariamente lutam para conquistar o seu espaço:
povo pobre, esquecido e largado.
Muitos de nós ainda estão alienados, sendo manipulados,
mas eu luto para que um dia alcancemos nosso espaço,
pegando de volta tudo que nos foi tirado.
A rotina nos sucumbiu
Parece que cada um sabe o papel que deve desempenhar
e aceita o triste futuro que lhe foi designado:
esse mundo brutal e árduo.
Por muito tempo, estive vendado,
mas, hoje, bato de frente com esse mundão,
onde sou só mais um pobre humilhado
e que fui deixado por lá se sabe quem.
Eu não aceito e não serei humilhado!
Aqui, é jovem periférico empoderado,
batendo de frente com essa sociedade onde o
preconceito, a homofobia, machismo, racismo caminham lado a lado.
Vou adentrando os espaços, vou tornando os meus empoderados

porque não aceito ver o meu povo pobre sem ter o seu espaço.
Vou conquistando no dia-a-dia, vou representando a periferia
que é pouco representada, mas é maioria nas estatísticas.

(Poema autoral de Douglas Cortinovis lido no Sarau Poesia *Funk* - 15/10/2016)

Após Cortinovis incendiar a plateia que sentiu-se representada em seus versos, foi a vez de Nathália D’Lira entrar em cena com sua descontração e sua *performance* eletrizante ao trazer poemas que falam da realidade periférica e também de questões de gênero e preconceitos enfrentados no cotidiano.

É ao redor, é ao redor
onde morrem por causa do frio
por causa do pó.
E ao redor,
rodaram o menó
desacreditado e colocando no futuro dele um nó...
Quem te olha de canto, te julga
e não ajuda
Age de preconceito
e depois quer tirar a própria culpa.
Sem respeito à quebrada,
sem respeito à fé.
Respeito vem do peito,
é pra quem tem
é pra quem é...
Na igualdade, busquei a de gênero.
"Não serve pra nada, ela é mulher!"
Mulher ou homem...
Encontre sua luta e não fique de luto.
Tenho repúdio pelos insultos!
Menino ou menina?!
Minha sexualidade não é minha roupa que determina.
"Corta esse cabelo, assim você não vai trabalhar!"
Preconceito! De forma descarada...
Qual é o seu conceito?!
Ser livre é o meu conselho
e aceito suas escolhas e sua forma de pensar.
Mas determinar o que devo ser,
isso não posso deixar.

(Poema autoral de Nathália de Lira recitado no Sarau Poesia *funk* – 15/10/2016)

Após o público saudar Nathália pela força de sua poesia, Matheus Goudar apresenta Andressa Marins como poeta e amiga de longo tempo nos caminhos da poesia. Andressa recita seu emblemático poema “Negociadores de Enganos”, que já fora analisado neste trabalho, e, em seguida, um poema ácido e irônico intitulado “Desperdício”.

Ele era o desperdício em pessoa.
Tanta lábia,
tanto olhar,
tanta pegada boa.
Tanto poder em convencer,

tanto amor à toa.

Prometia para não cumprir,
porém também cumpria sem prometer.
Em troca de satisfazer o próprio ego
era capaz de se contradizer
no que sequer havia dito.

Levava os pensamentos alheios
à convergência,
colapso,
conflito.

Tinha a escorrer pelos lábios
exatamente o que soaria adequado,
atrativo.
Ele abusava disso.

Era tolo, era cego, disperso, vazio.
Mas era também o inverso.
Esperto, de olhos abertos, atento, transbordando cinismo.
Pena não ser possível ver tudo no início.

Ele sabia se posicionar
e na vitrine só cabia estar
o que ele quisesse
que fosse visto.

Contudo não sabia de si mesmo,
dos limites de seu auto manuseio.
De onde chegaria fazendo-se perfeito
e tão filho da puta no mesmo indivíduo.

Ao manipular, era manipulado.
Ao deixar alguém de lado
fazia fracassar a possibilidade de um futuro
que o fazia fracassado.

Começos,
poucos meios e
muitos pontos finais.
Eram amores surreais.
Amores ilusórios,
ele era o ilusionista,
e também o iludido.

Arrancava-se dos outros precipitado,
para não arrancarem-lhe seu abrigo.
Ainda que não estivesse nos planos,
fazê-lo passar por isso.

Levava então outrem
a colher amores corrompidos,
como quem só encontra joio,
onde plantou trigo.

Tantas palavras gastas,
olhares pra nada,
beijos na boca.
Tanto poder em se fazer querer,

sem ao menos permitir-se pertencer
a outra pessoa.

Tanto amor à toa.
Tanta entrega tosca.
Tanta conquista oca.

Prazer em ser vento,
vento em que se foi o prazer
e ficou o lamento de nada ser.

Senão, desperdiçado no tempo.

(Poema autoral de Andressa Marins recitado no Sarau Poesia Funk - dia 15/10/2016)

Todos os dias, incessantemente,
é dada a largada.
Se não respeitarmos as regras do jogo
nos vemos, com frequência, entre a cruz e a espada
Por bem ou por mal
todos acabam empunhando suas armas
e cedendo à condição de jogador
Até porque, sejamos sinceros:
todo mundo tem medo
e apostar em si mesmo
é um preço muito alto!

(Poema autoral de Andressa Marins recitado no Sarau Poesia Funk - dia 15/10/2016)

O público aplaude com entusiasmo a *performance* de Andressa e, logo em seguida, Matheus Goudar anuncia mais um amigo: “quero chamar agora uma pessoa que está na militância do Movimento Negro de São Gonçalo, uma grande pessoa, Thiago D’Lyra!”. Thiago, ao trazer em sua *performance* mais uma voz dentre seus autores preferidos da literatura marginal periférica, inflama a plateia com um poema de Fábio Brasa, abordando a questão étnica de forma contundente.

Consciência Negra

Eu tenho um sonho de que, um dia, todo negro
possa entrar pela sua nota sem precisar de cota.
Mas até lá, como pode ser um negro patriota
se ele ainda é minoria nas universidades, nas novelas,
mas continua maioria nas cadeias e favelas?
Dizem que por aqui não existe preconceito racial,
então vai ver qual é a raça que mais sofre violência policial,
quem mais sofre com assassinato e exclusão social...
Qual?
Diz pra eles, mano *brown*
Diz pra eles, mano *brown*
Se houver preconceito, negro, não se omite, não permita
para que aquilo que aconteceu com o goleiro Aranha jamais se repita
Se zangue, mas sem sangue
Negro, não se vingue
Não mate, lute ou xingue
Não!

Martin Luther King, irmão!
 Ser negro não é condição
 é consciência
 Por isso afirmo aqui, sou negro desde nascença,
 na sua crença, no seu canto, na sua mais pura essência
 Vem de Zumbi minha luta e de João Cândido minha resistência
 Sou Mandela, sou Bambaataa, sou Bantu, sou Ketu
 A Revolta da Chibata e a passeata de *Soweto*
 Meu corpo não traz prata, mas minha alma, sim, traz preto
 E não importa minha cara ou condição geográfica
 que uma coisa fique bem clara, o meu sangue é lá de África
 E quando eu digo *black power* não me refiro ao cabelo,
 pois não é pela pele, é pelo apelo
 Me chame de Ali, Muhammad Ali.
 Negro, não se cale
 Você sabe o quanto vale
 Honre sua raiz e corte o mal pela raiz
 com seu afiado machado, Machado de Assis.
 Seja Joaquim Barbosa, Racionais M'cs
 Seja pela luta da igualdade dos direitos civis
 Para que o sonho de Martin não se transforme em pesadelo,
 pois não é pela pele, mas pelo apelo.

(Poema de Fábio Brasa recitado por Thiago de Lyra no Sarau Poesia Funk – 15/10/2016)

Além de Consciência Negra, de Fábio Brasa, Thiago apresenta também o poema Vitimismo, de Felipe Marinho, outro texto com temática sobre o racismo, já analisado neste capítulo. Os textos ditos com veemência parecem ter contemplado a plateia que, formada em sua maioria por jovens negros e negras, reverenciou Thiago D'Lyra com aplausos e gritos, pois possivelmente sentiu-se representada pelos/nos poemas escolhidos por ele para sua participação no Sarau Poesia *Funk*.

Após as *performances* dos quatro amigos *black power*, Matheus anuncia a participação de uma poeta ainda pouco experiente nos saraus, porém muito especial para ele, a namorada: “quero chamar uma poeta que começou a recitar há pouco tempo...uma das pessoas que mais fortaleceu o evento, que divulgou muito e tem sido uma das pessoas com quem tenho contado bastante nos últimos tempos para tudo. Em cena, Stephane Chanca com o poema “Declaração à Palavra”.

Palavras
 aquelas que trazem grande impacto
 aquelas que soam banais
 aquelas que iniciam uma história
 aquelas que encerram uma conversa
 aquelas que expõem sentimentos
 aquelas que salvam

Se antes eu tivesse dúvidas do que fazer
 bastaria olhar para dentro de mim para encontrar a resposta
 Elas que sempre me deram conforto e segurança, certezas
 e que me guiaram para minhas próprias emoções
 Elas que me fizeram entender outros pensamentos, outras opiniões,
 outros assuntos, outros mundos e dimensões

Elas que salvam quando gestos e falas não são suficientes
Palavras
Às vezes tão simples, às vezes tão complexas,
Mas sempre presentes, constantes, importantes e eternas

(Poema autoral de Stephane Chanca recitado no Sarau Poesia Funk - dia 15/10/2016)

A jovem discreta assume o microfone timidamente, no entanto, ao declarar-se às palavras demonstra, por meio da metalinguagem, total intimidade com a poesia, que parece ser algo visceral e inseparável de sua própria vida: em seus versos, a palavra conforta, faz pensar, amplia a capacidade de compreender a si e o mundo. Ao sair de cena com a mesma discrição que entrou, Stephane recebe muitos aplausos do público e deixa o articulador do sarau visivelmente orgulhoso daquela que escolheu para ser seu par; a poesia une e entrelaça, escapa do campo da cognição e invade o campo da emoção, onde as palavras são “sempre presentes, constantes, importantes e eternas”.

Como se vê, os poemas escolhidos para as *performances* no Sarau Poesia *Funk* abraçam temas ecléticos e trazem incorporados em seus versos questões de classe, gênero, etnia, racismo, homofobia, machismo, desigualdades e injustiças sociais – bandeiras hasteadas pelo grupo *black power* por meio da expressão poética, da palavra compartilhada e propagada em distintos territórios que avançam a fronteira da periferia; mas também vão além dos temas que abrangem a coletividade, abordando questões que permeiam as relações amorosas e a relação com a própria poesia, como a “declaração à palavra” da jovem Stephane. Com suas produções poéticas, afetam os ouvintes de maneira a convocá-los a serem coautores nesse processo catártico de dizer/ouvir poesia, pois “a linguagem do poeta é a linguagem de sua comunidade, seja esta qual for. Entre uma e outra se estabelece um jogo recíproco de influências, um sistema de vasos comunicantes” (PAZ, 2012, p. 48). Dessa maneira, “as palavras do poeta são também as da tribo ou algum dia serão. O poeta transforma, recria e purifica o idioma; e, depois, o compartilha” (PAZ, 2012, p. 54). Considerando os argumentos de Paz, é possível afirmar que esses jovens, ao escreverem, extraem do idioma comum e de suas vivências cotidianas elementos viscerais para compor a poesia que compartilham de forma generosa e entusiasta com sua “tribo”, vivenciando, dessa maneira, a alteridade, fazendo dos saraus um território polifônico e uma arena de luta e transformação social. Como é possível perceber, a primeira edição do Sarau Poesia *Funk* foi realizada com sucesso, reforçando a ideia dos saraus como espaço de encontros e afetos, onde estão amigos e amores, onde a poesia fala de muitos e a muitos que, em princípio, estariam excluídos e distantes da leitura e da escrita literárias. Como argumenta o idealizador do sarau, “o

evento cumpriu a missão de integrar diferentes artes produzidas em São Gonçalo e de lotar as estantes da biblioteca com doações dos visitantes. (...) E para mim foi de grande importância como primeira experiência como produtor cultural”.

Contudo, apesar de os jovens relatarem a realização de algumas edições bem sucedidas dos saraus promovidos por eles, fica evidente que sustentar um evento cultural demanda tempo e, sobretudo, apoio, e talvez por isso nem sempre seja simples para esses jovens – que precisam trabalhar, estudar, sobreviver às demandas e dificuldades diárias – manterem a realização dos saraus com a frequência que gostariam. Ainda assim, procuram alternativas e parcerias para seguirem articulando novas possibilidades para seus projetos culturais, buscando novas perspectivas para realizá-los, como é possível observar a seguir.

Atualmente, estou com um novo projeto que terá início em abril de 2017, em parceria com a Fundação de Artes São Gonçalo, cuja proposta será a criação de um evento que dialogue com minha geração a partir do uso de elementos que vão além da palavra poética, como a música e a linguagem audiovisual, utilizadas para dar uma cara nova ao conceito de sarau. O objetivo é oferecer algo interessante à juventude gonçalense, que busca por novas alternativas culturais na cidade e que não se identifica com as opções já existentes. **Seria um novo espaço para expressão e criação, com as várias possibilidades que a poesia gera.** (Conversa via internet, pelo *Messenger*, com a pesquisadora – janeiro de 2017 – Matheus Goudar)

Já ajudei na organização do Festival de hip hop em São Gonçalo, em 2015, mas, esse ano de 2017, assumi a organização geral, a responsabilidade de agitar o conteúdo semanal do evento. Ainda estou encaixando tudo e formando minha equipe e conto com o Diego Dipro e o apresentador Iori, que são direto do Festival. Tenho apoio da marca Hofmann e o apoio do B.Boy e Miguel Arcanjo, entre outras pessoas. Aos poucos, estou conseguindo o formato que quero para o evento, tenho várias novas ideias e acho que vão contribuir para a cidade. **Peguei esse Festival para fazer por amor mesmo. Por saber que vou fazer alguma coisa boa pelas pessoas e pela minha cidade.** (Conversa via internet, pelo *Messenger*, com a pesquisadora - janeiro de 2017 - Nathália de Lira)

Encaminhamos o Projeto Vivemarte à Secretaria de Cultura de São Gonçalo e ficou de ser aprovado para a liberação de espaços e apoio público para onde o evento vier a acontecer. Como, infelizmente, o ano só começa depois do carnaval, ainda não se resolveu nada com precisão, mas, em março, vamos voltar com os eventos na Praça Zé Garoto ou na Fundação de Artes São Gonçalo. (Conversa via internet, pelo *Messenger*, com a pesquisadora - janeiro de 2017 - Andressa Marins)

Mesmo enfrentando entraves para a realização dos eventos culturais, os jovens Matheus, Nathália, Andressa e Thiago mantêm o desejo de promover novas possibilidades de acesso à arte e à cultura na periferia e optam por buscar parcerias, seja na iniciativa privada ou na esfera pública, para a concretização dos projetos idealizados por eles. Matheus preocupa-se com o fato de a juventude de sua comunidade vislumbrar novos espaços de lazer e entende que a poesia entrelaçada a outras expressões artísticas

pode gerar novas possibilidades de criação e atuação dos jovens de São Gonçalo; Nathália assume o comando de um festival importante na cidade onde vive movida pelo desejo de contribuir para uma sociedade com mais oportunidades para os grupos juvenis de forma que a arte de rua seja valorizada e, por consequência, potencializada a capacidade de inserção dos jovens na cultura *hip hop*; Andressa e Thiago, também com apoio de Nathália, pretendem levar à frente o projeto Vivedarte para que possam atuar em distintos espaços – como creches, asilos, casas de detenção para menores infratores – e também desejam voltar a realizar os eventos na Praça Zé Garoto ou realizar saraus num espaço legitimado para as artes, como a Fundação de Artes São Gonçalo. Nessa busca constante e nesse fazer cotidiano, esses jovens contam uns com os outros para alcançarem objetivos regidos por ideias e ideais que visam uma transformação do cenário periférico, o que demonstra

como os/as jovens têm capacidade de produzir arte, cooperação, e como eles/elas percebem a potência do coletivo e de cada um. Mesmo na contramão do capital cultural (...) conseguem fazer circular sua arte, com sua linguagem, sua inventividade expressa pelo seu corpo em movimento (SALES, 2013, p. 431).

E ao falarem de seus projetos – em uma das conversas em profundidade coletivas – falam também do desejo de que ideias como as suas proliferem em outros territórios onde há poucas possibilidades de os jovens se manifestarem artisticamente e, com propriedade, defendem o sonho de verem a poesia tornar-se uma expressão artística popular entre as culturas juvenis tanto quanto outras manifestações culturais que lhe são caras.

A seguir, trago eventos enunciativos extraídos de uma longa conversa em profundidade coletiva (em 02/10/2016) e a opção por apresentá-los na forma de diálogo se justifica pela intenção de não romper o fluxo narrativo dos jovens que, ao se complementarem e ao fazerem inserções nas falas uns dos outros, trazem a força da voz do grupo. Os eventos foram intitulados para delinear o tema de cada fragmento extraído da conversa coletiva e, para apresentá-los, faço pequenos parágrafos introdutórios, preocupando-me menos em analisá-los, já que a força de suas enunciações, por si, impelem o leitor à múltiplas interpretações.

Poesia está virando moda

Matheus: (...) Eu conheço uma galera lá de São Paulo, amigos meus, eles sabem que trabalho com poesia e tal, aí, um desses meus amigos passou meu contato para outro amigo deles, começaram a falar do que eu faço aqui. Isso acabou influenciando esse pessoal de lá, sabe? E

eles estão fazendo saraus lá inspirados no que estou fazendo aqui. Eu acho isso incrível! **Eu acho incrível essa força, essa influência!**

Andressa: Esse é um dos pontos que a gente estava analisando no Vivedarte porque as ideias que nós tivemos para este projeto, assim, muita gente olhou e falou “pô, cara, que **maneiro essa ideia de vocês quererem montar um coletivo artístico que faça esse passeio pelo território levando arte, levando cultura.** Aí, muita gente falou “poxa, regulariza isso! Pega esse projeto e registra, coloca em edital”. Nós até nos sentimos um pouco pressionados, no início. Daí, pensamos, vamos escrever primeiro o projeto, vamos regularizar tudo direitinho para depois a gente fazer acontecer porque senão alguém pode pegar a ideia. Mas nessa nossa vivência de estar fazendo os eventos e ver que o pessoal está perguntando se vai ter o próximo, a gente meio que parou, respirou e, tipo assim, pensou “cara, e se copiarem? E se alguém resolver fazer igual ali no bairro vizinho ou se alguém de outra cidade resolver fazer igual? E em São Paulo, se quiserem fazer? Sei lá, em Minas Gerais, sei lá, em qualquer outro lugar? Dane-se! Que façam! Porque a ideia é essa! **A ideia não é criar algo meu, algo do Thiago, algo da Nathália ou de qualquer outra pessoa.** Não é criar algo que a gente tome posse daquilo. **É criar algo que contagie e que vire um gosto popular e que as pessoas se adaptem a fazer isso e não que seja nada de ninguém, tipo... a ideia foi minha, eu criei o evento.** Foi então que a gente decidiu deixar para lá ... deixa que copiem, que reproduzam!

Nathália: A ideia é que, da mesma forma que a gente está fazendo, eles peguem e façam, entendeu? (**Andressa:** é isso aí) e que pensem “vou fazer e fazer bem feito!” Eu estava comentando com o Thiago “pô, Thiago, **tá surgindo sarau, hein?! (Matheus: Tá surgindo um monte de sarau!) (Thiago: Tá surgindo muito sarau!)** No começo eu pensei assim “que estranho, né?” Aí, depois eu falei, não, **tem que surgir mesmo! Tem que acontecer mesmo! E que eles façam e façam com amor! Do mesmo jeito que a gente tá fazendo!** (**Douglas:** E isso é ótimo!)

Matheus: **Poesia tá virando moda,** não é, cara? Isso é ótimo! Porque, antigamente, a gente tinha esse pensamento “ah, o que tá muito na moda, o que é tendência a gente meio que afasta... mas também não é assim não, tipo, **todo mundo tem que estar conhecendo saraus, todo mundo precisa saber que acontece, tem que virar moda,** com certeza!

Nathália: Moda, moda vai ter os pontos positivos e negativos.

Matheus: Não é questão de ser algo negativo, **a questão é o pessoal estar lendo poesia, estar fazendo poesia.**

Nathália: Exatamente, mas virando moda e tendo seus pontos positivos e negativos, os positivos vão que vão somar muito mais. **Vai ter gente lendo muito mais, recitando muito mais, escrevendo...**

E o desejo desses jovens de que poesia vire “moda” não é simplesmente pelo fato de almejamem que essa expressão artística esteja em voga como tantos outros modismos contemporâneos, mas, sobretudo, pelo fato de compreenderem que, para os jovens da periferia, o acesso à literatura e aos espaços dedicados aos encontros para ler e compartilhar a produção poética apontam novas possibilidades para que possam colocar-se na sociedade, conquistando vez e voz no cenário social, pois tanto a escrita poética como os saraus são também vias de manifestação política. Para eles, a poesia é arte, é sonho, é militância, é necessidade e também sobrevivência:

Poesia não é hobby!

Matheus: Para uma galera mais economicamente favorecida, poesia é *hobby*! Aqui é sobrevivência! Aqui a gente está sendo obrigado a ser explorado pelo patrão, ser explorado, sei lá, pela polícia, tá ligado? Ser explorado por um monte de forças que nós não vemos.

Douglas: Eu acredito que a gente faz a poesia virar militância! Porque com a minha vivência posso falar para o outro sobre minha realidade, fazendo poesia. Eu acredito nessa questão que o Matheus falou...um cara da elite, pode ser que ele faça isso como um *hobby*, uma coisa que faz sentado no bar com os amigos no final de semana.

Matheus: (...) Até a maneira de escrever poesia é diferente. (...) Eu não queria tocar nesse assunto, mas até a maneira de escrever poesia é diferente!

Andressa: Até a maneira de recitar é diferente! (...) Quando a gente se propõe a pegar no microfone e abrir a boca para recitar o que é nosso (**Matheus: o clima muda! O clima do sarau muda!**) o clima muda, porque é a gente se abrindo ali, se rasgando. É como se as pessoas estivessem olhando a gente e a gente, ali, despido...de todos os tabus.

Matheus: Não é um *hobby* de fim de semana, é uma necessidade!

Andressa: É uma necessidade!

Nathália: É um grito. É aquela força! Aquilo que a gente tem que mostrar! Como deixar de mostrar uma coisa assim, entende? O que a gente vive! Como???

Necessidade e sobrevivência, ao mesmo tempo, a poesia é também, para esses jovens, grito e protesto contra as pressões sociais sofridas devido à condição de “jovens periféricos”, convertendo-se em uma linguagem visceral pela qual expurgam humilhações, injustiças, explorações, revoltas, alijamento social...

A “poesia revoltada”... a poesia que liberta

Matheus: Por exemplo, a maneira que eu recito, muita gente chega pra mim e diz “você é muito revoltado, cara!”. **Como é que não vou ser revoltado, cara?!** Como não ser revoltado? Eu pergunto pra vocês? Como não ser revoltado?!

Douglas:(...) **E é um problema que a gente como jovem periférico vive porque o capitalismo arrebenta a nossa mente, sabe?** Ele ferra a nossa mente, da gente que é pobre (**Matheus:** ah, mas pobre não tem depressão, depressão em pobre é frescura!) É, a gente não pode ter depressão, a gente não pode ter um transtorno de ansiedade generalizado. (...) Fiz questão de explicar isso quando li meu poema sobre ansiedade para as pessoas não ficarem romantizando. **Eu não quis romantizar não, quis mostrar que a minha vivência de uma pessoa de periferia era essa e que isso ferrava o meu psicológico, a minha saúde mental, porque a gente como jovem periférico a nossa saúde mental é comprometida por muitas questões...**

Andressa: É isso que o Douglas falou, essas pressões que a gente passa, as decisões que a gente tem que tomar e **o fato da nossa escrita, das nossas poesias serem um grito de protesto...**eu tenho, no caso, aquele texto *O Topo e a Carta marcada*³¹ que fala justamente sobre isso e o grito era exatamente esse, tipo assim, o topo e a carta marcada porque, de fato, constantemente, todos os dias, é como se estivessem impulsionando a gente a chegar num topo, um topo imaginário. **A gente tem que ser bem sucedido, tem que conseguir um emprego bom, tem que ter um nível cultural considerável! A gente é sempre impulsionado a ter grana, a ter tudo isso e sendo que nem sempre o que a gente almeja é o que a sociedade considera ser bem sucedido e ser**

³¹ O poema “O topo e a Carta Marcada” consta nos anexos, junto a outros poemas dos jovens pesquisados.

bem colocado socialmente. E escrever esse poema foi um alívio, foi realmente um grito de protesto de falar “não, calma, eu tenho dezessete anos e não preciso decretar para minha vida do que o que vou fazer no vestibular vou morrer fazendo isso, entendeu? **Então, de fato é um grito de protesto, para você botar para fora algo que está te pressionando, que está te fazendo mal de alguma forma.** O nome do poema é *O topo e a carta marcada*. “E os controladores do topo não habitam o topo”.

Douglas: Tem um poema que ainda não terminei em que falo que pessoas insistiam que o garoto precisava ser alguém na vida, **mas a verdade é que ele sempre foi alguém na vida, melhor dizendo, ele é alguém na vida.** Alguém feliz, mesmo sem realizar esses planejamentos que para ele faziam parte de uma vida vazia. Para a sociedade a gente precisa estar em certos cargos para ser alguém, mas já sou alguém. Talvez alguém que não precisava viver nessa padronização, sabe? Nessa coisa que a sociedade pede, impõe! Eu posso ser feliz da minha forma e é isso, existe uma cobrança muito grande em relação a gente. **Principalmente a gente que é de periferia de ter que alcançar certas coisas que nem interessam a gente.**

Matheus: **Tem ocasiões em que me sinto, sei lá, sinto como se o mundo tivesse me rebaixando,** tipo, que tenho que assumir uma postura, levando porrada toda hora, tenho que estar lá de pé, fingindo que não estou sentindo nenhuma dor, entende? **A poesia me liberta de não ter que mentir para mim mesmo e falar que eu não sinto essa dor.** Eu sinto essa dor. Eu preciso gritar. Entende?

Nathália: É uma necessidade mesmo!

O fato de serem jovens da periferia, apesar de impor a eles uma condição desprivilegiada em muitos aspectos, como sublinham acima, não os impede de exercitar um deslocamento para olhar o entorno, valendo-se, então, de uma “visão periférica”, no sentido amplo da expressão, para analisar o contexto social que os abarca – contexto este visivelmente marcado por discrepâncias e idiosincrasias; ao se assumirem como jovens periféricos ressaltam que vivem na periferia da periferia, pois vivem numa cidade que é periferia da metrópole e dentro dessa cidade vivem na zona periférica. Cidade muitas vezes desconsiderada e esquecida por quem a vê de fora, mas, para quem está inserido em seu cotidiano, uma cidade que não está adormecida, com grande potencial artístico-cultural, como argumentam os jovens poetas:

A gente está aqui acordado, fazendo poesia na rua, gritando!

Nathália: Quem nasce na periferia acaba vivendo, construindo suas residências, sua vida, seu trabalho ali e não sai dali, ou então quando constrói uma meta sua meta é só em São Gonçalo. **Por isso que tenho agora vivido e buscado novas experiências.** Não tem oportunidade, vamos embora buscar! Eu quero expandir, não quero ficar só em São Gonçalo, só em Niterói. Eu quero ir para o Rio, como fui para Minas, quero ir pra São Paulo.(...) Quero ir lá no Sarau de São Paulo, no Cooperifa, do Sérgio Vaz, no Slam que acontece lá. Não existe? Então eu vou pra lá. **Se não existe aqui, então vamos fazer existir.**

Matheus: Eu tenho um plano também. Sabe qual é? Fazer meu nome fora de São Gonçalo para quando tiver lá no topo falar “olha só, eu vim de uma cidade onde tem muita gente talentosa. Olhem para lá! Olha o que tá acontecendo lá. Tem muita coisa boa”.

Nathália: São Gonçalo é potência!

Matheus: É uma das maiores potências do Rio de Janeiro, do Brasil. **Não é cidade dormitório! A gente não está dormindo. A gente está aqui acordado, fazendo poesia na rua, gritando!**

E fazer poesia na rua, falar aos seus por meio da palavra poética dá a esses jovens uma legitimidade como poetas de seu território, onde apresentam-se como artistas desmitificados, dessacralizados do que a cultura hegemônica, elitista e erudita entende por ser poeta e anunciam que “as palavras do poeta são também as palavras da sua comunidade” (PAZ, 2012, p. 53).

Poeta? O poeta é um cara...

Como tinha explicado, antes, não curto rótulos, mas me apresento como poeta de propósito porque todo mundo da periferia conhece *rapper*, pagodeiro, funkeiro, etc. etc. etc., essas nomenclaturas que a sociedade impõe, mas poeta ninguém conhece. Poeta? Para a maioria das pessoas poeta é aquele cara do século XIX, século XVIII, que fica trancado num quarto lá, escrevendo... a galera pensa isso, tipo, “que troço chato!” **Se eu fosse um daqueles alunos que não têm nenhum conhecimento sobre poesia e pensasse que poesia é isso, não iria me interessar. Estou sendo realista! Eu não iria me interessar!” Agora, quando veem que o poeta é um cara que convive com eles, um cara que pega ônibus igual a eles, que passa pelos mesmos problemas que eles...** eu gosto muito, por exemplo, quando estou passando lá no meu colégio, colégio público, aí, alguém do outro lado da rua me vê e fala “aí, poeta! Beleza? Cadê teu livro, cara? Estou esperando seu livro! Eu vou ser o primeiro a comprar!” Uma pessoa que nem conhece tanto poesia me reconhecer como poeta, sabe? Ser parâmetro de algo bom para alguém, no sentido positivo, isso aí é... é uma meta que tenho. (Conversa em profundidade coletiva – 02/10/2016 – Matheus Goudar)

Matheus, ao defender uma concepção do ser poeta, que difere de modelos dos séculos passados, aposta na desmitificação da figura do autor como alguém distante, inalcançável, e valoriza o poeta que está nas ruas, que vivencia o cotidiano da cidade, que está próximo de sua comunidade e que a representa em seus versos. O que Goudar alerta parece dialogar com o que propõe Paz (2012, p. 50) ao afirmar que “a ação do poeta contemporâneo só pode ser exercida sobre indivíduos e grupos. Nessa limitação residem, talvez, sua eficácia presente e sua fecundidade futura”. Arelada a essa questão, o jovem poeta aponta ainda outras pertinentes para o campo da educação ao elucidar que a maneira como os poetas e a poesia são apresentados na escola talvez não seja tão sedutora para os jovens. Em sua crítica, Matheus traz a voz de uma juventude que parece sentir-se entediada com a forma enrijecida como a literatura lhes é apresentada na escola, que, em geral, vem seguida de prescrições, tarefas e avaliações, sem proporcionar espaço e tempo para leituras compartilhadas, apreciação estética, experimentação poética, escrita literária, publicação das produções escritas dos alunos, eventos culturais, entre outras possibilidades de fazê-la pulsar nas instituições escolares. Matheus, ao destacar que o poeta contemporâneo distingue-se dos poetas de outros

séculos não nega a importância destes – mesmo porque é leitor de vários cânones da literatura, como foi apresentado em análises anteriores –, mas sugere que os poetas merecem ser apresentados de forma mais atraente na escola para que os alunos, independente da classe social, descubram o quão interessante pode ser estudar literatura e mergulhar no universo da poesia.

O jovem Matheus, possivelmente, reivindica que a poesia esteja presente no processo de formação dos jovens por compreender o quanto ela pode revolucionar a sociedade como vem revolucionando sua própria vida; com ela é viável potencializar sonhos e desejos, estabelecer prioridades e objetivos:

A poesia como meta

(...) Eu acho que conseguiria dar a volta no mundo, tendo nascido na periferia, se vivesse de poesia, vivesse fazendo livros, tipo, botando livro na mão das crianças, podendo fazer essas paradas todas. **Uma das minhas metas de vida é essa!** Tipo dar a volta por cima, não precisar seguir essas regras que esse mundo já criou. Sei lá, pessoas que nunca vi colocam na minha vida o que tenho que seguir. Se eu der a volta por cima de tudo isso e viver de poesia fico satisfeito. Acho que a maior revolução que posso fazer na minha vida é essa, naturalmente vai revolucionar quem estiver ao meu redor. (...) **Só por estarmos aqui, falando sobre poesia já é uma tendência.** Nós já estamos plantando as primeiras sementes. **Daqui um tempo, vai ser comum um moleque lá em São Gonçalo falando que escreve poesia.** (Conversa em profundidade coletiva – 02/10/2016 – Matheus Goudar)

Ao idealizar uma vida como autor de poesia, Matheus vislumbra concretizar publicações para divulgar seu trabalho artístico, preocupando-se, inclusive, com a formação de leitores literários na infância. Aqui, temos um jovem da periferia, com apenas 20 anos, determinado a ampliar suas possibilidades de atuação como escritor e a promover transformações sociais por meio de sua arte: o sonho de viver como poeta converte-se em meta, sendo o público alvo e a poesia seta. Sonhos e ideais que se somam aos de Andressa, Douglas, Nathália, Thiago e tantos outros jovens representados por essas vozes periféricas, desconstruindo o estereótipo de uma juventude alienada, rebelde, violenta e antissocial, fazendo emergir da periferia o improvável, pois

(...) embora os determinismos sociais e familiares pesem muito, cada destino é também uma história particular, constituída de uma memória e de suas lacunas, de acontecimentos, de encontros, de movimento. Cada um de nós não está apenas ligado a um grupo, um espaço ou um lugar na ordem social, do qual propagamos traços, gostos, maneiras de fazer e de pensar característicos de sua classe ou de seu grupo étnico. Ele, ou ela, se constrói de maneira singular e tenta criar, com as armas que possui, com maior ou menor êxito, um espaço em que encontre seu lugar, trata de elaborar uma relação com o mundo, com os outros, que dê sentido a sua vida (PETIT, 2008, p.52):

Ao dizer, em uma de nossas conversas em profundidade, “só por estarmos aqui, falando sobre poesia já é uma tendência... nós já estamos plantando as primeiras

sementes”, Matheus Goudar reitera a importância de se discutir sobre a força da palavra poética enquanto arte que fala a todos e não apenas a uma minoria herdeira de um capital cultural garantido àqueles que têm acesso a bens culturais devido a uma condição econômica privilegiada. Com as trajetórias e experiências desses jovens poetas da periferia conclui-se que, como direito, a literatura, a poesia, deve compor a “partilha do sensível” anunciada por Rancière de forma que seja “comum um moleque lá em São Gonçalo falando que escreve poesia”, como defende Goudar. Nesse sentido, a escola pode ser uma instituição a contribuir para mudanças sociais positivas, assumindo a luta para que o improvável seja possível, palpável. Para concluir este trabalho, alguns aspectos importantes da pesquisa serão retomados nas considerações finais, trazendo por fim, algumas proposições para o campo da educação, em especial a educação literária.

Para encerrar este capítulo, um poema de Nathália D’Lyra, enviado pelo *Messenger*, poucos dias antes deste trabalho ser concluído, com o pedido de que fosse incluído na tese. Versos embebidos de lágrimas feitas de chuva forte, mas também de amor pela “literatura viva”, pelos autores consagrados e periféricos, versos que encerram a crença de que a palavra poética investirá naqueles que a cultuam e a exercem como ofício, como arte, demonstrando que os jovens, ainda que aprendizes, não são o futuro, o devir, mas, sim, o presente:

Veio sem bater na porta
Já derrubou o barraco inteiro
Chuva essa que uns gostam
Claro, na sua suíte do Aterro
Não nego que quando vem suave
Do meu jeito me refresco
Mas quando vem nessa intensidade,
Até bate desespero
Vento da rua, que venta na casa,
Que inventa as bicas que vem as águas
Que tudo alaga
(...)
Na alma guerreira
A vivência te dá uma lição de língua portuguesa
Afinal, o sonho não para,
Molha as folhas dos versos que fiz.
Estou estudando e penso na literatura viva.
Estou aqui
De literatura me vesti
Fui conhecer João Cabral de Melo Neto
Conheci também Dina Di

(...)

Sequei com as mãos
Os cômodos da casa
Nos apertos também sequei várias lágrimas

(...)

Sou aprendiz,
Mas não diz que não sou o futuro
Sou o presente do meu país.
Prazer! Sou eu que não te aturo.
A palavra vai investir em mim
E depois, não vem falar que lutou junto.

(Poema de Nathália D’Lira – enviado pelo *Messenger* 10/03/2017)

Considerações finais

A literatura, ao trazer a história, ao resgatar a experiência, ao mostrar o diferente e a possibilidade de sua aceitação, ao revelar as desigualdades e injustiças, ao deixar aflorar os sentimentos, ao tratar a linguagem enquanto arte traz as dimensões ética e estética da linguagem, exercendo uma importante função formadora e humanizadora (CORSINO, 2014, p. 19).

Ao adentrar o campo da linguagem e da literatura para realizar esta pesquisa, assumo o lugar de onde olho e de onde falo para sustentar esta tese que buscou discutir a relação de jovens das camadas populares com a literatura. Olhar e voz constituídos pela filosofia, pela sociologia, pela história, pela educação e, especialmente, pela literatura, ao longo dos anos que compõem minha trajetória profissional como professora, poeta e pesquisadora. Digo especialmente pela literatura, pois expressão artística foi importante aliada na travessia que iniciei, aos quinze anos, como professora e segue companheira inseparável, percorrendo comigo as três décadas em que me dedico à criação literária e à educação no ensino de língua portuguesa e de história. Como educadora e poeta, aposto em sua “função formadora e humanizadora” defendida Corsino, pois reconheço o quanto sua dimensão ética e estética alterou a mim e aos incontáveis alunos com os quais convivi nesses trinta anos de atuação na educação em distintos segmentos escolares e sociais.

Escolher a literatura e, especificamente, a formação de leitores literários na infância e na juventude como tema central das pesquisas por mim realizadas no mestrado e no doutorado, implica reconhecer seu potencial de formação e transformação social para propor ampliações de seu uso nas práticas educacionais no universo contemporâneo, defendendo-a como um bem incompressível e, portanto, como direito a ser incluído na agenda dos direitos humanos; argumento delineado por Candido (1995) e reiterado neste trabalho. Entretanto, defender o acesso à arte literária como um direito a todos, independente do grupo social, não seria o mesmo que defendê-la como única possibilidade de superar as defasagens culturais existentes na sociedade excludente em que vivemos, pois, considerando a argumentação de Candido, as demais expressões artísticas também deveriam ser consideradas bens incompressíveis e, da mesma maneira, o acesso a elas deveria configurar como um direito. Dessa maneira, ao assumir o lugar de onde falo, escolho defender a presença da literatura no processo de formação dos sujeitos – no caso, os jovens – por reconhecer suas especificidades como arte que

traz a dimensão ética e estética da linguagem e que pode ser importante elemento constituinte dos sujeitos e suas subjetividades.

Para justificar tal escolha, torna-se relevante considerar as características específicas da literatura que remontam à Antiguidade, sem negar sua multimodalidade no Século XXI, compreendendo-a como arte da palavra que proporciona “a análise das relações sempre particulares que reúnem crenças, as emoções, a imaginação e a ação, o que faz com que ela encerre um saber insubstituível, circunstanciado e não resumível sobre a natureza humana, um saber de singularidades” (COMPAGNON, 2012, p. 58). Por trazer diferentes tempos e vozes, por evocar os dramas humanos, por provocar distintas apropriações e reações estéticas, por estimular a imaginação e a criação, uma obra literária se apresenta aberta, inacabada, convocando o leitor a complementá-la, pois suas múltiplas faces e frestas fazem eclodir infindáveis emoções, sentimentos, análises, críticas. No dizer de Compagnon (2012) “as coisas que a literatura pode procurar e ensinar são pouco numerosas, mas insubstituíveis (...): a maneira de ver o próximo e si mesmo, de atribuir valor às coisas pequenas ou grandes, de encontrar as proporções da vida (...)”. Como elucidada Bakhtin (2003), por ser um fenômeno “complexo e polifacético”, a literatura merece ser estudada não somente a partir da cultura de uma época, mas, sobretudo, para além de sua atualidade, pois uma grande obra pode ecoar por muito tempo em seus leitores e também através dos tempos.

No entanto, enfatizar a importância da literatura na formação dos jovens não significa alimentar a crença no modelo autônomo de letramento e apostar que ele, por si, seria capaz de promover avanços cognitivos e mobilidade social, como já anunciara Street (2014); porém, como argumenta o próprio autor, “isso não nos leva a abandonar os esforços por difundir e desenvolver os usos e significados do letramento” (Street, 2014, p. 41) – dessa maneira, ênfase, aqui, a difusão do letramento literário, levando também em consideração os letramentos múltiplos e vernaculares, de forma que a escola possa colocá-los em diálogo de “maneira ética, crítica e democrática”, como propõe Rojo (2009, p. 107). Nessa perspectiva, apoiada nas ideias de Street e Rojo a respeito de pesquisas que busquem compreender as práticas letradas que ocorrem nas comunidades para se pensar os processos de letramentos dentro das instituições escolares, e por crer na importância da escola como um espaço para a formação de jovens leitores de literatura, busquei ultrapassar seus muros na tentativa de analisar os letramentos que emergem das culturas locais e que poderiam estar em diálogo na escola de maneira que as práticas de leitura literária não sejam homogeneizadas e

exclusivamente representantes da cultura hegemônica. Ao traçar o contorno do objeto, algumas indagações foram delineadas para a entrada no campo: Onde pulsa a poesia e em quais territórios jovens de periferia acessam e fruem a arte literária? Que apropriações e produções a leitura literária em espaços não escolares propicia aos jovens? O que leva jovens de periferia frequentarem saraus literários? Quais seriam as repercussões dos saraus e, em especial, da poesia na vida dos jovens de periferia? O que a experiência de leitura literária fora da escola pode trazer de questões para se pensar a leitura literária na escola?

Ao buscar os jovens leitores e poetas da periferia como os principais interlocutores deste trabalho, foi necessário um período de estudo exploratório em distintos campos até que se encontrasse o grupo com o perfil ideal para a pesquisa, levando em consideração não somente o lugar de origem, mas também o corte etário entre dezesseis e vinte anos. Após um longo percurso com alguns percalços em busca dos sujeitos da pesquisa, pude, então, adentrar o universo de cinco jovens da periferia de São Gonçalo participantes de saraus de poesia, o que resultou num produtivo convívio de seis meses para a construção do material de pesquisa. A empatia entre pesquisados e pesquisadora foi imediata, o que facilitou o caminho metodológico previsto estruturado a partir de encontros para conversas em profundidade e para observação dos saraus frequentados e também produzidos pelos jovens. Nesse convívio marcado pela cumplicidade, sendo a poesia um elo entre nós, a relação com esses jovens da periferia no contexto da pesquisa foi tecida também pelo e com afeto, o que implicou numa afetação mútua, onde pesquisados e pesquisadora se alteraram uns aos outros no movimento da pesquisa. Entretanto, para que os vínculos afetivos não comprometessem o distanciamento necessário ao pesquisador em suas análises, o movimento exotópico bakhtiniano fora exercido permanentemente para fazer emergir nas análises a polifonia inscrita na esfera social dos pesquisados; vozes periféricas por vezes silenciadas ou ignoradas no contexto social e/ou acadêmico.

Os eventos enunciativos extraídos das conversas em profundidade analisados ao longo do Capítulo V revelam sujeitos que se identificam como jovens negros da periferia e, por meio da poesia, estabelecem vínculos e consolidam voz e identidade periféricas em distintos territórios – considerando que estes jovens transitam em eventos de poesia fora e dentro do local de origem, para onde, via produção literária, levam questões sociais e pessoais advindas de suas vivências cotidianas. Ao falarem de suas trajetórias, fica evidente como se dá o processo de construção identitária e de formação

do grupo. No início da adolescência, não se viam como negros, tampouco se sentiam “empoderados” como jovens negros da periferia; processo que se dá devido ao contato com seus pares imersos numa cultura juvenil periférica concomitantemente ao processo de apropriação de autores que discutem a questão do negro e da arte que pulsa na periferia. Ao passarem por esse processo de construção de suas subjetividades, suas identidades revelam-se laminadas: o/a jovem, negro(a), periférico(a), o/a estudante, o/a leitor(a), o/a rapper, o/a poeta, o/a produtor(a) de eventos, o(a) militante, que, fundidos, ganham um corpo robusto para se colocarem frente aos desafios impostos pela sociedade.

Claramente influenciados pelo movimento *hip hop*, pelo *rap*, pelo *funk*, esses jovens poetas da periferia defendem sua história, sua arte, seu território por meio de versos arquitetados e gestados no cotidiano periférico, onde reina a discrepância sócio-cultural, a violência urbana, o preconceito racial e de gênero. Ao se apropriarem dessas distintas manifestações culturais promovem o que Sarlo (2013) denomina de miscigenação cultural, pois para compor seus poemas, os jovens pesquisados bebem na fonte das diferentes manifestações culturais da periferia e também se valem de cânones da literatura. Como esclarece Sarlo (2013,) não há repúdio das camadas populares com relação a essa “contaminação”, sendo a cultura juvenil a mais propícia a essa “hibridização cultural”, pois os jovens mostram-se capazes de atravessar fronteiras geográficas, sociais, étnicas, entre outras, nesse processo de “mestiçagem cultural”; algo que vem sendo cada vez mais potencializado pelo uso das mídias digitais conectadas à internet. Nesse contexto de culturas hibridizadas, a poesia apresenta-se como elemento de coesão social, como já anunciara Zumthor (2010), pois fortalece os jovens periféricos enquanto grupo de artistas que se mobilizam frente às questões sociais por meio da palavra poética. Ao compreenderem os espaços coletivos de leitura literária como espaços para compartilhar suas experiências via arte, encontram um caminho para se colocarem diante do outro, diante da sociedade, com força e determinação, fazendo ecoar as vozes da periferia em distintos territórios. Os saraus passam a ser, então, espaço de lazer e espaço de resistência para firmar uma identidade de jovem periférico negro, onde arte e corpo amalgamados tornam-se território de luta, pois suas *performances* trazem o grito da periferia, suas dores sofridas cotidianamente pela violência estrutural a qual estão submetidos, seja pela condição geográfica, econômica, étnica ou de gênero; trazem também em seus gestos e versos o tempo da delicadeza cantado por Buarque de Holanda, pois mesmo nascidos e crescidos em meio a tiroteios

e preconceitos, são afeitos ao amor e suas sutilezas, são sujeitos da arte que encaram a vida como uma forma de poesia, como declaram em seus poemas e atos enunciativos.

Nota-se que, além de participarem ativamente de eventos de leituras compartilhadas com poemas autorais e de seus autores preferidos, esses jovens, ao também promoverem eventos culturais na periferia, assumem o lugar de produtores de cultura e história. Como foi possível perceber em suas narrativas, poemas e *performances*, bem como nas análises feitas a partir do *corpus* da pesquisa, para estes jovens, poesia não é *hobby*, é luta pela liberdade, é resistência; por meio dela, alertam que não estão adormecidos, estão a postos, “fardados” e, como “soldados”, fazem poesia na praça, na rua, na periferia, instaurando o improvável ao promoverem a circularidade entre o erudito e o popular num território árido, onde se supõe ser escassa a circulação de gêneros discursivos literários. Com suas produções artísticas demonstram que a poesia no território da periferia é arte, sonho, necessidade, sobrevivência e militância, portanto é política e, por consequência, história. Como enuncia Paz (2012, p. 192), “a história é o lugar da encarnação poética” (...), “o poeta não escapa à história, mesmo quando a nega ou a ignora. Suas experiências mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais, históricas (PAZ, 2012, p.195). Ao converterem suas vivências em experiências por meio da palavra poética trazem os dramas de uma sociedade em crise, trazem a história de sua comunidade, trazem questões políticas a serem debatidas e iluminadas pelos holofotes da crítica social. Seus poemas demonstram tanto a força do que a palavra poética pode fazer com os sujeitos quanto o que os sujeitos fazem com a palavra poética, evidenciando o poder da literatura como arte da linguagem indissociável da ética, da estética e da política. Em uníssono, revelam a força do grupo enquanto artistas atuantes no território periférico e, sobretudo, como a arte da palavra poética pode “salvar” uma juventude que, em princípio, estaria fadada a permanecer emudecida e distante do fazer artístico, o que faz lembrar os versos da polonesa Wislawa Szymborska: “(...) de poesia – mas o que é isso, poesia./ muita resposta vaga já foi dada a essa pergunta./ Pois eu não sei e não sei e me agarro a isso / como a uma tábua de salvação” (2011, p.91).

Este trabalho não pretende defender a literatura e/ou a poesia como única possibilidade de transformação e mobilização das juventudes em busca de uma sociedade menos desigual do ponto de vista sociocultural, não se pretende aqui, portanto, delineá-la(s) como uma salvação única, mas como uma âncora possível. O que, em princípio, pode parecer utópico, converte-se em algo palpável, tendo em vista

que na aridez da periferia a poesia floresça com tanta força e marcante identidade – como demonstra a produção e atuação desses jovens poetas –, fincando raízes e germinando entre as pedras da *barbárie*. Seria a *barbárie* positiva anunciada por Benjamin a impelir esses jovens a seguir em frente, a construírem com o pouco que lhes resta, a começarem um caminho novo e diferente do que a sociedade reservara para eles, sendo a poesia um elemento para instaurar vínculos, sentimento de pertencimento e elos de coletividade? Pois, como foi possível perceber por meio dos eventos enunciativos e de suas análises apresentadas, a poesia e os saraus configuram-se como instrumentos de luta de uma juventude que almeja encontrar seu lugar na sociedade na relação com o outro, com o mundo, com o universo artístico; a poesia dá sentido à vida desses jovens da periferia que superam os determinismos sociais e preenchem lacunas por meio da palavra poética, vivenciando encontros, acontecimentos, criando novos movimentos para suas vidas, incluindo a comunidade, o coletivo, ao promoverem seus eventos de leitura literária para compartilharem seus escritos, sua arte. Neste cenário empírico, as vulnerabilidades da periferia convertem-se em “vulnerabilidades positivas”, sendo os jovens pesquisados “potenciais agentes ou anunciadores de mudanças” (ABRAMOVAY, 2013, p. 233) mobilizados pelo exercício da cidadania “diretamente relacionada a formas de participação social em projetos societários que implicam a existência de um certo grau de cultura cívica e solidariedade social” (PAIVA, 2009, p.24). O que leva a crer que, ainda que haja uma grave crise instaurada na sociedade, há também caminhos possíveis a serem trilhados pelas juventudes para amenizá-la, mesmo que não seja alcançável desintegrá-la; e, na amplitude desses caminhos, uma das veredas pode ser a arte convertida em poesia. Como defende Paz (2012, p.52), “o cansaço de uma sociedade não implica necessariamente a extinção das artes nem provoca o silêncio do poeta. É bem possível que ocorra o oposto: ele suscita o surgimento de poetas e obras solitárias”.

Ao finalizar esta pesquisa, sustento a hipótese esboçada inicialmente, convertendo-a em tese: a poesia é um importante elemento de coesão social e, sobretudo, instrumento de luta e transformação para as camadas populares por sua dimensão ética, estética e política que concede legitimidade e voz às experiências de um grupo social periférico de modo a reafirmar que práticas artísticas “participam de forma singular nessa organização do sensível que cristaliza hierarquias ou aponta modos de ruptura” (OLIVEIRA, 2016, p.31). Ecio Salles (2007, p. 144) afirma que “a música tem sido uma forte aliada para a afirmação de identidades específicas” e Muniz Sodré

(1999) argumenta que o samba, o *rap* e o *funk* são expressões artísticas da periferia capazes “de relativizar barreiras sociais fortemente estabelecidas em nossa cultura” e, nesta tese, considerando as análises aqui apresentadas, sustento de maneira substancial que a poesia periférica também o é e reitero o que Street e Rojo evidenciam a respeito da urgência de considerarmos os letramentos vernaculares nos processos de letramentos. Há que se pensar como a escola pode contribuir para que os jovens possam tomar para si os bens culturais disponíveis e, com legitimidade, compreenderem que adentrar os espaços da arte é um direito. Para isso, é preciso que diversas manifestações artísticas pulsem de maneira intensa na escola pública, gerando espaços de apreciação estética, criando situações que impulsionem o fazer artístico, promovendo possibilidades de escolhas. Tal proposta inclui instaurar a “fronteira indômita” anunciada por Montes (2001) para fazer da escola um espaço poético em permanente construir-se, onde, entre outras artes, a literatura esteja presente de maneira a ingressar como experiência na vida dos sujeitos em diálogo com ela. E que o educar na literatura seja “trânsito e ampliação de fronteiras” de modo a possibilitar uma construção incessante das subjetividades a partir de intercâmbios de experiências na sua relação com o mundo interior e o mundo gregário.

Se para os jovens pesquisados participar de (e promover) saraus é algo “revolucionário”, quem sabe não seria revolucionário também para o campo da educação gerar espaços para a poesia se fazer presente no cotidiano escolar, trazendo à cena os jovens e seus professores? A jovem Andressa Marins, em uma de suas falas, evidencia que o fato de ter ocorrido um evento voltado para a poesia em sua escola – ainda que uma única vez durante sua infância – foi algo significativo e marcante em sua trajetória como leitora e autora. O jovem Matheus, ao contar sobre o professor de geografia que se dedicava a orientá-lo na escrita poética nos intervalos do recreio, aponta a força da influência de um professor na vida de um (a) aluno (a) no que concerne a sua formação artístico-cultural. A artista brasileira Maria Bethânia (2015, p. 31,97), cantora e entusiasta da poesia, que mescla a palavra poética à palavra cantada em muitos de seus espetáculos, considera “a ideia de levar expressões artísticas para uma sala de aula preciosa e linda” e ao falar de seu professor ginásial Nestor de Oliveira conta que “em suas aulas, além de didática, aprendia-se a ouvir, ler e dizer poesia. (...) Isso acontecia numa escola pública do Recôncavo Baiano. Falo sobre isso só para lembrar que é possível, sim, uma boa e plena educação nas escolas públicas brasileiras”. Como Maria Bethânia (2015, p.30), “sei que ler, ouvir, dizer poesia hoje, nesse tempo

de tanto desapego, tanta correria, é uma tarefa difícil. É como provocar o mundo, ofender o mundo, vivemos como se não coubesse mais o silêncio, as delicadezas. Mas ainda cabem e isso me comove e trai”. Por pensar e sentir como Bethânia e por concordar com os argumentos de Antonio Cicero (2014, p.382) sobre a importância da poesia na atualidade, sobre a necessidade de haver tempo para ouvir e dizer poemas em meio a “temporalidade acelerada” do mundo contemporâneo para, assim, relativizar a apreensão instrumental do ser e acessar “outro modo de apreensão do ser e do tempo – o estético” –, considero que a escola seja um importante espaço para se fazer pulsar “a apreensão estética do ser”, a poesia, a voz da comunidade por meio de seus poetas. É preciso que a escola esteja atenta à ética que se apresenta na estética e compreenda que a arte também se configura como ato político; é necessário que a escola leia os jovens como sujeitos que, como esses aqui pesquisados, constituem o político e são constituídos por ele.

Há que se admitir que o ouro encontrado nesta pesquisa é rara jazida no território do improvável, portanto um caso incomum, mas tal achado leva a crer que é possível encontrar e promover literatura, poesia, em espaços onde, em princípio, não seriam os seus. Nesse sentido, parece ser pertinente a articulação de políticas públicas que busquem favorecer a consolidação e a continuidade de movimentos culturais que impulsionem os jovens adentrarem os espaços da arte e a se apropriarem dos bens culturais disponíveis na sociedade. O Corujão da Poesia é um bom exemplo de movimento de leitura literária compartilhada que mantém sua continuidade, promovendo, há mais de uma década, encontros entre sujeitos de diversos territórios por meio da literatura, em especial, por meio da poesia. Como vimos, projetos como esse têm o poder de captar/capturar os jovens para movimentos coletivos que visam ampliações nas relações sociais, no fazer artístico e na militância por uma sociedade menos desigual e violenta. Se as pesquisas sobre juventudes apontam a necessidade de se criar “espaços de lazer, sociabilidade onde os jovens possam criar suas linguagens, seus registros de comunicação, para sair do isolamento e enfrentar sua realidade”, como evidencia Sales, (2013, p. 427), torna-se importante tornar a escola um desses espaços onde se concilie conhecimento, fazer artístico, sociabilidade, reflexão e atuação política.

Ao buscar fora da escola os letramentos vernaculares – considerando que estes letramentos locais muitas vezes são desvalorizados e desprezados pela cultural oficial e também são práticas de resistência (Rojo, 2009, p.102) – esta pesquisa traz à cena jovens que apropriam-se da literatura erudita e a entrelaçam à cultura popular, no caso o

RAP, e criam algo novo, que é também literatura, porém denominada periférica, o que traz tensões sociais contundentes para se pensar o letramento literário na escola. Nesse sentido, este trabalho intenta sinalizar o quão interessante poderia ser “viabilizar o diálogo entre os letramentos já apropriados pelos alunos com os letramentos apropriados pela escola e os do patrimônio cultural valorizado”, compreendendo-o como um diálogo polifônico, no sentido bakhtiniano, para “criar coligações contra-hegemônicas” e “translocalizar lutas locais”, como propõe Rojo (2009, p. 115). Com Corsino (2014, p. 12), reitero que “uma educação comprometida com uma formação humanizadora não pode prescindir de tempo e espaço para a leitura literária” e que a literatura precisa ser pensada na escola em sua “dimensão formativa, sensível, ética e estética”.

Matheus Goudar, ao agradecer a oportunidade de poder participar desta pesquisa, junto a seus amigos, fala do valor de serem pesquisados, reiterando o que Street e Rojo apontam sobre a necessidade de trabalhos etnográficos que se debruçam sobre os letramentos vernaculares/locais/ autogerados:

Eu preciso lhe agradecer por toda essa oportunidade... **levar a poesia da nossa cena para a academia, além de nos dar a oportunidade de dizer o que pensamos sobre a vida e o mundo é uma oportunidade rara de darmos nosso grito de resistência a esse massacre cultural que sofremos de cima para baixo.** Foi tão importante fazer parte disso quanto foi para você, pois diferente dos intelectuais e demais doutores da academia, você não nos tratou como meros objetos de estudo, mas enxergou em nós nossos sonhos e nossos dilemas e conseguiu retratá-los na sua tese, e, por isso, sou muitíssimo grato por esse convite e por ter ganho uma amiga tão especial. No que precisar, conte comigo. (Mensagem enviada pelo *Messenger*- Matheus Goudar, 25/02/2017)

Leio a mensagem de Matheus como uma sincera demonstração de gratidão e amizade, mas também a encaro como uma convocação à resposta responsiva a ser dada a esses jovens e à sociedade, pois sustentar uma pesquisa com referencial bakhtiniano implica em viver sua filosofia. Terminada a tese, é chegada a hora de ampliar possibilidades de formação dos jovens de maneira responsiva para ajudar a fazer com que a educação literária seja direito e ação política, e que essa ação política faça valer o direito à literatura.

De tanto fugirmos da manada
criamos uma para nós
De novo sentido e direção
mas mesma obstinação
em sobreviver e vagar
Sejamos dignos de andar em círculos
desde que tenham sido tracejados
por mãos que não sejam as deles

Toda novidade é linda e bem-vinda.
Que venha e floresça
não se abstenha e amadureça
até que envelheça e apodreça.

E o círculo que era luz à manada perdida
Se torne cinzas deixadas para trás
por outros como nós

E os contornos no solo
para o trajeto escolhido
Darão logo nova direção e sentido
a todo aquele que foge
de sustentar nas costas
o peso da sua própria humanidade.

“a poesia do nosso tempo só pode escapar da solidão e da rebelião mediante
uma mudança na sociedade e no próprio homem” (PAZ, 2012, p.50)..

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, M^a Virgínia de; SPÓSITO, Marília P. (Orgs.) **Juventude em Debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventudes e Violências nas Escolas**. In: Linguagens, Educação e Sociedade. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, ano 18, Edição Especial Dossiê Educação e Juventudes. Teresina: EDUFPI, 2013.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Tecendo linhas com/entre as juventudes: múltiplos olhares na Educação**. In: Linguagens, Educação e Sociedade. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, ano 18, Edição Especial Dossiê Educação e Juventudes. Teresina: EDUFPI, 2013.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa; SILVA, Pollyana das Graças Ramos da. **Como se aprende com o corpo em movimento: narrativas de futuros pedagogos em formação na temática das juventudes**. In: Linguagens, Educação e Sociedade. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, ano 18, Edição Especial Dossiê Educação e Juventudes. Teresina: EDUFPI, 2013.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo e outros ensaios**; [Tradução: Vinícius Nikastro Honesko]. – Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALVES, Maria Zenaide; OLIVEIRA, Igor. **Juventudes e territórios: o campo e a cidade**. In: Cadernos Temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio. Orgs: ALVES, Maria Zenaide; CORREA, Licinia Maria; MAIA, Carla Linhares. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

AMORIM, Marília. **Ato versus objetivação e outras oposições fundamentais no pensamento bakhtiniano**. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (orgs.). Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

_____. **Cronotopo e exotopia**. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin outros Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, julho/ 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética** (organizada pelo autor). Rio de Janeiro: Record, 2006.

- ANDRADE, Ludmila; CORSINO, Patrícia. **Crériterios para a constituíção de um acervo literário para as séries iniciais do Ensino Fundamental: o instrumento de avaliação do PNBE 2005**. In: Literatura – saberes em movimento. Paiva, Aparecida (org.). Belo Horizonte: Ceale; Autentica, 2007.
- ANTONIO, Jorge Luiz. **Poesia digital: teoria, história, antologias**. São Paulo: Navegar Editora; FAPESP, 2010.
- BARBOSA, Begma Tavares. **A formação de leitores adolescentes e jovens: uma reflexão sobre a leitura na escola**. UFJF- FAPEMIG, 2010.
- BAKHTIN, Mickhail. **Estética da Criação Verbal**; [trad. Paulo Bezerra] –. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. Belo horizonte: Autêntica, 2009.
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o novo milênio**; [tradução: Ivo Barroso] – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CAMASMIE, Vanessa de Abreu. **A apropriação de práticas de leitura literária de alfabetizando adultos trabalhadores do projeto leituras e escritas no cotidiano do trabalhador**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, UFF, 2011.
- CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CARDOSO, Adalberto. **Juventude, Trabalho e Desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação**. Cadernos CRH. Salvador, 2013.
- CASTRO, L. R. **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2009.
- CHARTIER, Roger. **Do livro à leitura**. In: Práticas de Leitura. Chartier, R. (org.). São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- _____. **A história ou a leitura do tempo**; [tradução: Cristina Antunes]. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- _____. **As aventuras do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. **A história cultural entre práticas e representações – Memória e Sociedade.** Lisboa: Difel, 1990.

CICERO, Antonio. **Finalidades sem fim: ensaios sobre poesia e arte.** São Paulo: companhia das Letras, 2005.

_____. **A poesia entre o silêncio e a prosa do mundo.**In: Mutações: o silêncio e a prosa do mundo. Org: Aduato Novaes. São Paulo: Edições Sesc, 2014.

COLOMER, Teresa; MANRESA, Mireia: **Lectures adolescents: entre la llibertat i la prescripció.** Barcelona: Graó,2008.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola;** [Tradução de Laura Sandroni] –.São Paulo: Global, 2007.

COLOMER, T.; M. MANRESA: **Lectures adolescentes: entre la llibertat i la prescripció.** Barcelona: Graó, 2008.

COMPAGNON, Antonie. **Literatura pra quê?;** [Tradução:Laura Taddei Brandini] – Belo Horizonte:Editora UFMG, 2009.

_____. **O Demônio da Teoria: literatura e senso comum;** [tradução Cleonice Paes Barreto Mourão] – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CORSINO, Patrícia. **Literatura na Educação Infantil.: possibilidades e ampliações.** In: Literatura: ensino fundamental. In: PAIVA, Aparecida (org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

_____. **Travessias da Literatura na Escola.** (org. Patrícia Corsino). Rio de Janeiro:7Letras, 2014.

_____. **Benjamin e Bakhtin: outros tempos e novos caminhos para a pesquisa em Educação.** In: Linguagem, Discurso, Pesquisa & Educação. (orgs. LEITE, Miriam S.; GABRIEL, Carmem T. Petrópolis, RJ: De Petrus; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro do. **Cibercultura, Juventude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook.** Jundiaí, Paco Editorial:2013.

DAUSTER, Tania. **Jogos de inclusão e exclusão sociais**. In: A experiência da leitura. (Orgs.) OSWALD, Maria Luiza; YUNES, Eliana. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

DIÓGENES, Glória. Arte Urbana, Juventude e Educação Sentimental: entre a cidade e o ciberespaço. In: Linguagens, Educação e Sociedade. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, ano 18, Edição Especial Dossiê Educação e Juventudes. Teresina: EDUFPI, 2013.

DIONISIO, Maria de Lourdes. Educação e os estudos atuais sobre letramento. Revista Perspectiva UFSC. Florianópolis: Perspectiva, 2007.

FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. **Dinâmicas de uma Juventude Conectada: desafios para a educação**. In: Linguagens, Educação e Sociedade. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, ano 18, Edição Especial Dossiê Educação e Juventudes. Teresina: EDUFPI, 2013.

_____ : COUTO JUNIOR, Dilton R. **Agenciamento e imersão nos jogos eletrônicos: contribuições ao campo educacional**. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 3º, 2008, Canoas, Anais...Canoas: PPGEDU?ULBRA, 2008.

FOUCALT, Michel. **Os Anormais**: Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOULART, Cecília. **Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica do estudo**. Trabalho apresentado no GT 10, Alfabetização, Leitura e Escrita, da ANPED, em 2005. RBE.

_____. **Uma abordagem bakhtiniana da noção de letramento: contribuições para a pesquisa e prática pedagógica**. In: Ciências Humanas e Humanas- leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2007.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

JESUS, Rodrigo Ednilson de; REIS, Juliana Batista. **Culturas juvenis e tecnologias**. In: Cadernos Temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio. Orgs: ALVES, Maria Zenaide; CORREA, Licinia Maria; MAIA, Carla Linhares. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

KRAMER, S; NUNES, M. F; CORSINO, P. Crianças e adultos em instituições de Educação Infantil: contexto e pesquisa. In: KRAMER, S. (Org.). Retratos de um desafio: adultos e crianças na Educação Infantil. São Paulo: Ática, 2009.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares – as razões do improvável.** São Paulo:Ática, 2004.

_____. **A cultura dos indivíduos.** Porto alegre: Artemed, 2006.

LAJOLO, Marisa; Zilberman, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias.** São Paulo: Ática, 1984.

_____. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 2009.

LAROSSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo.** Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

LEMOS, André. Cibercultura como território recombinante. Disponível em: http://abciber.org/publicacoes/libro_1/textos/cibercultura-como-territorio-recombinante1/. Acesso em: 05/02/2017.

LÓPEZ, Maximiliano Valério. **O corpo inaudito: para uma poética do discurso em educação.** In: Educação experiência estética. PASSOS, Mailsa Carla P.; PEREIRA, Rita Ribes; (orgs.). – Rio de Janeiro: Nau, 2011.

LOUZANO, Paula. **Fracasso escolar: evolução das oportunidades educacionais de estudantes de diferentes grupos raciais.** cadernoscenpec | São Paulo | v.3 | n.1 | p.111-133 | jun. 2013 1 (acesso em www.todospelaeducacao.org.br)

MACÊDO, Rosa Maria de Almeida. **Juventudes: de espectadores das violências na/da escola a construtores da paz.** In: Linguagens, Educação e Sociedade. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, ano 18, Edição Especial Dossiê Educação e Juventudes,- Teresina: EDUFPI, 2013.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MANRESA, Mireia. **L'univers lector dels joves: entre la tria personal i la selecció escolar. Efectes de lês actuacions escolars em lês practiques de lectura.** Tesis doctoral. Universidad Autónoma de Barcelona. Barcelona, 2009.

MARIA BETHANIA. **Caderno de Poesias.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

MARÍN, Cristina Aliagas. **Estudi de cas de les practiques i identitats lletrades d'una colla d'amics des de la perspectiva dels Nous Estudis de Literacitat**. Tesis doctoral per la Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2011.

MONTES, Graciela. **La frontera indómita – em torno a la construcción y defensa del espacio poético**. Fondo de Cultura Económica. Bosques del Pedregal, México, 2001.

MUNITA, Felipe. **El mediador escolar de lectura literaria: um estúdio del espacio de encuentro entre prácticas didácticas, sistemas de creencias y trayectorias personales de lectura**. Tesis doctoral per la Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, 2014.

NERUDA, Pablo. **Presente de um poeta**. São Paulo: Vergara & Ribas Editoras, 2001.

OLIVEIRA, Otacílio. Entre a luta, a voz e a palavra: partilhas de sentido em torno de um Sarau de Periferia. Tese de doutorado PPGPSI – FAFICH- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

OSAKABE, Haquira. **Poesia e indiferença**. In: Leituras literárias: discursos transitivos. In: PAIVA, Aparecida; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs.). Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997.

_____. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2003.

PAULINO, Graça. **Algumas especificidades da leitura literária**. In: Leituras literárias: discursos transitivos. PAIVA, Aparecida; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs.). Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

PAIVA, Angela Randolpho. **Cidadania e formas de solidariedade na favela**. In: Escola e Favela. PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, Marcelo Bauman (orgs.). Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2009.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**; [Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht] – São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PEREIRA, Rita M. Ribes. **A pesquisa como experiência estética**. In: Educação experiência estética. PASSOS, Mailsa Carla P.; PEREIRA, Rita Ribes; (orgs.). – Rio de Janeiro: Nau, 2011.

_____. **Infância em Pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2012.

- PÉREZ, Beatriz Corsino. **Memórias narrativas de jovens sobre o lugar: uma discussão sobre as intervenções urbanas no Rio de Janeiro**. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2014.
- PERLOFF, Marjorie. **O Gênio não Original - poesia por outros meios no novo século**; [tradução:Adriano Scandolaro]. Belo Horizonte:Editora UFMG, 2013.
- PERROTTI, Edmir. **Lugares da leitura: a escola como espaço de leitura**. In: boletim do Programa Salto Para o Futuro, Série Espaços de Leitura, TVE, Brasil. (in www.tvebrasil\salto.com.br), 2004.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. [tradução: Celina Olga de Souza]; São Paulo: Ed. 34, 2008.
- _____. **El arte de la lectura en tiempos de crisis**. [tradujo: Diana Luz Sanchez]; Barcelona: Océano Travesía, 2009.
- QUEIROZ, Hélen. **O jogo literário: espaço, função e reverberação da literatura na formação do leitor na infância**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.
- RIBEIRO, Carlos Costa. **Desigualdade de Oportunidades e Resultados Educacionais no Brasil**. DADOS – *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 54, no 1, 2011.
- RIOS, José Arthur. **Aspectos humanos das favelas cariocas**. In: Favelas cariocas – ontem e hoje. Org. MELLO, Marco Antonio; SILVA, Luiz Antonio Machado; FREIRE, Letícia de Luna; SIMÕES, Soraya Silveira. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROLNIK, Raquel. **Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro**. *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, 1989.
- _____. **O que é periferia**. raquelrolnik.wordpress.com. Entrevista *Revista Continuum*. São Paulo, junho de 2010.
- SALES, Celecina de Maria Veras. **Juventudes e Lazer: interações em movimento**. In: Linguagens, Educação e Sociedade. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí*, ano 18, Edição Especial Dossiê Educação e Juventudes. Teresina: EDUFPI, 2013.
- SALLES, Ecio. **Poesia Revoltada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- SAMPAIO, Tânia M. vieira. **Saúde e religião: binômio desafiado pela epidemia do HIV/AIDS**. *Revista Religião e Saúde*, a.4, n.16, jun, 2009

SANTOS, Edméa Oliveira dos. **Formação de Professores e Cibercultura: novas práticas curriculares na educação presencial e a distância.** Revista da FAE-EBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 11, n.17, jan./jun., 2002.

_____. **Educação on-line: a dinâmica sociotécnica para além da educação a distância.** In: PRETTO, Nelson Luca (org.). Tecnologia e novas educações. Salvador: EDUFBA, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** São Paulo: Record, 2000.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte, videocultura na Argentina.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão;** tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOBRAL, Adail. **Ato, atividade e evento.** In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOLOMONE, Renata. **Entre o universal e o particular: o desafio da práxis pedagógica em escolas de meios populares.** In: A escola e a favela. PAIVA, Angela R. e BURGOS, Marcelo B. (orgs.); Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Pallas, 2009.

SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira: quem é e como vive.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUSA, M. do C.; & MOREIRA, M. I. C. **Adolescência em Camadas Populares: Particularidade e Singularidade na Trama Escolar.** Pesquisas e Práticas Psicossociais 7(1), São João Del-Rei, janeiro\junho 2012.

SPÓSITO, Marília Pontes. **Juventude: crise, identidade e escola.** In: DAYRELL, Juarez. (Org.) Múltiplos Olhares. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

_____. **A pesquisa sobre jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais.** In: SPOSITO, Marília Pontes. O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

STREET, B. V. **Literacy in Theory and Praticce.** Cambridge: Cambridge university Press, 1984.

_____. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**; [tradução: Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SZYMBORSKA, Wislawa. **Poemas**; [tradução Regina Przybycien]. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TRASSI, Maria de Lourdes; MALVASI, Paulo Artur. **Violentamente pacíficos: desconstruindo a associação juventudes e violência**. São Paulo. Cortez, 2010.

VAZ, Sérgio. **Literatura, pão e poesia**. São Paulo: Global, 2011.

VENTURA, Julia. **Constrangimentos ao sonho: sobre as perspectivas de crianças de futuro de crianças e adolescentes moradores de favelas**. In: A escola e a favela. PAIVA, Angela R. e BURGOS, Marcelo B. (orgs.); Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Pallas, 2009.

VIGOTSKY, Lev Smionovich. **Imaginação e criação na infância**; [tradução: Zoia Prestes]; São Paulo: Ática, 2009.

_____. **Obras Escojidas – IV – Paidología del adolescente, problemas de la psicologia infantil**. Madrid: Machado Libros, 2012.

VILELA, Rafaela Louise Silva. **Práticas de Leitura de Crianças na Biblioteca Parque da Rocinha: reflexões sobre a formação do leitor**. Dissertação de Mestrado - UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. **La poesía y la voz em la civilización medieval**. Madrid: Abada, 2006.

Sites consultados:

<https://www.apperj.com.br>

<http://www.cidadeludica.com.br> (acesso em dezembro de 2016)

<https://www.corujaodapoesia.com>

<http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-apresentacao>

<http://www.imprensaoficial.com.br/retratosdaleitura/32012> (acesso em 06/07/2014)

<http://www.leituracorporativa.com.br> (acesso em 25/05/2012)

<http://www.mufaproducoes.com/mapeamento-de-saraus-rj>

<http://oglobo.globo.com/cultura/musica/sarau-do-escritorio-lanca-mapa-de-saraus-do-rio>

<http://blog.poemese.com/os-saraus-pelo-brasil-territorios-poeticos/>

<http://www.prolivro.org.br/> (acesso em 06\07\2014)

<http://umahistoriaamargem.blogspot.com.br/p/cep-20000.html>

<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/> (acesso 06\07\2014)

<http://www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/o-projeto-2>

<http://www.zonadigital.pacc.ufrj.br/coletivo-literatura-expandida>



ANEXOS

ANEXO I

Poemas de Douglas Cortinovis publicados no *word press*

Douglascortinovis -<https://douglascortinovis.wordpress.com/>

(Publicação de 10/12/2016)

A noite

Eu vi
naquela noite,
frente ao mar,
por trás daqueles olhos,
todos os encantos bons.

Eu vi
aqueles olhos serenos olhando pra mim,
intercedendo para que a vida se encarregasse de cuidar de mim.
Naquele momento, só tínhamos um ao outro.
Ele sorria pra mim e dizia que estaria comigo
e que o acaso não o tiraria de mim.

Eu fumava um cigarro de uma marca qualquer,
enquanto era fitado por olhos
que eram capazes de me dizer tudo
sem ao menos pronunciar uma palavra.

Eu contemplei a chuva
de baixo daqueles olhos,
que me faziam carinho de longe
e que ansiavam em me mostrar o mundo.

Naquele momento eu comecei a entender o que era amar.
Entendi que quando a gente ama é pra libertar.
Eu experimentei a liberdade sendo par
e hoje temo não querer mais voltar.
Mas, não há mal nenhum se for assim...
De sorte que eu tenho a ele e ele tem a mim...

Saudosista

Eu te procurei no bar,
pelas ruas que costumávamos andar,
mas você não estava lá.
Eu parei, olhei pra trás e lembrei que algumas vezes você fingia ir embora,
mas voltava.
Dessa vez foi diferente, você foi embora
e não voltou.

O amor exige coragem

Sempre foi daqueles que acreditou no amor,
aquele amor vendido nos cinemas em que sempre se tem um final feliz.
Aquele amor que parece ser infinito,
bonito,
sem fim.

Acreditava com veemência que apesar de completo,
teria por perto um amor que o transbordaria,
o tornando ainda mais feliz.

Teve ousadia, conheceu o amor de perto,
se fez por completo,
parecia que ia dar tudo certo,
mas foi infeliz.

O amor lhe trouxe enganos,
já nem tinha mais planos de viver um amor calmo, feliz.

Sempre quis viver o amor em sua essência,
um amor simples, sem muita vaidade,
aquele amor em que as pessoas se apaixonam pela alma,
não pelo que simplesmente vêem, dizem,
não por pessoas que usam frases decoradas sobre amor,
aquelas coisas que todo mundo diz.

Gostava de pessoas que se rasgavam por completo,
que tinham transparência
e que entendiam o verdadeiro valor do amor.

Mas o que fazer do amor, com toda dor que ficou daquele momento em que foi infeliz?
Após a dor desengano, já nem se mediam mais os danos,
ainda assim se permitiu viver um amor que nem cabia nos seus planos,
seria sua chance, mesmo com medo, o fez.

Teve medo, porém, o tempo lhe mostrou que o medo e o desengano
não lhe traziam nada além de mais danos
e impediam de viver um amor que depois de anos poderia ser o que sempre quis, a
verdadeira cura, para tantos sonhos.

Aprendeu que viver acorrentado em decepções do passado pode alterar o futuro,
mudando aquilo que sempre almejou para ser feliz.

O amor tem mesmo duas faces e é preciso pagar pra ver,
o amor pode ser dor, como também pode ser flor
e o que vai garantir isso é a coragem que você vai ter para prosseguir.

(Publicação de 13/08/2016)

O amor é livre

Sempre me foi dito que amor tinha um sexo certo e eu como bom ouvinte aprendi que
esse era o correto.

–Meu pai dizia– filho “ce” tá crescendo cadê as namoradinhas?

–Eu pensava– porra pai, que pergunta chata vê se não enche com essas perguntinhas!

Cresci,
vivi,

conheci uma mulher linda e me envolvi. Tudo era mágico, isso era fato, até que um dia a vida nos separou e nós tivemos que seguir.

Até que por irônia do destino eu conheci um cara.

Quanta beleza,

quanta lábia,

ele era lindo e mais lindo ainda era como ele me conquistava. –Eu acho que tá acontecendo alguma coisa errada, porque eu não posso me apaixonar por outro cara.

A verdade é que eu sabia que eu sempre gostei de menino e menina. Um dia me disseram –isso é erro– Eu até tive medo de ser eu mesmo, amando da forma que eu queria. –Até o dia que cansado, respondi– sabe onde tá erro? O erro tá em não amar, o erro tá em se limitar.

E tem mais, quem é você pra me dizer que eu to errado no meu jeito de amar?

Isso é confuso pra você? Também é confuso para mim, porque eu não consigo entender como pode um ser humano achar que amor é só entre homem e mulher, como assim?

O amor é pra quem quer ser feliz e eu escolhi ser feliz, sai pra lá com sua bifobia porque eu vou amar do meu jeito SIM! Se não aceita, respeita, porque eu não vou deixar de ser assim.

Seja homem ou mulher o que eu não vou deixar de ser feliz e reforço que é possível amar o pessoas do sexo oposto e do mesmo sexo sim!

Eu eu existo

Sim!

Eu quero visibilidade

Sim!

Isso é bissexualidade!

Sim!

Ser bissexual não é uma dúvida ou um problema e, por isso, eu vou lutar pelos meus direitos sim!

Vou continuar buscando voz e espaço, porque eu quero ser respeitado!

Eu amo do meu jeito e o meu jeito de amar tá longe de ser errado!

(Publicação de 25/07/2016)

Uma só vida

Que eu aprenda a amar a vida em pequenos detalhes, desde o cantar dos pássaros, até o pôr-do-sol. Quero amar vida a cada dia que acordar, respirar e caminhar

Ainda que encontre dificuldades por onde passar que eu não tenha medo de apostar naquilo que desejo, mesmo que talvez seja um erro, caindo vou aprender levantar.

Que todo sentimento bom que morar em mim seja entregue e que minhas atitudes sejam responsáveis pela mudança de quem amo.

Que eu entenda que o desperdício da vida está em coisas pequenas, como sentimentos que tenho, mas não ousar demonstrar.

Que eu me apresse em viver bem e entenda, que todo dia, pode ser o último dia, dessa vida, em que sou protagonista, mas que a qualquer hora pode acabar.

(Publicação de 25/07/2016)

Vida. Passa.

A vida passa.
Ontem brincava, ia para escola, corria descalço na rua.
Parecia nunca ter ouvido falar em velhice, vida adulta.
Hoje,
Corre dos problemas,
prezando apenas descansar e fazer aquilo que lhe traga conforto e paz.
Até chegar a hora em que todos dirão
“descanse em paz.”
Hoje sou velho
Ontem fui moço
Quanto vale a vida
Se ela se vai em um sopro?

Vida. Cobra.

Um dia de paz,
um dia de caos,
a gente nunca sabe quando vai piorar
ou melhorar,
mas a gente tenta respirar
e não pirar
A vida cobra,
ela é traiçoeira,
você tem certeza que vai passar por cima dela
e ela te da um bote
de sensações,
surpresas
e emoções.
Eu digo que amo,
porém, as vezes
só as vezes
eu odeio essa vida.
Vida traiçoeira!
Vida.
Cobra.

Fica, seu moço

Ele caminhava em minha direção...
Me fitou por bastante tempo
Enquanto dava um singelo aperto de mão
o princípio da felicidade ou do estrago,
pois daria ele ao seu moço a oportunidade de ser seu amado e de se fazer presente em
meio a tantos machucados que em seu coração foram deixados.

Escolheu se curar
de toda dor que um dia fora difícil suportar
e fazer de um novo amor
Seu lar.
Se permitiu,
se fez amor,
faz 54 dias em que se abrigou...
Seu moço chegou,
amou
e ficou.

(Publicação em 25/10/2016)

Teu lar

Amo cada gesto teu.
Amo teu toque,
que envolve,
dissolve toda dor que insiste em querer ficar.
Amo teu sorriso de canto.
Me espanto
com o quanto de vontade que me faz querer amar.
Se soubesse o quanto me encanto
com o sorriso de canto que me dá,
perceberia o quanto eu te amo
e o quanto eu canto com vontade
de te fazer querer se abrigar
ao meu lado
sou teu lar.

ANEXO 2

Poemas de Andressa Marins publicados no *word press*

<https://andressamarins.wordpress.com>

(Publicação de 01/08/2016)

Negociadores de enganos

Semana passada
eu comprei uma ideia,
vendi um pensamento
e troquei argumentos.
Convicções foram proferidas
apenas para me converter,
Quiçá nem o orador
soubesse a quê...

Eu estou invertida
e desse inverso
ainda faço avesso.
Me retorço e me contorço.
Sem saber o preço
que pago ou que recebo.

Eu vi beleza em corpos no mês passado
e quis ter contornos mais voluptuosos.
Depois admirei o sobressalto de alguns ossos,
e decidi emagrecer.

O que falo não relata literalmente os fatos,
Só relativiza o que está a acontecer.

A grama do vizinho estava mais verde essa manhã, então eu reguei o meu gramado.
A minha grama esverdeou e isso foi do meu agrado.
Se no terreno dele não tivessem brotos a florescer...

Plantei sementes e as vi germinar.
Floresceram e as cores das minhas flores,
não eram tão vibrantes
quanto as flores de lá.

Do outro lado,
tinha um vizinho cuidando do gramado

para vê-lo tão verde quanto o meu.
Plantou flores e regou cada uma delas,
ele de certo as queria mais belas,
do que as Sálvias que o meu amor me deu.

E por falar em amor,
eu tinha o melhor de todos.
Conhecíamos um ao outro
desde os piores defeitos
até os mais loucos gostos.

Da janela da frente
éramos vistos.
Nos lábios ela tinha um sorriso
e parecia suspirar ao nos ver.

Talvez você também quisesse
um amor assim pra você.

Mas eu não contei das grosserias
Que ele faz quando eu desligo a tv.
E do quanto eu fico fria,
se ao telefonar ele não me atender.

Ontem eu vislumbrei vaidade
e desejei a beleza que nem sempre
é realmente bela.

Entre prós e contra
A gente se encontra,
comprando e vendendo
o que se vê daqui dessa janela.

Meus olhos se fecharam
por um longo instante.
Eu respirei fundo e tentei pensar no mundo,
sem vê-lo como um restaurante.

Não simplesmente montar um prato,
com o que fica exposto no balcão.
Não adianta olhar pro lado
e idealizar o desconhecido,
como detentor da tua satisfação.

De olhos fechados eu tracei um plano.
Quero reduzir o impulso da adesão.
Ainda que eu não domine

os que estão me observando,
que aos poucos os outros entendam que
a vida se alimenta dessa óptica ilusão.

Somos meros negociadores de enganos.
Nos iludimos vivendo e vivemos iludindo. Propositalmente ou por ironia do destino.
Exibimos atrativos e nos atraímos pelo que é exibido.

Feche os olhos por alguns segundos.
Tente conter seus instintos...

(Publicação de 11/04/2016)

Ele era o desperdício em pessoa.
Tanta lábia,
tanto olhar,
tanta pegada boa.
Tanto poder em convencer,
tanto amor à toa.

Prometia para não cumprir,
porém também cumpria sem prometer.
Em troca de satisfazer o próprio ego
era capaz de se contradizer,
no que sequer havia dito.

Levava os pensamentos alheios
à convergência,
colapso,
conflito.

Tinha a escorrer pelos lábios
exatamente o que soaria adequado,
atrativo.
Ele abusava disso.

Era tolo, era cego, disperso, vazio.
Mas era também o inverso.
Esperto, de olhos abertos, atento, transbordando cinismo.
Pena não ser possível ver tudo no início.

Ele sabia se posicionar
e na vitrine só cabia estar
o que ele quisesse
que fosse visto.

Contudo não sabia de si mesmo,
dos limites de seu auto manuseio.
De onde chegaria fazendo-se perfeito
e tão filho da puta no mesmo indivíduo.

Ao manipular, era manipulado.
Ao deixar alguém de lado
fazia fracassar a possibilidade de um futuro
que o fazia fracassado.

Começos,
poucos meios e
muitos pontos finais.
Eram amores surreais.
Amores ilusórios,
ele era o ilusionista,
e também o iludido.

Arrancava-se dos outros precipitado,
para não arrancarem-lhe seu abrigo.
Ainda que não estivesse nos planos,
fazê-lo passar por isso.

Levava então outrem
a colher amores corrompidos,
como quem só encontra joio,
onde plantou trigo.

Tantas palavras gastas,
olhares pra nada,
beijos na boca.
Tanto poder em se fazer querer,
sem ao menos permitir-se pertencer
a outra pessoa.

Tanto amor à toa.
Tanta entrega tosca.
Tanta conquista oca.

Prazer em ser vento,
vento em que se foi o prazer
e ficou o lamento de nada ser.

Senão, desperdiçado no tempo.

(Publicação de 11/04/2016)

Da entrada do shopping
ele via passar as horas.
Ao lado dos que bem se vestiam para estar ali,
creio que sequer tivesse a sensação
de não saber o que vestir para sair.

Afinal, encontrava-se sempre do lado de fora mesmo.
Ou mais adentro do que pudéssemos imaginar.

Com um olhar tranquilo
e um balançar de pernas vagaroso,
parecia se agradar do espaço-tempo que ocupava naquele momento.

Sua realidade lhe dispunha de outras alegrias.
E não era um peso
nem motivo de sentir-se vítima
de algum desprezo
por praticar outra rotina.

Era confortável ver o tempo passar observando a vida.
Ou a observar o passear
de quem deixava a vida se esvaír acreditando que vivia...

E talvez até vivessem.
Não mais nem menos do que ele.

(Publicação em 31/10/2014)

Queria ter alma de andarilho
Não me recolher quando escurecesse lá pelas cinco.
Não temer quando a vizinhança se escondesse em seus ninhos.
Não sentir-me só quando fechassem-se os trincos.

Queria desconhecer o perigo e não me ver a mercê de qualquer ação desumana.
Queria fazer de um banco de praça a minha cama.
E do amanhecer a maior e melhor paisagem sem moldura de uma sala de estar.

Queria banhos de mar e caminhadas na areia às duas da tarde ou a madrugada inteira.
Sem eira nem beira poder ir e voltar.
Mesmo que não houvesse para onde...
Mesmo que eu não tivesse canto algum
como estes em que essa gente se esconde.
Eu saberia me abrigar.

Queria mesmo era me mudar, me alternar, me perder e em seguida emergir das cinzas...
Ou apenas da escuridão que faz na sacada da minha varanda
que beira a sombra do ponto de ônibus.

Me acharia, quem sabe na hora do jantar.
A refeição de todos os dias.
As pessoas talvez pudessem ser o alimento.
Coisa de momento, afinal ninguém vive completamente só.

Exigiria o que se fizesse conveniente.
Um sorriso, um aperto de mão, uma palavra amiga, ou um simples 'bom dia'
Com o tempo me reconheceriam como gente.
Me cumprimentariam até, ainda sem sequer saber meu nome.
Eu não precisaria de um...

Queria pra ontem, uma alma desse porte.
Para estar diariamente lidando com a realidade sem cortes, de olhos abertos encarando a
verdade crua...
Pois convenhamos, nu seriam os meus pés tocando o asfalto.

Quem sabe eu não conhecesse a fome.
As pessoas passariam por mim e me olhariam.
Não importa aonde, recordariam.
Meu ego se encheria disso.

Um andarilho pouco conhecido e de prazer recíproco.
Me alimentaria da alegria dos outros que ocasionalmente fosse proporcionada por
minhas palavras.
Ofereceria parte de mim como tira gosto e mais nada.
Quem gostasse, que cuidasse de arquivar os meus ditos nas profundezas do intocável.

Por um fio

Permito que me corrija caso eu esteja errada ao fazer referência de nossa situação, como
uma estrela cadente. E mesmo sem permissão, me fazer ressoar essa bela ilusão, de um
possível amor.

Cruzando o céu e desaparecendo, antes mesmo de dar o tempo exato, para
conseguirmos fazer o pedido.

Lembro de como você falava e gesticulava de forma tão sutil. Mãos um tanto brutas e
firmes, davam leves voltas na altura de seu peito, conforme espaçava-se livremente pela
distância entre eu e você.

Cabelos escuros, e aqueles cachos invejáveis. Que eu tanto gostava de tocar, e dar leves
puxadelas para vê-los vindo, e indo de volta. De encontro aos outros cachos. Como se
corressem ao enlace de um abraço. O abraço que eu pediria, se conseguisse à tempo me
expressar...

Suas leituras fora de hora, e seus momentos de pegar-se distraído. Era tão prazeroso o

seu sorriso, como quem se olha no espelho, e se encontra perdido dentro do próprio olhar.

Ah, o brilho dos teus olhos verdes! Tão invasores e provocantes, fitavam o meu rosto como se pudessem acariciar cada centímetro de minha pele. Algo tão fresco e leve, como suas palavras de um alguém que tão maduro teria boas asas pra me abrigar.

Mas no momento era só o conforto de lhe pertencer. Ter o desleixe de recostar meus lábios sobre o teu pescoço, e sussurrar qualquer frase de amor escrita por Kafka.

Daquelas que você tanto desejava ler, no rodapé de uma carta. Acompanhada de uma cerveja gelada. Secretamente discreta.

Um amor de verdade perdido pelos encantos da surrealidade e possibilidade de nunca, realmente ter acontecido. Como a Milena do belo sorriso, e da bunda arrebitada. Que gostava de lhe ver escrever nu, deitado sobre a cama, todas aquelas palavras que de certa forma a rodeavam. Com uma redoma de ilusão e felicidade, que não passava do que você, o escritor queria que fosse para quem pudesse ler.

Porém eu, nunca li nada do que você escreveu. Decifrei como pude, por palavras que transcendeste como algo teu. Logo eu, que lhe tinha como a figura masculina e perfeita de quem abraçaria a Milena mais solícita na qual eu havia me transformado. Com o desejo mais sombrio e infindo de manter-me ao seu lado. Após a morte, ou em vida... Desejava de corpo e alma ser sua, por poucas linhas de uma metáfora. Nos entre-versos de uma bebida, por ti então paga. Ou pelos poucos segundos de um adeus, no qual eu nem pude dar.

Mas felizmente antes de perder você teve algo tão simplório, e pra mim tão significativo do qual eu pude roubar...

O fio de cabelo grisalho, que emaranhava-se pela exatidão escura de toda sua vivência cansativa de amores frustrados. Tinha eu então, um fio de cabelo pra lembrar de como foi bom te ter ao lado.

Fio esse que não estava no paletó, nem no tecido fino de um vestido. Não encontrei-o perdido pelos lençóis de uma cama qualquer, de um motel desconhecido. Estava fixado em você, como os outros cachos que eu queria ter roubado. Estava em ti, como o beijo e o gracejo da tão sonhada Milena que por amor transformar-me-ia.

Como o abraço e um escurecer de olhos exaustos, após o orgasmo de dois corações...

Estava preso no seu eu, como prendiam-se aquelas belas canções, que lhe via cantarolar.

Um fio de cabelo quase transparente. Representação massante, sarcástica, debochada e contundente, de que por um fio não fui eu a Milena. Que te causou espasmos ao se deleitar do transcrever de sonhos quase impossíveis.

(Publicação de 27/10/2014)

#001 diálogo – Sobre pensar alto demais

– O que vai querer?

– Eu queria, mas já nem quero mais. Porque dentre tantas vontades todo mundo também quer alguma coisa. E o que eu quero mesmo, é apenas ser diferente. Mas já não quero o querer, nem mesmo a diferença, porque querer ser diferente já me assemelha a tantas outras pessoas... Logo penso que, serei eu mesma. Mas ser quem sou, é ser o que não sei se realmente devo ser. Até porque se sou, não sei... Quem sabe eu não esteja mesmo sendo, nem querendo, nem fazendo a diferença. Estou apenas me descobrindo e tudo isso que você tem visto, são os desastres naturais das combinações catastróficas do meu ser.

- Senhorita?!
- Ah, eu quero essas rosquinhas aqui, por favor!

Amor cíclico

Eu adoraria te deixar na cama, de manhã cedo.
Levantar antes para dar início ao meu dia
e lhe oferecer um beijo.
Disperso e intenso dentro do meu desejo,
enquanto você permaneceria dormindo,
meus lábios tocariam seu queixo.

Eu me despediria sem ir completamente,
deixaria boa parte de mim contigo
para que você me procurasse quando acordasse,
sentisse falta do meu cheiro e me ligasse
para eu te encontrar de repente.

Eu levaria parte de ti comigo, também.
E esperaria ansiosa por essa ligação.
Sentiria falta do seu cheiro, do seu beijo
e aproveitaria cada segundo do nosso encontro sorrateiro,
para sentir teus lábios e sussurrar que eu te amo,
na esperança de que você sentisse o quanto.

Você sentiria o meu amor, assim como creio que sente,
até mesmo agora enquanto ainda não posso te tocar.
Meu coração se encheria de outra parte sua.
Eu te devolveria metade de você, e você faria o mesmo comigo.
Mas ainda te levaria, eu contigo e você me tendo consigo.

Praticaríamos esse ciclo enquanto nossas almas
mantivessem-se complementares,
enquanto você ainda me desejasse e eu também o fizesse.
Enquanto amor tivesse, eu não largaria de você.
A propósito, não largarei...

(Publicação de 22/10/2014)

Juventude eterna

Fascinante essa ideia, de que independente do estágio de vida em que nós possamos estar, ainda estaremos passando, pensando, descobrindo, decidindo, se decepcionando, e retroagindo, logo então avançando, progredindo, fracassando, e se reconstruindo.

Com o passar dos anos, poderemos juntar algumas importâncias. As financeiras não serão de grande valia, porém as recompensas, essas das quais a gente lembra e conta, mas não contabiliza. Essas sim, serão necessárias e acolhedoras.

Falar de amores, férias, escolhas, fugas, revoluções, encontros, desencontros e o que quer que lhe traga ânimo para continuar, mesmo que para reverter o que passou, num presente melhorado, será bem vindo.

Visto que, até o final estaremos certos apenas disso. De que a morte é inevitável.

Mas até que ela venha, e nos detenha, façamos vista grossa!

Preservemos o restante, mesmo que seja lamentável, ou memorável, a gente inventa, reinventa, complementa, omite, promete, cumpre, mesmo que não precise apenas de nós e o outro deva estar presente.

Em caso de solidão, a gente por fim se acha no mundo, ou nas lembranças de quem fez parte da gente. E enfim quebranta o nada, para voltarmos ao cerne de onde viemos. Sem deixar de ter em si a constante certeza de uma juventude, ainda que espiritual, no entanto bem vivida.

Nossa alma está mesmo aprisionada às condições de nosso corpo. Logo, que façamos bom proveito de tudo aquilo que independe da carne.

As emoções...

(Publicação de 22/10/2014)

Diga que lhe agrada ter o som da minha voz aos teus ouvidos.
Que o nosso sentimento é saudável, e que para você
o meu sorriso espontâneo é um dos maiores e melhores atrativos.

Diga que tem saudade e quer me ver de novo,
me olhar com um ar de prazer contagiante
e me fazer rasgar a face de um lado ao outro,
no exato instante em que você chegar.

Diga que veio para ficar,
mesmo que a vida seja feita de partidas.
Diga de tudo, só não diga frase alguma
acompanhada da palavra tão temida.

Diga que volta em breve, mas não sabe o dia.
Diga até a hora, quiçá pelas duas e trinta.

Diga que vai e não demora, qualquer coisa de lá me liga.
Apenas não faça despedida.
Nem nunca me diga adeus...

(Publicação de 22/10/2014)

Disfarçam-se olheiras com maquiagem.
Disfarçam-se dias de mau-humor,
com sorrisos falsos, repletos de pura bobagem.

E sem saída durmo eu,
fazendo silêncio
pra não lembrar da verdade.
Fechando os olhos
pra superar a distância,
que insiste em se fazer realidade.

Durmo, sonhando com seu amor
doce e interminável em minha bagagem.
Durmo, não importa a hora que for.
Só pra disfarçar a saudade...

(Publicação de 19/04/2013)

O topo e carta marcada

Aos olhos da maioria das pessoas eu tô perdendo tempo conforme passam os dias. Tô mais do que na hora de parar pra pensar, o que quero. Escolher um alvo e partir pra cima. Julgam ser a idade ideal para escolher o que pretendo pra continuar exercendo, vivenciando, daqui a uns dez anos, ou pro resto da minha vida.

Ditadora essa escolha, eu diria.
Mas insistem em contradizer:
– A escolha é sua, querida!

Logo, hei de desejar uma vida recompensadora, apenas. Esse é o lema... Agora, se vou ser recompensada no decorrer dela, ou ao final desta cabe a mim montar o esquema. O que os outros diariamente fazem, é tentar corromper essas verdades. Involuntário, coitados. Simples alteridade... Me encham por todos os poros com supostas valências.

Do que é que vale essa crença?
Essa esperança, essa ganância,
que é quase uma doença.

Vale dinheiro?
Vale amor?
Vale um abrigo?
Abstrato?
Físico?
Ou nada disso?!

Será de todo orgulho, ter empenhado cada um dos meus dias levando a vida toda lutando por isso? Pelo que a sociedade em peso julga por tirar proveito de todo estudo e conhecimentos a mim concedidos.

E se há conhecimento mesmo, conhecimento não me permitiria tal superficialidade, feito isso. Mundos e fundos de um poderio bruto, que me sujaria da lama imunda na qual boa parte do mundo tem se submetido.

Submissos, subalternos, omissos.
Omitem o que pensam, o que sentem...
Vão pelo brilho ilusório do artificial tão oferecido.
Esquecem o real,
o literal sentido.
Pensam atrelados,
alienados a um crescimento estripador,
abusivo.

A verdade é que, não te veem como indivíduo. Sonhos, planos, sentimentos, valorização de simples momentos.

Pra que isso?! Pra eles o que dá mais sangue é você fazer sua escolha tão vetado das reais noções do que virá após o veredito...

Os que dão as cartas:
Esperam por mais uma mão-de-obra barata,
um pintor de fachada, um encanador,
montador de móveis ou catador de lixo.
Médicos, engenheiros, carteiros seja o que for que você tenha preferido.

Os controladores do topo, que vale ressaltar não o habitam, querem que você se prive a alguma função que os forneça dinheiro contínuo. Te oferecem quase o mundo inteiro, através de ganhos ou facilitações em 12x nas parcelas de um cartão de crédito mesquinho.

São poucos os que possuem débito. Ou eu estou enganada ao concluir isso?!

Redondamente!
Mais dia, menos dia o que mais se vê por ai,
é gente que perde a vida em débito,
consigo.
De repente, morre. Sem ter vivido,
sem ter sido,
ser ter se descoberto.

E tenho dito: Vejo frutos degenerativos, disto. Por conseguinte, não quero ser mais uma vítima. Perder a vida tentando ganhá-la de forma errada, para que por fim nem todos os meus supostos ganhos possam salvá-la. E visto isso, ter de morrer engasgada, com toda pressa e toda falta de vida que desperdicei.

O topo é carta marcada, e que fique claro, o topo deles não equivale sequer a metade da terça parte dos ganhos infindos que planejei.

Um sorriso ou mais, a cada dia. E a gente já ganha a vida sem perceber...

APÊNDICE

Instrumento de pesquisa I

Modelo da ficha para obter informações específicas sobre cada jovem pesquisado

Participantes	A	B	C	D	E
Idade					
Sexo					
Onde vive					
Onde estuda/ ano escolaridade					
Principais atividades de lazer					

APÊNDICE II

Fotos dos jovens nos saraus e nos encontros para conversas em profundidade.



Matheus Goudar em cena, dizendo um de seus poemas.



Nathália D'Lira em cena no Corujão da Poesia – 15/09/2016



Douglas Cortinovis lendo Alphonso de Gumarães



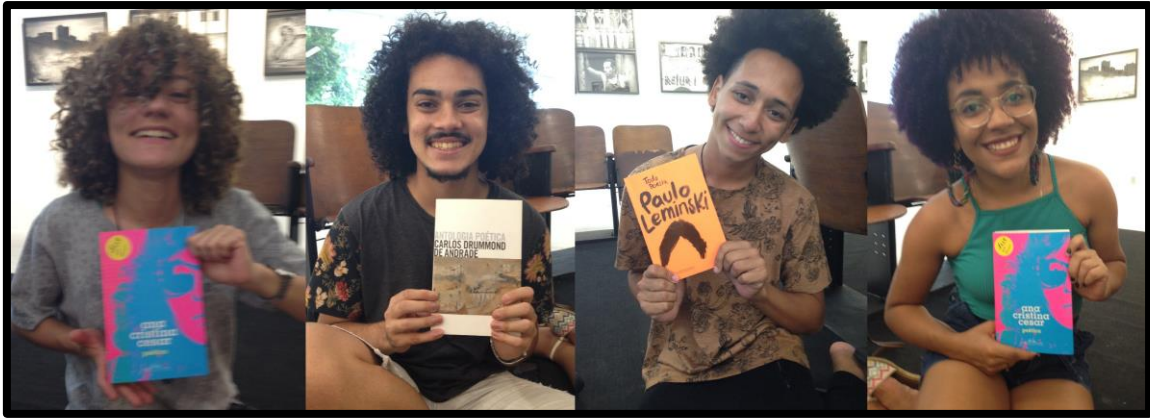
Encontro para conversa em profundidade coletiva em Niterói- Livraria no Reserva Cultural – 02/10/2016 – Douglas Cortinovis, Matheus Goudar, Hélen Queiroz, Nathália D’Lira, Thiago D’Lyra e Andressa Marins



Os jovens Andressa Marins, Douglas Cortinovis, Matheus Goudar, Nathália D’Lira e Thiago D’Lyra no Sarau Poesia Funk, com a pesquisadora Hélen Queiroz – São Gonçalo – 15/10/2016



Andressa Marins e Thiago D’Lyra, com João Luiz de Souza, no Sarau Corujão da Poesia - Salão Carioca do Livro – Rio de Janeiro - 27/11/2016



Os jovens Nathália D’Lira, Douglas Cortinovis, Thiago D’Lyra e Andressa Marins, no encontro de Natal para a entrega das coletâneas de poetas brasileiros com a pesquisadora Hélen Queiroz - Reserva Cultural - Niterói – 19/12/2016

APÊNDICE III

Cd com vídeos das performances dos jovens poetas nos saraus observados e publicados pelos jovens no Facebook.